Estudos bíblicos expositivos em

Ian M. Duguid

Daniel

FÉ QUE PASSA PELA ADVERSIDADE



Estudos bíblicos expositivos em

Ian M. Duguid

Daniel

FÉ QUE PASSA PELA ADVERSIDADE

Estudos bíblicos expositivos em Daniel, de Iain M. Duguid © 2016 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Reformed expository commentary* - Daniel © 2008 by Iain M. Duguid. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial
Antônio Coine
Cláudio Marra (Presidente)
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Ulisses Horta Simões

Produção Editorial
Tradução
Jônatas Abdias de Macedo
Revisão
Vagner Barbosa
Sandra Couto
Denis Benjamin
Editoração e e-book
Felipe Marques
Capa
Magno Paganelli

D868e Duguid, Iain M.

Estudos bíblicos expositivos em Daniel / Iain M. Duguid; traduzido por Jônatas Abdias de Macedo. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2016

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-85-7622-708-3

Tradução de Knowing God

1. Teologia Cristã 2. Vida Cristã I. Título

CDD 248.4

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr
Respeito a direito autoral



Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Ken & Yoori Han,
Fiéis colaboradores no serviço do evangelho

SUMÁRIO

Prefácio

1. Quando o mundo piora as coisas (1.1-21)
2. Dias interessantes (2.1-23)
3. O vento levou (2.24-49)
4. Pelo fogo (3.1-30)
5. A queda e ascensão de Nabucodonosor (4.1-37)
6. Pesado e achado em falta (5.1-31)
7. Na cova do anjo (6.1-28)
8. O triunfo do Filho do homem (7.1-28)
9. Vivendo no vale das trevas (8.1-26)
10. Como esperar por Deus (8.27)
11. Orando nas trevas (9.1-19)
12. Esperança nas trevas (9.20-27)
13. Preparado para a batalha (10.1–11.1)
14. Guerras e rumores de guerras (11.2–12.3)
15. Por quanto tempo vou ficar quebrado? (12.4-13)

PREFÁCIO

O livro de Daniel é tanto conhecido como desconhecido da maioria dos cristãos e, consequentemente, apresenta seus desafios únicos aos pregadores. As histórias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha ardente e Daniel na cova dos leões são fundamentais em livros infantis de histórias bíblicas e escola dominical e são bem conhecidas, mesmo numa era de tão crescente analfabetismo bíblico. A maioria foi ensinada a lê-las como contos que pretendem tão somente encorajar os crentes a "ousarem ser como Daniel", para viverem por Cristo em um mundo hostil. Esse é, na verdade, parte do propósito: eles fornecem modelos para os crentes viverem em um mundo estranho, de como podem servir à cultura na qual estão envolvidos, ao mesmo tempo em que vivem de maneira distinta desta cultura. Eles encorajam os crentes a permanecerem fiéis, não importando

o preço que custe. Contudo, a realidade é que poucos podem dizer que se aproximaram do padrão estabelecido para nós por Daniel e seus amigos: fazemos concessões de várias formas por causa das pressões de nosso ambiente. Por esse motivo, é importante sermos lembrados, ao mesmo tempo, daquele que é maior que Daniel, que viveu perfeitamente a vida *exílica* de serviço e separação por nós, Jesus Cristo.

Os últimos capítulos da visão de Daniel são mais desconhecidos e assustadores para a maioria dos crentes. Eles podem ter sido expostos a uma variedade de especulações sobre fim dos tempos construídas de uma amálgama desses e outros textos tirados de outros lugares na Bíblia, mas poucos têm sido encorajados a considerar como essas passagens apocalípticas encorajam os crentes, estejam ou não eles vivendo durante as páginas finais da história do mundo. Aqui, também, ver a peça central dessas visões como o celestialmente exaltado Filho do Homem, que se tornou carne entre nós na pessoa de Jesus Cristo, pode fazer essas visões, muitas vezes enigmáticas, ganhar novo peso em

nossa vida cotidiana de uma forma totalmente nova. É minha oração que esse comentário ajude os cristãos a verem como o evangelho de Jesus Cristo está no coração do livro de Daniel.

Estes sermões foram originalmente pregados na Grace Presbyterian Church em Fallbrook, Califórnia, um pouco antes de me mudar para a Pensilvânia. Gostaria de agradecer aos presbíteros e à congregação daquela igreja por seu constante amor e encorajamento. Nós todos sentimos saudades, mas estamos encorajados em ver a graça de Deus sendo continuamente derramada sobre vocês pelo ministério do ex-pastor auxiliar, Rev. Ken Han. Esse livro é dedicado ao Ken e sua esposa, Yoori, com gratidão a Deus por mandá-los para nossa igreja, equipando-os com dons e o caráter necessário para o trabalho do ministério do evangelho.

Também gostaria de agradecer à minha esposa, Barb, por sua parte em meu próprio contínuo crescimento e desenvolvimento espiritual. Sua habilidade em ser aberta e indistintamente honesta sobre seu próprio

coração pecador e seu consequente apaixonado amor pela graça de Deus no evangelho é uma constante inspiração para mim: oro para que eu cresça no Senhor e aprenda cada vez mais a compartilhar sua humildade, amor e compaixão. Meus filhos aguentaram pacientemente as provas e alegrias de serem parte da família do pastor. Obrigado, Jamie, Sam, Hannah, Rob e Rosie por regularmente nos fazerem parecer pais muito melhores do que somos. Oramos ao Senhor para que ele continue a trabalhar no coração de cada um de vocês e para que cresçam diariamente no conhecimento da profundidade de seus próprios pecados e da magnificência do seu Salvador, Jesus Cristo.

DANIEL



Fé que passa pela adversidade

QUANDO O MUNDO PIORA AS COISAS

Daniel 1.1-21



Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se (Dn 1.8).

Há um gênero fascinante da literatura que recebe o nome de "histórias alternativas". Esses romances imaginam como a vida seria se a história tivesse tomado rumo diferente daquele que tomou. No romance de história alternativa *SS-GB*[1], Len Deighton imagina "E se Adolf Hitler tivesse focado toda a sua atenção em invadir a Bretanha em 1940 e não tivesse começado uma segunda investida contra a Rússia?" Muito possivelmente, ele teria feito

uma investida bem-sucedida e o resultado seria uma face muito diferente para a Bretanha e Europa hoje. Com toda probabilidade, as pessoas nesses países teriam crescido em um estado de repressão policial, vivendo em constante medo das autoridades.

Para alguns europeus, é claro, essa não é uma história alternativa. Leciono regularmente em um pequeno seminário na Letônia, e os jovens nesse país sabem precisamente como é crescer sob um regime repressivo. Depois de haver um breve período de independência entre as duas guerras mundiais, seu pequeno país foi anexado pela Rússia em 1940 e passou a maior parte dos próximos cinquenta anos sob regras que lhes eram estranhas, até serem finalmente aptos a reaver sua liberdade em 1991. Foi um tempo de terror e intenso sofrimento para todos os letões, especialmente para a igreja, visto que seu mundo foi invadido por inimigos que estavam determinados a destruir sua cultura, sua língua, sua identidade e sua religião. Qualquer um que tivesse um potencial para liderança era

executado ou exilado para alguma parte distante do império soviético.

Você pode imaginar o que deve ter sido ser exilado de sua terra para uma cidade estrangeira, ficar sozinho, com medo, distante de qualquer ambiente familiar? Como você lidaria com um cenário tão hostil? A quais verdades você se agarraria? Você permaneceria fiel à sua identidade formada ou simplesmente seria assimilado por seu novo ambiente?

A experiência do exílio

Esse, porém, não é um exercício inteiramente imaginário para nós. Muito embora nossa experiência ocidental de hostilidade deste mundo certamente não seja normalmente tão extrema como a da Letônia no pós-guerra, continua sendo verdade para todos nós que somos exilados aqui nesse mundo. Como cidadãos dos céus, os cristãos vivem como estrangeiros e peregrinos em uma terra que não é deles mesmos, e há tempos em que a inimizade do mundo contra o povo de Deus se torna evidente. A hostilidade do mundo é frequentemente

demonstrada em seus esforços de nos forçar a entrar no seu molde. Ele quer que nos conformemos aos seus valores e padrões para não ficarmos fora da multidão. A pressão está sobre nós na escola e no trabalho, para sermos como os demais na maneira como nos vestimos, na linguagem que usamos. É esperado que riamos de certos tipos de piadas e fofoquemos a respeito de certas pessoas. Se quisermos entrar e ser promovidos no mundo dos negócios, somos pressionados a deixar nossos valores e crenças religiosas na porta da frente e viver o estilo de vida inteiramente assimilado pela comunidade dos negócios. É esperado de nós que valorizemos as coisas que a cultura que nos cerca valoriza, que persigamos apaixonadamente seus prêmios reluzentes e, geralmente, vivamos em obediência aos seus ídolos. Temos que escolher diariamente se faremos parte deste mundo no qual vivemos, ou pegaremos o caminho difícil de nos manter contra ele.

Como você age em meio à fragmentação e alienação que é a vida aqui nesse mundo? A quais verdades você pode se agarrar quando os

gumes irregulares da existência estão balançando contra você e cortando sua carne? O que você precisa saber para viver uma vida de fé em um mundo estranho, um mundo que é frequentemente um lugar de doença, dor, relacionamentos quebrados, lágrimas amargas, tristeza e morte? Essas são as questões para as quais o livro de Daniel nos dará respostas. Esse é um livro escrito para o povo de Deus do Antigo Testamento, Israel, quando experimentou o quebrantamento e a dor da vida no exílio, longe de casa. Foi elaborado para encorajá-los em sua caminhada com Deus, que estava com eles no meio de sua dor.

A fidelidade de Deus no julgamento

A própria história de Daniel no exílio começa assim:

> No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da Casa de Deus; a estes, levou-os para a terra de Sinear, para a casa do seu deus, e os pôs

> na casa do tesouro do seu deus. Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. Determinou-lhes o rei a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia, e que assim fossem mantidos por três anos, ao cabo dos quais assistiriam diante do rei (Dn 1.1-5).

Para viver fielmente em um exílio, precisamos primeiro conhecer a fidelidade de Deus. Isto não é completamente uma verdade confortadora como você pode imaginar, uma vez que o primeiro aspecto da fidelidade de Deus que podemos ver nesse capítulo é a fidelidade de Deus no julgamento. O exílio de Judá de sua terra no tempo de Daniel não foi meramente um acidente do destino nem o trágico resultado das políticas expansionistas do império da Babilônia no final do século 7º a.C. Como Daniel 1.2 deixa

claro, o exílio veio sobre Judá porque o Senhor entregou o rei Jeoaquim ao poder de Nabucodonosor. Deus entregou seu povo nas mãos de seus inimigos.

O Senhor havia avisado a Israel da consequência certa de seus pecados no livro de Levítico. No início da história de Israel como nação com Deus, o Senhor fez uma aliança com Israel, uma aliança que incluía bênçãos para a obediência e maldições em caso de desobediência (Lv 26). Se Israel servisse ao Senhor fielmente e mantivesse os termos da aliança, experimentaria seu favor e bênção (26.3-13). Contudo, se o abandonasse e violasse sua aliança, experimentaria sua ira e desfavor (26.14-39). Se persistisse em sua desobediência, o Senhor o espalharia por entre as nações e ele definharia no exílio (26.33,39). Esse foi exatamente o destino de Israel como se desenrolou. Por causa da persistente desobediência e rebelião contra Deus por muitas gerações, o Senhor finalmente o entregou ao poder de seus inimigos e ele foi para o exílio.

Ainda assim, o destino de Daniel e seus

amigos ao serem arrastados para o exílio não foi meramente um cumprimento da maldição geral da aliança de Levítico 26. Foi também o cumprimento específico da profecia de Isaías em 2Reis 20.18. O rei de Judá, Ezequias, recebeu enviados e um presente vindos de Merodaque-Baladã, rei da Babilônia. Em resposta, Ezequias mostrou-lhes tudo o que era valioso em seu arsenal e em todos os seus tesouros (20.13). Por essa ação, foi duramente condenado pelo profeta Isaías.

Por que o Senhor ficou tão irado com Ezequias? Qual era o problema em dar aos enviados da Babilônia um *tour* real pelo palácio? A resposta é que, no mundo antigo, nada vinha de graça. Quando Merodaque-Baladã mandou seus enviados e um presente a Ezequias, esse não era meramente um mero gesto amigável de boa vontade por sua recuperação da doença. Ao contrário, ele estava solicitando a ajuda e o apoio de Ezequias em seus correntes embates com a Assíria.[2] Então, quando Ezequias mostrou aos enviados sua casa do tesouro,

estava respondendo positivamente ao pedido de aliança de Meroque-Baladã e procurava mostrar-lhe que tinha os recursos para ser um útil aliado contra a Assíria. Apesar do milagroso livramento que o Senhor deu a Jerusalém quando se viu cercada pelos exércitos de Senaqueribe e da Assíria nos capítulos anteriores do Livro dos Reis, Ezequias estava agora procurando recursos políticos para resolver o problema da Assíria por meio de alianças com a Babilônia. A política tinha tomado o lugar da confiança no Senhor.

Essa não é meramente uma tentação antiga. Pessoas modernas também podem ser tentadas a colocar suas esperanças em alianças políticas no lugar da confiança no Senhor de todo coração. O custo pode ser a perda de nossa distintiva voz espiritual como igreja, tornando-a apenas mais um comitê de ação política. Por outro lado, podemos investir nossas esperanças de carreira adotando métodos mundanos de avançar, somente para descobrir mais tarde o custo destes métodos em nosso lar e em nossa família.

A palavra de julgamento de Isaías sobre a

estratégia de Ezequias foi específica e severa. Como Ezequias procurou preservar seus tesouros por confiar na Babilônia, os babilônios viriam e levariam tudo o que havia em seu palácio (2Rs 20.17). Longe de assegurar segurança para sua linhagem, sua tola aliança espiritual resultaria em alguns de sua própria descendência sendo levados e se tornando eunucos no palácio do rei da Babilônia (20.18). Essa é uma palavra específica de julgamento que foi cumprida nos versos iniciais do livro de Daniel. Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém, levou os tesouros do templo de Deus e os pôs na casa de seu próprio deus (Dn 1.2) e tomou alguns da família real e da nobreza – os descendentes da Ezequias – e os pôs sob os auspícios de Aspenaz, o chefe da corte de oficiais, ou eunucos (1.4).[3] O julgamento divino sobre a linhagem de Ezequias foi realizado fielmente, como Isaías havia dito.

Julgamento e esperança

No entanto, o reconhecimento de que seu destino vinha das mãos de Deus como um fiel

ato de julgamento era por si só um encorajamento para os exilados. Seu futuro não estava sendo controlado pela Babilônia ou seus deuses, mas pelo Senhor, o Deus do céu (Dn 2.19). Aquele que os havia mandado para o exílio também prometeu estar com eles lá e, finalmente, restaurá-los do exílio depois do tempo de julgamento. Um paralelo implícito é traçado entre os artigos sagrados roubados do templo e o povo que foi tomado por Nabucodonosor: os jovens são descritos como "sem nenhum defeito" (m#a%m), uma palavra mais comumente usada para sacrifício (1.4).[4] Assim como o Senhor permitiu a Nabucodonosor levar os vasos do templo, ele também permitiu que fossem levadas algumas das melhores pessoas. O paralelo, posteriormente, implica que, assim como os vasos do templo eventual e inevitavelmente encontrariam seu caminho de casa (veja Ed 1.7), o povo exilado também encontraria.[5] Deus não abandonará aquilo que é seu.

Esse é um ponto importante. Durante os piores momentos, a vida frequentemente parece fora de controle. Nosso destino pode, às vezes, parecer descansar nas mãos de pessoas hostis ou no desenrolar de forças impessoais de um tipo ou outro. Mas a realidade é que toda a nossa experiência nesse mundo, da aparente coincidência, por um lado, aos atos determinados de homens e mulheres pecadores, do outro, descansa sob o controle de nosso soberano Deus. O pardal não cai no chão sem a sua permissão (Mt 10.29), o que demonstra que até o mais trivial dos eventos ocorre debaixo de suas vistas. No outro extremo, até o ato mais vil de todos os tempos, a crucificação de Jesus, também se desenrola conforme o propósito predeterminado de Deus (At 4.28). Nenhum ato pecaminoso jamais pegou Deus de surpresa ou frustrou sua soberana vontade. Tudo o que experimentamos na vida, não importa quanto seja difícil ou aparentemente sem sentido, é o propósito de Deus para nós. Para os crentes em Cristo, cada circunstância perfaz o meio pelo qual o Senhor alcança seus santos alvos. Ele não

nos abandonou ou nos esqueceu. Pelo contrário, ele andará conosco através destes desafios e nos preservará neles por sua graça.

Resistindo à reprogramação

Então foi a vontade de Deus que Daniel e seus três amigos fossem exilados na Babilônia: "Entre eles, se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias. O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Hananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego" (Dn 1.6-7).

Os quatro eram, provavelmente, os únicos adolescentes na ocasião e, na Babilônia, foram expostos a um intenso programa de reeducação. Primeiro, tiveram seus nomes mudados. No lugar de seus bons nomes hebraicos com claras referências à Yahweh, Daniel (Deus é meu juiz), Ananias (o Senhor é gracioso), Misael (Quem é como Deus?) e Azarias (o Senhor é ajudador), eles receberam nomes pagãos babilônicos: Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (1.7). Estes nomes babilônicos invocavam a

ajuda dos deuses babilônicos Marduque, Bel e Nebo, no lugar do Senhor de Israel.[6] Os quatro jovens foram instruídos na língua e literatura dos babilônios, o que significa que seus mitos e lendas tomariam o lugar das Escrituras como fonte de sua sabedoria e cosmovisão (1.4). Terceiro, eles foram supridos majestosamente pela mesa do rei, com uma porção diária de comida e vinho, para que se acostumassem a uma vida de dependência de seu novo mestre (1.5). No final desses três anos de processo de iniciação, com suas identidades completamente obliteradas, ficariam a serviço de Nabucodonosor (1.5).

Isto nos proporciona uma figura da estratégia do mundo na reprogramação espiritual. Em sua forma mais eficaz, consiste numa sutil combinação de ameaça e promessa, de constrangimento e encorajamento. Aqueles que são totalmente recalcitrantes podem ser mandados para campos de aprisionamento ou trabalhos forçados, se necessário, mas a maioria da população está bem mais suscetível à

assimilação se for alimentada e provida. Afinal, mais moscas são pegas com mel do que com vinagre. O alvo fundamental do procedimento, portanto, era, de uma forma ou de outra, apagar, dos lábios e da mente destes jovens, toda a memória de Israel e de seu Deus e instilar neles um senso de total dependência de Nabucodonosor pelas boas coisas da vida.

Mas não é assim que Satanás opera hoje? Ele pode perseguir violentamente os crentes em alguma parte do mundo, ainda que frequentemente opere mais efetivamente pela sedução e engano, fazendo-os esquecer de Deus e pensar que nossas bênçãos vêm de qualquer outro lugar. Ele quer que esqueçamos as verdades expressas por aqueles nomes hebreus, que Deus é nosso juiz, assim como é o único que nos mostra sua graça. Ele quer que esqueçamos a singularidade do nosso Deus e a ajuda que somente ele pode providenciar. Ele deseja controlar o processo educacional para que nossas crianças cresçam imersas em sua cosmovisão e filosofia de vida. Se ele, depois, instilar em nós um senso de dependência do

conforto material que componha nosso estilo de vida ou certos prazeres deste mundo que começamos a amar mais a cada dia, então ele pode mais eficazmente nos afastar do Senhor. Seu alvo principal é sempre obliterar nossa memória acerca do Senhor, reeducar nossa mente na maneira como ele pensa e instilar em nós um sentimento de que todas as coisas boas da vida vêm do mundo à nossa volta e da satisfação dos desejos de nossa carne.

Reconhecer a estratégia babilônica ajuda-nos a ver e avaliar a estratégia de resistência formulada por aqueles quatro jovens. Por certo eles não resistiram externamente ao sistema babilônico. Eles não se recusaram a trabalhar para os babilônios, talvez porque reconhecessem a mão de Deus na situação. Eles entenderam a palavra que o Senhor lhes dera por Jeremias, de que aqueles que fossem levados para a Babilônia deveriam trabalhar lá para abençoar o lugar em que se encontravam (Jr 29.4-7). Na medida do possível, aqueles jovens procuraram trabalhar dentro do sistema em que foram colocados, sendo bons cidadãos da Babilônia, bem como

dos céus. Eles não lutaram contra a desafiadora providência de Deus, mas, ao invés disso, aceitaram-na como seu presente chamado, com todas as suas tribulações, dores e limitações. Isto nos lembra de que não devemos formar guetos cristãos, isolados no mundo à nossa volta. Pelo contrário, devemos ser ativos em perseguir o bem comum da comunidade na qual Deus nos coloca, não importa o quanto isso nos desafie.

Mantendo identidade dupla

No entanto, ao mesmo tempo em que nossos quatro amigos aceitaram a vontade de Deus para sua vida e serviram à comunidade babilônica, eles também resistiram internamente ao processo de assimilação do império babilônico de algumas formas específicas. Em primeiro lugar, eles resistiram ao programa de renomeação dos babilônicos. Eles não se recusaram a responder por seus nomes babilônicos, por certo, mas mantiveram seus nomes judaicos (e suas identidades) igualmente. Daniel não se tornou Beltessazar, ainda que respondesse pelo nome, nem Ananias, Misael ou

Azarias tornaram-se Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Eles preservaram seus nomes hebreus entre si como uma marca de quem realmente eram (veja 1.11,19; 2.17); eles viveram com dois nomes como um lembrete de sua dupla identidade, e, mais fundamentalmente, como um lembrete da verdadeira natureza de seu Deus.

Como podemos aprender com eles e manter nossa dupla identidade como cidadãos de dois reinos? Seguramente, uma dessas formas é aproveitar toda oportunidade que temos para celebrar nossa cidadania celestial com outros crentes. É um fenômeno bem observado que os exilados são frequentemente mais profundamente patrióticos que aqueles que nunca deixaram sua terra natal. O dia de São Patrício é certamente mais entusiasticamente celebrado em Boston do que em Dublin, e o Quatro de Julho significa mais para americanos longe de casa do que para os que estão em casa. Exilados desejam e precisam de oportunidades de celebrar e preservar sua verdadeira identidade. Então, como cidadãos dos céus, precisamos aproveitar toda oportunidade que

tivermos com nossos colegas de exílio, para que possamos nos lembrar de "casa". Não podemos preservar nossa identidade celeste por nossa conta: deixados por nós mesmos, a pressão do mundo inevitavelmente nos prensará em seu molde. Mas, juntos, podemos nos ajudar mutuamente a manter a memória do céu mais forte.

Nós nos lembramos de nossa verdadeira cidadania quando, semana após semana, nos reunimos em nossos lares e em nossas igrejas. Lá, falamos de nossa verdadeira terra natal e nos lembramos dos céus. Em nosso culto, nosso alvo não é simplesmente sermos equipados para vivermos de modo mais eficaz na terra, mas também, e ainda mais, nos lembrarmos das realidades celestes, que realmente definem quem somos. Não simplesmente nos ajuntamos para aprender passos práticos sobre como sermos maridos e esposas, pais ou filhos, empregados e empregadores mais eficientes, mas também para sermos apontados na direção de nosso verdadeiro lar. Certamente, se nossa identidade celeste é forte, transformará nosso casamento,

nossa paternidade e nossas relações profissionais (veja Ef 5.22–6.9), pois, no reino ao qual pertencemos, essas coisas são feitas diferentemente de como fazem nesse mundo. Contudo, o foco primário da nossa reunião como igreja é fixar nossos olhos juntos no reino do céu, nosso verdadeiro lar.

Isso é feito à medida que os sinais do reino são mostrados em nossos cultos públicos, pela pregação da Palavra e na celebração dos sacramentos. À medida que a Palavra é pregada, a sabedoria celeste é proclamada e vai contra a sabedoria do mundo ao nosso redor. No batismo, o sinal da cidadania celeste é colocado sobre nós e nossas crianças, relembrando-nos onde nossa verdadeira cidadania está. Na Ceia do Senhor, comemos nossa comida nativa, relembrando-nos uns aos outros a que custo nossa cidadania foi conseguida e o banquete final que nos aguarda no lar. Todas essas coisas nos ajudam a preservar e relembrar nossa verdadeira identidade.

Os quatro jovens também preservaram o conhecimento e as perspectivas bíblicas em meio

a um sistema de ensino completamente pagão. Esse é um desafio que cada vez mais as famílias têm que enfrentar em nossa comunidade. Diferentes famílias resolverão enfrentar estes desafios de diferentes formas. Algumas ensinarão seus filhos em casa, ou os mandarão para uma escola com uma piedosa filosofia cristã. Outros andarão com seus filhos por um sistema público de ensino, ajudando-os a permanecerem firmes como crentes em meio ao mundo. Cada uma destas escolhas pode ser a certa para uma criança em particular de uma família em particular, em uma configuração específica, ainda que cada família precise reconhecer que precisa educar seus filhos não simplesmente na conformidade exterior com a moralidade cristã, mas numa verdadeira identidade cristã contracultural como cidadãos dos céus vivendo na terra. Onde quer que estudem, nossos filhos precisam saber e entender a contemporânea "linguagem e literatura dos babilônios" e estarem armados com discernimento bíblico em meio às suas loucuras e erros.

Dependentes de Deus

A segunda maneira pela qual os quatro jovens resistiram à assimilação do sistema babilônico, entretanto, foi que eles resolveram não comer da comida da mesa real nem beber do seu vinho:

> Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se. Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos. Disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que, pois, veria ele o vosso rosto mais abatido do que o dos outros jovens da vossa idade? Assim, poríeis em perigo a minha cabeça para com o rei.
>
> Então, disse Daniel ao cozinheiro-chefe, a quem o chefe dos eunucos havia encarregado de cuidar de Daniel, Hananias, Misael e Azarias: Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias; e que se nos deem legumes a comer a água a beber. Então, se veja diante de ti nossa aparência e a dos jovens que comem das finas iguarias do rei; e,

> segundo vires, age com os teus servos. Ele atendeu e os experimentou dez dias.
>
> No fim dos dez dias, a sua aparência era melhor; estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei. Com isto, o cozinheiro-chefe tirou deles as finas iguarias e o vinho que deviam beber e lhes dava legumes (Dn 1.8-16).

A questão aqui não era simplesmente que a comida babilônica não era Kosher – isto é, preparada conforme as leis dietéticas dos judeus. Nem era a questão que a carne e o vinho tinham sido primeiramente oferecidos aos ídolos babilônicos, porque, se esse fosse o caso, seria igualmente o caso dos vegetais.[7] Se houvesse algo intrinsecamente mal sobre a comida babilônica, Daniel teria tido que se abster permanentemente da carne e do vinho reais, o que não parece ter sido o caso (veja Dn 10.3). A chave para entender o porquê de os quatro jovens absterem-se da comida e do vinho real é notando que, no lugar desse alimento, escolherem comer somente aquilo que crescia naturalmente – grãos e vegetais – e beber

somente água natural corrente (1.12). Isso sugere que o objetivo desse estilo de vida simples era estar constantemente lembrando que sua comida dependia de seu Criador, não do rei Nabucodonosor.[8] A dependência da rica comida de Nabucodonosor poderia contaminá-los porque repetiria em sua vida o pecado do rei Ezequias, que trouxe esse julgamento de Deus sobre o povo, em primeiro lugar (veja 2Rs 20.17).

Desta forma, também construímos em nossa rotina diária lembretes constantes de nossa dependência de Deus em todas as coisas boas da nossa vida. Até mesmo um simples ato como dar graças por nossa comida pode ser um profundo lembrete de quem providenciou aquilo para nós. Manter um registro diário das dádivas do Senhor a nós, desde o trivial até o mais profundo, pode ser uma outra forma de manter nossos olhos fixos em nosso Criador. A prática do jejum – deliberadamente escolhendo a abstinência daqueles prazeres legítimos e satisfações deste mundo – também pode ser um

poderoso meio pelo qual também podemos nos lembrar de que esse mundo não é nosso lar e que seus presentes não são nosso real tesouro. Omitir uma refeição e, no lugar dela, dedicar o tempo para orar é uma forma potente de manter nossos olhos fixos em nossa verdadeira herança e nosso coração esperando pelo verdadeiro banquete.

Mais uma vez, portanto, Daniel e seus amigos tiveram que manter sua fidelidade a Deus trabalhando dentro do sistema babilônico, não contra ele. Eles pediram permissão ao cozinheiro-chefe para personalizar seu plano de dieta (Dn 1.8). O oficial foi simpático ao seu pedido, mas, como qualquer burocrata do governo, também temia as potenciais consequências de burlar o sistema (1.10). Ainda assim, ao mesmo tempo, sua resposta não foi uma completa recusa ao seu pedido, então Daniel foi mais abaixo da cadeia de comando e pediu ao guarda que os supervisionava e propôs um teste de dez dias. Ao final do período de teste, seu progresso poderia ser avaliado. Surpreendentemente, no final daquele tempo, Daniel e seus amigos pareciam mais saudáveis (o

que naquele contexto significava mais gordos, veja 1.15) do que aqueles que foram indulgentes em um estilo de vida de alta caloria. Então o guarda concordou em continuar a prover para os quatro jovens os meios para seu estilo de vida alternativa, pelo qual poderiam manter sua constante consciência de seu verdadeiro Deus.

A misericordiosa fidelidade de Deus

O foco deste capítulo, entretanto, não é simplesmente a fidelidade destes quatro jovens para com seu Deus, mas a fidelidade de Deus para com eles. Foi Deus quem fez com que eles encontrassem misericórdia (r~h~m!m) aos olhos de seus captores (Dn 1.9). Essa foi uma resposta explícita à oração do rei Salomão quando da dedicação do templo. Naquela ocasião, Salomão orou para que, quando o povo acabasse no exílio, uma vez que certamente iriam para lá por conta de sua pecaminosidade, que o Senhor fizesse com que os captores lhes mostrassem misericórdia (r~h~m!m; 1Rs 8.50). Essa misericórdia é exatamente aquela que o cozinheiro-chefe mostrou a Daniel e seus

amigos. Além disso, o resultado do seu teste da dieta claramente não foi o que normalmente teria sido esperado: normalmente as pessoas não engordam em uma dieta simples de frutas e legumes. Esse resultado também foi uma marca da fidelidade de Deus para esses jovens, honrando seu compromisso com eles.

Além do mais, foi Deus quem deu aos quatro conhecimento excepcional, entendimento e aprendizado da literatura babilônica, e a Daniel a habilidade única de discernir sonhos e visões de todo tipo:

> Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria; mas a Daniel deu inteligência de todas as visões e sonhos.
>
> Vencido o tempo determinado pelo rei para que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor. Então, o rei falou com eles; e, entre todos, não foram achados outros como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; por isso, passaram a assistir diante do rei. Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais

> doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino.
>
> Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro (Dn 1.17-21).

O favor de Deus sobre eles os habilitou a responder a todas as questões de Nabucodonosor, tanto que foram encontrados dez vezes melhores do que seus outros conselheiros (1.20). Deus então os colocou em uma posição única onde pudessem ser uma bênção aos seus captores e edificar a sociedade na qual se encontravam, enquanto, ao mesmo tempo, os habilitava a permanecerem fiéis a ele em meio a pressões extraordinárias.

Talvez estejamos tão familiarizados com as histórias de Daniel e seus três amigos que falhamos em perceber que extraordinária obra da fidelidade do Senhor foi o seu testemunho. Como resultado, perdemos o conforto e o encorajamento que podemos obter de sua vida. Se o Senhor pôde manter esses jovens fiéis a ele naquela situação, então é obviamente capaz de nos manter fiéis a ele em nossas dificuldades e desafios, bem menores. Não importa quão

esmagadora a nossa situação possa parecer, Deus é capaz de nos sustentar nela. Isto é trabalho dele do começo ao fim, e ele o fará.

O tema da fidelidade de Deus emerge novamente em uma breve nota com a qual o capítulo se encerra, que literalmente diz: “Daniel viveu até o primeiro ano de Ciro” (Dn 1.21). O primeiro ano de Ciro foi o ano em que o decreto promulgado permitiu aos judeus o retorno para sua casa (veja 2Cr 36.22-23), algo em torno de setenta anos depois do tempo em que Daniel e seus amigos foram levados para o exílio. Assim, somos relembrados que a fidelidade de Deus se provou suficientemente para Daniel durante todo o tempo em que esteve no exílio. Reis babilônios vêm e vão. De fato, os babilônios foram substituídos como governantes do poder mundial pelos medo-persas na pessoa de Ciro, no entanto, Deus susteve seu servo fiel durante todo o período. Do mesmo modo, ele tem poder para nos preservar durante os desafios e tribulações que enfrentamos, não importa quão intensos sejam ou quanto tempo durem. Quando

o mundo faz o seu pior, a fidelidade de Deus é suficiente.

A fidelidade de Deus em nossa salvação

Há uma nota final que não podemos deixar passar. A realidade para a maioria de nós é que, quando olhamos para nossa vida, achamos que não somos como Daniel e seus três amigos. Somos mais parecidos com a multidão sem nome que foi deportada junto com Daniel, que adotou nomes estrangeiros, comeu da comida do rei e, modo geral, tornou-se como os babilônios. De muitas formas temos assimilado o sistema do mundo no qual vivemos, e nosso futuro está comprometido. Assim seria se a mensagem do livro de Daniel fosse simplesmente "seja como Daniel e tudo irá bem", então deveríamos parar de ler agora. Quanto mais conhecemos Daniel, mais nos damos conta de que não somos *Daniéis*.

A boa-nova do evangelho, contudo, não é simplesmente que Deus é fiel àqueles que lhe são fiéis. É que o Salvador veio para libertar santos infiéis e comprometidos como nós. Nossa

salvação não descansa na nossa habilidade de permanecermos incontaminados do mundo; pelo contrário, está na pura e incontaminada oferta que Jesus provê em nosso lugar. Jesus Cristo veio voluntariamente a esse mundo, com todas as suas dores e provações. Ele permaneceu firme diante de tentações e sofrimentos maiores dos que os que Daniel enfrentou ou que nós jamais enfrentaremos (Hb 4.15). Ainda assim, permaneceu inteiramente fiel e puro até o final, sem mancha ou defeito, e conferiu a perfeição de sua obediência a todos quantos nele creem pela fé (1Pe 1.19). Além do mais, Jesus já retornou do seu tempo de exílio e agora está assentado à mão direita do Pai, nos céus. Ele preparou nosso lugar lá, e sua presença lá já é a garantia de que, um dia, estaremos com ele como seu povo. A cruz é o meio pelo qual a fidelidade de Deus redime o infiel; a ressurreição e a ascensão são as certezas de nossa herança nos céus.

Lembre-se frequentemente do evangelho. Fixe seus olhos em Jesus Cristo crucificado, ressurreto e exaltado. Ele não apenas foi o pioneiro no caminho de casa, ele é o caminho

para casa. Confie nele e peça-lhe que opere em você a verdadeira fidelidade. Peça-lhe que o ponha em lugares onde possa ser uma bênção para sua comunidade. Seja uma brisa da sabedoria de Deus em seu lar, em sua escola, no seu local de trabalho. Seja constantemente dependente de seu trabalho santificador, olhando para ele para se manter fiel, não para seus melhores esforços de "ser como Daniel". Finalmente, espere pelo dia em que seu reino celeste invadirá esse mundo e trará a completude de nossa herança.

1 Len Deighton, *SS-GB: Nazi Occupied Britain*, 1941 (Nova York, Knopf, 1979).
2 T.R. Hobbs, *2 Kings,* Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1985), 294.

3 A palavra hebraica para "oficial" e "eunuco" é a mesma. Não está claro se Daniel e seus amigos foram literalmente emasculados na preparação para suas novas atribuições. Alguns, mas não todos os oficiais babilônios, eram literalmente eunucos. O ponto essencial do texto, contudo, é que o que Isaías havia profetizado estava se tornando verdade.
4 Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 49.
5 Sobre a importância do tema dos vasos do templo, veja P.R. Ackroyd, "The Temple Vessels – A continuity Theme", em *Studies in the Religion of Acident Israel* (Leiden: E.J. Brill, 1972), 166-79.
6 Para a origem dos nomes, veja John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 5; sobre o significado literário da renomeação, veja B.T. Arnold, "Word Play and Characterization in the Hebrew Bible", em S.B. Noegel (org.), *Puns and Pundits: Word Play in the Hebrew Bible and the Ancient Near East* (Betesda: CDL Press, 2000), 243-47.
7 Goldingay, *Daniel*, 18.
8 Jacques Doukahn, *Daniel: the Vision of the End* (Berrien Springs: Andrews University Press, 1989), 74.

DIAS INTERESSANTES

Daniel 2.1-23



... Daniel foi para casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre esse mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia (Dn 2.17-18).

Um antigo ditado chinês dizia algo como: "Que você viva em dias interessantes". Esse ditado é uma bênção ou uma maldição? Não tenho certeza. Por um lado, jovens tendem a sonhar com uma vida em "dias interessantes". Esperamos encontrar nosso lugar na história, onde possamos fazer a diferença no curso dos eventos do mundo. Mas a gente envelhece e, algumas vezes, desejamos que os dias em que vivemos sejam um pouco menos "interessantes".

Viver em “dias interessantes” é frequentemente desafiador e, algumas vezes, doloroso.

Era o chamado de Daniel, para o bem ou para mal, viver dias interessantes. Pelo menos, essa é a impressão que temos do livro bíblico que carrega seu nome e conta algumas das situações desafiadoras pelas quais passou. Claro que não devemos superestimar o caso. Afinal, Daniel viveu uma vida longa, começando com os dias em que Nabucodonosor o levou cativo de Judá para o exílio até o tempo de Ciro, quando o exílio chegou ao fim. Sua vida adulta, portanto, cobriu um período de setenta anos. Uma boa parte deste período não foi, provavelmente, muito interessante. Durante muitos desses anos, até onde sabemos, nada de especial aconteceu. Havia apenas a difícil rotina comum de fidelidade de Daniel em uma terra distante, tentando equilibrar as demandas de seus mestres, os babilônios, e o Senhor.

A bênção de dias interessantes

Não temos, portanto, qualquer registro desses dias normais. Os dias na vida de Daniel que a

Escritura nos registra são os “dias interessantes” – os momentos nos quais a dupla lealdade de Daniel é colocada muito claramente uma contra a outra, ou quando sua vida foi ameaçada de uma forma ou de outra. Isso não quer dizer que Deus não tenha estado também com Daniel no exílio durante os outros momentos. Contudo, nestes momentos especiais de estresse e provação, fica evidente a todos ao redor de Daniel que o Senhor estava trabalhando em e através de sua vida de uma forma especial.

O mesmo talvez seja verdade em nossa própria vida. Você gostaria que seus amigos e vizinhos pudessem ver a diferença que faz ser um cristão? Essa é, realmente, uma oração para se viver “dias interessantes”, pois é mais frequente que em nossas dificuldades e provas fique mais evidente a diferença que faz nossa fé em Deus. Por exemplo, é dito que a razão pela qual Deus manda o câncer para o cristão tanto quanto para o não cristão é para que o mundo veja a diferença no modo como eles lidam com isso. Certamente, tais momentos de provação providenciam oportunidade para nossa fé fazer

visível diferença em nossa vida. Mesmo que o mundo possa encontrar uma explicação perfeitamente razoável para nossa paz nas circunstâncias de nossa vida, não seremos confundidos por isso. O mundo será forçado a se sentar e se dar conta somente quando tivermos uma paz que claramente *não* seja o resultado de nossas circunstâncias confortáveis, uma paz que evidentemente transcenda a paz que o mundo pode dar.

Como o apóstolo Pedro colocou, essas provações vieram "para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.7). São nos "dias interessantes" da vida que o mundo vê o caráter genuíno de nossa fé em Deus posto às claras. É então que nossa fé e nossa paz brilham mais claramente como um farol da esperança para aqueles ao nosso redor.

Daniel 2 foi certamente um desses "dias interessantes" em que Deus pôs em destaque a diferença entre Daniel e aqueles à sua volta. De

fato, o triunfo da sabedoria de Daniel sobre a sabedora dos babilônios é o ponto principal deste capítulo. O conteúdo do sonho, sobre o qual nos debruçaremos no próximo capítulo, é secundário quanto ao conflito entre Daniel e os sábios babilônios. Isto é evidente pelo fato de que a história se aproxima do gênero de "conto de desafio da corte", muito similar à interpretação do sonho de Faraó por José, em Gênesis 4, e às histórias similares do antigo Oriente Médio.[1]

O conflito foi iniciado quando o rei Nabucodonosor teve um sonho (Dn 2.1). No mundo antigo, tais sonhos eram vistos como sombras do que o futuro reserva, deixando ver o que estava por vir. A interpretação, portanto, era algo importante, visto que o rei deveria tomar quaisquer medidas cabíveis para contra-atacar os eventos antecipadamente, ou ao menos estar pronto para o que viesse. Em preparação para tais eventualidades, muitos reis do antigo Oriente Médio tinham especialistas em interpretação de sonhos em sua folha de

pagamento, e Nabucodonosor não era uma exceção. Ele empregava uma equipe de adivinhos cujo trabalho era interpretar o significado de tais sonhos e quaisquer outros agouros que viessem a ocorrer.

Nabucodonosor e os adivinhos

A abertura da história prossegue de modo previsível, com o sonho do rei:

> No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve este um sonho; o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o sono. Então, o rei mandou chamar os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus, para que declarassem ao rei quais lhe foram os sonhos; eles vieram e se apresentaram diante do rei. Disse-lhes o rei: Tive um sonho, e para sabê-lo está perturbado o meu espírito. Os caldeus disseram ao rei em aramaico: Ó rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação. Respondeu o rei e disse aos caldeus: Uma coisa é certa: se não me fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas monturo; mas, se me declarardes o sonho e a sua interpretação, recebereis de mim dádivas, prêmios

> e grandes honras; portanto, declarai-me o sonho e a sua interpretação (Dn 2.1-6).

Depois que Nabucodonosor acordou de seu sonho, convocou seus intérpretes profissionais – os "os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus" (Dn 2.2) – e lhes disse que precisava de seus serviços. Eles responderam, como sem dúvida tinham feito muitas vezes antes: "Ó rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação" (2.4).[2] Nesse ponto, entretanto, Nabucodonosor introduz um extraordinário complicador. Em vez de dizer aos adivinhos o sonho, de modo que pudessem procurar uma interpretação em seus livros de interpretação de sonhos e outras fontes do tipo, ele declarou que eles tinham que descobrir o sonho, bem como sua interpretação.[3] Se os adivinhos fossem bem-sucedidos, ganhariam muitas recompensas. Contudo, se falhassem em dizer ao rei o sonho e sua interpretação, seriam horrivelmente executados e suas casas seriam destruídas (2.5-6). A palavra traduzida aqui por "feitas em monturo" é incerta: outras

alternativas consideram que ele quisesse dizer que suas casas seriam "transformadas em esterqueiro" ou "confiscadas e transformadas em propriedade real", a serem doadas a outras pessoas pelo rei. De qualquer forma, portanto, a perspectiva era que as famílias dos adivinhos ficariam desabrigadas. É como se Nabucodonosor suspeitasse da alegação vazia dos adivinhos de que eram capazes de antever o futuro e, por isso, estivesse determinado a prová-los.

Os sábios babilônios ficaram horrorizados pela demanda nada razoável. Eles não poderiam cumpri-la, porque eram adivinhos e não profetas.[4] Isto é, eles podiam discernir padrões em eventos e sonhos que desvendavam o futuro, mas não reivindicavam ter acesso direto à mente dos deuses. Tal demanda era por demais difícil e, de acordo com sua teologia, disseram ao rei: "Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige; pois jamais houve rei, por grande e poderoso que tivesse sido, que exigisse semelhante coisa de algum mago, encantador ou

caldeu. A coisa que o rei exige é difícil, e ninguém há que a possa revelar diante do rei, senão os deuses, e estes não vivem com os homens" (Dn 2.10-11). Diferentemente do Deus de Israel, os deuses dos babilônios não eram tão afáveis a ponto de revelar seus planos de antemão por intermédio de seus representantes na terra (veja Am 3.7). Portanto, pelo seu modo de ver, o que o rei lhes pedia era algo impossível para a sabedoria humana alcançar. Aqui vemos o caráter único do Deus da Bíblia, que é tanto capaz quanto disposto a revelar seus planos e propósitos para a humanidade.

Nabucodonosor ficou furioso com a resposta que "ordenou que matassem a todos os sábios da Babilônia" (Dn 2.12). Como já havia ficado evidente pela escala de recompensas que prometeu e as punições com que ameaçou, Nabucodonosor não fez nada pela metade. De acordo com o padrão normal de reação desproporcional do rei – é uma tentação dizer "exagerada" – o decreto de morte envolvia muito mais pessoas do que aqueles que se depararam com a demanda original de

interpretar o sonho. Talvez ele tenha concluído que, se a sabedoria dos sábios era insuficiente para essa crise, como seria útil em qualquer outra situação? A falha de seus adivinhos em revelar seu sonho e seu significado resultou no decreto da morte de todos os sábios, incluindo Daniel e seus três amigos (2.13).

A fé de Daniel, a fidelidade de Deus

Quando as más notícias chegaram a Daniel, ele respondeu com a sabedoria e fé em Deus que ia muito além de seus dias:

> Saiu o decreto, segundo o qual deviam ser mortos os sábios; e buscaram a Daniel e aos seus companheiros, para que fossem mortos. Então, Daniel falou, avisada e prudentemente, a Arioque, chefe da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios da Babilônia. E disse a Arioque, encarregado do rei: Por que é tão severo mandado do rei? Então, Arioque explicou o caso a Daniel. Foi Daniel ter com o rei e lhe pediu designasse o tempo, e ele revelaria ao rei a interpretação. Então, Daniel foi para casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdia ao Deus do céu

> sobre esse mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia. Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse ao Deus do céu (Dn 2.14-19).

Coloque-se no lugar de Daniel por um momento. À primeira vista, esse decreto deve ter parecido uma prova monumental da falta de significado da vida. Daniel e seus três amigos haviam sido preservados do holocausto da destruição de Judá e miraculosamente protegidos na corte do rei apesar do seu compromisso de comer somente vegetais, mas, agora, foram condenados à morte juntamente com todos os sábios da corte. Simplesmente porque o rei teve um sonho à noite e por uma irracionalidade, sua vida agora estava em risco – "Saiu o decreto, segundo o qual deviam ser mortos os sábios; e buscaram a Daniel e aos seus companheiros, para que fossem mortos" (Dn 2.13).

Ainda que tivesse que enfrentar circunstâncias adversas, Daniel não entrou em

pânico. Ele entendeu que, a despeito de tudo apontar em contrário, esse evento bizarro estava sobre o controle soberano de Deus, que tinha um propósito para tudo aquilo. Esse propósito se tornou mais do que simplesmente mostrar a Nabucodonosor o futuro por meio de seu sonho, mas demonstrar claramente a diferença entre Daniel e o resto dos sábios da Babilônia, e entre seu Deus e o deles. O sonho e o decreto de morte de Nabucodonosor sobre os sábios não era uma tragédia sem sentido; pelo contrário, isso providenciaria o contexto para Deus mostrar publicamente seu poder.

Em primeiro lugar, Deus mostrou seu poder dando a Daniel o favor inicial diante do rei Nabucodonosor. Quando os sábios do rei disseram-lhe: “Diga o rei o sonho a seus servos, e lhe daremos a interpretação”, Nabucodonosor acusou os adivinhos de tentar “ganhar tempo, porque vedes que o que eu disse está resolvido, isto é: se não me fazeis saber o sonho, uma só sentença será a vossa; pois combinastes palavras mentirosas e perversas para as proferires na minha presença, até que se mude a situação;

portanto, dizei-me o sonho, e saberei que me podeis dar-lhe a interpretação" (Dn 2.7-9). Então, quando Daniel pediu por tempo para interpretar o sonho, ele recebeu o que havia pedido do rei. Somente isso, contudo, meramente providenciava a suspensão da execução de Daniel e seus três amigos, Ananias, Misael e Azarias (Dn 2.17). Aqui eles são chamados por seus nomes hebreus no lugar de seus mais familiares nomes babilônicos: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, talvez porque precisassem ser lembrados que o Senhor é gracioso, único e disposto a ajudar seu povo em apuros – atributos a que esses nomes faziam alusão.[5]

Na procura por uma resposta mais permanente para sua situação, foram implorar por misericórdia (r~h~m!m; 2.18) ao Deus do céu para que não fossem executados com o resto dos sábios da Babilônia. Ao fazer esse pedido, estavam ecoando a oração de Salomão na dedicação do templo, em 1Reis 8.50, para que, nos dias que viriam, Deus fizesse com que os

captores mostrassem ao seu povo exilado misericórdia (r~h~m!m; o equivalente hebraico para a palavra aramaica usada aqui). Em outras palavras, em suas orações, eles imploraram que Deus fosse fiel à sua palavra e os livrasse nesta hora de necessidade. Com a total clareza que esses "dias interessantes" trazem, eles sabiam que sua esperança descansava somente em Deus: se ele não revelasse o sonho a eles, não haveria ninguém mais a quem recorrer. Nenhuma sabedoria meramente humana poderia livrá-los daquela situação.

É particularmente surpreendente que eles ecoassem a oração de Salomão a essa altura, uma vez que o templo sobre o qual Salomão orou estava agora em ruínas, abandonado pelo Senhor e destruído pelos babilônios. E mesmo sem qualquer sinal terreno do favor de Deus, eles confiaram em sua palavra da promessa de ser seu Deus no meio da sua aflição, não importa onde se encontrassem.

Confiar em Deus dessa forma nunca é uma situação confortável, visto que, por definição, significa que todos os meios de ajuda humanos

desapareceram. Isso significa que não temos ninguém mais a quem recorrer. Afinal, quem poderia ser uma melhor opção para se buscar em momentos de aflição? Quem é como o Senhor, ajudador e libertador? Deus é fiel e apto para nos ajudar em nossa hora de necessidade e nos livrar de nossas maiores aflições. Como veremos à medida que continuamos no livro de Daniel, ele nem sempre nos livra de nossas aflições do modo como livrou Daniel e seus amigos aqui. Algumas vezes ele nos livra andando conosco na prova de fogo, em vez de nos salvar dela (veja Hb 11). Contudo, o Senhor é sempre fiel à sua palavra e, sempre que nos encontramos no limite de nosso saber, é sempre uma boa estratégia reunir nossos amigos e correr para Deus, suplicando as promessas de sua palavra e confiando em sua absoluta fidelidade.

Nesse caso, o Senhor respondeu à oração de Daniel revelando-lhe o mistério (Dn 2.19). Contudo, Daniel não foi correndo imediatamente para Nabucodonosor com a resposta. Mesmo com sua vida por um fio, ele tomou tempo para agradecer a Deus pela

resposta que havia recebido. É bem aqui que geralmente falhamos, não é? Podemos orar fervorosamente pedindo por livramento de nossas aflições, mas, quando o livramento vem, falhamos em retornar em gratidão a Deus. Como nove dos dez leprosos curados por Jesus (Lc 17.12-19), seguimos nosso caminho nos regozijando por nosso problema ter sido resolvido. Ansiosos para seguir com a vida, esquecemos aquele de quem vem a nossa cura. Não Daniel. Ele separou tempo para louvar a Deus pela libertação incrível que recebeu antes de levar a resposta ao rei.

O poder e a sabedoria de Deus

Especificamente, Daniel louvou a Deus por seu poder e sua sabedoria:

> Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. A ti, ó Deus de meus

> pais, eu te rendo graças e te louvo, porque me deste sabedoria e poder; e, agora, me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber esse caso do rei (Dn 2.20-23).

Somente o Senhor possui o poder de controlar os eventos do mundo. O futuro não está nas mãos dos deuses babilônicos, a quem os adivinhos recorriam. Seus deuses eram ídolos vazios, sem nenhum poder de abençoar ou amaldiçoar seus seguidores (veja Is 46.5-10). Eles não podiam afetar o futuro, eram cegos, estúpidos e impotentes (Is 44.18). Com toda a pompa e *show* dos adivinhos babilônicos, sua alegação de que podiam antecipar o futuro era vazia e falsa. O Senhor é o único que levanta reis e os depõe. Ele fixa os tempos e estações para tudo debaixo do sol (Dn 2.21; compare com Ec 3).

Contudo, o Deus de Israel não somente controla o futuro, ele também *revela* o futuro aos seus servos. Ele dá sabedoria ao sábio e revela os mistérios do futuro, como fez nesse caso com Daniel (2.21-22). Isto foi exatamente o

que os adivinhos babilônios descartaram como impossível, porque deuses não habitam com os homens (2.11). Contudo, o Deus de Israel, mesmo sendo transcendente e exaltado nas alturas acima dos céus, *habita* com o humilde e contrito de espírito (Is 57.15). Aquele que governa o futuro e o fez saber a Daniel revelando o sonho e a interpretação.

Essa afirmação de que o Deus de Israel é o único que possui todo o poder e sabedoria era um importante lembrete para os ouvintes de Daniel. Como exilados na Babilônia, eles estavam cercados por religiões alternativas que diziam oferecer acesso aos mistérios escondidos do universo. Os eventos deste capítulo expõem a vaidade dessas declarações: há apenas um Deus que revela o futuro, porque há somente um Deus que controla o futuro. Ainda que a "sabedoria" e "poder" do mundo possam parecer externamente impressionantes, não têm substância. Os deuses babilônicos eram uma fraude e uma mentira.

A mesma mensagem é importante para nós em nossos dias e nosso tempo. Também estamos

cercados pelo poder e sabedoria do mundo. Às vezes isso toma a forma explícita de religião que nos promete iluminação e experiências profundas de vida por meio das meditações da Nova Era ou de práticas emprestadas das religiões orientais. Às vezes isso toma a forma de explícita negação de que Deus possa realmente saber e controlar o futuro, preferindo imaginar um Deus "aberto" que está abrindo caminho pelo processo histórico junto conosco. Mas, em outros momentos, isso nos vem em formas seculares, prometendo poder e sucesso pela aplicação de estratégias de negócios e relacionamentos pessoais. Geralmente apresentam credenciais impressionantes e, como os adivinhos babilônicos, nos vêm com uma forte dose de confirmação pela sociedade na qual vivemos. A sabedoria do mundo parece externamente muito impressionante, com suas qualificações e influência nos lugares mais altos da sociedade. Contudo, na raiz da sabedoria do mundo sempre está uma fraude vazia. Ela não entende a verdadeira natureza humana, nem a verdadeira natureza do mundo no qual vivemos.

Como isso seria possível, se ela nega a existência ou ignora a relevância do único e verdadeiro Deus que criou e controla todas as coisas? Seu poder atua em todas as coisas conforme a sua vontade (Rm 8.28). Sua sabedoria é a verdadeira fonte de discernimento para um viver habilidosamente sábio (Pv 1.7).

Perseguindo sabedoria

Onde é que vamos encontrar essa sabedoria para nossa própria vida? O Senhor revelou essa sabedoria a nós em sua palavra, a Bíblia. Não precisamos sair à caça de fragmentos de sabedoria para serem acrescentados à nossa sabedoria quando temos esse livro. Nem precisamos ter a habilidade de interpretar sonhos estranhos. Antes, temos que navegar em suas profundezas e ponderar sua profundidade. Precisamos guardá-lo em nosso coração e entesourar suas riquezas. Essa não é exatamente uma observação nova, pelo contrário, é algo que devemos sempre relembrar. Na prática, mesmo como cristãos, frequentemente vivemos de acordo com a sabedoria do mundo. Se

perseguíssemos a sabedoria de Deus com a metade do entusiasmo com que procuramos o progresso do mundo, seríamos muito mais sábios do que somos. Se nos empenhássemos com a metade da paixão na busca por Deus com que nos empenhamos na procura de diversão, nossa vida seria bem diferente da vida daqueles que nos cercam. Pense na semana passada e veja que tipo de atividade consumiu suas horas e minutos. Você procurou a sabedoria e poder do Senhor ou se dedicou à procura de vaidades mundanas?

Se perseguirmos a sabedoria de Deus com paixão, então, como Daniel, seremos distintos da cultura que nos cerca e seremos mais capazes de dar àqueles ao nosso redor as respostas às questões que eles não podem responder. Eles se perguntam: "Por que eu estou aqui? O que acontecerá comigo após a morte? Como devo viver nesse mundo?" Essas são questões profundas que insistem em se intrometer em nossa vida, especialmente em tempos de dificuldade, e eles se questionam porque a sabedoria do mundo é sempre insuficiente.

Somente a sabedoria do Criador do mundo, aquele para quem e para quem todas as coisas existem, será suficiente. Ele revela sua sabedoria a todos em sua palavra e no-la dá para ler. Não deveríamos nós, como Daniel, agradecer e louvar a Deus pelas riquezas de seu dom a nós, entesourar essa fonte de sabedoria celeste e compartilhá-la com nossos vizinhos perdidos?

A sabedoria de Deus tem um aspecto subjetivo, bem como um objetivo. Objetivamente, sua palavra revelada me diz quem Deus é e quem eu sou, o que eu deveria acreditar sobre ele e como eu deveria agradá-lo. Essa é uma dádiva maravilhosa. Uma vez que tenho que viver sabiamente nesse mundo, também preciso ser hábil em aplicar os princípios da palavra subjetivamente nas várias situações da vida. Dado o mandamento de compartilhar o evangelho com meu próximo, como poderia melhor me aproximar, então, com as boas-novas de Jesus Cristo? Dado o mandamento de amar minha esposa e me sacrificar por ela, como isso altera a maneira como ordeno meu tempo e minhas prioridades

hoje? Diante da variedade de escolhas de empregos e carreiras à minha frente, o que Deus requer que eu faça com minha vida?

Cristãos frequentemente tendem a gravitar em direção a um aspecto da sabedoria e negligenciar o outro. Alguns cristãos põem um grande peso no aspecto objetivo da sabedoria: reverenciam a Bíblia como a palavra de Deus, a fonte normativa de sabedoria. Ainda assim, esses cristãos podem, ao mesmo tempo, negligenciar a dependência de Deus em seu aspecto subjetivo, isto é, como aplicá-la às circunstâncias particulares. Na prática, podem depender funcionalmente de sua própria sabedoria para essas questões circunstanciais, em lugar de se voltarem ao Espírito de Deus pedindo direção, momento após momento. Outros crentes colocam maior peso no aspecto subjetivo da sabedoria de Deus: afirmam que Deus os guia a cada momento, talvez por meio da intuição, ou por outros meios pelos quais sentem que o Espírito os dirige. Esses crentes podem, algumas vezes, dar tanto peso a essa fonte subjetiva de direção que o caráter

normativo da palavra objetiva de Deus é, na prática, colocado como secundário, ou ainda em posição mais subordinada.[6]

Daniel mantinha juntos ambos os aspectos: objetivamente ele conhecia a palavra de Deus, um conhecimento que havia sido implantado nele ainda na infância, antes de ser levado ao exílio. Ele era bem fundamentado nas Escrituras e ordenava seu comportamento baseado nelas. Subjetivamente, contudo, ele também reconhecia que Deus é poderoso para guiar indiretamente por meio das circunstâncias e, nesse caso ímpar, por sonhos e visões, tanto quanto diretamente pela palavra. Esse equilíbrio entre sabedoria objetiva e subjetiva não vem por meio de educação ou qualificações (ainda que Daniel tivesse os dois e não devamos desprezá-los). Vem em resposta à oração. É por uma petição humilde que chegamos a entender os mais desafiadores e difíceis aspectos da palavra revelada de Deus, como Daniel 9 deixará claro. Também é por humilde petição que procuramos entender como Deus quer que apliquemos a

palavra nesse complexo e desafiador mundo em que vivemos. Precisamos aprender a crescer em nossa constante dependência de Deus para viver sabiamente, na medida em que lemos sua palavra e vivemos nossa vida.

Jesus Cristo: a sabedoria de Deus

Viver sua vida com sabedoria, simplesmente, não teria salvado Daniel. Depois do decreto de sua morte ter sido expedido pelo rei, nada além da direta intervenção de Deus poderia tê-lo salvo. Se Deus tivesse mantido distância e não lhe tivesse revelado o sonho do rei, Daniel teria enfrentado o mesmo destino dos adivinhos babilônios. Mas Deus não se manteve distante: ele veio a Daniel e lhe revelou o sonho, livrando-o da morte.

Essa parte do livro de Daniel nos aponta para Cristo. Em Cristo, Deus definitivamente vem viver entre os homens, refutando, assim, de uma vez por todas, a teologia dos adivinhos babilônios que dizia que deuses não habitam entre os homens (veja Dn 2.11). Em Cristo, Deus se tornou carne e fez habitação entre nós. Nele,

vemos revelada a glória do Deus único e verdadeiro (Jo 1.14). Ele veio e viveu uma vida perfeita de sabedoria, a perfeita combinação de obediência à palavra de Deus e constante dependência da direção do Espírito. Assim como Daniel agradeceu a Deus por seu livramento, Jesus moldou para nós uma vida inteira de ação de graças a Deus, dando graças mesmo em uma situação para a qual não haveria saída para ele. Na última ceia, Jesus deu graças pelo pão quando estava prestes a parti-lo – uma ação que simbolizava a quebra de seu corpo por nossos pecados (Mt 26.26). Quando ele tomou o cálice, que significaria sua vida por nós, mas sofrimento e aflição para ele, Jesus deu graças por ele. (Mt 26.27). Jesus, de antemão, deu graças pela cruz, a mais injusta e agonizante aflição pela qual uma pessoa jamais passou!

Quando Jesus deu graças pela cruz, não foi porque minimizou seu terrível custo. Mais tarde, na mesma noite, no Jardim do Getsêmani (Jo 18.1), seu horror o fez suar como se estivesse derramando gotas de sangue (Lc 22.44). Nada que venhamos a enfrentar pode se comparar a

esse evento. Ainda assim, no entanto, Jesus deu graças por causa da cruz, porque reconheceu que não era uma aflição sem sentido; ele anteviu a recompensa. Ele deu graças pela cruz porque sabia que, por ela, Deus redimiria para si mesmo um povo santo que seria seu por toda a eternidade. Pela cruz, Deus nos livraria da morte e nos daria vida eterna nos céus.

Quando Jesus orou para que Deus mostrasse misericórdia e, se possível, passasse o cálice, ele não tinha nenhum amigo com que compartilhar o fardo, como Daniel teve. Ele fez sua oração sozinho. E mais, a oração de Jesus por livramento não foi respondida da mesma maneira que a oração de Daniel. Ele não foi salvo da sentença de morte que não merecia em sua hora de necessidade. E a razão de sua oração não ter sido respondida é simples: foi para que pudéssemos ser salvos em nossa hora de necessidade e pudéssemos receber misericórdia que não merecemos do divino Rei. Pela sua morte, recebemos nossa vida.

Daniel e seus amigos não foram os únicos cujas vidas foram poupadas pela intervenção de

Deus, entretanto. Os adivinhos babilônios também foram salvos. O que os adivinhos babilônios fizeram com a suspensão da execução? Adoraram e louvaram ao Deus de Daniel, assim como fez Nabucodonosor (Dn 2.16-47)? Ou atribuíram o sucesso de Daniel em descobrir o sonho a algum palpite de sorte ou alguma informação "privilegiada"? Não temos como saber, porque não é importante que saibamos sua história. O ponto mais importante é o que faremos com a nossa suspensão da execução. O que faremos com as boas-novas do evangelho? Precisamos responder a essas novas de que alguém veio carregar nossos pecados e nos dar como um dom gratuito a justiça de que precisamos para permanecermos diante de um Deus santo. Precisamos nos arrepender e abandonar nosso romance com os falsos deuses deste mundo e a sabedoria e poder que eles oferecem e nos prostrar diante de Jesus.

Contudo, há também um desafio nesta passagem para aqueles que são crentes, particularmente quando enfrentamos as aflições e desafios da vida – os "dias interessantes".

Precisamos reconhecer, como Jesus fez, que estes dias nunca são sem sentido, mas nos vêm pelas mãos de Deus. Precisamos receber essas aflições não somente com mera submissão, mas também com ação de graças. Também podemos dar graças pelo cálice que nosso Pai coloca diante de nós.

A única forma de sofrer com ações de graças é lembrar que o cálice que Jesus tomou foi em nosso lugar, o cálice da ira de Deus pelos nossos pecados. Como resultado deste sacrifício, sabemos que qualquer sofrimento que possamos encontrar é o desenrolar da graça de Deus em relação a nós. Deus, em sua soberania, nos trouxe essa aflição e nos livrará dela ou nos sustentará pela sua graça enquanto por ela passarmos. Ele não está distante ou descuidando de nós, nem carece de poder para nos livrar. Pelo contrário, em Cristo, Deus veio habitar entre nós e conosco, precisamente para nos livrar de nossa mais profunda aflição: nossa alienação dele. Mesmo agora, ele habita em nós pelo seu Espírito Santo. Então precisamos depender desse Espírito para que nos dê a sabedoria

celeste de que precisamos para enfrentar cada dia. Precisamos procurá-lo em busca de sabedoria objetiva vinda de sua palavra e de direção subjetiva para cada momento de nossa vida. Devemos louvá-lo diariamente por seu direcionamento e sua ajuda, sua proteção e seu poder. Se nos lembrarmos destas coisas, teremos paz no presente e certeza da herança guardada para nós nos céus, quando os "dias interessantes" finalmente findarem.

1 Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 73-74. É claro, o fato de os eventos serem registrados mais ou menos de acordo com o modelo padrão não tem qualquer influência na historicidade ou nos eventos em si mesmos. Em nosso próprio tempo, os obituários em jornais têm um padrão romantizado, ainda que as vidas que contam sejam, sem dúvida, históricas. Então, também, gêneros históricos antigos podem ser utilizados por autores bíblicos para descrever eventos e histórias reais.

2 Deste ponto em diante até o final do capítulo 7, o texto alterna do hebraico para o aramaico, por razões que não são inteiramente claras. Certamente isto sublinha a estrutura estrangeira de Daniel; mas, se esse for o propósito, por que não alternou antes (em 1.10, por exemplo) ou escreveu tudo em aramaico? Talvez a mudança indique que estes capítulos tratem de assuntos de significância universal, não especificamente assuntos mais do interesse israelita (Jacques Doukhan, *Daniel: The Vision of the End* [Berrien Springs: Andrews University Press, 1989], 33, n. 66). Por outro lado, a mudança foi explicada por Bill Arnold em termos de uma mudança do ponto de vista literário, em que o narrador usa o aramaico para criar uma distância entre ele mesmo e os eventos dos capítulos 2–7 (B. T. Arnold, "The Use of Aramaic in the Hebrew Bible: Another Look at Bilingualism in Ezra and Daniel", *Journal of Northwest Semitic Language* 22 (1996: 1-6).

3 Alguns comentaristas defendem que Nabucodonosor tinha de fato esquecido o sonho, pelo menos seus detalhes, mas o aramaico no v.5 é mais plausivelmente traduzido por "a questão é firme" do que "a questão me fugiu" (veja Stephen R.

Miller, *Daniel*, New American Commentary [Nashville:Broadman, 1994], 81).

4 Longman, *Daniel,* 74.

5 Com respeito aos nomes, veja a exposição de Daniel 1.

6 Para uma discussão útil, veja Vern S. Poythress, "Modern Spiritual Gifts as Analagous to Apostolic Gifts: Affirming Extraordinary Works of the Spirit within Cessationist Theology", *JETS* 39 (1996): 71-102.

O VENTO LEVOU

Daniel 2.24-49



> *Nos dias desses reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro* (Dn 2.44-45).

O romance de Margaret Mitchell, *O vento levou* é um lamento por uma cultura perdida. É um elogio à bela, mas condenada sociedade pré-guerra do Sul, que foi devastada pela guerra civil americana. Mesmo em meio à carnificina e devastação por todos os lados, os memoráveis personagens do livro são sobreviventes inveterados, Rhett Butler e Scarlett O'Hara, que são capazes de nadar com e contra a correnteza ao redor, sobrevivendo a um desastre após o

outro com espírito indomável. No meio da tragédia, eles desafiadoramente declaram: “Amanhã será um novo dia”.

Tivesse sido escrito naquele tempo, os exilados de Judá provavelmente achariam *O vento levou* uma leitura atraente. As imagens de Atlanta em chamas certamente soariam bem dolorosamente familiares àqueles que viram Nabucodonosor destruir Jerusalém, e eles provavelmente seriam capazes de identificar-se com as lutas de Scarlett e Rhett num mundo pós-guerra, cheio de políticos novatos e comprometidos. Eles também precisariam de encorajamento para acreditar, como Scarlett, que “amanhã será um novo dia”. Em sua essência, o encorajamento de um novo futuro foi o que o sonho de Nabucodonosor deu a eles e, portanto, a nós também.

Daniel e Arioque

Recapitulando os eventos de Daniel 2, Nabucodonosor, rei da Babilônia, teve um sonho (Dn 2.1). Ele convocou os sábios para interpretarem o sonho para ele, mas recusou-se a

dizer-lhes seu conteúdo (2.5-6). Essa tarefa foi declarada impossível por eles, porque os deuses que deram o tal sonho não vivem entre os homens para revelar tal informação (2.11). Em sua fúria pela recusa deles, Nabucodonosor sentenciou todos os sábios à morte, um destino que incluía Daniel e seus três amigos, Ananias, Misael e Azarias (2.12-13). Mas quando Daniel soube do decreto, pediu ao rei mais tempo e foi ao Senhor em oração, buscando o sonho e sua interpretação (2.16-18). O Senhor respondeu à sua oração e lhe deu ambos, o sonho e seu significado, e Daniel respondeu com louvor e ação de graças (2.19-23).

Isso nos traz ao ponto no capítulo onde Daniel foi até ao rei para interpretar o sonho para ele:

> Por isso, Daniel foi ter com Arioque, ao qual o rei tinha constituído para exterminar os sábios da Babilônia; entrou e lhe disse: Não mates os sábios da Babilônia; introduze-me na presença do rei, e revelarei ao rei a interpretação. Então, Arioque depressa introduziu Daniel na presença do rei e lhe disse: Achei um dentre os filhos dos cativos de

> Judá, o qual revelará ao rei a interpretação. Respondeu o rei e disse a Daniel, cujo nome era Beltessazar: Podes tu fazer-me saber o que vi no sonho e a sua interpretação? Respondeu Daniel na presença do rei e disse: O mistério que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem revelar ao rei; mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias (Dn 2.24-28).

Nesta conjuntura, devemos notar a conduta de Daniel ao se aproximar do rei, que é a de desviar de si todo o crédito ao dá-lo ao Senhor. O narrador ressalta isso para nós contrastando a humildade de Daniel com as palavras de Arioque, o comandante da guarda real. Arioque aproximou-se do rei declarando: "Achei um dentre os filhos dos cativos de Judá, o qual revelará ao rei a interpretação" (Dn 2.25). De fato, Arioque não havia feito nada disso. Ele estava pronto para executar Daniel com o resto dos sábios. Foi Daniel quem encontrou Arioque, não o contrário (2.24). No entanto, Arioque estava ansioso por alegar que pelo menos algum

crédito ele tinha no meio daquele evento transformador. Essa é a maneira como o mundo atua, não é? Credita a outras pessoas o quanto pode de culpa por suas falhas e reclama o máximo de crédito pelo sucesso dos outros!

A atitude autopromotora de Arioque, entretanto, proporciona um vívido contraste para Daniel. Quando Nabucodonosor pergunta a Daniel: "Podes tu fazer-me saber o que vi no sonho e a sua interpretação?" (Dn 2.26), Daniel poderia facilmente ter respondido "Sim" à questão e reclamar todo o crédito para si. No entanto, ele responde ao rei: "O mistério que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem revelar ao rei; mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias" (2.27-28). Em vez de se de promover, Daniel aproveitou a oportunidade para exaltar publicamente seu Deus: "Estando tu, ó rei, no teu leito, surgiram-te pensamentos a respeito do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela mistérios te revelou o que há de ser. E a mim me foi revelado esse mistério, não

porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses as cogitações da tua mente" (Dn 2.29-30).

Verdadeira humildade

Há um modelo aqui para todas as esferas de relacionamento com aqueles que não conhecem nosso Deus. Em contraste com a maneira autopromotora do mundo, devemos constantemente procurar ocasiões para exaltar e declarar publicamente os louvores de nosso Deus. Sejam quais forem os dons e habilidades que tenhamos, qualquer que seja o sucesso que venhamos a encontrar na vida, tudo está a serviço daquele que nos deu esses dons e oportunidades, juntamente com a diligência e perseverança para alcançá-los. Somos simplesmente servos de Deus, fazendo o trabalho que ele nos designou a fazer; ele merece todo o nosso louvor e adoração. A palavra bíblica para isso é *humildade*: a perspectiva com a qual vemos nosso tamanho corretamente em

comparação com a grandeza incomparável do nosso Deus.

Uma ressalva é importante ser feita, a de que nossa humildade deve ser sincera. Ben Franklin uma vez disse sobre a humildade: “Não posso me gabar por ter conseguido alcançar a realidade desta virtude, mas fiz um bom trabalho no que tange a parecer que sim”. Tristemente, o mesmo pode ser dito de muitos de nós. Não somos realmente humildes, mas certamente sabemos como fingir que sim. Sei que essa tentação existe em meu próprio coração. Vejo isso quando sirvo de alguma forma na igreja e me pego procurando ver se alguém notou meu serviço. Vejo isso quando publicamente digo às pessoas que qualquer coisa boa em meus sermões é um dom da graça de Deus – e então me preparo para o próximo como se tudo dependesse de mim. Vejo isso quando sou tentado a me tornar orgulhoso de minha própria humildade. De fato, meu coração é um caldeirão de toda sorte de autopromoção.

Entretanto, a verdadeira humildade vem quando olhamos para além de nós mesmos, em

direção a Deus e em direção àquele em quem Deus se revela em carne humana, Jesus Cristo. Ele nos mostra genuína humildade atuando em sua constante atitude de dependência de seu Pai celeste. Ele nos mostra autêntica humildade de coração que evita o holofote e a posição de glória para servir ao excluído e inaceitável, o leproso e o notoriamente pecador. O Senhor de toda a eternidade demonstrou seu coração de servo de todas as formas numa morte inglória na cruz, ultrajado e cuspido, abandonado e sozinho. Quando pondero sobre sua humildade, minhas próprias tentativas de humildade são reveladas como que engatinhando como um bebê, e me maravilho de novo com a glória do plano de salvação de Deus, que nada tem a ver com meus méritos e tem tudo a ver com o que Cristo fez em meu lugar. Como posso tentar me exaltar quando me coloco ao lado da cruz?

Paradoxalmente, quando olho para a humildade de Cristo, que é de uma magnitude de ordem quântica em comparação com qualquer coisa que eu já tenha atingido, uma verdadeira perspectiva de meu próprio lugar no trabalho de

Deus se torna possível. Quando vejo a riqueza da graça de Deus a mim demonstrada, um pecador, então uma verdadeira humildade começa a crescer. Como o escritor de hinos Isaac Watts entendeu, é precisamente "quando contemplo a maravilhosa cruz" que começo a ser capaz de "desprezar todo o meu orgulho". Esse é o mesmo tipo de humildade genuína que brilhou na vida de Daniel, a humildade que lhe permitiu dar a Deus toda a glória por revelar o sonho e sua interpretação e não dar nenhum crédito a si mesmo.

O sonho de Nabucodonosor e sua interpretação

Daniel, então, contou a Nabucodonosor seu sonho, que era precisamente o que os sábios de Nabucodonosor tinham dito ser impossível:

> Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível. A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os quadris, de bronze; as pernas, de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro. Quando estavas

> olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra (Dn 2.31-35).

Tendo descrito o conteúdo do sonho, Daniel foi e contou ao rei sua interpretação:

> Esse é o sonho; e também a sua interpretação diremos ao rei. Tu, ó rei, rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória; a cujas mãos foram entregues os filhos dos homens, onde quer que eles habitem, e os animais do campo e as aves do céu, para que dominasses sobre todos eles, tu és a cabeça de ouro.
>
> Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra. O quarto reino será forte como ferro; pois o ferro a tudo quebra e esmiúça; como o ferro quebra todas as coisas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará. Quanto ao que viste dos pés e dos artelhos, em parte, de barro de oleiro e, em parte, de ferro, será esse um reino

> dividido; contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com o lodo. Como os artelhos dos pés eram, em parte, de ferro e, em parte, de barro, assim, por uma parte, o reino será forte e, por outra, será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com o barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, como o ferro não se mistura com o barro.
>
> Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro (Dn 2.36-45).

O sonho e a interpretação dados por Daniel, na verdade, eram bem simples, pelo menos se focarmos nossa atenção em sua mensagem central, mas, ao mesmo tempo, eram profundos. O que Nabucodonosor viu em seus sonhos foi uma enorme estátua de homem feita de quatro partes (Dn 2.31). Tinha a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris

de bronze e pernas de ferro com pés de ferro misturado com barro queimado (2.32-33). Enquanto Nabucodonosor estava olhando, uma rocha foi cortada não por qualquer agência humana (2.34). Ela bateu na estátua em seus pés, e toda a estátua se desfez em pedaços, que o vento levou como se fosse palha. Entretanto, a rocha cresceu até se tornar uma enorme montanha e encheu toda a terra (2.35).

Daniel interpretou essa figura como segue: a cabeça de ouro é Nabucodonosor (Dn 2.37). Deus é aquele que lhe deu domínio, poder e glória. De fato, poder e glória são descritos em termos que lembram o que foi dado a Adão no início do mundo, cujo domínio era não somente sobre seres humanos, mas sobre as aves do céu e as feras do campo (2.38). Depois do tempo de Nabucodonosor haveria outros reinos, cada um inferior ao anterior em glória, ainda que forte e extenso em poder. O último destes reinos seria forte como ferro, ainda que no seu fim provesse ser uma composição instável de pessoas que não se mantinham unidas. Naquele tempo, Deus estabeleceria seu reino final, que definitivamente

destruirá todos os outros reinos. Ainda que comece pequeno, crescerá e encherá toda a terra e, diferentemente dos reinos terrenos, durará para sempre.

Nesse ponto, a tentação é começar a perguntar sobre a identidade dos quatro reinos na visão. Se o primeiro reino é a Babilônia, poderíamos também identificar os outros três? Algumas pessoas acreditam que os quatro reinos são Babilônia, Média, Pérsia e Grécia, enquanto outros dizem que são Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.[1] Se o último reino for Roma, então quem são os dez dedos? Não demorará muito antes de nos encontrarmos com a cabeça girando com a variedade de interpretações oferecidas, cada uma delas bem distante da interpretação e aplicação que Daniel deu aqui. É importante notar, contudo, que a passagem praticamente não nos dá qualquer informação sobre os detalhes de quaisquer desses reinos, porque seu propósito é dar uma filosofia da história, não uma análise precisa da história futura. Como John Goldingay colocou: “No

drama da história, a descrição tem que poder permanecer alusiva. As pessoas perdem o foco quando gastam tempo perguntando qual é o império aqui".[2] O foco do sonho e sua interpretação tem mais a ver com *o que* o futuro reserva do que *quando* isso acontecerá. Em nossa análise, focaremos nossa atenção na interpretação da visão que a própria passagem nos dá, em vez de procurarmos conexões mais amplas e especulativas.

O estabelecimento e queda dos reinos terrenos

O que, então, de acordo com Daniel 2, esse sonho pretende nos ensinar? Primeiro, ele nos mostra que Deus dá para cada reino terreno sua glória e poder: eles não vêm por sua própria força. Deus deu a Nabucodonosor sua soberania, poder, força e glória sem paralelos (Dn 2.37). De fato, o apogeu da autoridade de Nabucodonosor é sublinhado pela linguagem da criação, usada para descrevê-la: como Adão, ele recebeu autoridade não somente sobre pessoas, mas sobre a natureza, e as feras do campo e as aves do céu foram colocadas em suas mãos

(2.38).[3] Mas a mesma imagem da criação também sublinha a natureza dependente e transitória de sua posição: como Adão, se ele pecar, também pode ser deposto de sua posição exaltada.[4] Mesmo que ele seja, na história, a cabeça de ouro, pode ser posto abaixo até o pó. Para usar a linguagem da oração de Daniel, o mesmo Deus que o estabeleceu como rei também pode depô-lo (2.21).

Na verdade, a natureza transitória de toda autoridade no mundo é uma questão central no sonho: isto nos lembra de que todo reino terreno tem um "depois disso". Nenhum reino terreno é para sempre: o ouro deu lugar à prata, que, por sua vez, deu lugar ao bronze e ao ferro. Ademais, o progresso da história humana em rebelião contra Deus não é simplesmente um padrão de mudança, mas de regresso. Não é simplesmente que você não pode se molhar duas vezes no mesmo rio, como o filósofo grego Heráclito proverbialmente pontuou, mas que o rio fica cada vez mais poluído à medida que se distancia de sua fonte. Longe de caminhar para

frente e para cima até, finalmente, chegarmos à grande cidade dos homens. Vamos de um reino transitório para outro, prosseguindo descendentemente do ouro à prata, ao bronze ao ferro, ao invés de em uma direção positiva. O reino final na sequência não somente é inferior em glória ao primeiro – ferro comparado ao ouro – mas inferior em unidade também: é feito de ferro misturado com barro queimado, uma mistura desigual que não pode se manter junta (Dn 2.42-43).

A única coisa que permanece constante sobre estes vários reinos é sua luxúria por poder e seu desejo de dominar o mundo (Dn 2.39-40). O desejo de governar e destruir permanece sem diminuir ao longo da sequência, mas finalmente essa ambição será frustrada. Em última análise, os reinos deste mundo, não obstante quão gloriosos e poderosos sejam, têm os "pés de barro", como dizemos, e não permanecerão.

De fato, ao ligar estes diferentes reinos a uma única estátua em formato de homem, o sonho disse algo profundo sobre toda a investida humana como uma unidade, do início ao fim.

Na realidade, essa não é somente uma visão do declínio e queda do império babilônico e seus sucessores imediatos, mas um epitáfio da história da humanidade. Todo o esforço humano, ainda que dotado e abençoado por Deus no início com glória e domínio sem paralelo, terminará em nada além de divisão e dissolução. Esse padrão é evidente já nos primeiros capítulos de Gênesis. A glória de Adão em Gênesis 1–2 dá lugar ao julgamento do dilúvio em Gênesis 6–9 e ao caos da vida depois de Babel, em Gênesis 11. De acordo com o padrão, nosso mundo não está destinado a terminar com um glorioso estrondo, mas com um triste gemido.

A descrição dessas mudanças e finalmente a queda dos reinos terrenos se posiciona como um firme contraste com o que os substitui, entretanto. O reino de Deus entra no caos e desesperança da história humana e traz renovada e permanente esperança à humanidade. Depois do desespero de Gênesis 11 vem a nova esperança, no chamado de Deus a Abrão em Gênesis 12. O sonho de

Nabucodonosor chega a conclusão semelhante. A palavra final da história não termina com uma versão melhorada da estátua do homem. Ao invés, termina com algo radical que Deus fará: uma rocha que não foi talhada por mão humana abaterá e demolirá a estátua e, então, crescerá até encher toda a terra (Dn 2.34-35). Essa rocha claramente aponta para o reino que Deus estabelecerá nos últimos dias, um reino que começa pequeno e sem glória, mas cresce pelo poder de Deus até finalmente dominar todo o globo e se tornar o último fato da história. Apenas esse reino divino é eterno.

Sic transit gloria mundi

Como podemos responder a esse sonho? Em primeiro lugar, o sonho de Nabucodonosor nos encoraja a ver a realidade à nossa volta de maneira mais clara. A natureza transitória de toda a glória e poder terrenos é um importante lembrete aos leitores modernos, como foi para os antigos. *Sic transit gloria mundi* (assim passa a glória do mundo) aplica-se às modernas América e Europa como se aplicava à antiga

Babilônia. Quer nosso presente contexto seja uma hostilidade ativa ditatorial ou uma relativa benevolência democrática, um dia a glória e poder deste reino também passarão e haverá outros após ele.

Isso realmente muda o foco de nossas prioridades e valores. Que reino estamos construindo? Estamos nos empenhando em procurar a glória e o poder deste reino do mundo, um poder e glória que inevitavelmente decairá e afundará em obscuridade? Ou, pelo contrário, estamos nos empenhando em buscar o reino de Deus, o único reino que verdadeiramente permanecerá? Além disso, estamos medindo nosso sucesso pelos inconstantes padrões da presente aparência ou estamos com nossos olhos fixos nas últimas coisas? É fácil ficar desanimado em nossa busca pelo reino de Deus se medirmos as coisas pelo presente. A Igreja aqui na terra frequentemente parece sem poder e graça, envolvida por problemas. Nossa própria vida também pode evidenciar pequenos progressos em santidade. Ainda assim, a resposta a essa tentação de nos

desesperarmos está em fixar nossos olhos nas gloriosas promessas de Deus e confiar que em seu tempo ele trará seu reino em nossa vida e nesse mundo. Nada nem ninguém poderá impedi-lo de cumprir seus propósitos, porque o capítulo final da história já foi escrito.

Há duas circunstâncias particulares cuja verdade precisamos ouvir com atenção. A primeira é quando as coisas vão mal para nós nesta vida. Quando nossas esperanças terrenas e nossos sonhos são feitos em farrapos e nossa vida está sendo esmagada dolorosamente debaixo das botas do reino deste mundo, precisamos nos lembrar de que esse mundo não é definitivo. Quando enfrentamos a doença, isolamento e impotência, até mesmo a morte, precisamos nos lembrar de que há um reino que está além da sepultura. Está vindo um tempo quando o reino deste mundo se tornará o reino de nosso Deus e seu Cristo (veja Ap 11.15).

Contudo, paradoxalmente, também precisamos ser lembrados desta verdade quando a vida vai bem. Esse sonho tinha uma mensagem não somente para os Israelitas que estavam

gemendo debaixo dos pés da estátua, mas também para Nabucodonosor, que era a cabeça de ouro. Em tempos em que nos sentimos como a cabeça dourada, quando esse mundo mostra suas honras e seus favores para nós, precisamos nos lembrar de que haverá um "depois disso". Haverá um dia quando todo o nosso pequeno triunfo e glória se tornarão pó e compareceremos diante do grande Criador para prestar contas. Quando esse dia vier, o que vai contar não é nosso alicerce sobre a estátua, mas nosso alicerce sobre a rocha.

Rocha divina

A rocha nessa figura não é outro senão Jesus Cristo. Como Paulo nos lembrou, o mistério das eras que agora foi revelado para aqueles de nós que vivem na plenitude dos tempos é o plano de Deus de unir todas as coisas, no céu e na terra, debaixo de um cabeça, Jesus Cristo (Ef 1.9). Jesus veio proclamando que, com sua vinda, o reino de Deus estava próximo (Mc 1.15). Em Lucas 20, Jesus contou a parábola do filho do dono da vinha que os lavradores rejeitaram e

mataram. Ele, então, citou o salmo 118: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular”, e adicionou: “Todo o que cair sobre essa pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó” (Lc 20.17-18). As últimas palavras nesta profecia vieram diretamente de Daniel 2.44-45 e estavam sendo citadas por Jesus quando era identificado como o Messias de Israel, a pedra que reduz a pó os reinos deste mundo.

Paradoxalmente, como Lucas 20 também deixa claro, Jesus estabelece seu reino por meio da rejeição dos judeus e de seu sacrifício de morte. O filho do dono da vinha completou sua missão morrendo (Lc 20.15). Seu reino é, portanto, diferente dos reinos deste mundo. Os reinos deste mundo avançam pelo poder e pela conquista e se gloriam em sua força. O reino de Deus avança por meio de sofrimento e morte, um padrão para o qual a própria morte de Jesus abriu caminho. Por sua morte, ele trouxe vida a todos que virão e se dobrarão diante dele, recebendo seu reino como um dom gratuito que

vem pela fé. De certo modo, seu reino começa pequeno, como Jesus aponta na parábola do grão de mostarda. O grão de mostarda começa como a menor das sementes, mas cresce até se tornar a maior das árvores (Mt 13.31-32). Assim é com o reino que Jesus veio estabelecer: começará pequeno, mas crescerá com inexorável força. A glória passageira deste mundo pode parecer externamente impressionante no presente, mas o futuro pertence ao reino de Deus.

Lucas 20 também nos lembra de que os que teimosamente se recusarem se submeter a Jesus e aqueles que puserem sua confiança em qualquer outra fonte de salvação serão rejeitados finalmente por ele. Aqueles que se recusam a reconhecer a pedra angular serão destruídos por ela. Ou, para usar a imagem de Daniel 2, os reinos deste mundo e todos aqueles que colocaram sua confiança neles serão feitos pó pela pedra que Deus escolheu e serão soprados como palha (Dn 2.35). Como a palha que é separada do grão pelo processo de debulha, o perverso – todos aqueles cujos pecados não

foram lavados e substituídos pela justiça de Jesus imputada a eles – não permanecerão no dia do juízo (Sl 1.4). No último dia, serão dispersos, literalmente "levados pelo vento".

Se isso é verdade, então deveríamos forçar nossos olhos em antecipação para o retorno daquele que veio e voltará. Para Daniel, a vinda da Rocha era um evento futuro, algo para o que olhar em meio à confusão da vida. Para nós, entretanto, a vinda da Rocha é tanto passado quanto futuro. Jesus Cristo veio a esse mundo e estabeleceu seu reino. Deus nos chama agora para nos submetermos à Rocha e buscarmos em primeiro lugar o seu reino. Se você nunca dobrou seu coração a Jesus Cristo e pediu por seu perdão e graça, então agora é a hora de dar o primeiro passo nesta direção. Ainda assim, também temos que olhar adiante, para o retorno da Rocha. Precisamos reconhecer que, mesmo que o reino de Deus esteja crescendo por todo o mundo, o presente continuará a ser um tempo de provações e dificuldades até o retorno de Cristo. Estamos, portanto, esperando ansiosamente pelo retorno da Rocha, que trará à consumação

o reino de Cristo, orando ardentemente por esse dia.

Esperando pela Rocha

Enquanto isso, contudo, devemos ser cuidadosos para não deixar que esse foco escatológico na vinda do reino de Deus nos afaste do serviço à nossa presente comunidade. Não é uma coincidência que o capítulo termine com Daniel e seus amigos sendo promovidos a posições de responsabilidade dentro do sistema babilônico: "Então, o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes presentes, e o pôs por governador de toda a província da Babilônia, como também o fez chefe supremo de todos os sábios da Babilônia. A pedido de Daniel constituiu o rei a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sobre os negócios da província da Babilônia; Daniel, porém, permaneceu na corte do rei" (Dn 2.48-49). Estes homens não se isolaram do reino deste mundo ainda que esperassem que Deus estabelecesse seu reino; pelo contrário, eles se dedicaram na busca pelo bem-estar de seu temporário lar na Babilônia.

Essa atitude de procurar a paz de sua cidade, ainda que não fosse seu lar, e certamente não era a cidade de Deus, é exatamente a atitude que o profeta Jeremias instou aos exilados na Babilônia que adotassem quando lhes escreveu:

> Edificai casas e habitei nelas; plantai pomares e comei o seu fruto. Tomais esposas e gerai filhos e filhas, tomai esposas para vossos filhos e dai vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; multiplicai-vos aí e não diminuais. Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao SENHOR; porque na sua paz vós tereis paz (Jr. 29.5-7).

Um dos maiores desafios da vida cristã é manter essas duas ênfases em equilíbrio. Alguns cristãos têm seus olhos fixos no retorno de Cristo tão atentamente que são, literalmente, sem utilidade terrena. Esses crentes precisam ser lembrados de que, se Deus desejasse que nossa atenção fosse exclusivamente focada nele agora, ele nos levaria para si imediatamente, onde poderíamos cumprir esse propósito de maneira muito mais adequada. O fato de ter escolhido

não fazê-lo sugere que ele tem um trabalho terreno para que completemos nesse meio tempo. Precisamos, portanto, levar a sério nosso dever de procurar abençoar a comunidade terrena na qual nos achamos. Precisamos nos perguntar: "Se eu me for, alguém além da minha família imediata será afetado? Se nossa igreja for removida de nossa comunidade, alguém na vizinhança notará ou lamentará a perda? Qual é a nossa utilidade terrena?"

Por outro lado, alguns cristãos estão tão ocupados em seguir o programa de transformação terrena para Cristo que perderam de vista o objetivo celeste. Eles estão ocupados polindo a estátua, em vez de olhar para a Rocha. Esses crentes precisam ser encorajados a lembrar que qualquer que seja a melhoria que possamos legitimamente fazer em nossa sociedade, ainda estamos procurando pelo estabelecimento de um reino que é celeste e que não estará aqui em plenitude até Cristo retornar. Esse mundo não é nossa casa, mas tão somente uma parada ao longo do caminho. A busca por transformar nossa cultura pode, algumas vezes, se tornar

uma busca idólatra que desvia nossos olhos de Deus.

Enquanto isso, enquanto esperamos pela vinda do reino, nosso principal chamado é para nos prostrarmos e adorarmos a Deus. Essa foi a resposta à interpretação do sonho de Nabucodonosor: ele "se inclinou, e se prostrou rosto em terra perante Daniel, e ordenou que lhe fizessem oferta de manjares e suaves perfumes. Disse o rei a Daniel: Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador de mistérios, pois pudeste revelar este mistério" (Dn 2.46-47). Deveríamos, igualmente, ter a mesma resposta. Como o "Messias" de Handel tão gloriosamente nos lembra, há apenas uma resposta apropriada à declaração "Pois o Senhor Deus onipotente reina", que é "Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia!"

Como respondemos às notícias de uma grande vitória esportiva ou a uma vitória política terrena? Naturalmente celebramos e consideramos difícil guardar essas maravilhosas notícias para nós mesmos. Quanto mais, então, devemos responder com uma superabundante

alegria à lembrança de que o reino de Deus é definitivo e que, em Jesus Cristo, sua soberania é estabelecida eternamente! Deus está trazendo todas as coisas para debaixo dos pés de Cristo, e nossos olhos verão que ele reina! A Rocha reina! Nosso coração deve estar pronto a explodir de felicidade pelas notícias, nossos pés, prontos para correr para compartilhá-las, nossas vozes, prontas para anunciar as boas-novas. Nosso Deus reina! Aqueles que se opõem serão por ele feitos em pedaços, mas aquele que nele confiar reinará com ele para sempre e sempre! Que visão maravilhosa e assombrosa! A essa alegre declaração, só o que se há de acrescentar é o nosso pessoal: “Aleluia! Amém! Vem, Senhor Jesus, para se assentar em seu trono!”

1 O primeiro esquema é amplamente aceito pelos estudiosos críticos, que datam o livro como um todo durante a época da crise Macabeia, no meio do século 2º a.C. (ex. André Lacocque, *The Book of Daniel*, D. Pellauer (org.) [Atlanta: John Knox, 1979], 51), enquanto essa última visão mais tradicional é geralmente sustentada por estudiosos conservadores (ex. Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary [Nashville: Broadman, 1994], 55-56). Apesar disso, alguns estudiosos conservadores têm argumentado a favor da primeira visão (veja R. J. M. Gurney, "The Four Kingdoms of Daneil 2 and 7", *Themelios 2* [1997]: 39-45; John Walton, "The Four Kingdoms of Daniel", *JETS* 29 [1986]: 25-36). Como Walton observa corretamente, a identificação dos reinos em Daniel 2 não flui de informação contida dentro da passagem em si, mas depende de tentativas de relacionar eventos subsequentes a essa passagem e outros textos proféticos complexos.

2 John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 58. Veja também Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 82, e E. C. Lucas, *Daniel*, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove: InterVarsity, 2002), 79. Uma estrutura similar, com quatro eras sucessivas de ouro, prata, bronze e ferro, em que o ponto central é o seu caráter, ao invés de sua identidade, também é encontrada em Hesíodo, um poeta grego do século 8º d.C.

3 A alegação para essa autoridade sobre a natureza foi, talvez, a razão por trás dos parques de jogo reais que monarcas assírios e babilônicos estabeleceram (veja A. L. Oppenheim, *Ancient Mesopotamia* [Chicago: University of Chicago, 1964], 46).

4 Isso pode ser comparado com a exaltada linguagem adâmica usada para descrever o rei de Tiro em Ezequiel 28, que igualmente antecipa sua queda.

PELO FOGO

Daniel 3.1-30



Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste (Dn 3.16-18).

Algumas citações de filmes são universalmente reconhecidas, mesmo que não consigamos nos lembrar de qual filme ela veio ou quem foi o ator que a disse. Frases como "Toto, nós não estamos mais em Kansas" ou "Hasta la vista, baby" ou "Não sei, só sei que é assim" são conhecidas e reconhecidas mesmo por pessoas que nunca tenham visto o filme de onde são retiradas. Outra grande frase de filme é: "Um

homem tem de fazer o que ele tem de fazer". Mesmo que não possamos nos lembrar de quem disse (Charlton Heston) ou em que filme foi (*Trindade violenta*), a frase evoca a imagem de alguém se prontificando a fazer aquilo que é certo, não importa quais sejam as consequências. Tal atitude audaz imediatamente inspira nosso respeito.

Do mesmo modo, muitas pessoas conhecem basicamente a história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha ardente, mesmo que seu conhecimento sobre o Antigo Testamento seja um tanto quanto superficial. É familiar a história dos três jovens que estavam prontos para se manterem firmes em sua fé, mesmo que isso lhes custasse sua própria vida. Mesmo assim, como veremos, há muito mais nesta história do que três homens simplesmente "fazendo o que um homem tem que fazer".

A estátua de Nabucodonosor

A história começa com o rei Nabucodonosor fazendo uma enorme imagem de ouro na planície Babilônica:

O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro que tinha sessenta côvados de altura e seis de largura; levantou-a no campo de Dura, na província da Babilônia. Então, o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juízes, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para que viessem à consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado. Então, se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juízes, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para a consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado; e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado.

Nisto, o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós outros, ó povos, nações e homens de todas as línguas: no momento em que ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música, vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor levantou. Qualquer que se não prostrar e não a adorar será, no mesmo instante, lançado na fornalha de fogo ardente (Dn 3.1-6).

A ideia de uma enorme estátua de ouro imediatamente nos lembra do sonho de Nabucodonosor no capítulo anterior. Naquele sonho, a estátua tinha a cabeça de ouro, que representava Nabucodonosor, enquanto o resto do corpo era feito de outros materiais, que descrevem os reinos menores que viriam depois dele e acabariam em fragmentação, destruídos pelo reino de Deus, que viria (Dn 2.31-35). A estátua de Nabucodonosor, contudo, foi feita inteiramente de ouro, numa tentativa evidente de contrariar o sonho. Essa era uma declaração desafiadora de que não haveria um fim ou um "depois disso" com respeito ao seu reino, ao contrário, sua glória continuaria para sempre.[1]

A identidade da estátua não está clara: presumivelmente, representava Nabucodonosor ou seu deus (ou ambos). Talvez o caráter vago seja deliberado para permitir que as pessoas interpretem o significado da estátua como quiserem e, assim, façam-na acomodar-se mais facilmente à própria diversidade de crenças religiosas. A maioria das religiões pagãs era

pluralista, permitindo facilmente a incorporação adicional de deuses em seu panteão. Uma coisa é repetidamente enfatizada, entretanto: essa era "a imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado" (Dn 3.1-3,5,7,12,15,18).[2] Em outras palavras, mesmo que a estátua representasse um deus, ninguém tinha dúvidas do poder por trás de sua existência. Em contraste com a confissão de Daniel de que há um Deus no céu que estabelece reis e os depõe (2.21), a estátua era a declaração desafiadora de Nabucodonosor de que, como rei, ele poderia estabelecer deuses para seu povo cultuar.

Além disso, a localização da estátua era significativa, porque a planície babilônica era a localização da Torre de Babel, em Gênesis 11.2. A Torre de Babel tinha uma dupla função na mente de seus construtores: era uma tentativa desafiadora de tornar famoso o povo que a construiu como um legado de sua glória e também impedir que o povo fosse espalhado pela terra, como Deus havia decretado (Gn 11.4). A estátua de Nabucodonosor tinha o

mesmo duplo objetivo em mente: foi projetada para estabelecer um testemunho final da sua glória e dar um foco unificador para o seu reino.[3] Essa é a razão pela qual ele convocou não somente os dignitários locais, mas todos os principais funcionários de todo o império – os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juízes, os magistrados e todos os outros oficiais da província – para se colocarem diante da estátua para a sua dedicação (Dn 3.2). Essa ocasião foi uma declaração pública de que o império de Nabucodonosor estava enraizado em torno do culto à sua imagem, uma unidade religiosa que ele estava tentando forçar com ameaça de morte, se necessário (3.6).

Símbolos de unidade

Estados totalitários têm atuado sobre as mesmas bases durante toda a história. Existem símbolos visuais de unidade – geralmente estátuas do ditador ou símbolos nacionais – que devem ser homenageados para que a pessoa progrida na sociedade, ou até mesmo se

mantenha viva. Antes de sua morte, a estátua de Mao dominava a China, assim como a imagem de Lenin era (e em alguns lugares ainda é) difundida em toda a ex-União Soviética. Essa homenagem ao governo nacional pode, com frequência, combinar-se com afiliações religiosas, uma vez que fica claro qual lealdade têm prioridade. Assim, os antigos romanos forçaram o povo a escolher entre *Kyrios Caesar* ("César é o Senhor") e *kyrios Christos* ("Cristo é o Senhor"). De modo semelhante, os invasores japoneses na Coreia e na Manchúria, entre as duas guerras mundiais, impuseram a obrigatoriedade do culto ao imperador sobre seus conquistados, fossem cristãos, confucianos ou budistas. A China contemporânea permite que os cristãos cultuem livremente – mas somente em igrejas "oficiais", reguladas e patrocinadas pelo estado; as "casas-igrejas" clandestinas continuam fortemente perseguidas. Como Nabucodonosor, esses impérios não requerem que o povo necessariamente mude sua religião ou crenças: ele apenas tem que subordiná-las à sua lealdade ao império. As

pessoas podem servir ao deus que desejarem, conquanto que fique claro que ele fique em segundo lugar em relação ao estado.

Quando posto nestes termos, fica evidente que nossa cultura faz a mesma pressão sobre cada um de nós para colocarmos nosso Deus em segundo plano, embora de maneiras mais sutis. Nós também nos encontramos constantemente pressionados para manter nossa crença em privado e, portanto, como secundária. É-nos dito que a esfera pública precisa se manter desligada de qualquer religião, de qualquer outra opinião que ameace o dogma unificador da separação entre igreja e estado. Podemos crer no que quisermos, de qualquer forma. Contudo, somos fortemente desencorajados a falar sobre isso ou tentar influenciar a crença dos outros. Em nossas escolas públicas, qualquer hipótese pode ser ensinada na classe de ciências, exceto a ideia de que o universo mostra sinais de *Design Inteligente*. Certa vez, meu filho me disse que poderia ler qualquer livro que quisesse na sala de estudos da escola pública, conquanto que não fosse a Bíblia. Ainda bem que, em nossa

sociedade, não somos alvejados ou jogados em fornalhas ardentes por estarmos fora da curva e ainda temos uma considerável porção de liberdade, mas ainda sentimos outros tipos de pressão para nos conformarmos e colocarmos as demandas de nosso Deus em segundo lugar.

À primeira vista, a estátua de ouro de Nabucodonosor parece ter atingido seu propósito satisfatoriamente. Somos informados que o variado grupo de oficiais que foi convocado veio em resposta ao seu decreto, um ponto enfatizado pela repetição da longa lista de títulos.[4] Eles não eram simplesmente representantes oficiais da corte, mas representantes dos "povos, nações e homens de todas as línguas" (Dn 3.4). Essa linguagem enfatiza o tema de que esse ato de culto estava projetado para reverter as consequências da Torre de Babel original, unificando todo o mundo num ato de submissão àquela estátua. Quando a música de uma cacofonia de diferentes instrumentos soasse,[5] todos tinham que se ajoelhar para a estátua. Para ser exato,

quando a música tocasse, prostraram-se "os povos, nações e homens de todas as línguas e adoraram a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado" (3.7). Por um momento, todo o mundo estava unido por se prostrar diante da estátua de Nabucodonosor. A maldição de Babel, pelo que parecia, tinha sido revertida com sucesso.

Aqui eles resistem

Nesse ponto, no entanto, alguns oficiais babilônios vieram e revelaram um pequeno detalhe que o narrador tinha deixado passar quando inspecionava a vasta multidão:

> Ora, no mesmo instante, se chegaram alguns homens caldeus e acusaram os judeus; disseram ao rei Nabucodonosor: Ó rei, vive eternamente! Tu, ó rei, baixaste um decreto pelo qual todo homem que ouvisse o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música se prostraria e adoraria a imagem de ouro; e qualquer que não se prostrasse e não adorasse seria lançado na fornalha de fogo ardente. Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província da

> Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoram a imagem de ouro que levantaste (Dn 3.8-12).

Mesmo quando o mundo todo estava ocupado se ajoelhando diante da imagem de ouro de Nabucodonosor, um pequeno grupo de três indivíduos resistia ao decreto, permanecendo de cabeça erguida naquele momento crucial. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego – ou Hananias, Azarias e Misael, para chamá-los adequadamente por seus nomes hebreus, não se prostraram em obediência ao decreto do rei e assim, desrespeitaram os deuses de Nabucodonosor e sua estátua (Dn 3.12). Esses três judeus foram acusados de ingratidão ("uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província da Babilônia") e impiedade ("não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoram a imagem de ouro que levantaste"), mas o elemento principal das duas acusações foi a ofensa deles contra

Nabucodonosor. Como o império responderia a esse ato de desobediência?

É importante salientar que havia somente três homens, em toda a vasta multidão, que se recusaram a dobrar-se diante da estátua de Nabucodonosor.[6] Isto enfatiza o fato que permanecer com Deus pode ser, com frequência, uma atividade solitária. Há momentos na vida de todos quando, para fazer o que é certo, não podemos simplesmente nos esconder na multidão; temos que ficar como que sozinhos. Algumas vezes parecerá que temos todo o mundo está nos observando, como quando Martinho Lutero ficou diante das autoridades da igreja na Dieta de Worms. Chamado a abandonar seu compromisso com a justificação pela fé somente diante uma reunião com as autoridades católicas, Lutero declarou corajosamente: “A menos que eu seja convencido pela Escritura e pela razão pura... minha consciência está cativa à palavra de Deus, eu não posso e não vou me retratar de nada, pois não é seguro nem certo ir contra a

consciência. Deus me ajude. Amém”.[7] O exemplo de Lutero nos mostra que há momentos em que temos que resistir sozinhos por aquilo que é certo mesmo dentro da Igreja.

Há outros momentos, porém, que ninguém fora de nosso círculo imediato de conhecidos está ciente se defendemos nossa fé ou cedemos sob pressão. O testemunho de nossa fé pode passar completamente despercebido. Mesmo nesses casos – quer a multidão humana que observa seja grande ou pequena – nunca devemos nos esquecer da mais importante audiência, o próprio Deus, que está sempre nos observando. Ele sempre assiste a nosso testemunho fiel ou nossa submissão covarde.

As consequências da não conformidade

No caso de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, a provação de sua fé foi bem pública:

> Então, Nabucodonosor, irado e furioso, mandou chamar Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. E trouxeram a estes homens perante o rei. Falou Nabucodonosor e lhes disse: É verdade, ó Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não

> servis a meus deuses, nem adorais a imagem de ouro que levantei? Agora, pois, estai dispostos e, quando ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da citara, da harpa, do saltério, da gaita de foles, prostrai-vos e adorai a imagem que fiz; porém, se não a adorardes, sereis, no mesmo instante, lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos? Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste (Dn 3.13-18).

Quando o problema foi levado à atenção do rei, ele imediatamente reagiu com ira ao desafio de sua autoridade e unidade nacional. Ele inquiriu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se de fato era verdade que eles tinham se recusado a servir a seus deuses ou se prostrarem diante da estátua (Dn 3.14). Sem lhes dar tempo para responder, Nabucodonosor colocou diante deles uma escolha final. Se, quando a música tocasse,

eles estivessem dispostos a se ajoelhar e adorar a imagem que ele fez, sua vida seria poupada; se não, eles seriam jogados na fornalha ardente e, então, que deus os resgataria de suas mãos (3.15)?

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego responderam ao rei Nabucodonosor de forma peculiar. Eles disseram: "Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste" (Dn 3.17-18). A tradução mais apropriada para a cláusula condicional de Daniel 3.17 ("Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos...") tem sido muito debatida. A alternativa mais comum entre as traduções conservadoras tem sido algo como: "Se for assim [*i.e*, se nós, de fato, formos jogados na fornalha], nosso Deus é capaz de nos salvar e irá fazê-lo" (veja KJV, ESV e NIV). Uma outra alternativa é traduzir assim: "Se o Deus a quem servimos existe, então ele pode nos resgatar... (HCSV)". Contudo, nenhuma destas traduções

oferece um paralelo satisfatório para o "se não..." do verso seguinte, que esperamos negue o elemento condicional da sentença (ser jogado no fogo ou Deus existir), não o elemento incondicional (nosso Deus é capaz de nos salvar).[8] Elas não têm, portanto, recebido aprovação dos mais recentes comentaristas. Linguisticamente, uma tradução mais provável é: "Se o Deus a quem servimos é capaz de nos salvar, ele salvará".[9]

Contudo, tal tradução inevitavelmente levanta a questão de qual aspecto da capacidade de Deus em salvar está em dúvida aqui. Ninguém que leia o resto do livro de Daniel poderá seriamente sugerir que o *poder* de Deus em salvar seu povo do fogo está em dúvida nesse livro. Esse é o Deus que estabelece reis e os faz cair (2.21) e aquele que é capaz de livrar Daniel da boca de leões famintos (6.27). Ao contrário, como C. F. Keil apontou há pouco mais de um século, a referência é à "capacidade ética, isto é, a capacidade limitada pela santidade e retidão divinas, não à onipotência de Deus como tal".[10]

O verbo hebraico cognato, y~K”l, claramente tem um sentido mais abrangente que descreve disposição, em vez de capacidade. Por exemplo, em Gênesis 37.4 somos informados que os irmãos de José não foram capazes (y~K”l) de fazer uma saudação civilizada a ele. Obviamente, sua habilidade de falar com José repousava sobre sua vontade, não em alguma dificuldade física em suas cordas vocais. Aqui também em Daniel a questão na mente destes três jovens não era se Deus tinha a capacidade física de resgatá-los, mas, ao contrário, se usar essa capacidade era parte de seu plano divino. Isto é similar à oração de Jesus no jardim do Getsêmani: “Se possível, passe de mim este cálice” (Mt 26.39). Em termos de absoluta possibilidade, o Pai certamente era capaz de livrar o filho de beber o cálice. Mas, considerando a vontade do Pai em salvar pecadores, a cruz era uma consequência de absoluta necessidade, uma vez que o objetivo não poderia ser alcançado de nenhuma outra forma.

Aqui não há, portanto, nenhuma dúvida na

mente destes jovens de que Deus tenha o poder para salvá-los: eles tinham confessado isso com Daniel no capítulo anterior (veja Dn 2.20-23). No entanto, a forma como os planos de Deus se realizariam em sua vida nesta situação estava bem menos clara. O poder de Deus, algumas vezes, é estendido de formas dramáticas ao livrar seu povo, como quando abriu o Mar Vermelho para Israel na fuga do Egito. Mas há outros momentos em que o mesmo poder é contido e a seu povo é permitido o sofrimento.

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não presumiram poder predizer qual seria o desfecho no caso deles. Se Deus fosse nosso servo ou nosso cúmplice, seria previsível: Ele agiria sempre conforme nossa solicitação. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego entenderam que, uma vez que Deus é soberano, contudo, a escolha era dele se optaria em ser glorificado em sua morte ou em seu dramático livramento. De qualquer forma, isso não fazia diferença para a sua decisão. Quer fossem miraculosamente livrados ou deixados para serem queimados no fogo, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não

comprometeriam seu compromisso com o Senhor. Vivendo ou morrendo, seriam fiéis ao seu Deus.

A pressão para se conformarem

Como criança e como jovem, algumas vezes me perguntei e me preocupei sobre como seria estar na posição deles. O que eu faria se tivesse enfrentado uma escolha semelhante entre negar a Cristo e uma morte dolorosa? Eu tive dúvidas se seria tão firme no serviço do Senhor como estes jovens foram; eu temia que ceder sob pressão. Quando cresci me dei conta de duas coisas. Primeiro, Deus não prometeu dar-nos a graça para enfrentar todo tipo de situação desesperadora na qual viermos a imaginar nos encontrar. Ele prometeu nos sustentar somente naquelas em que ele realmente nos colocar. Ele, portanto, não prometeu que seríamos capazes de imaginar como poderíamos passar pelo fogo em seu nome, mas prometeu que, se ele nos conduzir pelo fogo, nos dará graça suficiente para aquele momento. Como o maná, graça não é algo que

pode ser estocada para depois ser usada: cada dia recebe seu próprio suprimento.

Segundo, portanto, passei a ver que a mesma batalha está acontecendo, na verdade, diariamente no meu coração por coisas bem menores. Declararei que o Senhor é o meu Deus, a quem serei fiel, custe o que custar, ou me prostrarei ante a multidão de ídolos brilhantes que esse mundo me apresentar? Esses ídolos não são estátuas físicas diante de nós, obviamente; são os vários prazeres, desejos e atitudes que a sociedade me diz que preciso ter se quiser estar pleno e levar uma vida que vale a pena. Eles prometem me abençoar se eu me prostrar diante deles, mas me amaldiçoar e arruinar minha vida se eu não cumprir suas demandas.

Para alguns, a imagem de ouro é o respeito e a admiração de outros. Como os jovens, frequentemente sentimos que a pressão é ser mais um "na multidão" na escola, embora o custo da admissão naquele clube seja que não devamos mostrar respeito aos nossos pais, falar sobre Deus ou manter-nos mental e fisicamente puros até o casamento. "Ajoelhe-se diante de

mim" a imagem diz, "ou eu o jogarei na fornalha ardente da zombaria e ridicularização dos seus pares". A idolatria foi descrita por C. S. Lewis como o fascínio pelo "círculo fechado", o desejo de estar do lado certo daquela linha invisível que separa aqueles que estão "de fora" daqueles que estão "dentro".[11] De fato, o poder deste ídolo é tal que, na opinião de Lewis, "de todas as paixões, a paixão por estar no círculo fechado é a mais habilidosa em fazer com que um homem que ainda não é tão mau faça coisas realmente malvadas".[12]

Pastores sentem as demandas do ídolo do respeito e da admiração tanto quanto qualquer outra pessoa. Somos constantemente bombardeados com correspondências sugerindo que a maneira de medir nosso sucesso pastoral é o tamanho de nossas igrejas. Algumas vezes elas sugerem que, talvez, se diminuirmos um pouco a natureza bibliocêntrica de nossa mensagem e complementarmos com algo um pouco mais leve e mais palatável ao "consumidor", nossa igreja será maior e nós seremos, portanto, mais bem-

sucedidos". Usando essa abordagem, os métodos do mundo para reunir pessoas têm invadido a igreja repetidamente através dos séculos, e nós, que supostamente deveríamos ser pastores, somos aqueles que abrem os portões e convidamos os lobos para o jantar. Os mesmos ídolos também mostram sua cara feia quando as pessoas me perguntam o tamanho da igreja a que sirvo e eu me vejo tentado a exagerar os números um pouquinho para me fazer soar mais "bem-sucedido", como se números fossem uma medida exata de ministério. Toda vez que caio nesta tentação, estou me prostrando a um ídolo no lugar de me submeter a Deus de todo coração.

Outros ídolos tocam sua música estridente através de nossos desejos e apetites não satisfeitos. Podemos nos tornar obcecados por comida ou bebida, satisfação sexual ou devaneios românticos, porque estes ídolos nos dizem que, se não nos entregarmos, eles nos deixarão queimar na fornalha ardente da frustração. Não há uma arma apontada para nossa cabeça, mas, no nosso caso, não é

necessário nenhuma, pois somos, com frequência, facilmente persuadidos a pôr o Senhor em segundo lugar em relação ao ídolo. Na verdade, nosso coração é ainda mais condenável pela pequenez da pressão sob a qual ele se dobra e ajoelha. Não parece ser para nós a grande declaração de que, aconteça o que acontecer, nunca nos curvaremos aos ídolos do nosso coração. Não somos como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Em vez disso, muitas vezes escorregamos, quase sem pensar, em uma reverência diária às demandas dos nossos ídolos, como o resto da multidão na planície da Babilônia.

Quando ficarmos de pé para nossos ídolos, é melhor que estejamos preparados para experimentar sua ira. Nabucodonosor "se encheu de fúria e, transtornado o aspecto do seu rosto contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, ordenou que se acendesse a fornalha sete vezes mais do que se costumava. Ordenou aos homens mais poderosos que estavam no seu exército que atassem a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e os lançassem na fornalha de fogo ardente" (Dn

3.19-21).[13] De fato, a ordem de Nabucodonosor "era urgente e a fornalha estava sobremaneira acesa, as chamas do fogo mataram os homens que lançaram de cima para dentro a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, caíram atados dentro da fornalha sobremaneira acesa" (Dn 3.22-23). Há aqui uma grande ironia, para ser franco. Aqueles que obedeceram às ordens de Nabucodonosor morreram, enquanto aqueles que foram por ele condenados à morte emergiram vivos! Que vívida demonstração das palavras de Jesus de que "quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á" (Mt 16.25). A questão não é se o Deus de Israel pode manter seus servos vivos, mas se Nabucodonosor pode! De modo semelhante, nossos próprios ídolos frequentemente se tornam mentirosos, incapazes de dar aquelas recompensas que prometeram ou os julgamentos que ameaçaram.

Emanuel: Deus conosco

A morte inesperada dos soldados não foi o que mais surpreendeu com respeito à fornalha ardente. A verdadeira e fantástica reviravolta dos eventos veio quando Nabucodonosor viu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego caírem no fogo. Não somente viu que eles estavam livres e desatados, mas que a eles se juntara um quarto indivíduo, que tinha a aparência de um ser divino: "O rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses" (Dn 3.24-25).

A questão de se essa quarta pessoa é uma cristofania (uma aparição física de Cristo antes de sua encarnação) ou meramente um anjo não pode ser resolvida a partir deste texto, por se encaixar em ambas as instâncias igualmente. De qualquer forma, contudo, é uma demonstração física da presença de Deus com os crentes em sua provação. Deus não simplesmente livrou seus

servos do fogo, ele mandou seu emissário pessoal para passar pelo fogo com eles, uma presença que toma uma dimensão mais rica no Novo Testamento, quando Deus veio habitar fisicamente conosco como Emanuel.[14] Como resultado de sua presença com eles, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego emergiram seguros depois de estarem na fornalha:

> Então, se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha sobremaneira acesa, falou e disse: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Então, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram do meio do fogo. Ajuntaram-se os sátrapas, os prefeitos, os governadores e conselheiros do rei e viram que o fogo não teve poder algum sobre os corpos destes homens; nem foram chamuscados os cabelos da sua cabeça, nem os seus mantos se mudaram, nem cheiro de fogo passara sobre eles (Dn 3.26-27).

Não foi simplesmente uma proteção física: suas roupas não tinham sequer cheiro de fumaça, um poderoso testemunho do caráter abrangente da salvação de Deus.

Essa experiência foi o cumprimento das palavras que o Senhor tinha falado ao seu povo pelo profeta Isaías dois séculos antes: “Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti” (Is 43.2). Note que Deus não prometeu guiar seu povo para longe das águas ou manter o fogo longe deles. Pelo contrário, tribulação foi antecipada no caminho dos santos de Deus, aqui e agora (veja At 14.22). Provações providenciam o contexto no qual a fé dos crentes brilha com inequívoca claridade ante os olhos de um mundo observador, como 1Pedro 1.6-7 deixa claro. É precisamente na fornalha que a realidade de nossa fé é mostrada mais claramente. Mesmo no meio destas provas e dificuldades, o Senhor prometeu que seu povo poderia contar com sua presença, garantindo que tais provas, no final, não os sobrepujariam. O Senhor não está longe de seu povo em necessidade: ele prometeu ser o “Deus conosco”, Emanuel. Como resultado, nada na criação

poderá nos separar do amor de Deus (Rm 8.38-39).

O compromisso de estar conosco, é claro, encontra seu mais rico cumprimento na vinda de Cristo, aquele que era o "Emanuel". Em Jesus, a promessa de "Deus estar conosco" tornou-se carne e andou no cansativo caminho deste mundo. Ele experimentou todas as pressões e tentações deste mundo, ainda que permanecesse sem pecado algum. Isto não foi porque seu compromisso com a santidade não foi testado. Em certa ocasião, Satanás veio a ele e lhe ofereceu todos os reinos deste mundo se Jesus se ajoelhasse e o adorasse (Mt 4.9). Pense no que Satanás estava lhe oferecendo: O reino deste mundo poderia se tornar o reino de Cristo sem a agonia da cruz. Essa não era justamente a razão de sua vinda? De modo nenhum. Ele veio para que o reino deste mundo se tornasse o reino de *nosso Senhor* e seu Cristo (Ap 11.15), um objetivo que se cumpriria apenas pelo caminho que passava pela cruz do Calvário. Então, sem se rebaixar, Jesus respondeu a Satanás com as palavras da Escritura: "Está escrito: Ao Senhor,

teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto" (Mt 4.10).

Jesus sentiu todo o espectro de dores e sofrimento da vida nesse mundo caído, estendendo suas mãos para tocar o leproso (Lc 5.13) e chorando com Marta e Maria no túmulo de seu irmão Lázaro (Jo 11.35). Ele enfrentou as dificuldades e frustrações que nós sentimos, sem que tenha curvado a cabeça uma só vez para um ídolo. Ele nunca se rendeu, mesmo debaixo de grande tentação e pressão. Contudo, mesmo essa humilhação de si mesmo não foi suficiente identificação conosco em nossas provações. Para completar o processo, Jesus Cristo foi falsamente acusado, condenado à morte pelas autoridades romanas e, então, pregado na cruz. Como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, sua obediência foi testada e ele foi encontrado fiel até a morte.

Abandonado por Deus

Ainda assim, Jesus passou pela sua própria experiência pessoal de fornalha completamente sozinho. Deus estava com Sadraque, Mesaque e

Abede-Nego no fogo e havia prometido a presença sustentadora do Senhor conosco em nossas provações, mas, na cruz, Jesus sentiu a completa solidão do abandono total de Deus. Quando ele passou pelas águas, não havia ninguém ao seu lado. Quando o fogo da ira de Deus o queimou e se acendeu até o fim, ele estava totalmente só. Não havia companhia para carregar seu fardo, nenhum anjo para aliviar sua agonia, nenhuma mão salvadora estendida vinda de Deus para preservar seu servo fiel em seu momento de grande necessidade. Para Jesus, não houve livramento de experimentar o poder do inimigo final, a própria morte.

Ora, por que estaria Deus com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e não com o seu próprio filho? Por que seria ele fiel às suas promessas a Israel, pecadores como eram, e abandonaria Jesus, seu perfeito escolhido? Espera-se que seja justamente o contrário.

A resposta a essa pergunta é essa: na cruz, Jesus estava tomando sobre si as terríveis dores que merecemos por nosso comprometimento e

idolatria. Diferente dos três amigos de Daniel, eu não sou nenhum herói da fé. Toda vez que me prostro diante dos ídolos do meu coração, trago sobre mim a merecida maldição do julgamento de Deus. Escolho fugir das terríveis ameaças de meu ídolo, ao custo de ganhar o terrível julgamento de Deus por minha infidelidade. Nabucodonosor não é o único que condena ao fogo aqueles que não dobrarem seus joelhos a si: nosso Deus legitimamente exige a reverência de todo o coração por parte daqueles a quem ele criou. No entanto, no caso de seu povo, Deus tomou toda a nossa terrível maldição de julgamento e a colocou sobre seu próprio filho. Ele pagou pessoalmente o preço do meu inferno durante aquelas seis horas na cruz para que pudesse passar pelo fogo ameaçador e sair sem ser queimado e emergir a salvo do outro lado. Além do mais, sua perfeita fidelidade é agora creditada em minha conta como se fosse a minha. Uma fidelidade que excede à de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego é agora minha como um dom gratuito. Sou bem-vindo à presença de Deus por causa de Cristo.

A fonte de verdadeira unidade

O resultado do sacrifício fiel de Jesus é que, em sua carne, ele agora provê a resposta final à Torre de Babel e ao ídolo de Nabucodonosor. O que intentaram alcançar em vão – criar um nome lendário e reunir os povos, nações e homens de todas as línguas em uma única sociedade cúltica – é agora realizado por Deus por meio de Cristo. Na igreja, Deus glorifica seu nome salvando o desesperado e desamparado bando de pobres pecadores. Na igreja, homens e mulheres de todas as tribos, nações e línguas se juntam através de todas as linhas sociais, raciais e étnicas como o novo povo de Deus. Juntos, nos colocamos diante do trono do Cordeiro, uma multidão reunida advinda de todas as nações, reunida para cantar louvores ao Deus do céu e da terra. Ninguém precisa nos dizer para nos prostrarmos diante de Cristo. É uma alegria e um deleite nos lançarmos aos seus pés perfurados. A cruz é o símbolo altivo que une o império divino como um só.

Nem todos respondem aos atos redentores de Deus na cruz do mesmo modo. Entretanto, isto é uma coisa que certamente não podemos ignorar, assim como Nabucodonosor não pôde ignorar o memorável milagre que aconteceu diante de seus olhos. Nabucodonosor foi forçado a confessar a grandeza do Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Ele rendeu louvores a ele e ameaçou qualquer um que falasse contra o seu Deus com a morte:

> Falou Nabucodonosor e disse: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar o seu corpo, a servirem e adorarem a qualquer outro deus, senão ao seu Deus. Portanto, faço um decreto pelo qual todo povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas em monturo; porque não há outro deus que possa livrar como este. Então, o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na província da Babilônia. (Dn 3.28-30)

Essa era uma ameaça bem irônica, visto que a morte foi justamente a sanção que tinha se mostrado ineficaz para forçar Sadraque, Mesaque e Abede-Nego! Nem mesmo os maiores milagres têm o poder de mudar o coração das pessoas. Elas sempre acharão um modo de explicá-los. Então, o coração de Nabucodonosor também não havia mudado profundamente por essa experiência. O Deus de quem falou ainda era o "Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego" ou "seu Deus", não o dele. Ele ainda não se ajoelharia diante da revelação do poder do Senhor e confessaria: "Meu Senhor e meu Deus".

Lamentavelmente, há muitos que respondem exatamente do mesmo modo à mensagem da cruz e ressurreição de Cristo e a outras demonstrações do poder de Deus. Quando dizemos o que o Senhor tem feito, eles dizem: "Fico feliz que tenha encontrado algo que funcione para você. Estou feliz por você. Mas não queira me fazer submeter ao seu Deus". Mais cedo ou mais tarde, contudo, serão forçados a dobrar seus joelhos diante do Senhor

e confessar seu poder e sua glória. Tal confissão, naquele dia, não salvará ninguém: será o mero reconhecimento da natureza da realidade. A confissão que salva é aquela que se prostra alegremente diante do Senhor e o confessa como: "meu Senhor e meu Deus, minha única esperança na vida e na morte".

Para aqueles que creem, o poder de Deus opera para nos salvar da ameaça do julgamento de Deus, que tanto merecemos, e também para realizar seu perfeito plano em nós. Ao trazer todas as nações e uni-las em seu novo povo, a igreja, o Senhor não nos deixará quando nos acharmos escravizados aos nossos ídolos. Ele promete que, progressivamente, ao longo do curso da nossa vida, purificará nosso coração. Essa obra não será completada deste lado da glória, é claro. Nossos ídolos continuam tendo uma poderosa pegada e seu contínuo poder sobre nós é um dos principais meios que o Senhor usa para nos mostrar quão desesperada seria a nossa situação sem ele. Por meio dessas experiências amargas de falha pessoal e comprometimento, vemos a profundidade de

nossa própria depravação pessoal e a extensão da graça do Senhor ao nos salvar. Porém, ao mesmo tempo, em meio ao fogo da vida temos a certeza de sua presença conosco no presente e no glorioso futuro com ele nos céus. Como podemos, eu e você, responder a essas notícias? Certamente, devemos amavelmente dobrar nossos joelhos ao Senhor e cantar seus louvores diariamente, mesmo quando todos ao nosso redor se recusarem a fazê-lo. Devemos estar dispostos a dar nossa própria vida em vez de ceder, uma única vez, às demandas de nossos ídolos. E devemos celebrar aquele que passou pelo fogo da ira de Deus sozinho em nosso lugar: Jesus Cristo, nosso Redentor e Salvador.

1 E. C. Lucas, *Daniel*, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove: InverVarsity, 2002), 93.
2 Dana Nolan Fewell, *Circle of Sovereignty: Plotting Politics in the Book of Daniel* (Nashville: Abingdon, 1991) 41.
3 Joyce G. Baldwin, *Daniel*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity, 1978), 99.

4 Fewell, *Circle of Sovereignty*, 39.

5 Nesta longa lista de instrumentos musicais exóticos há mais do que um pouco de diversão sendo introduzida na estranha forma de culto pagão. Nenhum desses instrumentos foi usado individualmente no culto de Israel (John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary [Dallas: Ward, 1989], 70), muito menos juntos em uma orquestra tão bizarra.

6 Não fica claro onde Daniel estava quando esse evento aconteceu. Talvez tivesse sido enviado (ou tivesse arranjado que fosse) a negócios para algum lugar fora do império babilônico.
7 Veja Roland H. Bainton, *The Reformation of the Sixteenth Century* (Boston: Beacon, 1952), 61.
8 Entretanto, veja Tremper Longman III, *Daniel,* New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 101; e Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary (Nashville: Broadman, 1994), 119.

9 Veja P.W. Coxon, "Daniel 3.17: A Linguistic and Theological Problem", *Vetus Testamentum* 26 [1976] 400-409; essa apresentação é aceita até mesmo por um comentarista conservador como E. J. Young (*The Prophecy of Daniel. An Introduction and Commentary* [Grand Rapids: Eerdmans, 1949, 91).
10 *The Book of Daniel,* M. G. Easton (trad.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1988, reimpressão), 127.

11 C.S. Lewis, “The Inner Ring”, em *The Weight of Glory and Other Essays* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), 55-66.

12 Lewis, “Inner Ring”, 63.

13 “Sete vezes mais” é uma típica hipérbole bíblica, na qual sete é um número de completude. Veja André Lacocque, *The Book of Danel*, D. Pellauer (trad.) (Atlanta: John Knox, 1979), 66.

14 Longman, *Daniel*, 103.

A QUEDA E ASCENSÃO DE NABUCODONOSOR

Daniel 4.1-37



Ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra (Dn 4.34-35).

Você não detesta aquelas cartas de notícias de famílias brilhantes que você recebe todo ano durante o período de férias? Sabe, aquelas que são mais ou menos assim:

> Foi um grande ano para os Bonsucesso! Greg esteve esperando por uma promoção, mas qual

não foi a surpresa quando o CEO veio até sua mesa e lhe pediu para que tomasse conta da empresa. Todos no escritório se juntaram e deram à família uma semana em Paris pra comemorar. Não é legal? Claro que Jeane esteve igualmente ocupada. Você provavelmente deve ter visto aquela reportagem que falou sobre como ela resgatou um ônibus escolar cheio de crianças de um sequestrador, armada somente com seu pente de plástico. Também é bom pensar que aquele poema que escreveu para o feriado do ano passado será esculpido na parede da biblioteca do Congresso. Os gêmeos foram tão bem no campeonato de sapateado do estado que Spielberg fará um filme sobre eles, enquanto o projeto da feira de ciências de Greg Jr. foi tema de muita comoção na Revista de Medicina de New England.[1]

Quando recebo cartas como essas, minha vontade é pegar a pequena foto dos perfeitos Bonsucesso, jogar no fogo e pular sobre as cinzas. Mas por que isso? Orgulho. O problema não é simplesmente o orgulho dos Bonsucesso pelas suas conquistas: o Senhor irá lidar com eles (ou não) quando lhe aprouver. Não, o que a

minha resposta à carta revela é o orgulho do meu próprio coração. O orgulho inerentemente compara nossas conquistas e prêmios àqueles ao nosso redor: nós nos vangloriamos se alcançamos maiores conquistas e reconhecimento do que nossos companheiros, e resmungamos invejosamente se fizermos por menos ou se parecer que fomos passados para trás. A carta dos Bonsucesso me faz sentir como um fracassado sem esperança, e isso desafia meu orgulho.

Orgulho é um dos poucos pecados quase universalmente reconhecidos como uma coisa errada. O restante dos tradicionais "pecados capitais" – luxúria, preguiça, ganância e assim por diante – há muito foram recategorizados como pecadinhos inofensivos ou até mesmo virtudes, mas o orgulho é geralmente contado merecidamente como o precursor da queda. De fato, mesmo aquelas pessoas que não se dizem religiosas acham o orgulho ofensivo. Porém, ao mesmo tempo, poucas pessoas na verdade reconhecem o pecado do orgulho em si mesmas; nós o reconhecemos prontamente nos outros,

mas ele frequentemente se esgueira imperceptivelmente para dentro do nosso coração.[2] Em sua graça e misericórdia para conosco, Deus às vezes usa as experiências difíceis da vida para remover a cegueira dos nossos olhos e nos mostrar o que realmente está no nosso coração. Ele expõe e confunde nosso orgulho para nos transformar de dentro pra fora.

Começando pelo fim

Daniel 4 fala sobre uma jornada do orgulho rumo à humildade, pelo caminho de uma grande queda. A narrativa, na verdade, começa no fim da história, com a carta de louvor a Deus que Nabucodonosor escreveu após sua recuperação:

> O rei Nabucodonosor a todos os povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra: paz vos seja multiplicada! Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo. Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração (Dn 4.1-3).

Normalmente, uma doxologia como essa vem na conclusão dos eventos a que se refere, fato que levou a pessoa que numerava os capítulos na Bíblia hebraica a colocar estes versos juntos com os eventos do capítulo anterior. Ela entendeu que a carta de Nabucodonosor estaria descrevendo o livramento de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. A divisão dos capítulos em nossa Bíblia provavelmente é correta, mas não perca as conexões que são feitas no início com os eventos do capítulo anterior. A carta é endereçada aos "povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra", o mesmo grupo que foi convocado para se dobrar à imagem do rei Nabucodonosor (4.1; veja 3.7). Ao falar de "sinais e maravilhas" que o Senhor tinha operado, a carta imediatamente nos faz pensar na fornalha ardente. A principal diferença, contudo, é que agora Nabucodonosor está falando dos "sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo" (4.2). De um perseguidor dos fiéis, no capítulo anterior,

Nabucodonosor tinha agora se tornado, ele mesmo, uma testemunha da fé.[3]

Essa é uma guinada radical na vida do mais poderoso homem no mundo. É uma transformação tão dramática quanto a de Saulo no Novo Testamento, o fariseu perseguidor, para Paulo, o apóstolo dos gentios. Como essa mudança incrível aconteceu? Em ambos os casos, a mudança não foi moldada meramente por testemunhar o poder de Deus como um observador. O rei Nabucodonosor viu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ressurgirem ilesos da fornalha ardente (Dn 3), e Saulo viu a graça do Senhor sustentando Estêvão em sua morte violenta (At 8.1) e, mesmo assim, nenhum dos dois foi imediatamente convertido pela experiência. Miraculosas demonstrações do poder de Deus podem, por certo, fazer as pessoas parar pra pensar, mas verdadeira conversão só pode ser alcançada por uma experiência pessoal com o poder e a graça de Deus. Essa experiência na vida de Nabucodonosor é o que veremos em Daniel 4.

No caso de Nabucodonosor, a transformação requeria despir-se de tudo daquilo em que ele um dia se gloriou. Ele começa o capítulo com tudo que desejou, contente e próspero, em casa, em seu palácio: “Eu, Nabucodonosor, estava tranquilo em minha casa e feliz no meu palácio. Tive um sonho, que me espantou; e, quando estava no meu leito, os pensamentos e as visões da minha cabeça me turbaram. Por isso, expedi um decreto, pelo qual fossem introduzidos em minha presença todos os sábios da Babilônia, para que me fizessem saber a interpretação do sonho” (Dn 4.4-6). Nabucodonosor era, literalmente, o senhor de tudo o que ele inspecionou. Você consegue se imaginar lendo a carta de fim de ano de Nabucodonosor? Ela certamente faria os Bonsucesso se encolherem de vergonha! Mas essa situação de contentamento e prosperidade era um obstáculo ao trabalho de Deus em sua vida que tinha que ser tratado para que seu coração fosse transformado.

Esse é um ponto importante para reconhecermos em nossa própria experiência. Descontentamento e desastre, ou pelo menos um

profundo desconforto pessoal são, muito frequentemente, os precursores de crescimento e mudança espiritual. Quando estamos confortáveis e tranquilos nesse mundo, normalmente não estamos prontos para examinar nosso coração e instituir mudanças profundas. Por outro lado, quando Deus bagunça as águas calmas em nossa vida, começamos a nos prontificar à procura de novos caminhos. O mais frequente é que, quando nossas esperanças na carreira são frustradas, ou nosso relacionamento matrimonial está em farrapos, ou o doutor nos diz que temos apenas alguns meses de vida, nos vejamos persuadidos a levar a sério as coisas espirituais. Se isso é verdade, entretanto, isto sugere que nós devemos abordar estes momentos de problemas em nossa vida com uma atitude bem mais positiva do que normalmente fazemos. Essas experiências fragmentadoras deveriam criar em nós a expectativa e esperança de que Deus fará alguma coisa importante em nossa vida. É precisamente por entre as tempestades da vida que Deus nos

mostrará quem realmente somos e, ainda mais importante, que ele realmente é.

O segundo sonho de Nabucodonosor

O primeiro desafio do Senhor na vida de Nabucodonosor foi dirigido ao seu contentamento. Veio em forma de um outro sonho perturbador:

> Eram assim as visões da minha cabeça quando eu estava no meu leito: eu estava olhando e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande; crescia a árvore e se tornava forte, de maneira que a sua altura chegava até ao céu; e era vista até aos confins da terra. A sua folhagem era formosa, e o seu fruto, abundante, e havia nela sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, e as aves do céu faziam morada nos seus ramos, e todos os seres viventes se mantinham dela. No meu sonho, quando eu estava no meu leito, vi um vigilante, um santo, que descia do céu, clamando fortemente e dizendo: Derribai a árvore, cortai-lhe os ramos, derriçai-lhe as folhas, espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela e as aves, dos seus ramos. Mas a cepa, com as raízes, deixai na terra, atada com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo. Seja ela molhada

> do orvalho do céu, e a sua porção seja, com os animais, a erva da terra. Mude-se-lhe o coração, para que não seja mais coração de homem, e lhe seja dado coração de animal; e passem sobre ela sete tempos. Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles (Dn 4.10-17).

Como o sonho anterior, em Daniel 3, essa visão aterrorizou Nabucodonosor. O rei ficou frustrado, ele disse, porque "entraram os magos, os encantadores, os caldeus e os feiticeiros, e lhes contei o sonho; mas não me fizeram saber a sua interpretação" (Dn 4.7). Sabedor de que Daniel possuía uma habilidade que os demais não tinham, Nabucodonosor procurou sua ajuda: "Por fim, se me apresentou Daniel, cujo nome é Beltessazar, segundo o nome do meu deus, e no qual há o espírito dos deuses santos; e eu lhe contei o sonho, dizendo: Beltessazar, chefe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum mistério te é difícil; eis as

visões do sonho que eu tive; dize-me a sua interpretação" (Dn 4.8-9).[4]

Depois de Nabucodonosor contar a Daniel seu sonho, ele reiterou sua confiança na habilidade de Daniel para lhe dizer o seu significado: "Isto vi eu, rei Nabucodonosor, em sonhos. Tu, pois, ó Beltessazar, dize a interpretação, porquanto todos os sábios do meu reino não me puderam fazer saber a interpretação, mas tu podes; pois em ti há o espírito dos deuses santos" (Dn 4.18). A visão era bastante simples: Em seu sonho, Nabucodonosor viu uma enorme árvore que se estendia até que seu topo tocasse o céu. A árvore era tanto bonita quanto útil, proporcionando alimento e abrigo para os animais do campo e as aves do céu (4.10-12). Enquanto Nabucodonosor estava olhando, contudo, uma figura celestial veio e ordenou que a árvore fosse cortada: Seus frutos seriam espalhados e suas folhas limpas dela, e as aves e animais que tinham encontrado abrigo nela seriam espalhados em todas as direções. A árvore não

foi destruída por completo, entretanto, seu toco permaneceria no chão (4.13-15).[5]

Embora Daniel tenha ficado "atônito por algum tempo, e os seus pensamentos o turbavam", Nabucodonosor tentou tranquilizá-lo: "Beltessazar, não te perturbe o sonho, nem a sua interpretação" (Dn 4.19). Em sua interpretação, Daniel providenciou a chave para o entendimento do sonho. A enorme árvore representava Nabucodonosor. Até aqui isto era uma boa notícia, pois Nabucodonosor ficou um tanto quanto feliz de se ver com o papel de uma árvore cósmica, no centro e como pivô do universo inteiro.[6] Assim como no sonho do rei da estátua de Daniel 2, onde Nabucodonosor era a cabeça de ouro, esse sonho reconhecia o poder e a força de Nabucodonosor. Daniel disse:

> A árvore que viste, que cresceu e se tornou forte, cuja altura chegou até ao céu, e que foi vista por toda a terra, cuja folhagem era formosa, e o seu fruto, abundante, e em que para todos havia sustento, debaixo da qual os animais do campo achavam sombra, e em cujos ramos as aves do céu

> faziam morada, és tu, ó rei, que cresceste e vieste a ser forte; a tua grandeza cresceu e chega até ao céu, e o teu domínio, até a extremidade da terra. Quanto ao que viu o rei, um vigilante, um santo, que descia do céu e que dizia: Cortai a árvore e destruí-a, mas a cepa com as raízes deixai na terra, atada com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; seja ela molhada do orvalho do céu, e a sua porção seja com os animais do campo, até que passem sobre ela sete tempos (Dn 4.20-23).

Entretanto a imagem da árvore cósmica tinha um lado sombrio, como Daniel reconheceu quando disse: “Senhor meu, o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação, para os teus inimigos” (Dn 4.19). A descrição da árvore alcançando os céus (4.11) nos remete novamente à tentativa dos construtores da Torre de Babel de construir um edifício cujo topo adentrasse os céus (Gn 11.4). Tais atos de arrogância sempre acabam em desastre. Nesse caso, a imagem sugere a metáfora apropriada para essa queda: o lenhador divino cortará a poderosa árvore até o chão, removendo-a de seu lugar de influência e glória.[7]

De acordo com a visão, Nabucodonosor seria, de fato, rebaixado. Ele não somente perderia seu poder e glória; sua própria humanidade seria removida dele. Daniel disse: "Essa é a interpretação, oh rei, e esse é o decreto do Altíssimo, que virá contra o rei, meu senhor: serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e dar-te-ão a comer ervas como aos bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer" (Dn 4.24-25). Ao ser derrubado como uma árvore cósmica, Nabucodonosor faria sua casa com as aves e animais que antes, na metáfora, encontravam abrigo em seus galhos. Aquele que pensou sobre si em termos divinos como o próprio centro do universo seria transformado numa fera para que, assim, aprendesse que é meramente humano, afinal.[8]

Contudo, quando a árvore fosse cortada, ao toco e às raízes permaneceriam (Dn 4.15).

Havia, portanto, uma esperança de novo crescimento emergindo do toco. Então, também, o ato de julgamento de Deus sobre o rei Nabucodonosor não seria um corte final, pois ao "quanto ao que foi dito, que se deixasse a cepa da árvore com as suas raízes, o teu reino tornará a ser teu, depois que tiveres conhecido que o céu domina" (Dn 4.26). Nabucodonosor experimentaria um completo período de julgamento nesse estado como animal, expresso pela forma peculiarmente hebraica "sete tempos", uma vez que sete é o número hebraico para completude. Porém, quando o tempo estivesse completo e ele reconhecesse que "o céu domina" – que Deus é quem governa o universo, e não ele – seu reino seria restaurado (4.26).

Espaço para arrependimento

O sombrio destino revelado a Nabucodonosor no sonho não era inevitável, todavia. O propósito do sonho era prover Nabucodonosor com uma flecha de aviso em seu arco, para que pudesse se arrepender do seu orgulho. Ele poderia demonstrar seu

arrependimento fazendo o que era certo e mostrando preocupação com o oprimido. Daniel insistiu com ele: “Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade” (Dn 4.27). Se Nabucodonosor se humilhasse, Deus não precisaria continuar a humilhá-lo. Se ele não se arrependesse, entretanto, então descobriria quem é que realmente está no controle do universo.

Do mesmo modo, Deus às vezes imprime em nosso coração o resultado provável de nosso curso atual. Talvez ele nos mostre alguém que esteja à frente na mesma ladeira que estamos descendo e temos um *flash* do que também podemos ser em dez ou vinte anos. Como pastor, não há nada mais sombrio pra mim do que ver presbíteros e ministros que têm naufragado em sua vida. Estes homens eram amigos e colegas que um dia pregaram fielmente o evangelho e encorajaram os santos, mas estão, agora, desqualificados para o ministério por

conta de uma falha moral. Isto me traz preocupação e desafia meu orgulho, porque sei que não sou melhor do que eles e somente a graça de Deus irá me manter longe de igual destino.

Por outro lado, algumas vezes Deus lhe dá um *flash* da depravação do seu próprio coração, como quando você se pega pensando (ou até mesmo dizendo) alguma coisa realmente vil. Você talvez ainda não tenha cometido o ato, mas, nos seus pensamentos secretos, você vê as sementes daquele pecado dentro de você. É uma flecha cruzando o seu arco, um desafio ao arrependimento e auto-humilhação diante do Senhor enquanto ainda há tempo, pedindo por sua força para sustentá-lo e mantê-lo fiel a ele.

Orgulho e queda

Lamentavelmente, o aviso do sonho passou despercebido por Nabucodonosor. Um ano inteiro se passou, durante o qual Nabucodonosor teve suficiente oportunidade de viver sua vida diferentemente. Mas, em vez disso, ele usou errado a misericordiosa demora

do julgamento de Deus como um sinal de que a ameaça poderia ser seguramente ignorada. Contudo, tudo o que havia sido profetizado "todas essas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor. Ao cabo de doze meses, passeando sobre o palácio real da cidade de Babilônia, falou o rei e disse: Não é essa a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para a glória da minha majestade?" (Dn 4.28-30).

Do seu ponto de vista, havia muito para ele contemplar, incluindo uma das sete maravilhas do mundo antigo: os famosos jardins suspensos que ele construiu para sua esposa, que ele havia trazido de sua casa montanhosa na Média para a planície da Babilônia. Outra de suas construções proeminentes foram os muros externos da Babilônia, que eram largos o suficiente para permitir que uma carruagem puxada por quatro cavalos pudesse dar a volta em seu topo, conforme o historiador grego Heródoto.[9]

As palavras arrogantes saíram duramente da boca de Nabucodonosor antes da sentença de julgamento ter sido anunciada do céu: “A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino. Serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão comer ervas como os bois, e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que aprendas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4.31-32). Isto foi exatamente o que aconteceu: “No mesmo instante, se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor; e foi expulso de entre os homens e passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves” (Dn 4.33). Nabucodonosor perdeu seu poder e posição, foi retirado da Babilônia, e até mesmo sua humanidade, comendo grama e vivendo selvagemente a céu aberto, como as feras do campo, e crescendo-lhe os cabelos e unhas descontroladamente, como as aves do céu. Muitos comentaristas têm procurado estabelecer

um paralelo entre o comportamento de Nabucodonosor e reconhecidas doenças mentais de um tipo ou outro. O próprio relato, entretanto, está muito mais interessado na condição única da bestialidade inumana de Nabucodonosor do que em nos dar meios para diagnosticá-la. Sua doença é, afinal, um julgamento direto de Deus, não um fenômeno natural. Finalmente, no fim do tempo designado por Deus para o julgamento, Nabucodonosor levantou seus olhos aos céus e sua mente foi restaurada.

É importante notar para onde os olhos de Nabucodonosor estavam direcionados no início e no fim do tempo de julgamento. No começo deste episódio, ele está numa posição elevada, no telhado de sua casa, de onde seus olhos vagavam para os lados e para baixo, comparando sua glória com a de outros homens e glorificando a si mesmo. Ele pensava em si mesmo como o centro do universo, a árvore da qual tudo o mais recebia seu sustento. Isso é exatamente o que o orgulho faz: posiciona o eu no centro do universo, glorificando suas próprias conquistas e

colocando tudo o mais em segundo lugar. Seus olhos estão sempre direcionados para os lados e para baixo, comparando-nos com os outros e incessantemente tentando superá-los.[10] Por sua própria natureza, o orgulho tem que ser mais esperto que qualquer um, ou mais atraente do que as demais pessoas, ou melhor cozinheiro, ou correr mais rápido, ou mais habilidoso jardineiro, ou o que seja. O orgulho nunca está satisfeito com o que alcançou porque, em sua essência, sempre está o derrotar os outros, não o alcançar a coisa em si. Os olhos do orgulho estão sempre fixos em mim e em minha *performance*, de forma que não deixa espaço para olhar para Deus.

Restauração

O orgulho de Nabucodonosor foi despojado junto com suas demais conquistas até que ele viesse a reconhecer que o que quer que tenha possuído ou alcançado antes foi uma dádiva de Deus, que pode exaltar o homem mais humilde ao reinado ou rebaixar o mais poderoso:

> Mas ao fim daqueles dias, eu Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse ao Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? Tão logo me tornou a vir o entendimento, também, para a dignidade do meu reino, tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes; fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza. Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalço e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba (Dn 4.34-37).

É significativo que o fim da humilhação de Nabucodonosor e o retorno de sua razão tenham vindo quando ele tirou os olhos de si mesmo e os levantou ao céu, num ato de súplica e dependência.

Esse retirar dos olhos de si é a essência da verdadeira humildade e o meio pelo qual podemos distingui-la de mero fingimento. A falsa humildade pode confessar acanhadamente: "Oh, como sou desprezível", e ainda assim ter seus olhos fixados em si mesma. Na falsa humildade, sou pego em minha fraqueza ou invés de na minha força, mas ainda estou focado em mim mesmo como antes, em meu orgulho. A verdadeira humildade, pelo contrário, olha para fora de mim, em direção ao céu. A verdadeira humildade reconhece não somente que eu não sou nada, mas também que Deus é tudo. Ela sabe que não posso permanecer de pé por mim mesmo, mas Deus pode fazer com que até mesmo eu permaneça firme e forte. A humildade vê que, sem Cristo, não posso fazer nada, mas, em Cristo, realizo qualquer coisa que Deus tenha designado a mim.

O resultado final da humilhação de Nabucodonosor foi uma exaltação ainda maior. Uma vez humilhado por Deus, ele pôde seguramente ser elevado de volta às alturas e devolvido ao controle de seu reino (Dn 4.36). O

Senhor demonstrou em sua vida que ele é, de fato, capaz tanto de humilhar o orgulhoso quanto de exaltar o humilde. Isto se tornou a própria confissão de fé de Nabucodonosor no Deus de Israel, e essas são as últimas palavras que ouvimos de seus lábios na Bíblia. O grande e poderoso perseguidor de Israel, o destruidor de Jerusalém, foi finalmente humilhado pela graça de Deus e levado a confessar a misericórdia de Deus. Sua experiência pessoal mostra o poder de Deus: se alguém como Nabucodonosor pode ser humilhado e restaurado, então certamente ninguém está além do alcance da misericórdia de Deus.

Nabucodonosor, Israel e nós

Essa foi uma importante mensagem para Israel ouvir, pois a imagem da árvore outrora orgulhosa que fora reduzida ao toco, falava de sua situação tanto quanto falou da de Nabucodonosor. Quando o profeta Isaías foi chamado para pregar uma mensagem de julgamento ao povo de seus dias, dois séculos antes de Nabucodonosor, ele perguntou ao

Senhor por quanto tempo teria que laborar com tão pouca resposta. O Senhor respondeu como segue:

> Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o SENHOR afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco (Is 6.11-13).

Esse julgamento foi exatamente o que tinha vindo sobre o povo de Israel nos dias de Daniel. Israel mesmo era como a árvore que foi cortada e destruída, até que somente o toco sobrasse. Portanto, isto também significava que a experiência de Nabucodonosor poderia ser uma fonte de esperança para eles. Se Nabucodonosor pôde ser perdoado e restaurado quando se humilhou e olhou para o Senhor, então Israel também poderia ser perdoado e restaurado. A promessa do Senhor nos dias de Salomão era

algo em que poderiam encontrar esperança também: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar; e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2 Cr 7.14). Se, no meio da experiência de devastação de seu exílio, os israelitas aprendessem a lição de coração e se humilhassem diante do Senhor, eles também poderiam esperar ver o seu favor sendo mostrado mais uma vez.

A mesma realidade é verdade para nós. O evangelho é uma mensagem intrinsecamente humilhante. A única maneira para entrarmos no reino de Deus é com as mãos vazias, levantando os olhos para o céu e confessando nossa desesperada necessidade de um Salvador. Por natureza, isso é difícil para todos nós. Ao analisarmos nossa vida e nossas conquistas, queremos ser capazes de dizer como Nabucodonosor: “Veja que lindo império minhas mãos fizeram”. Nós todos somos inclinados a acreditar que o mundo orbita ao nosso redor conosco no centro. Humanamente

falando, alguns de nós temos muitas realizações nas quais acreditar. Comparados com outros ao nosso redor, nós temos uma vida que parece virtuosa e nobre. Mas só podemos receber o evangelho quando paramos de nos comparar com outros seres humanos e reconhecemos que, diante da perfeita santidade de Deus, mesmo a melhor de nossas realizações simplesmente aumentam nossa condenação.

Quando estamos diante de Deus, nossos problemas não são somente as nossas fraquezas e falhas, mas nossos sucessos e pontos fortes, na medida em que nos levam a nos orgulhar de nós mesmos. Nossa bondade pode ser um obstáculo para recebermos a mensagem do evangelho, porque, em nosso orgulho, não vemos nossa necessidade de Deus. Para curar nosso orgulho mortal, Deus precisa graciosamente nos abater com um desastre. Como o filho pródigo, descobrimos que nossa necessidade de Deus finalmente se torna clara para nós quando nosso dinheiro é todo gasto e nossos amigos todos se vão, deixando-nos chafurdar com os porcos. Descobrimos que é somente quando cometemos

um pecado a que pensamos que nunca seríamos tentados que Deus nos mostra quais abismos de depravação realmente estão em nosso coração. Por mais dolorosa que essa experiência seja para nós, não deixa de ser uma verdadeira obra da graça de Deus. A pior coisa que poderia nos acontecer seria o Senhor nos deixar confortáveis e tranquilos em nosso orgulho. Sem o episódio com os porcos, o pródigo nunca teria voltado para casa. Igualmente, entregar-nos a experiência de profunda humilhação de fracasso ou pecado pode ser o meio pelo qual Deus trará uma profunda transformação ao nosso coração e um novo entendimento do evangelho.

Como um exemplo disso, eu me lembro de um homem que era presbítero em uma igreja próxima e era um amigo pessoal, que cometeu adultério com uma mulher que estava aconselhando. Ele, então, abandonou sua família e se casou com aquela mulher e teve um filho com ela. Foi um episódio intensamente triste em sua vida e na vida da igreja, uma vez que ele persistiu em sua rebelião por muitos meses. Porém, no fim daquele tempo, o Senhor o

trouxe de volta a si, um homem quebrado e humilhado. Eu não desejo tal experiência a ninguém, pois a devastação trazida sobre sua vida e a vida dos seus familiares foi muito severa e as cicatrizes são profundas e permanentes. Ele colherá as consequências do que plantou todos os dias, para o resto de sua vida. Não obstante, o fruto na vida desse homem foi uma apreciação inteiramente nova da graça no evangelho. Não tivesse caído tão profundamente, ele provavelmente nunca teria visto o orgulho de seu próprio coração, o qual o Senhor queria curar. A única forma de ele aprender sobre sua própria depravação e pecaminosidade foi por meio desta dolorosa experiência pessoal. O Senhor ainda é capaz de humilhar o orgulhoso e, no tempo certo, também restaurar o humilhado ao seu favor.

Sofrimento e redenção

Como, portanto, é possível ao humilde ser restaurado por meio dessas provações? Há algo inerentemente redentivo no sofrimento de Nabucodonosor e no nosso que consiga o favor

de Deus? A restauração é alcançada por meio de algum tipo de penitência, uma obra de sofrimento que devemos aprender a fazer para expiar nosso orgulho e ganhar o céu? Se pensamos desta forma, não entendemos a verdadeira humildade, afinal. Lembre-se, a restauração de Nabucodonosor não veio quando ele olhou para si mesmo, mas, ao contrário, quando levantou seus olhos aos céus. Ele simplesmente olhou para a graça de Deus para restaurá-lo, não baseado em qualquer coisa que estivesse nele – nem mesmo em sua mais nova humildade. Sua esperança estava simplesmente na misericórdia de Deus.

Ainda assim, isto deixa em aberto a questão: "Por que Deus exalta o humilde?" Certamente vemos por que Deus deveria humilhar os orgulhosos e lhes mostrar que não são tão grandes e poderosos quanto pensam que são. Os Bonsucesso deste mundo precisam ser derrubados com uma pedra. Reis perversos como Nabucodonosor merecem suas punições. Mas por que Deus deveria exaltar o humilde? Por que eles recebem seu favor?

A resposta a essa questão nos leva à consideração de um outro rei que foi derrubado desde as alturas até as profundezas. Esse rei poderia, com todo direito, ter olhado para toda a criação e dito: “Não é esse o mundo que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para a glória da minha majestade?” Ele não criou simplesmente uma das maravilhas do mundo antigo; ele criou o próprio mundo do nada. Entretanto, em vez de se exaltar, esse rei voluntariamente se humilhou. Ainda que fosse da mesma natureza de Deus, esse rei se humilhou e se tornou um homem. Ele deixou os confortos e glórias dos céus e veio habitar na terra entre os homens, uma descida tão grande quanto quando Nabucodonosor foi habitar com as bestas do campo e as aves do céu. Ele ainda levou sua humilhação ainda mais adiante. Esse rei tomou sobre si a forma de servo: ele curou o doente e pregou aos pobres e ainda lavou os pés dos seus discípulos. Ele carregou sua forma de servo por todo o caminho até sua morte como um criminoso na cruz, ainda que não tenha feito nada de errado (Fp 2.6-8). Qual maior

experiência de humilhação poderia haver do que o Deus vivo morrer? Essa humilhação, porém, não foi forçada sobre ele por conta de seu orgulho. Pelo contrário, foi uma escolha voluntária de sua parte para que pudesse nos redimir de *nosso* orgulho. Aquele que, por direito, poderia legitimamente se exaltar, se fez menor que anjos para redimir um povo para si.

O nome deste rei humilde é Jesus. Contudo, seu tempo de humilhação acabou e agora ele foi novamente exaltado em glória. Agora que alcançou nossa salvação, ele retornou para a destra do Pai. Agora esse Jesus é aquele a quem nossa doxologia e adoração são dirigidas, aquele nos céus a quem nosso olhos se elevam em adoração e louvor. Esse é o motivo pelo qual o humilde é exaltado: não porque sua humildade seja meritória, mas porque ele fixa seus olhos em seu Senhor, aquele que foi humilhado e é agora glorificado, em vez de ficar olhando para si mesmo. O humilde está unido a ele, então a glorificação do Senhor significa a glorificação dele também.

Além do mais, essa visão do crucificado e

exaltado Jesus é em si mesma a cura para o nosso presunçoso orgulho. Como podemos nos exaltar e continuar a cantar nossos louvores quando nossos olhos estão fixados em Jesus? A glória de sua majestade como de Criador não criado nos lembra da nossa pequenez como seres criados. Ele é a verdadeira árvore da vida, o verdadeiro centro do universo, aquele em quem e para quem todas as coisas existem, aquele em que tudo deve encontrar seu refúgio. O que realizamos em comparação com ele? Além do mais, as cicatrizes que permanecem visíveis em suas mãos e pés, mesmo agora, como o Cordeiro que foi morto, nos lembram constantemente a profundidade do fato de que a única coisa com que contribuímos para nossa salvação é a nossa depravação. Porém, ao mesmo tempo, também somos lembrados que, tolos como somos, somos amados muito mais do que jamais ousamos esperar.

Então, tire os olhos de si mesmo e de suas conquistas. Tire seus olhos até mesmo de suas falhas e desastres. Pare de se comparar com os outros. Em vez disso, eleve seus olhos aos céus e

olhe para Cristo, o rei humilde e exaltado. Sua morte e ressurreição são os meios pelos quais seus sentidos são restaurados e você é feito bem-vindo na mais exaltada das companhias, o próprio céu. Ponha de lado o seu orgulho nos seus sucessos, seja humilhado por todos os seus pecados e falhas e deleite-se na extraordinária riqueza da graça e misericórdia de Deus sobre você. Levante os olhos aos céus e louve a Deus, que humilha o orgulhoso e também redime e exalta o humilde e, pela sua graça, faz com que permaneçam em sua presença para sempre.

1 A carta vem de Frederica Mathewes-Green, “Pride: The Anti-Self-Esteem”, <http://www.beliefnet.com/story/110/story_11056_1.html>. Acesso em 18 de agosto, 2005.

2 Veja C.S. Lewis, “The Great Sin”, em “*Mere Christianity”* (Nova York: Macmillian, 1982), 108-14.

3 Danna Nolan Fewell, *Circle of Sovereignty: Plotiing Politics in the Book of Daniel* (Nashville: Abingdon, 1991), 63-64.

4 A transformação no pensamento de Nabucodonosor que acontece no curso do capítulo é sublinhada pelos nomes que ele usa para Daniel. Na estrutura da narrativa, escrita após sua experiência de humilhação, Nabucodonosor chama Daniel por seu nome judeu (que significa “Deus é meu juiz”), enquanto no registro das conversas que aconteceram anteriormente, ele o chama de “Beltessazar” (cujo significado é “Bel proteja sua vida”). Do mesmo modo, antes de sua humilhação, Nabudoconosor descreve Daniel em termos pagãos como “aquele em quem está o espírito dos deuses santos” (Dn 4.8). Cf.Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 118.

5 Os “grilhões de ferro e de bronze” que manteriam amarrado o toco é, provavelmente, mais bem entendido como uma figura representativa da escravidão de insanidade a que Nabucodonosor seria entregue (C. F. Keil, *The book of Daniel*, M.G. Easton (trad.) [Grand Rapids: Eerdmans, 1988, reimpressão], 152).

6 A imagem de uma árvore cósmica é comum, tanto em outros lugares na Bíblia (p. ex., Ez 31) quanto mais amplamente no antigo Oriente Médio. Veja André Lacocque, *The Book of Daniel,* D. Pellauer (trad.) (Atlanta: John Knox, 1979), 77–78.

7 A mesma metáfora da árvore cósmica abatida por Deus é adotada em Ezequiel 31 para descrever o destino de Faraó e do Egito. Não há necessariamente nenhuma ligação entre as duas passagens, uma vez que a imagem de uma árvore para representar o rei é bem difundida (compare com Ez 17) e fornece, naturalmente, a imagem da derrubada da árvore.
8 Fewel, *Circle of Sovereignty*, 72.
9 Longman, *Daniel*, 121.
10 Lewis, *Mere Christianity*, 109-10.

PESADO E ACHADO EM FALTA

Daniel 5.1-31



> *No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os dedos que estavam escrevendo. Então, se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. O rei ordenou, em voz alta, que se introduzissem os encantadores, os caldeus e os feiticeiros; falou o rei e disse aos sábios da Babilônia: Qualquer que ler esta escritura e me declarar a sua interpretação será vestido de púrpura, trará uma cadeia de ouro ao pescoço e será o terceiro no meu reino* (Dn 5.5-7).

ei Hiero de Siracusa tinha um problema. Ele havia confiado uma certa medida de ouro a um artífice para que lhe fizesse uma coroa, mas ele

não havia realmente confiado no homem. Terminada a coroa, ela pesava a quantidade correta, mas havia o artífice realmente usado todo o ouro para fazer a coroa ou teria ele substituído uma boa parte por prata, muito mais barata? Como o rei poderia testar a composição da coroa e sua integridade, sem destruí-la?

O rei Hiero confiou o problema a seu amigo Arquimedes, o famoso cientista. Por um longo tempo, Arquimedes se debruçou sobre o problema. Finalmente, decidiu tomar um banho para esfriar a cabeça. Mas ele encheu toda a banheira até a borda e, quando se sentou, a água transbordou. Num *flash*, Arquimedes viu a resposta do problema. Um corpo imerso em água desloca seu próprio volume de água. Uma vez que ele sabia o volume e o peso da coroa, poderia calcular a densidade e determinar se era de puro ouro ou não. “Eureca!” ele gritou (o que em grego significa “achei”). Dizem que, de tão animado com sua descoberta, ele começou a correr nu pelas ruas de Siracusa. O resto é história e, desde então, a palavra “eureca” tem

sido usada no momento da descoberta: o ponto em que a verdadeira natureza de algo fica finalmente clara.

Daniel 5 é um momento "eureca", no qual a verdadeira natureza do jovem rei babilônio Belsazar é exposta, juntamente com a vaidade de seus deuses. Apesar de toda a alardeada pompa e *show* e apesar de todo o seu ouro e glória, Belsazar e seus deuses foram encontrados em falta e expostos como vazios e sem substância, quando foram pesados na balança de Deus. Eles nada puderam oferecer que devêssemos invejar ou nem puderam ameaçar com qualquer coisa que devêssemos ficar intimidados. Em lugar disso, deveríamos ter pena daqueles cuja esperança e glória são construídas em tais fundações sem substância.

O banquete de Belsazar

A história começa com o banquete de Belsazar:

> O Rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil. Enquanto Belsazar bebia e apreciava o vinho,

> mandou trazer os utensílios de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tirara do templo, que estava em Jerusalém, para que neles bebessem o rei e seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Então, trouxeram os utensílios de ouro, que foram tirados do templo da Casa de Deus que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus grandes e as suas mulheres e concubinas. Beberam o vinho e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra (Dn 5.1-4).

Olhando de fora, esse era um glorioso evento, cheio de pompa e circunstância, ao qual mil de seus nobres foram convidados para beber vinho com o rei (Dn 5.1). Historiadores gregos, como Heródoto, registram vários desses pródigos banquetes da parte dos babilônios, e esse foi um dos melhores. Todos estavam vestidos com suas mais finas roupas e as mesas estavam ornamentadas com talheres de prata. No entanto, por concentrar nossa atenção nesta festa elaborada como o único evento que vale a pena mencionar em seu relato, o narrador salienta sutilmente o vazio do resto da vida de Belsazar. Diferentemente de seu ilustre

predecessor, o rei Nabucodonosor, que destruiu e pilhou cidades (Dn 1.2), fez grandes estátuas (Dn 3) e construiu as maravilhas da Babilônia (4.30), a única coisa que Belsazar podia fazer era um banquete.[1] O anterior formou um império, enquanto o último planejava festas. Até mesmo as peças centrais do banquete de Belsazar – os cálices de ouro que foram trazidos do templo de Jerusalém – foram trazidas por Nabucodonosor e não por Belsazar (1.2). A única contribuição de Belsazar foi profanar aqueles sagrados e preciosos cálices da casa do Senhor, usando-os em um banquete no qual louvava seus próprios deuses – deuses feitos de ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra (5.3-4).

Uma mão do céu

Belsazar, entretanto, não teve muito tempo para aproveitar seu banquete. Enquanto ele e seus nobres estavam louvando seus deuses feitos por homens, uma revelação vinda de Deus atrapalhou a festa:

> No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os dedos que estavam escrevendo. Então, se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. O rei ordenou, em voz alta, que se introduzissem os encantadores, os caldeus e os feiticeiros; falou o rei e disse aos sábios da Babilônia: Qualquer que ler a escritura e me declarar a sua interpretação será vestido de púrpura, trará uma cadeia de ouro ao pescoço e será o terceiro no meu reino. Então, entraram todos os sábios do rei; mas não puderam ler a escritura, nem fazer saber ao rei a sua interpretação. Com isto, se perturbou muito o rei Belsazar, e mudou-se-lhe o semblante; e os seus grandes estavam sobressaltados (Dn 5.5-9).

A resposta de Belsazar àquela mão escrevendo na parede mais uma vez destaca a diferença entre ele e seu predecessor, Nabucodonosor. Quando Nabucodonosor teve sonhos, eles o “perturbaram” e “espantaram” (Dn 2.3; 4.5); Belsazar, contudo, estava totalmente despreparado para uma experiência

de revelação vinda de Deus. De fato, o aramaico literalmente diz que “os nós de suas articulações ficaram soltos” (5.6); o mais provável é que isso não signifique que “suas pernas cederam”, como a maioria das traduções interpreta, mas que ele tenha perdido o controle de suas funções corporais, com uma mancha úmida aparecendo debaixo de sua cadeira.[2] Quando seus sábios não puderam interpretar o sonho, Belsazar ficou pálido e indeciso, perdido sem saber o que fazer.

Foi deixado a uma mulher, a rainha-mãe,[3] resolver o dilema do rei Baltasar, um cenário que deve ter sido humilhante no contexto da cultura antiga. Ela lembrou a Belsazar a existência de Daniel, cuja habilidade de interpretar problemas difíceis[4] foi repetidamente demonstrada durante o tempo de seu ilustre predecessor, Nabucodonosor:

> A rainha-mãe, por causa do que havia acontecido ao rei e aos seus grandes, entrou na casa do banquete e disse: Ó rei, vive eternamente! Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem que tem o

> espírito dos deuses santos; nos dias de teu pai, se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria como a sabedoria dos deuses; teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos feiticeiros, porquanto espírito excelente, conhecimento e inteligência, interpretação de sonhos, declaração de enigmas e solução de casos difíceis se acharam nesse Daniel, a quem o rei pusera o nome de Beltessazar; chame-se, pois, a Daniel, e ele dará a interpretação (Dn 5.10-12).

As implicações de seu discurso é que Belsazar deveria saber a quem devia recorrer quando precisasse de iluminação divina – e ele deveria saber, se tão somente fosse como Nabucodonosor. No evento, o rei decidiu seguir o conselho da mulher:

> Então, Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei e disse a Daniel: És tu aquele Daniel, dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá? Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que em ti se acham luz, inteligência e excelente sabedoria. Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios e os

> encantadores, para lerem esta escritura e me fazerem saber a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras. Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solucionar casos difíceis; agora, se puderes ler essa escritura e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, terás cadeia de ouro ao pescoço e serás o terceiro no meu reino. Então, respondeu Daniel e disse na presença do rei: Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outrem; todavia, lerei ao rei a escritura e lhe farei saber a interpretação (Dn 5.13-17).

A repreensão implícita da rainha-mãe talvez explique o tom de voz defensivo do rei Belsazar quando Daniel finalmente foi convocado a estar diante dele. Ele não se referiu a ele como o Daniel a quem seu pai fez o chefe dos sábios, mas como Daniel a quem seu pai trouxe como exilado de Jerusalém. Ele desejava pôr Daniel em sua posição inicial.[5] Além do mais, ele colocou um ponto de interrogação sobre a habilidade de Daniel interpretar sonhos, prefaciando-a com um "tenho ouvido" (Dn

5.14,16). É como se Belsazar estivesse registrando seu ceticismo acerca de Daniel, afirmando que havia uma diferença entre ouvir e acreditar.

Em troca, a resposta de Daniel omitiu a educação diferenciada comum na corte babilônica. Ele disse ao rei Belsazar abruptamente que deveria manter suas recompensas para si: os serviços de Daniel não estavam à venda para quem desse o maior lance, como se fosse dar uma interpretação favorável do sonho pelo peço certo (Dn 5.17). Contudo, antes de interpretar a misteriosa inscrição para Belsazar, Daniel pôs o oráculo em seu contexto, um contexto que novamente comparava e contrastava Belsazar e seu pai, Nabucodonosor. De fato, o contraste foi enfatizado pela estrutura de abertura da sentença. Daniel começou: "Ó rei! Deus, o Altíssimo, deu a Nabucodonosor, teu pai, o reino e grandeza, glória e majestade" (5.18). Isto implicava que Daniel sugeria que o Senhor não tinha dado semelhante soberania ou glória a Belsazar. No entanto, ainda que Nabucodonosor tenha recebido do Senhor

verdadeira grandeza e majestade, com poderes divinos para exaltar e humilhar, matar e manter vivo, quando se tornou arrogante, o Senhor o humilhou e derrubou de sua sublime posição de honra:

> Por causa da grandeza que lhe deu, povos, nações e homens de todas as línguas tremiam e temiam diante dele; matava a quem queria e a quem queria deixava com vida; a quem queria exaltava e a quem queria abatia. Quando, porém, o seu coração se elevou, e o seu espírito se tornou soberbo e arrogante, foi derribado do seu trono real, e passou dele a sua glória. Foi expulso dentre os filhos dos homens, o seu coração foi feito semelhante ao dos animais, e a sua morada foi com os jumentos monteses; deram-lhe a comer erva como aos bois, e do orvalho do céu foi molhado o seu corpo, até que conheceu que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele (Dn 5.19-21).

O ponto do discurso de Daniel é claro: O rei Nabucodonosor tinha tido algo do que se orgulhar e, ainda assim, o Senhor o humilhou.

Belsazar, que decerto ficou muito aquém das realizações de Nabucodonosor, deveria ter aprendido desta experiência e se humilhado igualmente. Mas ao contrário, conquanto Belsazar tenha sabido o que aconteceu a Nabucodonosor, exaltou-se contra o Senhor, profanando sacrilegamente os cálices do templo de Jerusalém por usá-los em seu ato de culto idólatra. Ele louvou aos seus ídolos impotentes, enquanto negligenciou o único e verdadeiro Deus, que foi quem lhe deu a sua própria vida. Daniel trouxe essa acusação contra ele, explicando por que Deus o estava advertindo desta forma:

> Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o coração, ainda que sabias tudo isto. E te levantaste contra o SENHOR do céu, pois foram trazidos os utensílios da casa dele perante ti, e tu, e os teus grandes, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas bebestes vinho neles; além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não veem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste. Então, da parte dele foi enviada

aquela mão que te traçou esta escritura (Dn 5.22-24).

Pesado e achado em falta

Daniel, então, leu e interpretou o oráculo: "Esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas." (Dn 5.25-28). Lidas como estavam, as palavras MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM formam uma sequência de pesos, descendo desde a mina ("mene"), para o shekel (em Aramaico "tekel": 1/60 de uma mina), e a metade do shekel ("peres").[6] Lida como verbos (com a diferente vocalização das letras aramaicas), contudo, a sequência diz: "Contado, contado, pesado, dividido". Como Daniel explicou, o Senhor tinha contado os dias do reino de Belsazar, trazendo-o ao fim, porque o rei Belsazar tinha sido pesado em uma balança e achado em falta. Como resultado, seu reino seria dividido e dado aos medos e persas

(“peres”, o singular de “parsim” soa como a palavra Pérsia).

O rei Belsazar acreditou na interpretação de Daniel da inscrição? Nunca saberemos ao certo. Certamente ele deu a Daniel a recompensa prometida, pois “mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino” (Dn 5.29). Porém, esse foi um presente vazio, pois naquela mesma noite os medos e persas entraram na Babilônia: “Foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino” (Dn 5.30-31). A festa de Belsazar foi, então, exposta como seu último ato de tolice: ele estava festejando na lápide de seu túmulo e celebrando no limite da extinção, e nunca soube disso. Com a morte de Belsazar, o império babilônico foi reduzido a pó e seus pés de barro foram revelados. A sequência decadente que a visão de Daniel 3 antecipou para a história do mundo – movendo-se do ouro para a prata, para o bronze e para o frágil pé de ferro e barro – acabou por

antecipar a história do império da Babilônia. Como na sequência de pesos do oráculo, o reino outrora poderoso se tornou sem substância e, finalmente, foi destruído pelo juízo de Deus. Ou, pegando outro eco bíblico, a Nova Babel terminou seus dias debaixo do juízo de Deus, debaixo da maldição de um discurso incompreensível de uma imposição divina de divisão, justamente como a primeira Torre de Babel, em Gênesis 11.[7]

As contrapartes modernas de Belsazar

Que lições essa narrativa da antiguidade tem para nós, que vivemos em um tempo e lugar completamente diferentes na história? Em primeiro lugar, a história do banquete de Belsazar nos lembra a não ficarmos admirados e impressionados pelo poder e riqueza terrenos. Deus o tinha pesado em balança e achado em falta; em breve daria cabo dele. O poder de Deus derrubando aqueles que eram realmente poderosos foi um tema central em Daniel 4. Se Deus é, portanto, capaz de humilhar o poderoso, quando mais de derrubar um *bola-murcha* como

Belsazar! No entanto, em nossa cultura estamos prontos para elevar e adular não somente quem tem conquistas verdadeiras, mas até aqueles que têm pretensões vazias. Somos muito facilmente impressionados com tudo o que brilha, não importando muito se é realmente ouro. Como prova disso, tudo o que você tem a fazer é olhar para as celebridades que estão retratadas nas capas de revista. Talvez haja algumas que possuam conquistas genuínas, porém, a vasta maioria contribuiu muito timidamente para ter com que se vangloriar. Em nossa cultura, idolatramos aqueles que são fisicamente atraentes, aqueles que alcançaram grandes riquezas ou aqueles que são famosos simplesmente por serem famosos. O banquete de Belsazar é colocado diante de nós diariamente, e muitos ao nosso redor estão hipotecando seu futuro por um convite para o baile.

Não é somente o rico e famoso que idolatramos. Nossa inveja opera em níveis bem mais mundanos também. Não cobiçamos só a riqueza e o estilo de vida dos multimilionários, mas o de nossos vizinhos, igualmente. Invejamos

o carro, ou a boa aparência, ou a carreira de sucesso, ou o filho obediente do nosso vizinho. Por outro lado, se temos um pequeno sucesso por nossa conta, nós nos vangloriamos em nossa riqueza e estilo de vida, talvez nos gloriando por nossa bela casa, ou por nossa próspera reputação em nossa área de atuação, ou por nossa aparência elegante. A realidade é que somos todos pequenas réplicas de Belsazar, inchados por nossas minúsculas realizações, mesmo que não tenham grande significado em escala terrena, menos ainda na celestial. O julgamento de Deus sobre nosso orgulho vazio é severo: nossas obras e realizações foram pesadas e achadas em falta. Quando estamos na presença de Deus, não há nada do que nos vangloriar.

A habilidade de Belsazar de fechar seus olhos para a realidade tem um equivalente em todas as eras. Assim como Belsazar se banqueteava mesmo enquanto os exércitos inimigos dos medos e persas estavam acampados atrás dos portões, assim também a humanidade rebelde ativamente suprime a verdade de Deus, que bombardeia nossos sentidos por todos os lados

(Rm 1.18). Muitos ao nosso redor comem e bebem e, ocupados, perseguem um ativo estilo de vida pecaminoso, ao mesmo tempo ignorando deliberadamente a revelação que Deus faz de si mesmo nas Escrituras, em sua consciência e no mundo. Assim como Belsazar usou os cálices do templo para louvar seus falsos deuses, também usamos as coisas que pertencem a Deus para alimentar nossos luxos e idolatrias. Se continuarmos seguindo por esse caminho, nosso destino é tão merecido quanto certo.

O julgamento dos deuses de Belsazar

Veja que não foi somente Belsazar que foi pesado em balança e achado em falta: seus deuses também falharam no teste. Belsazar adorou seus deuses de madeira, pedra, ouro e prata, tributando-lhes glória e honra, mas seus deuses não puderam impedir que o mensageiro do Senhor perturbasse a paz de seu banquete nem pôde livrá-lo dos medos e persas. Pode ter parecido aos babilônios que, quando derrotaram Judá e destruíram seu templo estavam, portanto, triunfando sobre o Deus de Israel. Contudo,

como a história do livro de Daniel revela, fica claro que a realidade era que o Deus de Israel podia efetivamente defender a honra de seus cálices sagrados e a vida de seus servos fiéis, enquanto os deuses babilônios eram impotentes. O Senhor era capaz de salvar Sadraque, Mesaque e Abede-Nego da fornalha ardente, mas Bel e Marduque não tinham qualquer poder para salvar Belsazar da investida dos persas. Qualquer que tenha sido o poder que Nabucodonosor tenha tido para conquistar e matar, tinha sido concedido a ele pelo Senhor, o Deus Altíssimo, não por seus ídolos (Dn 5.19). Por meio de sua profunda experiência de humilhação, o rei Nabucodonosor acabou por vir a compreender a verdade e dobrou seus joelhos diante do Deus de Israel. Em contraste, Belsazar não viveu o bastante para descobrir isso. Ele foi humilhado e destruído, em vez de ser humilhado e restaurado.

Você já aprendeu que os ídolos deste mundo são vazios e fracos? Fama e fortuna prometem grandes recompensas, mas são mestres instáveis. A riqueza pode parecer possuir a chave para

uma vida fácil, contudo, aqueles que a alcançam descobrem que sua vida ficou mais complicada do que nunca. A beleza é passageira e o poder, enganoso: nenhuma dessas coisas pode realmente satisfazer e dar sentido à vida. No ocidente, somos tentados a idolatrar a liberdade e a democracia, como se essas virtudes tivessem algum poder para transformar nosso mundo. Entretanto, em última análise, todas essas coisas não têm mais substância do que os ídolos de ouro, prata, bronze e pedra de Belsazar. Elas são grandes bênçãos quando vêm das mãos do Deus Altíssimo, que fez os céus e a terra e tudo o que neles há. Porém, se fizermos dessas coisas criadas nosso deuses e esquecermos nosso Criador, seremos tão tolos e cegos quando Belsazar e estaremos debaixo do mesmo julgamento que ele estava.

O Senhor é o único a quem devemos verdadeiramente temer. Ele mantém a vida em suas mãos, assim como mantinha o domínio sobre a vida de Belsazar. Ele pode trazê-lo à pobreza num instante, por intermédio de uma doença ou algum infortúnio, ou pode soprá-lo

para a morte como uma vela. O mesmo é verdadeiro sobre nossas conhecidas instituições políticas: o Senhor é aquele que investiu o nosso país com sua presente força e influência, e o Senhor poderia nos humilhar e nos fazer derrubar num momento, se quisesse. Seus servos fiéis são os únicos que realmente permanecerão, e seu reino é o único que nunca vai chegar ao fim.

A soberana misericórdia de Deus

Como cristãos, podemos dizer que acreditamos nessas verdades, mas, na prática, frequentemente agimos como se não fossem verdadeiras. Por que é que estamos completamente despreparados para cenários bem menos ameaçadores do que aquele enfrentado por Belsazar? Nosso coração é assolado por preocupações se nosso trabalho for ameaçado ou se nosso carro se recusar a funcionar; ficamos desolados e desesperados se nossa saúde for abalada ou um entesourado relacionamento acabar; respondemos com ira a pessoas que nos insultam ou ferem nosso

orgulho. Essas respostas revelam nosso coração tão claramente quanto o banquete de Belsazar revelou seu orgulho e os ídolos nos quais sua confiança estava. Somos todos *Belsazares* funcionais. Nossas emoções negativas, excessivamente fortes, mostram que temos revestido essas coisas – nosso trabalho, nossa saúde, nossos relacionamentos, nosso conforto, nosso *status* e realizações – com importância divina, mesmo quando, ao mesmo tempo, confessamos com nossos lábios que Jesus Cristo é o nosso Senhor. Pegamos aquelas coisas que o Senhor nos tem dado – corpo, talentos, cônjuges, filhos, posição de influência, liderança, realizações de várias espécies – e as usamos para oferecer culto aos nossos ídolos vazios. Se formos pesados na balança de Deus, todos seremos achados em falta, profundamente culpados do pecado de Belsazar; somos, na melhor das hipóteses, crentes "meio-shekel" que merecem ser soprados pra longe pela ira de Deus.

Precisamos, portanto, nos maravilhar com o fato de que Deus continue a nos mostrar

misericórdia. Daniel 4 e 5 nos mostra a absoluta soberania de Deus na salvação. Ele mostrou misericórdia ao rei Nabucodonosor apesar de sua perseguição anterior ao povo de Deus. Ele o humilhou e o trouxe ao ponto onde ele verdadeiramente entendeu a realidade do poder de Deus sobre si e dobrou seus joelhos diante dele. Contudo, não houve qualquer misericórdia para Belsazar. Sua humilhação não lhe trouxe ao ponto de arrepender-se, mas somente ao ponto de morrer.

Portanto, Deus também derrubará todos os orgulhosos. Alguns ele humilhará redentivamente, abrindo-lhes os olhos para verem sua verdadeira necessidade de Deus e trazê-los de joelhos a si. Outros serão meramente levados à morte, mostrando, em última análise, em um momento final de terror, que toda a sua vida foi uma farsa vazia e que agora estão condenados à destruição e separação eterna de Deus. Não podemos presumir a misericórdia de Deus. É uma séria e solene verdade, quando Deus diz: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de

quem me aprouver ter compaixão... Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz" (Rm 9.15-18). Deus soberanamente concede sua graça quando e a quem ele quiser.

Talvez você nunca tenha se humilhado diante de Deus ou se ajoelhado diante de seu trono. Como o rei Belsazar, você deve ter ouvido histórias de seus amigos e conhecidos sobre o poder de Deus, mas talvez nunca tenha dado muito crédito. Uma vez que você ainda não experimentou esse poder pessoalmente, você o desconsidera. Se é assim, então hoje é o dia de aprender com Belsazar quão perigosa é essa situação em que está. O Senhor pode demandar sua vida ainda essa noite, como fez com Belsazar: então, aonde todas as suas pequenas realizações o levarão? Todos os dias de sua vida, você esteve festejando no limitar da sepultura. Ainda que teimosamente se recuse a abrir seu coração a Cristo, a inscrição na parede e seu destino final são uma preocupação.

Mas por que você escolheria a morte? É muito melhor aprender a lição que Belsazar

deveria ter aprendido com a experiência do rei Nabucodonosor e se humilhar agora, antes que seja muito tarde. O Senhor abate ao soberbo, mas exalta o humilde (Tg 4.6). Aqueles que vierem a Deus agora, reconhecendo que nada têm a oferecer em troca, clamando a ele por misericórdia e graça, de que tanto precisam, encontrarão, tão certamente quanto aqueles que se mantiveram altivos em sua vida irão para a destruição eterna.

A profundidade da misericórdia de Deus

Para aqueles de nós que tiveram os olhos abertos pela graça de Deus para ver nossa vaidade, essa história funciona como mais um lembrete da profundidade de sua misericórdia. Por que fui escolhido como um recipiente da graça enquanto ele ignorou outros com realizações muito maiores com seus dons e que levam uma vida muito mais moral do que eu? Quem sou eu para receber um convite para o seu banquete, enquanto outros são deixados de fora? Não há nada em mim que me faça merecedor de tão grande herança. A única explicação é a

soberana misericórdia de Deus, que me escolheu a despeito de meu teimoso orgulho e autocentralização e abriu meus olhos para a profundidade da minha perdição sem Cristo. Quão alto, quão largo, quão profundo, quão extenso é o amor que o Senhor tem demonstrado a mim!

Em contraste com o reino de Belsazar, que foi pesado em balança e encontrado sem substância e em falta para ser dividido entre seus inimigos, há um reino que Deus estabeleceu em Jesus Cristo. Ironicamente, Jesus não tinha aquele brilho que esse mundo tanto deseja. Ele praticamente não tinha posses e tinha relativamente poucos seguidores. Ele não tinha nenhuma beleza exterior ou majestade para recomendá-lo, aparecendo na terra como um humilde carpinteiro, não como um poderoso imperador. Jesus nunca teve os recursos para fazer uma festa repleta de estrelas para mil dos seus amigos mais próximos, embora tenha abrilhantado uma festa de que participou, transformando água em um fino vinho (Jo 2). Seu reino não é deste mundo.

No entanto, quando a vida de Jesus foi pesada na balança de Deus, ele foi achado perfeito e completo, capaz de satisfazer as demandas da santidade de Deus não apenas para si mesmo, para todos aqueles que vêm a Deus por intermédio dele. Seu grande banquete espera por nós no futuro, no final dos tempos; naquele dia, em lugar dos nobres de Belsazar, haverá milhares de milhares dos santos em Cristo em sua companhia – todos aqueles que lavaram suas vestes e as fizeram alvas no sangue do Cordeiro. Naquele banquete não haverá lugar para o nosso orgulho ou para brindar nossas conquistas: em vez disso, cada pessoa que estiver ali confessará livremente que foi salva pela graça e purificada pela misericórdia de Deus. Naquele dia, não haverá semelhante interrupção no banquete: a lei de Deus será estabelecida para sempre e sempre. Seu reino não será dividido e dado aos seus inimigos; pelo contrário, será formado pelas pessoas que foram feitas um em Cristo.

Então, onde seus olhos estão fixos? Seu coração está inclinado para o convite para a

festa de Belsazar, o banquete que esse mundo oferece: um romance passageiro que é vazio e sem sentido quando medido na escala de valores eternos? Você está usando seus dons, que Deus lhe deu, como uma oferta aos ídolos de seu coração? Está esperando que sua bondade o capacite a permanecer altivo diante de Deus? Não há futuro para esse tipo de banquete. Em vez disso, você e eu precisamos olhar adiante e para cima, para o verdadeiro banquete para o qual Jesus Cristo nos convida, uma festa na qual só se pode entrar pela graça, para aqueles que foram vestidos com as vestes que Deus provê (Mt 22.11-13). Esse banquete vai mais do que compensar qualquer dor ou sofrimento que tenhamos a curto prazo. O simples "muito bem" de Deus tem mais peso do que o ouro e as honras de Belsazar. Aqueles que tiverem pesado sua vida na balança das medidas de Deus e visto coisas pela perspectiva eterna nunca perderão a reverência que pecadores como eles devem ter ao serem convidados para participar dessa mesa. Como o escritor de hinos Isaac Watts [1674–1748] colocou:

How sweet and awful is the place with Christ within the doors,
While everlasting love displays the choicest of her stores.
While all our hearts and all our songs join to admire the feast,
Each of us cry, with thankful tongues, "Lord, why was I a guest?"
"Why was I made to hear Thy voice, and enter while there's room,
When thousands make a wretched choice, and rather starve than come?"
'Twas the same love that spread the feast that sweetly drew us in;
*Else we had still refused to taste, and perished in our sin.**

1 Danna Nolan Fewell, *Circle of Sovereignty: Ploting Politics in the Book of Daniel* (Nashville: Abingdon, 1991), 83.
2 Veja: A. Wolters, "Untying the King's Knots: Physiology and Wordplay in Daniel 5", JBL 110 (1991) 117–22. Veja também: Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 138.

3 Literalmente "a rainha", mas como as esposas já estavam presentes (Dn 5.2), parece que outra pessoa foi indicada. A rainha-mãe mantinha uma posição de alguma importância na corte babilônica e se lembraria, naturalmente, dos eventos que Belsazar havia esquecido (reprimido?). Veja E. J. Young, *The Prophecy of Daniel: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), 122.

4 Aqui há um trocadilho que reflete o constrangedor problema anterior de Belsazar. Em vez de as divinas revelações "fazerem os seus lombos relaxarem", Daniel era aquele que ajuntaria as coisas ao resolver esse problema.
5 Longman, *Daniel,* 140.
6 John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 110–11.
7 M. Hilton, "Babel Revisited—Daniel Chapter 5", *Journal for the Study of the Old Testament 66* (1995): 99-112.
* *Quão doce e temível é o lugar com Cristo portas a dentro,/ Enquanto o amor eterno mostra sua mais seleta escolha / Enquanto o nosso coração e nossas canções se juntam para admirar o banquete,/ Cada um de nós clama, com lábios gratos: Senhor, por que fui eu um convidado?/ Por que me deste ouvir tua voz e entrar enquanto havia lugar/ Quando milhares fazem uma escolha terrível, ao contrário, preferindo fome a vir?/ Foi o mesmo amor espalhado no banquete que docemente foi derramado sobre*

nós/ De outro modo, teríamos recusado provar, e perecido em nossos pecados.

NA COVA DO ANJO

Daniel 6.1-28



Pela manhã, ao romper do dia, levantou-se o rei e foi com pressa à cova dos leões. Chegando-se ele à cova, chamou por Daniel com voz triste; disse o rei a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões? Então, disse Daniel ao rei: Ó rei, vive eternamente! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum (Dn 6.19-22).

No filme *Teoria da Conspiração*, Mel Gibson interpreta um motorista de táxi que está convencido de que o mundo está cheio de conspirações bizarras e que ele é o alvo pessoal de um elaborado plano do governo. À medida que o

filme avança, descobrimos ser verdade o velho ditado: “Só porque você é paranoico, não significa que eles não estejam atrás de você”. Mas o filme também lança alguma luz sobre a verdadeira doença mental da paranoia. Pessoas que sofrem com essa doença não necessariamente deliram ou ouvem vozes: sua percepção do que está acontecendo pode estar perfeitamente normal. O distúrbio decorre, portanto, de um entendimento equivocado de *por que* esses eventos em particular estão acontecendo. Eles veem um helicóptero voar sobre si e concluem que isso é parte de um complô secreto do governo para monitorar seus movimentos, ou eles veem um homem num restaurante olhar para eles e acreditam que ele esteja planejando matá-los. O helicóptero e o homem são reais, mas seus significados foram entendidos erradamente: a pessoa paranoica pensa erradamente que as pessoas estão planejando machucá-la ou que há perigos escondidos atrás de cada moita. Como resultado, sua vida é assombrada por medo e preocupação debilitantes.

A mente de Daniel, contudo, pode ser apropriadamente descrita como o oposto da paranoia. Em um mundo em que havia realmente pessoas conspirando contra ele e perigos por todos os lados, ele, entretanto, exibia uma paz que verdadeiramente chama atenção. Não é como se ele não conseguisse entender o que estivesse acontecendo ao seu redor. Ele sabia que vivemos em um mundo excessivamente perigoso, um mundo cheio de leões, nem todos eles dentro de covas. Mas, ao mesmo tempo, Daniel também tinha um correto entendimento de *por que* as coisas estavam acontecendo e, mais importante, de *quem* estava no controle. Ele sabia que seu Deus era soberano sobre os mais temíveis perigos que rondam esse mundo. Como resultado, era capaz de experimentar uma profunda paz em meio a provações e tribulações, do mesmo modo como quando sua vida estava correndo bem. Se quisermos ter paz como a que Daniel possuía e confiar que tudo concorrerá para o nosso bem no final e no meio de adversidades e desapontamentos, precisamos

aprender a lição que esse capítulo da palavra de Deus tem para nós.

Vivendo como um peregrino

A primeira coisa a se observar nesse capítulo é que Daniel aprendeu como viver como um peregrino. No início de sua carreira na Babilônia, Daniel estava *na* sua cultura, mas não *de* sua cultura. Por um lado, ele não se retirou da cultura babilônica, desde que não fosse manchado por ela. Pelo contrário, ele agora havia servido ao império fielmente por quase setenta anos. Longe de usar sua idade como uma desculpa para se aposentar, ele continuou a servir à nova administração. Belsazar foi substituído como rei por Dario, e o império babilônico foi substituído pelo dos medos e persas, mas Daniel se manteve no serviço:

> Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino; e sobre eles, três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes sátrapas dessem conta, para que o rei não sofresse dano. Então, o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e

> sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino. Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa. Disseram, pois, estes homens: Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus (Dn 6.1-5).

De fato, Daniel serviu ao império tão bem que continuou a ser promovido. Quando o rei Dario decidiu distribuir autoridade em seu novo reino indicando três administradores sobre os 120 sátrapas ou governantes das províncias de seu reino, Daniel foi um desses três (Dn 6.1-2). Há uma certa ironia na escolha de Daniel como um dos três presidentes do reino, *de fato*, dado que Belsazar havia prometido fazer de Daniel o terceiro em importância na Babilônia (5.29).[1] Na verdade, Daniel recebeu a recompensa de Belsazar, apesar de sua morte. Mas Daniel fez um trabalho tão excelente nesse cargo que Dario

planejava colocá-lo em uma posição ainda mais elevada, sobre o reino inteiro (6.3).

Mesmo enquanto Daniel servia aos impérios babilônico e persa, contudo, não foi moldado pelos seus valores. Trapaça e corrupção eram amplamente difundidas pelo mundo antigo, assim como há muito disso no mundo moderno; seria muito fácil Daniel justificar ter pego um pouquinho do que aqueles impérios haviam roubado de si mesmo e do seu povo. Contudo, Daniel teve uma vida tão completamente livre de corrupção e negligência que seus inimigos não puderam encontrar nada para usar contra ele, mesmo quando procuraram diligentemente.

Estamos familiarizados em nosso próprio sistema com o tipo de escrutínio e trabalho sujo que tem lugar quando alguém é nomeado para algum alto posto. Com frequência, alguma ossada cuidadosamente desenterrada aparece e a pessoa é desqualificada e não mais considerada. De fato, qual de nós tem uma vida que passaria nesse tipo de escrutínio? Se fôssemos nós debaixo do microscópio, os investigadores particulares voltariam com as mãos vazias e

diriam: “Desculpe. Você pode parar de procurar por sujeira nesse sujeito. Sua vida está acima de qualquer suspeita”? Entretanto, essa foi a afirmação feita pelos inimigos de Daniel. Eles reconheceram que não podiam achar nele qualquer falta, a menos que isso tivesse alguma relação com a lei de seu Deus. Mas que testemunho incrível dos inimigos de Daniel e de seu Deus! Ele encarnou as palavras de Jesus: “Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

A bondade de Daniel, porém, não lhe rendeu amigos por todos os lados. Pelo contrário, sua fidelidade em seu dever para com Deus e com os homens fez poderosos inimigos. Alguns procuraram derrubá-lo, provavelmente porque estavam com ciúmes de seu sucesso ou porque sua incorruptibilidade estivesse restringindo a capacidade deles de usar o sistema em benefício próprio. Mas não é sempre assim? Desde que Caim matou Abel, tem existido uma hostilidade entre o povo de Deus e aqueles ao seu redor, uma hostilidade que algumas vezes ganha

expressões violentas. A verdade é que vivemos num mundo hostil e precisamos estar preparados para essa realidade. Paulo avisou aos Tessalonicenses de antemão que certamente sofreriam perseguição (1Ts 3.4) e disse a Timóteo que "todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2Tm 3.12). Deveríamos esperar perseguição como algo rotineiro.

Crentes ao redor do mundo sabem isso por experiência própria, mas aqui, no próspero e supostamente tolerante Ocidente, temos esperado que nossa vida como cristãos corra suave e tranquilamente, pelo menos se formos fiéis seguidores do Senhor. Pensamos que o *slogan* "Deus o ama e tem um maravilhoso plano para sua vida" significa que nossa vida será protegida por Deus de qualquer forma de desprazer. Essa é uma crença falsa, contudo. Perseguição nos vem de formas variadas e de variadas direções, no entanto, isto é algo que devemos esperar constantemente como uma marca de nossa vida em um mundo caído. Ela pode vir em forma de zombaria ou isolamento

na escola, ou de conflitos e problemas no trabalho, ou simplesmente por sermos considerados estranhos e diferentes, mas, de uma forma ou outra, devemos esperar sofrer abusos por amor a Cristo.

Peregrinos se lembram dessas coisas. Os peregrinos entendem que esse mundo não é nossa casa, e que, portanto, não deveríamos ficar surpresos se nossas boas-vindas aqui forem algo menos que calorosas (1Pe 2.11). Quando os inimigos de Daniel trouxeram a acusação contra ele diante do rei, eles o chamaram de "Daniel, que é dos exilados de Judá" (Dn 6.13). Quiseram insultá-lo, insinuando que, após todos esses anos vivendo na Babilônia, ele ainda era um forasteiro e, portanto, não confiável. Sua lealdade profunda repousava em outro lugar. De fato, essa era a maior recomendação que poderiam dar a respeito dele. Depois de todos esses anos, mesmo que Daniel tenha servido ao império fielmente, a Babilônia não era sua casa. Ele era, nada mais nada menos, que um peregrino aqui. Sua cidadania estava em outro lugar (cf. Fp 3.20).

Persistindo em oração

O segundo ponto que precisamos ver nesse capítulo é que Daniel aprende como persistir em oração. Os inimigos de Daniel sabiam que, se quisessem trazer uma acusação contra ele, tinham que engenhosamente fazer com que a lei de seu Deus e a lei do estado entrassem em conflito. Eles sabiam que, se Daniel tivesse que escolher entre obedecer ao seu Deus e obedecer às autoridades persas, sua lealdade a seu Deus viria em primeiro lugar. Mais uma vez, essa observação deveria tanto nos desafiar quando nos condenar. Os inimigos de Daniel estavam totalmente convencidos de que ele preferiria morrer a desobedecer ao seu Deus. Eles sabiam que ele preferiria ir para os leões a desistir de sua prática diária de oração. Poderiam nossos amigos e conhecidos, esqueça nossos inimigos, dizer algo semelhante sobre nós com igual confiança? Nosso compromisso com a constante oração é evidente para qualquer um que nos conheça? Em vista do comprometimento de Daniel em orar, os administradores e os sátrapas

conspiraram e foram ao rei Dario com uma proposta de uma nova lei.[2]

> Então, esses presidentes e sátrapas foram juntos ao rei e lhe disseram: Ó rei Dario, vive eternamente! Todos os presidentes do reino, os prefeitos e sátrapas, conselheiros e governadores concordaram em que o rei estabeleça um decreto e faça firme o interdito que todo homem que, por espaço de trinta dias, fizer petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões. Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. Por essa causa, o rei Dario assinou a escritura e o interdito (Dn 6.6-9).

Os inimigos de Daniel sugeriram que o rei deveria publicar um decreto de que, pelos próximos trinta dias, ninguém poderia fazer petições a qualquer deus ou homem exceto ao rei, sob pena de ser jogado na cova dos leões (Dn 6.7). A intenção da nova lei não é inteiramente clara. Presumivelmente, Dario não estava declarando ser divino por um período de

um mês, nem há qualquer indicação de que esse período de teste seria estendido se o esquema se provasse popular. Provavelmente, Dario viu a lei mais como um decreto político do que religioso, um meio de unir o domínio por identificá-lo como o único mediador entre as pessoas e seus deuses, a fonte de suas bênçãos.[3] Esse decreto, portanto funcionava de maneira similar à enorme estátua de ouro de Nabucodonosor. Sem dúvida, Dario ficou lisonjeado pela ideia de todos os oficiais proporem esse novo decreto – tão lisonjeado que não notou que Daniel não estava entre eles. Quaisquer que tenham sido os motivos do rei, ele rapidamente assinou o decreto, que passou a vigorar como lei dos medos e persas que não pode ser alterada (6.8-9).

Há uma série de diferentes formas pelas quais Daniel poderia ter respondido a esse decreto. Você e eu teríamos corrido para diante do rei, protestado a injustiça da nova lei e retornado para casa em lágrimas para nos queixar com nossos amigos sobre o ocorrido. Quando Daniel ouviu sobre a nova lei, contudo, ele continuou a

fazer exatamente o que ele sempre fez. Três vezes ao dia, ele tinha o hábito de ir até o quarto superior para orar, ajoelhando-se com o rosto virado para Jerusalém, dando graças, pedindo e implorando a seu Deus: "Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer" (Dn 6.10).

Não havia qualquer mandamento que requeresse que Daniel buscasse a Deus desta forma, mas ele tinha feito disso um hábito. Como resultado, o que é notável em seu comportamento nem é tanto que a crise o tenha levado a se ajoelhar, mas que, pelo contrário, ele não tenha quebrado sua rotina de oração. Ele não se escondeu em alguma sala interna para orar, na esperança de permanecer escondido. Quando orar se torna moda, orar em secreto talvez seja uma coisa boa, mas quando a oração é proscrita, orar em secreto se torna um ato de

covardia.[4] Isto significaria fingir cumprir um decreto que colocaria Deus fora de nossa vida, e isso era algo que Daniel não estava disposto a fazer.

Tampouco Daniel clamou imediatamente a Deus por livramento deste decreto injusto. Em vez disso, ele começou dando graças, como normalmente fazia. Não é extraordinário? Enquanto enfrentava a morte, sabendo que seus inimigos certamente o veriam e usariam sua oração contra ele, Daniel se ajoelhou e deu graças a Deus. Quão fantástica é sua fé! Eis aqui um bom teste para a profundidade de nossa vida de oração: quanto de seu tempo e energia é gasto reclamando das circunstâncias de sua vida e pedindo que tais coisas sejam diferentes e quanto é gasto em ação de graças pela superabundante bondade de Deus? Quanto mais claramente vemos quem Deus é e as grandes coisas que fez por nós, mais consistentemente nosso coração é levado a louvá-lo e agradecer-lhe, quaisquer que sejam nossas circunstâncias externas. Além do mais, ao começar com ação de graças, fazemos

nosso coração se lembrar da fidelidade de Deus no passado, o que nos fará mais capazes de confiar na sua sabedoria e poder para responder às nossas petições futuras.

Buscando o favor de Deus

Pelo que Daniel orava e suplicava com tanta consistência que o fazia ficar de joelhos três vezes por dia? O foco destas orações regulares, como veremos quando chegarmos ao capítulo 9, era suplicar que Deus mostrasse misericórdia à sua terra e ao seu templo, que estavam desolados. Isso explica por que Daniel sempre orava voltado para Jerusalém. Não era meramente um ritual supersticioso da sua parte. Ao contrário, ele estava conscientemente cumprindo o cenário descrito pela oração de Salomão na dedicação do templo de Jerusalém. Naquela grande ocasião, Salomão antecipou os dias, centenas de anos antes, quando o povo de Deus, por ter pecado grandemente contra o Senhor, seria deportado da Terra Prometida por seus pecados. Em sua oração, Salomão pediu que, quando a tragédia ocorresse e eles se

voltassem para Senhor na terra de seus inimigos, orando na direção do templo, o Senhor ouvisse suas orações e mostrasse a eles favor aos olhos dos seus raptores (1Rs 8.46-50). Em concordância com esse requisito, Daniel olhava para Jerusalém três vezes ao dia e pedia por misericórdia para seu povo e para si mesmo a Deus, o grande Rei. Ele buscava a restauração do povo do Senhor à terra do Senhor e, sem dúvida, nesta ocasião particular ele também pedia por misericórdia em sua hora de necessidade.

Em vista do que se seguiu, deve ter parecido a Daniel, num primeiro momento, que sua oração não tivesse sido atendida. Os conspiradores vieram e o acharam orando e suplicando ao seu Deus (Dn 6.11). Uma vez que Daniel orava publicamente três vezes ao dia, isto provavelmente não exigiu grande habilidade da parte deles. Mas certamente Deus podia fechar-lhes os olhos tão facilmente como posteriormente fechou a boca dos leões, para que Daniel pudesse orar sem obstáculos. Não poderia ele, a seu modo, ter poupado Daniel de

toda essa provação? Certamente que sim, mas seu propósito não era salvar Daniel *da* prova, mas salvá-lo *na* prova. Como aconteceu com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, havia lições que Daniel e aqueles ao seu redor precisavam aprender e só poderiam ser aprendidas se Daniel fosse à cova dos leões.

Esse também é um ponto importante para entendermos. Deus não está compromissado com nosso conforto. Seu compromisso não é fazer com que nossa vida corra suavemente. Ele *está* compromissado em nos santificar e demonstrar sua própria glória em e através de nós; e, muito frequentemente, tal compromisso significa que ele submeterá seus vasos terrenos a pressões que certamente nos estraçalhariam, se sua graça não fosse suficiente para nós. O Senhor o tirará do olho do furacão, para mostrar que ele é o Senhor do furacão e pode fazer com que frágeis vasos flutuem a salvo, saindo do outro lado. Seu maravilhoso plano para sua vida é santificá-lo por meio de provas e tribulações (1Pe 1.6-7).

A lei dos medos e dos persas

Quando os conspiradores abordaram Dario, eles não denunciaram imediatamente Daniel, mas primeiro pediram que o rei reafirmasse o caráter imutável do decreto, de modo tornar ainda mais difícil evitar seu cumprimento. Somente após ele ter afirmado que aquela era, de fato, a lei dos medos e persas, que não poderia ser alterada, eles anunciaram o fato de que o decreto culpava Daniel:

> Se apresentaram ao rei, e, a respeito do interdito real, lhe disseram: Não assinaste um decreto que, por espaço de trinta dias, todo homem que fizesse petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, fosse lançado na cova dos leões? Respondeu o rei e disse: Esta palavra é certa, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. Então, responderam e disseram ao rei: Esse Daniel, que é dos exilados de Judá, não faz caso de ti, ó rei, nem do interdito que assinaste; antes, três vezes por dia, faz a sua oração (Dn 6.12-13).

Essa notícia perturbou o rei, pois sentia ter que perder um servo tão fiel e honesto, e ele procurou um meio de salvar Daniel do destino da lei referida. Entretanto, quando os conspiradores vieram ao pôr do sol e lembraram ao rei que a lei dos medos e dos persas não podia ser mudada, ele assentiu e fez os preparativos para que Daniel fosse jogado na cova dos leões: "Então, aqueles homens foram juntos ao rei e lhe disseram: Sabe, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum interdito ou decreto que o rei sancione se pode mudar" (Dn 6.15).

É claro que isso não era algo tão estrito que não houvesse outra opção para o rei Dario. Tanto aqui como no livro de Ester, onde também se vê a ideia de uma "lei dos medos e dos persas, que não pode ser revogada", o decreto acabava por ser anulado simplesmente por se publicar um decreto com teor oposto. Podemos presumir que Dario já tivesse feito um contradecreto a essa altura, confessando que havia errado por publicar o primeiro decreto. Contudo, depois de anteriormente ter reafirmado a validade do decreto, tal

contradecreto teria resultado em uma enorme vergonha para Dario e ele teria posto em descrédito todos os seus futuros decretos. Esse é o motivo pelo qual, no final do dia, escolheu sacrificar Daniel em vez de enfraquecer o valor de sua palavra como lei inflexível e imutável.

Então Dario abandonou Daniel ao seu destino na cova dos leões. Para garantir que nenhuma ajuda de fora fosse dada a Daniel, a entrada da cova foi tampada por uma pedra, que foi selada com o anel do rei e de seus nobres. Humanamente falando, Daniel foi deixado sozinho para enfrentar seu destino. Entretanto, as últimas palavras de Dario a Daniel apontam para uma fonte superior de ajuda: "Então, o rei ordenou que trouxessem Daniel e o lançassem na cova dos leões. Disse o rei a Daniel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre" (Dn 6.16).

A Preservação de Daniel

Isto nos traz ao terceiro ponto que precisamos ver nesse capítulo, qual seja, a preservação de Daniel na cova dos leões:

> Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel. Então, o rei se dirigiu para o seu palácio, passou a noite em jejum e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono.
>
> Pela manhã, ao romper do dia, levantou-se o rei e foi com pressa à cova dos leões, chamou por Daniel com voz triste; disse o rei a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões? Então, Daniel falou ao rei: Ó rei, vive eternamente! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum. Então, o rei se alegrou sobremaneira e mandou tirar a Daniel da cova; assim, foi tirado Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus (Dn 6.17-23).

A história contrasta a aguda ironia à experiência de Daniel e Dario durante a noite. Dario retornou ao seu palácio, onde passou uma noite atormentada e sem sono, impossibilitado

de desfrutar dos confortos normais da comida e do entretenimento. Ao amanhecer, levantou-se e correu para a cova dos leões, clamando, profundamente preocupado com Daniel. Entretanto, em sua resposta ao clamor angustiado do rei, Daniel soa tão calmo e sem perturbações, como se tivesse passado a noite em sua própria cama, não com leões: "Ó rei, vive eternamente! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões" (Dn 6.21-22). Está claro que, ao contrário de todas as expectativas, Daniel na verdade passou uma noite bem mais confortável naquela cova fedorenta do que Dario em seu luxo real. Quase podemos imaginar o profeta deitado com a cabeça apoiada em um leão peludo, conversando por horas com um anjo sobre assuntos celestiais, até ser bruscamente interrompido pela pergunta de Dario. Sua terrível hospedaria se tornou uma cova de anjos, em vez de leões: o anjo fechou a boca dos leões e manteve o servo de Deus a salvo.

Mas que grande contraste isto proporciona! O rei Dario tinha à sua disposição todos os

prazeres que o mundo antigo podia oferecer e não pôde usufruir de nenhum deles, enquanto Daniel não tinha nada, exceto a presença de seu Deus com ele em suas provações, e desfrutou do descanso de uma noite de paz. Isso nos mostra que a verdadeira paz não vem das posses que acumulamos, mas da presença e do favor de Deus em nossa vida. O que significava uma terrível e mortal provação para Daniel com os leões se tornou um revigorante encontro com o anjo. Deus estava com ele e o preservou seguro através da provação.

Contudo, não é como se os leões tivessem sido feitos inofensivos pelo anjo e os transformados em mansos gatinhos. Depois que Daniel foi solto, "ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens que tinham acusado a Daniel, e foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres" (Dn 6.24), de acordo com um princípio comum do antigo Oriente Próximo, segundo o qual qualquer um que fizesse uma falsa acusação contra outrem deveria ser punido recebendo o mesmo destino que tivesse procurado para suas vítimas (veja Dt

19.16-21). A experiência dos conspiradores na cova foi exatamente o oposto da de Daniel: “Ainda não tinham chegado ao fundo da cova, e já os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos” (Dn 6.24).

O que fez o destino deles ser diferente? Por que Daniel foi poupado dos leões, enquanto seus conspiradores foram consumidos por eles? Daniel explicou ao rei Dario que os leões não foram capazes de feri-lo porque ele foi achado inocente aos olhos de Deus e nunca havia feito nada para prejudicar o rei: “O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum” (Dn 6.22). O tribunal celeste foi aquele cuja decisão realmente contou: O Deus Altíssimo é quem mantém o verdadeiro poder sobre a vida e a morte, não qualquer rei terreno. Ao fazer sua declaração, Daniel estava simplesmente explicitando seu nome, que significa “meu Deus é o Juiz”. Sua experiência na cova dos leões confirmava essa verdade básica. Deus o havia julgado “inocente”

e ele emergiu da cova dos leões sem nenhum arranhão. Deus, de fato, tinha respondido às suas orações anteriores e mostrado a ele sua misericórdia. Igualmente, o destino dos conspiradores demonstrou que eles foram julgados e encontrados culpados por Deus, não somente pelo rei terreno, confirmando a justiça de sua sentença de morte. Esse contraste é ironicamente enfatizado quando comparamos a maneira como Daniel se dirige, da cova, ao rei, com o decreto do rei. Usando a forma de tratamento comum, Daniel começa: "Ó, rei, vive eternamente". Porém Dario foi forçado a confessar que o rei que realmente vive eternamente é o Deus do céu, não os governantes da terra:

> Então, o rei Dario escreveu aos povos, nações e homens de todas as línguas que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada! Faço um decreto pelo qual, em todo o domínio do meu reino, os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel, porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre; o seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim. Ele livra, e salva, e faz

> sinais e maravilhas no céu e na terra; foi ele quem livrou a Daniel do poder dos leões (Dn 6.25-27).

Em resposta ao livramento de Daniel, o rei Dario publicou um contradecreto, anulando seu decreto original. Nesse decreto ele ordenou temor e reverência ao Deus de Daniel, o Deus vivo que resgata e salva (Dn 6.26-27). É claro, ninguém pode impor a devoção a Deus por decreto, nem impedi-la por decreto, mas o decreto era, no entanto, um testemunho tangível da obra de Deus em convencer Dario de sua existência e poder. O Senhor tinha, mais uma vez, feito o governante mais poderoso de todos os impérios reconhecer sua grandeza e poder, bem como o fato de que seu reino verdadeiramente duraria para sempre.

Prosperando no exílio

Não perca a importante nota de encerramento do capítulo: "Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa" (Dn 6.28).[5] Isso encerra o relato da vida de Daniel e põe sua experiência na cova

dos leões em um contexto mais amplo. Isso nos lembra de que toda a vida de Daniel foi passada no exílio, numa cova dos leões metafórica. No entanto, como a nota de encerramento do capítulo 6 nos lembra, Deus o preservou vivo e intacto durante todo aquele tempo, habilitando-o a prosperar debaixo de sucessivos reis, até o tempo do rei Ciro, quando suas orações por Jerusalém começaram a ser finalmente respondidas. Ciro foi o instrumento escolhido por Deus para realizar o retorno do exílio, quando publicou o decreto dizendo que os judeus poderiam retornar à sua terra natal e reconstruir Jerusalém (veja 2Cr 36.22-23; Is 45.1-4).

Até onde sabemos, Daniel nunca retornou para casa, para sua amada Judá. Sua recompensa teria que esperar pela Jerusalém do alto. Nas experiências de Daniel e seus três amigos, Deus demonstrou que poderia manter a salvo seu povo no meio de seus inimigos. A vida no exílio nunca seria fácil e lá nunca seria seu lar. Contudo, pela fidelidade de Deus, seria possível ao seu povo sobreviver no exílio como

estrangeiro e peregrino, servindo ao império terreno no qual se encontrasse, ainda que, enquanto isso, mirasse outra cidade, que ainda estava por vir (Hb 13.14).

É assim que Daniel 6 se dirige a nós também, pois também somos estrangeiros e peregrinos nesse mundo. Devemos aprender com a experiência de Daniel que o mundo no qual vivemos é um lugar perigoso. Esse mundo não é o nosso lar e nunca será. Mas, ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que a inimizade do mundo nunca poderá nos ferir além do que o Senhor permitir. O Senhor é o nosso verdadeiro juiz: seu veredito sobre nós é o único que realmente conta. Portanto, no meio das maiores provações e sofrimentos, mesmo quando somos perseguidos por nossa fé, podemos ter paz que surpreende o mundo, pois o Senhor tem nossos opressores nas suas mãos, e diz: “Até aqui, não além”.

A cova dos leões e o caminho para a cruz

Mas Daniel 6 realmente nos dá uma perspectiva realista de perseguição e sofrimento?

Não é verdade que para cada Daniel que Deus livra da cova dos leões há centenas de mártires sem nome que Deus não livra? Não têm os fiéis a Deus sofrido terrivelmente ao longo dos séculos e, algumas vezes, passando pela boca dos leões ou sendo queimados vivos? Não estão os crentes, ainda, sofrendo terrivelmente ao redor do mundo hoje? Onde está Deus nessas situações? Esses crentes são menos fiéis a Deus ou menos importantes pra ele do que Daniel?

Para responder a essas questões, precisamos ver que Daniel 6 proporciona algo mais do que simplesmente um modelo de como Deus lida com o sofrimento dos crentes ou como supostamente devemos permanecer firmes sob provação, como Daniel. Ao contrário, Daniel 6 é um prenúncio do veredito que será dado a todos os crentes no dia do juízo final. Daniel suportou o teste da cova dos leões, saindo ileso, porque Deus o julgou e ele foi achado inocente; como resultado, os leões, que agem como agentes do juízo de Deus, não o feriram. Contudo, os incrédulos que tramaram contra Daniel foram achados culpados e destruídos

pelo juízo de Deus. Eles e suas famílias foram sentenciados à morte num prenúncio do julgamento pactual futuro, como a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19), as famílias de Coré, Datã e Abirão, que foram engolidas vivas (Nm 16) e o extermínio dos habitantes de certas cidades cananitas (p. ex., Js 6). No último dia, todos aqueles que estão em Adão serão declarados culpados e receberão seu destino de destruição, enquanto aqueles que estão em Cristo serão encontrados inocentes e participarão da glória e exaltação de Cristo.

Isso também nos leva a considerar como Jesus cumpre Daniel 6. Como Daniel, Jesus foi falsamente acusado por seus inimigos e trazido diante do governador, Pôncio Pilatos, que procurou, sem sucesso, livrá-lo de seu destino, antes de entregá-lo a uma morte violenta. Como Daniel, Jesus foi condenado à morte e seu corpo foi colocado numa cova selada, para que a situação não pudesse ser mudada por intervenção humana. A provação de Jesus foi ainda mais profunda que a de Daniel, contudo, ele não meramente sofreu a ameaça de morte,

mas passou pela morte. Não havia nenhum anjo para confortá-lo com a presença de Deus em sua cova; pelo contrário, ele foi deixado nas trevas totalmente só e abandonado por Deus, sofrendo o destino que nós, culpados, merecíamos. Seu corpo foi deixado na tumba, nas frias garras da morte, por três dias antes de o anjo finalmente aparecer para remover a pedra.

No entanto, a experiência de Jesus é um prenúncio do julgamento final, uma declaração antecipada do veredito do tribunal celeste. Jesus morreu por nossos pecados, não pelos seus próprios, e a morte não tem poder final sobre ele, como um homem verdadeiramente inocente. Jesus não permaneceu na tumba: Deus o ressuscitou da morte, precisamente porque o tribunal celeste o declarou inocente.

Além do mais, quando Jesus saiu vivo da tumba quando o dia amanheceu naquele primeiro domingo de Páscoa, ele trouxe consigo o selo de absolvição de Deus não somente para si mesmo, mas para todos aqueles que a ele se juntarem pela fé. Quando Daniel saiu da cova dos leões, ele saiu sozinho. Ninguém mais foi

salvo pelo livramento de Deus dado a ele. Mas, quando Jesus saiu daquela tumba, ele saiu à frente de uma grande multidão de pessoas que foram redimidas da cova pela sua morte. Todo aquele que crer em Jesus receberá o mesmo veredito da corte celestial que ele recebeu, pois sua retidão será contada como a deles. Por causa da obra de Cristo em lugar de seu povo, o Juiz divino dirá: "Inocente! Você está livre!" Agora também podemos encontrar o favor de Deus pela cruz de Cristo.

As pessoas que Jesus redimiu pela sua morte e ressurreição não são todas super-crentes como Daniel. A maioria de nós somos pecadores comuns, pessoas que se curvam constantemente às demandas injustas do império. De nossa perspectiva terrena, não nos parece que a variedade de sofrimentos da humanidade profundamente caída que compõe a igreja tenha muito a seu favor. Que tipo de recompensa é essa aos sofrimentos de Cristo? No entanto, Jesus não hesita em nos chamar de belos! Mesmo alguém profundamente pecador pode ser tido por belo diante do Deus perfeito e santo

porque ele vê o final do processo, a igreja gloriosa que ele apresentará a si sem mácula ou ruga. Minha salvação não descansa em minha habilidade de "atrever-me a ser como Daniel", mas somente na perfeita obediência de Cristo em meu lugar. No meio de um mundo de provações e tribulações, aí está onde minha paz e conforto descansam. No mundo porvir, ali estará toda a minha glória: a justiça de Cristo, dada a mim.

1 Danna Nolan Fewell, *Circle of Sovereignty: Plotting Politics in the Book of Daniel* (Nashville: Abingdon, 1991), 107.

2 É sugestivo que o uso da palavra traduzida como "foram juntos" venha da mesma raiz do verbo usado para descrever a reunião de reis da terra contra o Senhor e seu Ungido, no salmo 2.1.

3 Veja John Walton, "The Decree of Darius the Mede in Daniel 6", *JETS* 31 (1988): 280.

4 John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 131.

5 A natureza do relacionamento entre Daniel e Ciro tem sido muito debatida. Está claro que Ciro já era rei da Pérsia quando a Babilônia caiu ante os persas e, até hoje, nenhuma referência a "Dario" foi encontrada em documentos sobreviventes. Contudo, nosso conhecimento da história deste período, embora seja substancial, é, sem dúvida, incompleto. Até bem recentemente, também não havia qualquer evidência cuneiforme que provasse a existência de Belsazar. Alguns comentaristas evangélicos sugerem que Dario foi um nome real babilônico adotado por Ciro, então essa sentença deveria ser entendida como "durante o reinado de Dario, o Medo, *isto é*, o reinado de Ciro, o Persa" (veja D. J. Wiseman, *Notes on Some Problems in the Book of Daniel* [Londres: Tyndale, 1965], 12-16). Outros argumentam que Dario, na verdade, foi um general de Ciro, em outro lugar chamado de Gubaru ou Ugbaru, que recebe, nas Crônicas de Nabonido, o crédito pela captura da Babilônia (veja W. H. Shea, "An Unrecognized Vassal King in the Early Acheamenid Period", *Andrews University Seminary Studies* 9 [1971]: 51-67, 99-128; 10 [1972]: 88-117).

O TRIUNFO DO FILHO DO HOMEM

Daniel 7.1-28



> *Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído* (Dn 7.13-14).

O fim do mundo é um assunto marcantemente popular em nossos dias. Os filmes de Hollywood, sempre um barômetro cultural útil, são uma clara testemunha desse fato. Em anos recentes temos visto uma grande quantidade de filmes nos quais o futuro da vida em nosso planeta é ameaçado por alienígenas, asteroides, inundações, congelamento, vírus

assassinos, máquinas letais, criaturas mutantes e holocausto nuclear, para mencionar apenas alguns. Esse interesse pode vir da angústia existencial que vem de ameaças de ataques terroristas, da crescente consciência da habilidade humana de tornar esse planeta inabitável, ou de alguma causa de raiz diferente. Venha de onde vier, é inegável que há mais interesse pelo fim do mundo hoje em dia do que tem havido nos últimos anos.

Esse fenômeno deveria tornar esse tempo propício para o estudo de porções apocalípticas da Bíblia, uma vez que elas também tratam do fim do mundo. Se as pessoas querem saber como o mundo vai acabar – seja com um estrondo ou com um gemido – que lugar melhor para se voltar senão para a palavra do Deus soberano, que controla toda a história? Daniel 7–12, que contém justamente esse tipo de literatura apocalíptica, deveria, contudo, ser intensamente relevante para todos nós.

Mas, para a maioria dos cristãos, as seções apocalípticas da Bíblia, como as que estão no fim do livro de Daniel e no livro do Apocalipse,

estão seladas: eles ficam nervosos de entrar por medo de não serem aptos para entender o que vão encontrar lá. E não ajuda o que fazem alguns pregadores, que pinçam essas porções das Escrituras expondo-as em termos lúgubres, de modo que a corrente configuração de países europeus ou do Oriente Médio se encaixe exatamente no cenário de finais dos tempos que eles têm construído. Esse cenário, que é feito a partir de um coquetel de duas doses de Daniel, três de Apocalipse e uma pitada de Ezequiel, mais faz lembrar uma das composições das bestas de Daniel 7: é parte leão, parte urso, parte homem, mas não é nenhum deles completamente. Esse complicado cenário do fim dos tempos tende a combinar elementos díspares de textos bíblicos em uma única peça, ignorando o fato de que o resultado final não pode ser harmonizado com uma leitura simples de nenhuma das partes individuais. O que nos leva a pensar: “Há alguma outra forma de entender essas passagens bíblicas, uma maneira que, por meio de uma interpretação sadia e sensível,

revele a mensagem destas passagens para os crentes em todos os tempos e lugares?

Se entendermos o propósito central destas passagens, focarmos nossa atenção no que é claro e seguirmos em frente, ao invés de focarmos no que é complicado e obscuro, encontraremos bênção e encorajamento nas porções apocalípticas da Bíblia. Além do mais, cristãos que sustentam uma variedade de diferentes cenários de fim dos tempos podem concordar sobre essas verdades centrais, que serão ministradas a todos os crentes, quer o Senhor retorne mais cedo ou mais tarde.

Entendimento apocalíptico

Antes, porém, uma palavra sobre o método. Para entender qualquer tipo de texto, precisamos entender seu propósito. Frequentemente fazemos essa avaliação intuitivamente. Instintivamente, sabemos que uma frase que comece dizendo que “as estrelas cairão dos céus, o sol cessará de dar seu brilho e a lua pingará sangue” não terminará com “e o restante do país ficará parcialmente nublado

com chuvas esparsas".[1] A razão é que percebemos imediatamente uma incompatibilidade entre os gêneros das duas frases: uma é apocalíptica, enquanto a outra é mais uma previsão do tempo convencional.

Isto significa que, para entender estes capítulos, primeiro precisamos entender o que é literatura apocalíptica e o que ela está tentando fazer para nós e por nós. Em termos simples, a apocalíptica bíblica pode ser definida como seguem:

> Apocalíptica bíblica é uma revelação do fim da presente era, que é uma era caracterizada por conflito, e sua substituição pela era final de paz. Ela nos mostra de antemão o fim dos reinos deste mundo e sua substituição pelo reino do nosso Deus e seu Cristo. Essa revelação é desvendada em imagens complexas e misteriosas e tem o propósito de confortar e exortar o fiel.[2]

A literatura apocalíptica, assim, proclama uma teologia da esperança para aqueles que o mundo tem marginalizado: ela nos lembra de que Deus está presente no trono e, finalmente,

triunfará. Nesse meio tempo, o que quer que o presente custe em termos de sofrimento, a obediência a Deus é o único caminho. Embora o propagandista do mundo presente proclame que nossa resistência é fútil, o escritor apocalíptico se recusa a ser assimilado por essa maneira mundana de pensar. Ele viu o céu aberto e sabe como a história termina. Como resultado, parafraseando as palavras do grande discurso de Winston Churchill, ele lutará contra eles nas praias; lutará contra eles nas ruas; lutará contra eles nos barcos, em terra ou no mar. Ele não espera nada além de sangue, suor e lágrimas, mas *nunca* se renderá. Pelo contrário, ele olha adiante com inabalável esperança para sua vindicação final, quando finalmente chegar o dia de Deus agir decisivamente para trazer sua nova e final era de salvação.

A visão dos monstros

Esse capítulo fala sobre como "no primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, Daniel teve um sonho e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito" (Dn 7.1). Em outras

palavras, somos levados de volta do reino dos medos e dos persas, Dario e Ciro, para o tempo quando a Babilônia governava o mundo. Daniel "escreveu logo o sonho", como segue:

> Eu estava olhando, durante minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, foi levantado da terra e foi posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os

> animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres (Dn 7.2-7).

Em sua visão, Daniel viu que os quatro ventos do céu instigavam o grande mar. Imediatamente devemos reconhecer que estamos no campo das visões e imagens metafóricas, não de uma descrição direta. Na Bíblia, como em qualquer outro lugar no antigo Oriente Médio, o mar era um símbolo do caos e da rebelião contra Deus (veja Sl 89.9; 93.3-4).[3] Por essa razão, o mar era considerado como o lar natural de monstros como o leviatã, o monstro de muitas cabeças da mitologia antiga (veja Sl 74.13-14). Além disso, esses monstros eram aterradores não somente porque eram grandes e perigosos, como achamos que sejam terríveis um crocodilo ou um tiranossauro rex. Pelo contrário, eles são aterradores porque são maus, contrários a Deus, agentes do caos e da destruição. Tais criaturas são, portanto, mais que "PG-13"* como os dinossauros do filme *Parque dos Dinossauros* de Stephen Spielberg; elas são classificadas como

"R",** como vampiros e zumbis malvados do mais arrepiante e perturbador filme de terror.

Aqui na visão de Daniel, o mar agitado produz criaturas horríveis, uma atrás da outra – quatro no total, cada uma mais amedrontadora que a outra. Esses animais enormes, complexos e disformes não se comparam com nada que você já tenha encontrado em seus piores pesadelos. O primeiro deles era um leão com asas de águia, uma mistura imunda de animal e ave. Enquanto Daniel olhava, entretanto, o animal foi transformado: suas asas foram arrancadas, ele foi levantado sobre seus pés, como homem, e lhe foi dada uma mente humana. O segundo animal era como um urso, mas estava levantado de um lado – ou porque estava preparado para saltar ou porque era grotescamente deformado, como o corcunda de Notre Dame.[4] Ele já tem a boca cheia de costelas de sua última vítima, mas lhe é dito que se levante e devore ainda mais. O terceiro era outro animal complexo, parte leopardo, parte pássaro, com quatro cabeças. Esse leopardo voador podia combinar

ferocidade e velocidade, então ninguém podia fugir dele, enquanto as quatro cabeças o tornavam capaz de ver em todas as quatro direções de uma vez, tornando impossível alguém esconder-se dele.[5] A esse animal também foi dada autoridade para governar.

Por mais amedrontadores que fossem os primeiros três animais, a mais hedionda das criaturas ainda estava por vir. O quarto animal não podia ser descrito em termos dos animais terrenos. Ele era aterrador e medonho, incrivelmente forte, com largos dentes de ferro que devoravam e esmagavam, e pisoteava tudo aquilo que não comia. Sua cabeça tinha dez chifres, e, uma vez que chifres são símbolos de poder na Bíblia, dez deles simbolizam força massivamente multiplicada. Para descrever essa besta precisamos nos basear nos monstros criados no mundo da ficção científica, como as terríveis máquinas dos marcianos construídas por H. G. Wells, em “Guerra dos Mundos”. Em uma mistura ainda mais bizarra, outro pequeno chifre aparece entre os demais chifres, enquanto

Daniel olhava, extirpando os outros três: “Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que nesse chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência” (Dn 7.8). Esse chifre tinha olhos e uma boca que falava arrogantemente.

Deste ponto em diante, certamente estaremos sentido medo. Passar a noite numa cova com leões poderia ser uma confortável perspectiva, comparada com a perspectiva de encontrar esses estranhos e perigosos animais! O próprio Daniel admitiu que “o meu espírito foi alarmado dentro de mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram” (Dn 7.15). Esses animais representam reis, as autoridades que controlam o mundo em que vivemos (Dn 7.17), assim, a visão declara que nosso mundo é governado por uma sucessão de temíveis monstros que irão de mal a pior, cada um mais amedrontador que o outro.

O significado dos animais

A tentação dos leitores é querer identificar *cada* um dos quatro reinos terrenos e bater com os animais, principalmente porque o primeiro, o leão com asas que se tornou um homem, parece representar a Babilônia. Sua humilhante e humanizada transformação nos faz pensar na humilhação e reumanização de Nabucodonosor, em Daniel 4. Ao passo que, em paralelo a essa visão dos quatro reinos em Daniel 2, o primeiro reino, a cabeça de ouro, era explicitamente identificada com Nabucodonosor (Dn 2.38). Começando desse ponto de concordância, comentaristas debatem se os quatro reinos são Babilônia, Media, Pérsia e Grécia ou Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.[6] Eles nunca resolverão a questão, uma vez que os dados que a visão provê não são suficientemente precisos para esse propósito. Por exemplo, o império grego certamente foi veloz e furioso, como o leopardo com asas, mas também o foram os persas (Is 41.3); ambos os reinos aspiraram dominar os quatro cantos do mundo (Dn 8.4-5). Os atributos de velocidade e fúria se aplicam

igualmente ao nazismo alemão, embora muitas outras nações bélicas antes e depois tenham tentado a dominação mundial.

Ainda mais importante, contudo, é o fato de que, quando o intérprete angelical explica para Daniel o que o sonho significa, em 7.17-18, ele não torna clara a identidade dos reinos. Isso sugere que um entendimento apropriado da visão não está alicerçado na resolução desta questão. De fato, a tentativa de identificar os vários animais nos leva na direção *contrária* à da correta interpretação desta visão. Tais abordagens partem do princípio de que o governo dos animais descreve a forma como o mundo *era* até o tempo de Antíoco Epifânio, ou até os romanos, dependendo do ponto de vista adotado. No presente, contudo, as coisas são supostamente diferentes e menos bestiais.[7]

A identificação dos animais como sendo quatro impérios do passado é o exato oposto da mensagem da literatura apocalíptica. Para a apocalíptica, nada menos do que o início de uma nova era pode mudar esse mundo. Até a vinda

desta nova era, a escuridão não se dissipará significativamente. Portanto, é melhor entender o número dos animais como representando um símbolo de completude, em lugar de um número particular de impérios mundiais.[8] Em tal visão, a mensagem de Daniel 7 é que a vida nesta presente era será *sempre* deste modo até o fim desta era. É surpreendente que as superpotências de nossa época ainda costumem representar-se por animais predatórios, como o urso russo, o dragão chinês e a águia americana.[9] Os animais da ordem do presente mundo podem mudar sua forma à medida que os séculos passam, mas sua violência e ganância por poder continuam. Nabucodonosor se tornou um Dario, que se veio a ser um Alexandre, o Grande, e depois um Antíoco Epifânio, o rei selêucida que brutalmente oprimiu os judeus em meados do século 2º a.C. Estes governantes ferozes foram, por sua vez, seguidos por um Nero e por um Domiciano. Seus fogos de perseguição continuaram a queimar séculos depois, pela Inquisição. No último século, vimos mais

manifestações bestiais nas pessoas de Hitler, Stalin e Kim Il Jung. As medonhas feras desta era estiveram presentes nas câmaras de gás de Belsen, nos campos de concentração do Camboja e de Ruanda e ainda continuam a atormentar os santos no Sudão, China e em outras partes do mundo moderno.

A presença contínua das feras em nosso mundo não deveria nos surpreender, porque toda manifestação humana do mal é simplesmente um reflexo do trabalho do Grande Dragão, Satanás. Em Apocalipse 3, vemos uma besta levantando-se do mar, representando o poder perseguidor do anticristo, uma besta que combina aspectos de cada uma das criaturas de Daniel em uma só, um leão-urso-leopardo com dez chifres. Qualquer que seja sua localização no espaço e tempo, terríveis monstros alinhar-se-ão contra o Senhor e seu Ungido. Habitamos um mundo no qual há boas razões para ter problemas para dormir à noite. Como Paulo nos lembra em Efésios 6, lutamos não contra carne ou sangue, mas contra os principados e

potestades deste mundo tenebroso e contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.

O fim das feras

Outra vez, é essencial notarmos que o foco do capítulo como um todo não está nos monstros. Afinal, o propósito da passagem não é nos trazer pesadelos, mas acalmá-los. O foco de Daniel 7 é, antes, na vinda do dia do divino julgamento, quando estes monstros receberão finalmente justiça e Deus conquistará a vitória final. Essa é uma das maneiras nas quais os pontos de vista da Escritura e o da mitologia antiga divergem. A Bíblia pode usar e usa imagens mitológicas em suas passagens apocalípticas, mas esses elementos mitológicos são, agora, incorporados numa visão fundamentalmente histórica do mundo. Na mitologia antiga não há fim para o conflito entre as duas realidades últimas iguais, caos e ordem. A luta deve continuar para sempre. Entretanto, a Bíblia, repetidas vezes declara que somente Deus é definitivo e que, no final, sua ordem prevalecerá.[10] É precisamente assim que a interpretação do anjo resume a

mensagem do capítulo. Daniel “chegou-se”a um dos que estavam perto e lhe pedi a verdade acerca de tudo isto. Assim, ele me disse e me fez saber a interpretação das coisas: Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. Mas os santos do altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade” (Dn 7.16-18). O Anjo não está obcecado pela identidade dos animais; pelo contrário, o ponto central é a certeza da vitória final dos santos, um triunfo cujos frutos perdurarão eternamente.

Daniel pressiona o anjo com a pergunta sobre a identidade do quarto animal e os dez chifres:

> Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas unhas eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros. Eu olhava e

> eis que esse chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino (Dn 7.19-22).

O que o anjo explica acrescenta pouco ao que Daniel já sabe. Também não existem dados suficientes para identificarmos o animal:

> O quarto animal será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços. Os dez chifres correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino; e, depois deles, se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Mas, depois, se assentará o tribunal para lhe tirar o domínio, para o destruir e o consumir até ao fim. O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno,

> e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão (Dn 7.23-27).

A descrição do tempo de sofrimento e juízo sob o quarto reino é vaga o suficiente para descrever plausivelmente vários tiranos históricos, incluindo Antíoco Epifânio, e, ao mesmo tempo, não específica o suficiente para deixar a identidade deste último chifre, em última análise, incerta.[11] A razão para essa imprecisão da parte do anjo repousa no fato de que seu interesse primário não está no chifre orgulhoso. A resposta do anjo, portanto, foi além da pergunta de Daniel sobre o chifre para reiterar seu ponto anterior sobre o julgamento vindouro e o triunfo dos santos. É como se o anjo dissesse: "Daniel, você está perdendo o ponto. Sim, o chifre atacará o povo de Deus e isto será um tempo de sofrimento para os santos, mas olhe além do chifre. O ponto desta visão é que o tempo durante o qual as bestas vão oprimir os santos é limitado por Deus. Além dele encontra-se a cena da corte celestial, onde as bestas serão finalmente domesticadas e

destruídas. Em seguida, a soberania, o poder e a grandeza serão entregues nas mãos dos santos, o povo do Altíssimo. E seu reino nunca terá fim". Nesse ponto, contudo, fica claro que Daniel não entendeu a mensagem do anjo, porque ele diz: "Aqui, terminou o assunto. Quanto a mim, Daniel, os meus pensamentos muito me perturbaram, e o meu rosto se empalideceu; mas guardei essas coisas no coração." (Dn 7.28).

A visão da corte celestial

Seguindo o guia interpretativo do anjo, mudemos nossa atenção para a corte celestial:

> Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o ancião de dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros (Dn 7.9-10).

No centro da visão de Daniel, tronos foram colocados para o julgamento (Dn 7.9; veja Sl

122.5). O Ancião de dias, o próprio Deus, sentou-se no trono central. Suas roupas eram brancas como a neve, uma imagem de intransigência e radiante pureza (Is 1.18); seus cabelos eram brancos como a lã, também um símbolo de pureza e talvez da sabedoria que vem com a idade avançada. Seu trono-carruagem ardia em chamas e suas rodas queimavam, representando o temível poder do guerreiro divino para destruir seus inimigos. Um rio de fogo fluía do trono, e ele estava cercado por miríades de miríades de servidores angelicais. Aqui vemos um juiz que tem a sabedoria para discernir o certo do errado, a pureza para escolher o certo e o poder de levar a cabo seus juízos. Não demorou muito para que o juiz começasse seu trabalho: a corte foi imediatamente convocada e os livros que registravam os feitos da humanidade foram abertos. Embora a fera com o chifre orgulhoso tenha continuado a declamar desafios à corte celestial, os agentes do Altíssimo a mataram e jogaram seu corpo no fogo:

> Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo, desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo (Dn 7.11-12).

Essa visão forma uma figura extraordinária, especialmente quando lembramos quão relutante a Bíblia é em outros lugares ao descrever Deus. Em Êxodo 24, Moisés encontrou Deus no topo da montanha, mas viu pouco e ouviu apenas a descrição que Deus fez de si mesmo em termos de seus atributos (Êx 34.6-7). Em Isaías 6, o profeta viu o Senhor sentado no templo, no entanto, poucos detalhes, à parte da imensidão de Deus, podem ser discernidos na descrição de Isaías. Ouvimos sobre os serafins que voavam, mas a fumaça obscurece quase totalmente a visão do divino trono. Aquela visão forma um dramático contraste com a visão de Daniel da corte celestial e um como um Filho do Homem, na qual tudo é claramente percebido.

Por que temos aqui uma figura tão detalhada? Daniel está pintando o mundo real – isto é, o mundo que virá – em imagens de cores brilhantes para combater a insistente propaganda que bombardeia nossos sentidos nesta presente era. Todos os dias, nossos olhos veem esse mundo em toda a sua glória e nossos ouvidos ouvem as sirenes soar. Nossos lábios provam seus deleitosos frutos e nossos narizes são enfeitiçados por seus doces perfumes, enquanto nossos dedos deleitam-se em suas suaves carícias. Por outro lado, quando a vida vai mal, como frequentemente acontece com aqueles para quem apocalipses são escritos, nosso olhos são cheios de imagens horríveis de santos queimando em estacas, enquanto nossos ouvidos não conseguem fazer calar seus gritos. Nossos lábios contraem-se diante do gosto amargo deste mundo, e nossas narinas são cheias com o fedor de carne queimada, enquanto nossos dedos agora hesitam diante de sua dureza. Toda vez que fechamos os olhos, os monstros nos assombram. Bem ou mal, bom ou

ruim, esse mundo é terrivelmente real, e está inacreditavelmente “na cara”.

Como Daniel nos transmite a grande realidade do mundo vindouro? A resposta recai sobre sua descrição gráfica da verdadeira natureza deste mundo e do mundo vindouro. As recompensas que essa era nos oferece são prêmios vazios, os enfeites dourados de Belsazar, cujo tempo já acabou. Os horrores desta era são, portanto, igualmente sem poder para nos fazer danos reais. Os monstros que nos causam tanto pavor são tão desdentados quanto os leões na cova de Daniel, posto que Deus é nosso juiz. É diante de seu tribunal que estaremos em última instância, e é o que está escrito a nosso respeito em seu livro que determinará se reinaremos com seus santos eternamente ou passaremos a eternidade no fogo com as bestas. Isto é preto no branco. As apostas são altas, mas, quando comparamos essa vida nesse mundo com a vida vindoura, fica evidente que ser fiel ao Senhor é o único caminho, não importa a que custo. Os tribunais terrenos podem ter seu poder de nos condenar a

queimar numa estaca, ou a morrer em uma câmara de gás, ou a sofrer outro destino brutal, mas não têm qualquer poder sobre a alma. Quando as feras tiverem feito o pior com nosso corpo físico e tivermos nos despedido dele, estaremos simplesmente saindo deles para Deus. Como Jesus disse, "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28).

Uma visão da vinda do Filho do Homem

Entretanto, o Ancião de dias no trono não é o único personagem na cena do julgamento. Junto com ele está aquele parecido como um Filho do Homem, vindo com as nuvens do céu:

> Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído (Dn 7.13-14).

Para Daniel, essa deve ter sido uma imagem desconcertante, pois parecia combinar em uma pessoa traços humanos e divinos. Ele é "um como o Filho do Homem", isto é, parecia ser simplesmente um ser humano mortal. Em outro lugar no Antigo Testamento, essa expressão, "Filho do Homem", frequentemente distingue meros mortais de Deus (p. ex.: Ez 2.1). Essa é uma escolha particularmente impressionante aqui porque, anteriormente, na visão de Daniel, o Ancião de dias também tinha sido descrito em formas antropomórficas: ele se senta em um trono, veste roupas e tem cabelos brancos. Entretanto, há essa segunda figura, que é descrita como "um como o Filho do Homem", que sugere que há algo mais em sua humanidade do que Deus meramente aparecendo em forma humana.

Ao mesmo tempo, contudo, "vir com as nuvens" é um claro símbolo de autoridade divina. No Antigo Testamento, somente Deus tem as nuvens como carruagens (veja Sl 68.4; Is 19.1).[12] Além do mais, quando o Filho do

Homem vem à presença do Ancião de dias, ele recebe autoridade, glória e poder soberanos. Esses atributos não são simplesmente a autoridade e soberania que Deus dá a reis humanos como Nabucodonosor (veja Dn 5.18), pois esse Filho do Homem também recebe a *adoração* de todos os povos, nações e línguas (veja Dn 7.14). Então, ele não pode ser meramente um anjo ou um representante personificado de Israel.[13] A esse filho do homem foi dado um domínio eterno e indestrutível, uma soberania que pertence ao próprio Deus.

Então, como devemos entender essa visão de um Deus-homem – alguém que compartilha de nossa humanidade, mas, ao mesmo tempo, possui a plenitude integral da divindade? Para nós, é muito mais fácil entender do que foi para Daniel, pois temos o benefício da retrospectiva do cumprimento da profecia. "Filho do Homem" foi o título perfeito para Jesus em sua missão, porque ele combina em si a ideia do "mero humano" com a glória sem paralelo do próprio Deus.[14] Em seu ministério terreno, foi o

aspecto “humano” do Filho do Homem que foi proeminente. Nas palavras de Eugene Peterson: “Esse Filho do Homem jantou com prostitutas, parou para almoçar com cobradores de impostos, gastou tempo abençoando crianças quando havia legiões romanas para expulsar da terra, curou perdedores sem importância e ignorou os fariseus em altos cargos e influentes Saduceus”.[15] Finalmente, ele foi pendurado e sangrou numa cruz; ele morreu e foi sepultado num túmulo, certamente o menos divino dos atos. Mas sua majestade, muito embora velada enquanto esteve na terra, estava presente. Ele ensinou como alguém com autoridade inigualável (Mt 7.29), perdoou as pessoas por seus pecados (Lc 5.24) e falou sobre possuir um reino (Jo 18.36). Ambos os aspectos, divino e humano, estavam presentes, porque Jesus é o filho do homem e o Filho do Homem, verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus.

Para os primeiros discípulos, a lição de que Jesus era o Filho do Homem teve seu foco sobre

sua humanidade. Eles tiveram que aprender que a salvação não vem pelo advento da figura celeste triunfante segurando sua espada, soprando seus inimigos com fogo vindo do céu. Ao contrário, veio pelo advento de um bebê numa manjedoura, que cresceu pra carregar uma coroa de espinhos e uma cruz. O Filho do Homem veio não para ser servido (como se poderia esperar de Daniel), mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45).

Contudo, para os ouvintes do livro do Apocalipse, as lições sobre o Filho do Homem foram o oposto. Eles estavam na situação dos leitores de Daniel, sofrendo intensa perseguição por sua fé, e precisavam ser lembrados da lição central de Daniel 7. O retorno de nosso Senhor não será do mesmo modo que sua primeira vinda. Cristo não está eternamente sofrendo na cruz, mas, quando o tempo estiver completo, ele retornará (como o Filho do Homem!) em glória com as nuvens, empunhando uma foice afiada para trazer o julgamento final sobre os seus inimigos (Ap 14.14-20).

A mensagem da visão

A mensagem de Daniel 7 para nós é que o Cristo humano da cruz não é o fim da história. Por enquanto, vivemos os dias das monstruosas feras. Elas têm autoridade para governar, para matar e comer: elas poderão, ainda, triunfar sobre os santos por um pouco. Algumas destas feras têm faces humanas: são perseguidores dos fiéis no Sudão e na China, na Arábia Saudita e na Coreia do Norte; são terroristas que voam em aviões prédios adentro e explodem pessoas inocentes em ônibus e metrôs. Algumas dessas feras tomam formas mais institucionalizadas de sistemas econômicos. O comunismo trata os seres humanos como se fossem matéria bruta que existe meramente para promover os interesses do estado. Entretanto, o capitalismo também pode se mostrar opressivo, com uma face bestial. Companhias que tratam seus empregados como *comodities* para serem usados e descuidadamente descartados quando não precisam mais deles estão cumprindo a agenda das feras. Do mesmo modo, aqueles que exploram as fraquezas políticas de países em

desenvolvimento de modo a maximizar seus próprios lucros estão fazendo o trabalho das feras. Ainda há outras manifestações impessoais das feras nesse mundo caído em que vivemos, como a AIDS, o câncer, a pobreza infantil, escravidão, guerras e fome.

Hoje, vivemos em um mundo de feras terríveis, mas não viveremos nesse mundo para sempre. Virá um dia no qual todos os erros serão acertados, quando todos os tiranos serão destronados, quando tudo o que está quebrado será consertado. Virá um dia no qual a fome chegará ao fim, em que as doenças serão curadas, quando todos os corações contristados serão confortados. Virá um dia quando a morte, a última arma da fera, terá o seu poder destruído de uma vez por todas. Naquele dia, a Grande Besta, o próprio Satanás, será amarrado e trazido diante do trono; ele responderá por todos os seus crimes e será jogado no lado de fogo para sempre (Ap 20.10).

O desafio de Daniel 7 para nós é, portanto, envidar esforços para descobrir a identidade das diferentes feras, no caso de a nossa ser a última

hora. Em meio a um mundo repleto de bestas, nosso desafio é viver com os nossos olhos firmemente postos na sala do trono celeste. Em vez de ficarmos aterrorizados pelas feras, devemos viver diariamente nos lembrando daquele que, nos livrará do final e decisivo julgamento.

Se é verdade que Deus é o nosso juiz, estamos prontos para encontrá-lo? Estamos prontos para ter o livro da vida aberto e seu conteúdo posto a público, com toda a nossa ganância, inveja, ira, orgulho e autocentralização feitos visíveis para todos? No dia do julgamento, nossa única esperança será Jesus Cristo, o Filho do Homem, que tomou sobre si o julgamento que merecíamos por todos esses pecados e outros mais. Ele foi ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades, para que, naquele dia que há de vir, possamos ser exaltados e reinar com ele para sempre. Ele enfrentou a Grande Fera em toda a sua terribilidade em nosso lugar. Diferentemente da experiência dos santos de Deus, o tempo de sua provação na cruz *não* encurtado pela misericórdia de Deus.

Em vez disso, Jesus sentiu a medida total da ardente agonia do inferno, destilada em seis horas de excruciante agonia. O débito por cada pecado que você tenha cometido e que vá cometer foi colocado sobre ombros dele, e ele suportou tudo.

O resultado de seu sacrifício, portanto, é que seja o que for que eu venha a enfrentar nesta vida – morte ou vida, anjos ou monstros, ditadores ou demônios – nada em toda a criação poderá me separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo (Rm 8.38-30). Se Deus é meu juiz e o Filho do Homem é meu Salvador, então que o mundo dê o seu pior. No final, o mundo não tem poder de me ferir, e sei que, após o mundo ter feito o seu pior, Deus me dará as boas-vindas no seu melhor. O Senhor tem uma gloriosa herança guardada para mim e para todos os demais santos, um reino que é meu somente pela graça, somente pela fé em Cristo. Virá um dia quando as feras terão ido embora e somente os santos permanecerão.

Então, quando você sentir que as feras o cercam e seu hálito quente está perto de você,

olhe para cima e adiante. Olhe para o seu Juiz; olhe para o seu Salvador; olhe adiante para a sua herança gloriosa. Cante como o autor do hino:

> *The King there in His beauty, without a veil is seen:*
> *It were a well spent journey, though seven deaths lay between:*
> *The Lamb with His fair army, doth on Mount Zion stand,*
> *And glory—glory dwelleth in Immanuel's land.*
> *The Bride eyes not her garment, but her dear Bridegroom's face;*
> *I will not gaze at glory but on my King of grace.*
> *Not at the crown He giveth but on His pierced hand;*
> *The Lamb is all the glory of Immanuel's land.*[16]

Samuel Rutherford, um pastor escocês do século 17 cujas palavras estão por detrás do hino, não era um estranho ao sofrimento ou à perseguição. Quando ainda jovem, foi exilado pelas autoridades da igreja de sua amada congregação de Anworth, no Sul da Escócia, por escrever em defesa das doutrinas da graça. Como homem já velho, quando a monarquia foi restabelecida sob Charles II, foi acusado de alta

traição por seu livro, no qual argumentava que até os monarcas estavam sujeitos à lei. Quando a convocação veio, contudo, ele respondeu de seu leito de morte: “Diga-lhes que eu já fui convocado para estar diante de um Juiz e de um Júri superior, e convém que eu responda à minha primeira convocação, e, antes que seu dia chegue, estarei onde poucos reis e grandes homens chegaram”. Essa esperança estava alicerçada no conhecimento de que muito em breve viria um tempo em que esse presente mundo cumpriria seu curso e seria substituído por um melhor. O dia está, de fato, se aproximando, quando as areias do tempo correrão e as feras enfrentarão seu julgamento, mas, para os santos, a glória habitará para sempre na terra de Emanuel!

1 John Barton, *Reading the Old Testament: Method in Biblical Study* (Filadélfia: Westminster, 1984), 17.

2 A definição de apocalíptica dada aqui é resumida (e substancialmente simplificada) das seguintes fontes básicas: John J. Collins, "Introduction: Toward the Morphology of a Genre", *Semeia* 14 (1979): 1-20; John J. Collins, *The Apocalyptic Imagination* (Nova York: Crossroad, 1984), 1-32; Paul D. Hanson, *Old Testament Apocalyptic* (Nashville: Abingdon, 1987), 25-43; Adela Yarbro Collins, "Apocalyptic Themes in Biblical Literature", *Interpretations* 53 (1999): 117-30.

3 Veja a evidência usada por John J. Coolins, *Daniel*, Hermeneia (Mineápolis: Fortress, 1993), 286-89.

* "PG-13" é parte da classificação norte-americana para filmes. Significa "Parental Guidance", ou seja, "orientação dos pais". Indica que os pais são instados a terem cuidado por haver no filme material inapropriado para menores de 13 anos.

** "R" é parte da classificação norte-americana para filmes. Significa "Restrict", ou seja, "Restrito". Indica que o filme contém material adulto. Os pais são instados a verificar maiores informações sobre o filme antes de levarem seus filhos.

4 Para o primeiro, veja J. A. Montgomery, *The Book of Daniel,* International Critical Commentary (Edimburgo: T&T Clark, 1926), 288; para o último, veja Paul Porter, *Metaphors and Monster: A Literary-Critical Study of Daniel 7 and 8* (Lund: Gleerup, 1983), p. 17.

5 Nesse aspecto, é uma reminiscência do querubim, em Ezequiel 1.

6 Veja as referências na nota de rodapé em Daniel 2.

7 Na verdade, algumas interpretações pré-milenistas deixam espaço para um tipo de restauração do reino das quatro feras no período da grande tribulação no fim dos tempos. Esse redivivo Império Romano supostamente retoma a perseguição contra o povo de Deus. Junto com essa hipótese há também o longo período durante o qual atitudes menos bestiais prevalecem por parte das autoridades deste mundo com respeito à igreja, antes o início de um período final de perseguição. Em contraste, o foco da literatura apocalíptica está na constante continuidade de sofrimentos e perseguição até o retorno do Rei.

8 Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 190. Para o uso simbólico do quatro como representando completude, veja *The dictionary of Biblical Imagery* (Downers grove: InterVasity, 1998), 307-308. Exemplos específicos deste uso simbólico em contextos proféticos e apocalípticos incluem quatro chifres (Zc 1.18), quatro ferreiros (Zc 1.20), quatro ventos (Zc 2.6), quatro carruagens (Zc 6.1), quatro espíritos (Zc 6.5), quatro seres viventes (Ap 4.6), quatro cavaleiros (Ap 6) e quatro anjos (Ap 7).

9 Estou em débito com o sermão de Geoff (Geoffrey) Thomas por sua observação. Veja "The Dream in the First Year of Belshazzar. Daniel Chapter 7", http://www.alfredplacechurch.org.uk/sermons/dan5.htm. Acesso em 11 de setembro de 2006.

10 Veja R. S. Wallace, *The Message of Daniel*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: InterVasity, 1979), 123-124.

11 Não é o mesmo que dizer que nenhum tirano futuro se encaixará perfeitamente nesta descrição. Entretanto, só será

possível ter certeza de que essa era a pessoa indicada olhando para trás, pela perspectiva do cumprimento.

12 Longman, *Daniel*, 187.

13 A palavra aramaica para "adoração" (P#l~h) usada aqui sempre tem referência a divindades (além de Dn 7.14, é usada em Dn 3.28; 6.16 [17], 20 [21]). Veja Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary (Nashville: Broadman, 1994), 208.

14 Bruce Chilton, "The Son of Man—Who Was He?", *Bible Review* 12 (1996): 34-45

15 *Reversed Thunder: The Revelation of John and the Praying Imagination* (San Francisco: Harper & Row, 1988), 30.

16 Estas palavras vieram de "*The Sands of Time are Sinking*", uma reflexão de Anne Cousin sobre as cartas e as palavras finais de Samuel Rutherford: *O Rei lá em sua beleza, sem um véu é visto:* / É uma jornada que vale a pena, embora sete mortes estejam no meio: / *O Cordeiro com seu exército inteiro, no Monte Sião firme está* / *E glória – glória que habita na terra de Emanuel.* / *A Noiva olha não os seus vestidos, mas a face de seu querido noivo;* / *Eu não vou olhar para a glória, mas para o meu rei de graça.* / *Não na coroa ele me dará, mas em sua mão perfurada;* / *O Cordeiro é toda a glória da terra de Emanuel.*

VIVENDO NO VALE DAS TREVAS

Daniel 8.1-26



Havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem. E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai, a qual gritou e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois essa visão se refere ao tempo do fim. Falava ele comigo quando caí sem sentidos, rosto em terra; ele, porém, me tocou e me pôs em pé no lugar onde eu me achava (Dn 8.15-18).

Você já notou quantos pregadores leem livros apocalípticos como Daniel e Apocalipse e concluem "O fim está próximo"? Obviamente, essa não é uma coisa nova: as pessoas têm identificado os

líderes mundiais como o anticristo e marcado uma data para o fim do mundo ao longo do tempo. Dos imperadores romanos como Nero e Calígula aos líderes modernos, como Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, a lista de candidatos em potencial é longa e crescente. Enquanto pesquisava numa seção cristã numa livraria local, descobri um livro que confiantemente previa que o fim do mundo seria em 2011. Mas o mesmo autor também havia previsto que o mundo acabaria em 1994, o que me tornou mais do um pouco cético a respeito de sua nova previsão.

Estranhamente, não encontrei nenhum livro em minha pesquisa naquela loja dizendo que o fim do mundo *não* estava próximo. Em algum momento, o fim do mundo virá, de fato. Jesus Cristo voltará para trazer toda a história à sua conclusão e inaugurar os novos céus e a nova terra. Poucas verdades da Escritura poderiam ser mais claras do que essa. Mas, falando estatisticamente, mesmo que Cristo retorne logo, para a maioria dos leitores do livro de Daniel e Apocalipse, o fim do mundo não está ali na

esquina. Então por que os pregadores continuam a falar que a mensagem primária desses livros é que está?

A resposta está numa dinâmica que é familiar a muitos pais que estão numa longa viagem de carro com crianças pequenas. Nessas viagens, você mal tira o carro da garagem e as crianças comecem a perguntar, remexendo-se nos assentos do carro, se já chegamos. Diante disso, alguns de nós acabamos respondendo, uma hora ou outra: “Estamos quase lá” – mesmo que saibamos que ainda temos quatrocentos quilômetros pela frente. Seriamos mais honestos se deixássemos claro para as crianças que ainda temos uma longa e potencialmente entediante jornada à nossa frente, mas francamente preferimos fingir a enfrentar a realidade.

Daniel 8 nos encoraja a enfrentar a realidade: temos uma longa viagem pela frente antes de termos a solução para as dores e injustiças da vida, e não há uma promessa de Deus de que ele nos arrebatará deste mundo antes que nossas tribulações piorem. O profeta é explicitamente orientado a selar a visão porque isto se refere a

um tempo distante (Dn 8.26); ela devia ser selada não para que se mantivesse em segredo, mas para mantê-la a salvo em tempos turbulentos.[1] Ainda que o prometido novo mundo de Daniel 7 esteja muito distante, nesse ínterim o povo de Deus precisará de ajuda para manter sua fé viva. Como persistir em fé e obediência a Deus quando se vive em constante pressão e intensa perseguição e parece que não há um fim iminente à vista? Essa é a questão que muitos de nós enfrentamos dia a dia, e esta é a questão com a qual Daniel 8 lida.

A visão de um bode e um carneiro

Daniel teve outra visão – essa aconteceu "No ano terceiro do reinado do rei Belsazar... depois daquela [visão] que eu tivera a princípio" (Dn 8.1). Nesta visão, Daniel se encontrava "na cidadela de Susã, que é província de Elão, e vi que estava junto ao rio Ulaii" (Dn 8.2). A localização nos prepara para o fato de que a visão será diferente daquela no capítulo 7. A visão anterior expressava uma realidade universal e final, em linguagem simbólica, não

histórica, e, portanto, aconteceu apropriadamente em uma localização indefinida, ao lado do mar Grande (Dn 7.2). Na visão do capítulo 8, contudo, focalizaremos as particularidades de figuras históricas e reinos específicos e facilmente identificáveis, por isso a visão foi localizada em um ponto geográfico específica. A visão é contada como segue:

> Então, levantei os olhos e vi, e eis que, diante do rio, estava um carneiro, o qual tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte, e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia. Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; esse bode tinha um chifre notável entre os olhos; dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, o qual eu tinha visto diante do rio; e correu contra ele com todo o seu furioso poder. Vi-o chegar perto do carneiro, e, enfurecido contra ele, o feriu e lhe quebrou os dois chifres, pois não havia força

> no carneiro para lhe resistir; e o bode o lançou por terra e o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele. O bode se engrandeceu sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu (Dn 8.3-8).

A primeira coisa que Daniel viu em sua visão foi um carneiro com dois chifres, um mais longo que o outro. O carneiro desafiava o ocidente, o norte e o sul, e ninguém podia ir contra ele. Mas então um bode apareceu do ocidente, com um único e conspícuo chifre. O bode entrou numa batalha com o carneiro e o destruiu, despedaçando seus chifres e pisando-o no chão. O bode, então, cresceu em poder, tomando o lugar do carneiro em grandeza. Contudo, no pináculo de seu poder, seu único chifre foi despedaçado e quatro outros tomaram seu lugar, apontando em todas as quatro direções.

Daniel precisou do anjo para interpretar o significado daquela visão para ele, para que seus leitores, posteriormente, pudessem desvendá-lo, com o benefício da retrospectiva histórica.

Mesmo quando Daniel estava tendo a visão, os anjos começaram a discutir o cumprimento do que ele estava vendo e quão importante seria para ele entender o seu significado:

> Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.Havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem. E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai, a qual gritou e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois essa visão se refere ao tempo do fim. Falava ele comigo quando caí sem sentidos, rosto em terra; ele, porém, me tocou e me pôs em pé no lugar onde eu me achava; e disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque essa visão se refere ao tempo determinado do fim (Dn 8.13-19).

Como o anjo disse explicitamente, o carneiro de dois chifres é o reino medo-persa (Dn 8.20), uma aliança desigual na qual o membro mais poderoso (o chifre mais alto) eram os persas. O "bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei" (Dn 8.21). Em retrospectiva, também podemos identificar o grande chifre do bode como Alexandre, o Grande, que destronou o poderoso império persa de sua posição de poder. Alexandre conquistou praticamente todo o mundo conhecido com a idade de trinta e três anos, depois do que morreu, deixando seu império para ser dividido entre seus quatro generais. Esses quatro generais e as quatro partes do império de Alexandre que eles governavam são, subsequentemente, os quatro chifres do bode: "O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha" (Dn 8.22).

Aqui, então, está a primeira parte da mensagem da visão. Como a visão de Daniel 7, essa visão descreve uma série de reinos em forma

de animais que os exaltam, com um reino se levantando após o outro, aspirando à grandeza e alcançando-a, para, então, ser destruído. O carneiro parece invencível até que o bode aparece, mas, então, ele é repentinamente destruído. O primeiro chifre do bode joga o carneiro no chão e não há quem possa livrar o carneiro de seu poder, mas, no alto de seu poder, o grande chifre também é destruído. Em outras palavras, não importa quão grande e ameaçador um império pareça ser, ele é apenas um ator numa peça escrita por outrem. Eles atuam conforme o papel que lhes é dado por Deus naquele palco giratório da história do mundo e, então, quando as falas acabam, são retirados ignominiosamente para os bastidores. O surgimento e queda destas nações reais da história, predito precisamente séculos antes pelo Senhor por intermédio de seus profetas, lembra-nos claramente quem está dirigindo o curso da história. Tronos e domínios terrenos vêm e vão em rodadas incessantes; somente o reino de Deus é eterno.

A mensagem do carneiro e do bode

A mensagem da visão foi, portanto, uma boa notícia para as gerações de santos que sofreram nas mãos dos reis terrenos, sejam os babilônios ou os subsequentes persas e gregos, ou os perseguidores do presente. Estes impérios, que aos olhos humanos parecem tão poderosos, que parecem não ter qualquer fraqueza ou brecha em suas armaduras, são, na verdade, meros carneiros e bodes cujos destinos estão nas mãos do divino pastor, o Senhor. Eles não eram nem mesmo os temíveis monstros cósmicos de Daniel 7, mas apenas animais domésticos que cresceram demais. Como qualquer bom pastor, o Senhor pode facilmente julgar meros carneiros e bodes que pisam fora da linha e colocá-los de volta em seu devido lugar (veja Ez 34).

A mesma lição é válida para nós. Os monstros que estão em nossos pesadelos, privando-nos do sono, normalmente não são como impérios mundiais que surgem e caem, mas ameaças de nosso próprio presente ou de futura segurança. Talvez sua saúde pareça ameaçá-lo pela descoberta de um nódulo que

pode ser canceroso, ou seus filhos estejam prestes a sair de casa e você teme que sua vida fique vazia. Talvez você tenha que cuidar diariamente de algum ente querido e não saiba como lidar com isso hoje, menos ainda amanhã. Talvez você lute com depressão e desespero, ao ponto de considerar o suicídio. Talvez você já tenha experimentado dor e sofrimento intensos por doença, e a coisa só tende a piorar.

Deixe que a visão de Daniel 8 diminua o tamanho de seus monstros: esses monstros que procuram feri-lo e pisá-lo não passam de grandes carneiros aos olhos do Senhor. Se o divino pastor estiver com você, ele não deixará que eles o pisem até o reduzirem a pó. O mundo ameaçador que está fora de controle nunca está fora do controle de Deus. Aquele que faz surgir conquistadores do mundo e os transforma em páginas viradas de livros de história antiga é o mesmo que hoje controla nossa história pessoal. Se você pertence a Cristo, o mundo inteiro se revolve nas mãos daquele que cuida de você mais profundamente do que você possa imaginar. E o resultado é que nada no presente

ou no futuro poderá nos separar do seu amor (veja Rm 8.38-39).

A visão do pequeno chifre

No entanto, o carneiro e o bode são simplesmente a abertura da visão de Daniel, não seu ato principal. Eles largamente reiteram a lição de Daniel 7, de que Deus é soberano sobre os reinos dos homens. A segunda visão de Daniel tem mais a comunicar:

> O bode se engrandeceu sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu. De um dos chifres saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. Cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou. Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões; e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou (Dn 8.8-12).

Depois que o reino do bode de um chifre foi quebrado em quatro partes, outro pequeno chifre emergiu de um desses reinos e expandiu seu reino para o sul e para o oriente, em direção à terra gloriosa (isto é, Israel). Em sua agressão, esse pequeno chifre tomou o reino celeste tanto quanto o terreno. Em linguagem visional, o chifre lutou contra as estrelas, o exército celeste de Deus, tanto quanto o povo da terra de Deus, e experimentou o triunfo em ambas as frentes de batalha.[2] Na frente de batalha celeste, ele derrubou algumas das estrelas na terra – os soldados do exército celeste de Deus[3] – e procurou se fazer tão grande quanto o Príncipe do exército celeste, o próprio Deus.[4] Do lado terreno, o chifre trouxe ao fim o sacrifício diário regular no templo e derrubou o santuário. Por causa da rebelião, os santos e o sacrifício regular no templo foram entregues ao seu poder. A verdade foi derrubada e o mal parecia triunfar. Entretanto, o pequeno chifre também seria julgado por Deus, e seu poder teria um fim:

> Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas. A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes (Dn 8.25-26).

Aqui vamos além de "guerras e rumores de guerras", além de tribulações comuns e tribulações da vida que marcam cada era da história, para focar em uma investida específica de Satanás contra o povo de Deus. Deus é soberano sobre todos os eventos da história do mundo, mas seu maior interesse é o destino de seu próprio povo. Alexandre, o Grande, foi um dos grandes estrategistas militares, um dos principais pivôs da história do mundo. No entanto, em Daniel 8, ele é apenas uma nota de rodapé, mal merecendo ser mencionado antes de a visão ir para o assunto mais importante: o pequeno chifre e sua investida contra o povo de Deus e até mesmo contra o próprio Deus.

Uma vez mais, com o benefício da retrospectiva histórica, podemos identificar claramente o pequeno chifre de Daniel 8 como um personagem histórico, Antíoco Epifânio IV (175-164 a.C.). Antíoco, cujo apelido era "Epifânio", que significa "Deus se manifestou", foi o rei do império selêucida, um dos quatro reinos que emergiram do antigo território de Alexandre, o Grande. Inicialmente, ele não era o primeiro na linha de sucessão ao trono, mas tomou o reino de seu sobrinho por meio de intrigas e o expandiu por meio de substanciais sucessos militares. Antíoco foi um tirano que tentou unir o reino forçando seus súditos a adotarem a cultura e as práticas religiosas gregas. Ele baniu a circuncisão, trouxe ao fim o sacrifício no templo de Jerusalém, em 167 a.C., e deliberadamente o contaminou, queimando carne de porco no altar e colocando objetos consagrados a Zeus no Santo dos Santos. Ele também queimou cópias das Escrituras e matou aqueles que permaneceram fiéis à fé em seu Deus, encaixando-se perfeitamente na descrição de um rei de rosto severo que era completamente

perverso. Esse rei foi parte do cumprimento do sonho, pois o anjo havia profetizado que “no fim de seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de feroz catadura e especialista em intrigas. Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo” (Dn 8.23-24).

Esses atos de grosseiro sacrilégio cometidos por Antíoco desencadearam uma rebelião da parte de judeus fiéis, que foi liderada pelos Macabeus. Depois de uma longa luta, sua rebelião culminou nas forças selêucidas sendo expulsas de Judá e o templo sendo purificado e dedicado novamente, em 164 a.C. Antíoco acabou morto em alguma circunstância obscura durante sua campanha na parte oriental de seu império, em 164 a.C. Esses eventos da história refletem fielmente os eventos descritos em Daniel 8, reforçando novamente a mensagem de que Deus está no controle de toda a história.

Daniel 8 abre, portanto, uma janela para uma paisagem maior do que a luta contra Antíoco.

Ele não estava guerreando simplesmente contra os santos na terra, mas contra os exércitos do céu também. Somos informados que ele se fez tão grande como Deus, o Príncipe do exército celeste, e derrubou algumas de suas estrelas do céu. Essa é a forma visional de descrever a luta cósmica que virá à tona em Daniel 10. É como se as cortinas se abrissem atrás de Antíoco e pudéssemos ver o sinistro poder das forças espirituais das trevas organizados contra nosso Deus.

O significado do pequeno chifre

Enquanto enfrentamos um mundo que pode ou não acabar logo, é importante que nos lembremos da dimensão espiritual de nossa guerra. Quando falhamos em levar isso em conta, ficamos despreparados para a intensidade de nosso conflito. Algumas vezes nos isolamos da luta por causa de nossas confortáveis circunstâncias. Se tivermos uma agradável situação na vida com uma casa confortável, uma esposa atraente, lindos filhos, uma carreira de sucesso e uma generosa aposentadoria,

estaremos pouco dispostos a clamar “Até quando, Senhor?” Ficaríamos bem felizes se Deus esperasse mais um pouco. Quando a vida é boa para nós, esquecemos de orar. Esquecemos que estamos lutando com poderes que estão bem além de adversários meramente humanos, poderes que nunca poderemos sobrepujar por nossa própria força. Então, em nossas tentativas de compartilhar o evangelho com nosso próximo e nossa comunidade, ou de construir casamentos e famílias santas em nossa igreja, ou de vencer a batalha contra nossa própria natureza pecaminosa, somos sempre profundamente superados pelas forças que se organizam contra nós. A menos que o Senhor intervenha ao nosso lado, nunca permaneceremos contra a aglomeração das trevas. Devemos, portanto, constantemente lutar de nossos joelhos, levando nossas lutas a Deus em oração diariamente e a toda hora.

Ao mesmo tempo, contudo, a dimensão cósmica desta guerra nos lembra de que não estamos sozinhos em nossa luta. Em uma música

famosa de Bette Middler, “From a Distance”,[5] a cantora imagina um Deus benevolente olhando o mundo serenamente de longe, bem longe, de um ângulo privilegiado no qual todos os conflitos da terra desaparecem numa névoa inconsequente. À distância, supostamente, todos têm o suficiente para comer e ninguém passa necessidade; de fato, a essa distância, mesmo as pessoas que estão em guerra umas contra as outras parecem amigos e ninguém pode imaginar sobre o que é essa luta.

Daniel 8 nos dá justamente uma imagem oposta de nosso universo. Na visão de Daniel, Deus não é descrito como um observador passivo do conflito lá do conforto do céu, perguntando a si mesmo: “Por que eles não podem ficar todos juntos?” Pelo contrário, suas forças estão ativamente engajadas nas mesmas lutas que nós temos, lutando lado a lado conosco. O Deus de Daniel não está presunçosamente olhando tudo à distância: ele está envolvido com a nossa guerra diária contra o mal, bem ao nosso lado. Aqueles que nos

assaltam, assaltam ao mesmo tempo o nosso Deus. Como os discípulos no barco no meio da tempestade, quando clamamos: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Mc 4.38), sabemos que nosso Deus se importa e cuida. Ele não está distante ou ausente, mas presente no meio do seu povo, no meio de seu sofrimento. Nossa luta é também sua luta.

Mas, uma vez que Deus não está distante da luta contra o mal, como é que a batalha, algumas vezes, parece se mover em direção negativa? Se o Deus Todo-Poderoso é quem controla a história para nós, por que não marchamos em vitória sobre vitória, esmagando todas as forças do mal sob nossos pés? Como um pequeno chifre é capaz de se erguer em poder e oprimir os santos do Altíssimo?

Essas questões também têm suas respostas em Daniel 8. O problema não é meramente a inimizade de Satanás, mas é a transgressão (P#sh~u; 8.12). É “por causa das transgressões” que o exército do povo de Deus e o sacrifício diário, bem como o santuário, são entregues ao poder do pequeno chifre.

A transgressão de quem está em vista aqui? A maioria dos comentaristas interpreta essa transgressão como a rebelião do pequeno chifre.[6] Contudo, faz muito mais sentido se entendermos essa transgressão como a rebelião do próprio povo de Deus, um tema que é antecipado na oração de Daniel por arrependimento, em Daniel 9.[7] Afinal, o resultado dessa rebelião é que o exército e o santuário "são entregues" ao poder do pequeno chifre (Dn 8.12). É bem verdade que há momentos em que o soberano Senhor traz um inimigo contra o seu povo com o objetivo de mostrar sua própria glória, quando o povo não pecou contra ele (p. ex., 2Cr 20; Ez 38). Mas ele dificilmente daria seu povo e o santuário nas mãos dos seus inimigos, exceto por conta do pecado (veja Dt 28.45-48). Esse era o caso nos dias de Daniel (veja Dn 1.2), e o que Daniel viu foi uma futura repetição do pecado e do julgamento do povo de Deus que levou à queda de Jerusalém para Nabucodonosor. O

holocausto do exílio não foi o fim do ciclo de pecado e julgamento de Israel.[8]

Nem mesmo em seu futuro derramamento de juízo sobre o pecado de Israel, o mal triunfaria para sempre. O povo do Senhor e seu santuário seriam entregues ao poder do mal, mas por tempo limitado: 2.300 noites e manhãs (Dn 8.14). A expressão "Noites e manhãs" imediatamente nos lembra da linguagem dos dias da criação em Gênesis 1 e sugere que, como ele tentou varrer as estrelas do céu (Dn 8.10) e mudar os festivais religiosos (7.25), o que o pequeno chifre estava procurando fazer era nada menos do que destruir a criação. Sua tentativa certamente falharia, porque o Senhor já havia limitado o número de seus dias.[9] Mas por que 2.300 dias? Esse período é de sete anos, que deve ser considerado um período completo de julgamento, como em Daniel 4. Entretanto, o número não se encaixa exatamente em nenhum evento do período dos Macabeus, ainda que muitas tentativas tenham sido feitas para isso. Talvez simplesmente devamos entender esse

número como uma representação figurada de um significativo, mas limitado, período de sofrimento da parte do povo de Deus.[10] O que é particularmente marcante sobre a figura, portanto, quando comparada ao menos preciso "três tempos e meio" de Daniel 7, é o fato de que o período é medido em *dias*. O ponto mais importante talvez seja que Deus tem um calendário preciso para os eventos da história mundial, um calendário que é preciso quanto ao dia, ainda que, ao mesmo tempo, seja inescrutável a todos os esforços humanos de decodificá-lo.

Esperança na noite mais escura

Vamos explorar essa ideia mais completamente em nosso próximo estudo, quando olharmos para a resposta de Daniel à visão. Mas, por hora, precisamos ver claramente como Daniel 8 nos dá esperança na noite mais escura, em face do pior de nossas falhas e da pior investida de Satanás contra nós. A igreja ainda luta por causa de nossa própria infidelidade e pelas investidas de Satanás. Como

o escritor do hino descreve, a condição normal da igreja nesta era é "por cismas, fendida, por heresias, perturbada".[11] Como o apóstolo Paulo, frequentemente nos sentimos pressionados por todas as direções, perseguidos e esbofeteados por todos os lados, ao ponto de sermos tentados a nos desesperar do futuro (2Co 1.8-9). Mas esse não é simplesmente um problema da Igreja. No meio de nossas próprias falhas pessoais durante a luta contra o pecado, somos tentados a questionar se Deus pode realmente santificar pessoas como nós. Como o propósito de Deus de santificar e salvar pode permanecer diante da contínua rebelião humana e dos constantes ataques de Satanás?

A resposta a essa questão vem na medida em que vemos como Daniel 8 afirma a vitória de Deus mesmo diante dos dias sombrios que viriam com Antíoco Epifânio. Se os propósitos de Deus não foram frustrados por esse período de rebelião e profanação, eles certamente nunca serão frustrados por nossa experiência pessoal de infidelidade ou perseguição.

De nosso ponto na história da redenção, podemos ver a mesma lição demonstrada em uma larga escala. Podemos olhar para além da escuridão e restauração dos dias de Antíoco, para um ato ainda maior de rebelião e profanação – o ato culminante da rebelião e profanação que, na graça de Deus, acabou se tornando uma fonte de esperança. A profanação que Daniel anteviu no tempo de Antíoco foi certamente horrível, com o templo sendo profanado e a verdade jogada no chão, mas ainda havia algo pior por vir.

Ainda que Antíoco tenha profanado o templo, pelo menos até aquele tempo ninguém tinha posto as mãos no próprio Deus. Mas por volta de duzentos anos depois, na pessoa de Jesus Cristo, o lugar da habitação de Deus foi novamente profanado por causa do pecado e da rebelião dos homens e da inimizade de Satanás. O próprio povo de Deus rejeitou o Messias que Deus havia enviado; como João diz em seu Evangelho: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1.11). Em vez disso, os líderes do povo escolhido de Deus na verdade se

aliaram às forças malignas contra o Príncipe do exército do Senhor e o entregaram à morte, gritando: "Crucifica-o!" (Mt 27.22). Que abominação ou ato de traição poderia ser pior do que crucificar a Deus? Não é de se estranhar que tenham as trevas imperado naquele dia: não foram somente algumas estrelas que foram varridas do céu, o próprio sol se recusou a brilhar diante de tamanho ultraje! Parecia que as trevas tinham triunfado completamente e o "haja luz!" de Deus havia sido engolido pela noite.

A cruz é, certamente, a expressão última da rebelião do povo de Deus e da inimizade dos reinos deste mundo contra ele. Não devemos pensar, nós, que somos cristãos, que somos de alguma forma melhores do que os judeus do século 1º. Todos nós já fomos uma vez inimigos de Deus: por natureza, todos somos rebeldes contra Deus e, se deixados por nós mesmos, também seríamos encontrados na multidão a gritar: "Crucifica-o! Crucifica-o!" Amamos mais as trevas do que a luz porque nossas obras são más (Jo 3.19). Nosso coração testifica a

profunda verdade desse julgamento. Pela confortável coexistência com nossos queridos pecados, diariamente somos testemunhas da escuridão que ainda permanece em nosso coração.

Nem mesmo essa abominável rebelião e inimizade poderiam frustrar os propósitos de Deus. Na cruz, Satanás fez o pior para Jesus e, como resultado, apenas trouxe precisamente o que Deus havia planejado desde o começo. A luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não puderam prevalecer contra ela (Jo 1.5). Apenas três dias depois, Deus reconstruiu o templo que os judeus tinham destruído, restaurando o corpo de seu filho do túmulo. Deus ressuscitou a esse Jesus, que os homens tinham rejeitado, e o exaltou em glória à direita do Pai nos céus. Agora, pelo poder da cruz, o Senhor está construindo, com judeus e gentios como pedras vivas, seu novo templo, a igreja, transformando rebeldes e inimigos em amigos de Deus por meio do evangelho, limpando-nos de nossos pecados e rebelião (veja Ef 2.14-22).

A cruz é, então, o lugar onde Deus deu a

resposta final à nossa rebelião e transgressão, bem como à inimizade de Satanás. Na cruz, Jesus tomou sobre si o peso total de nossas transgressões e rebelião, lidando de uma vez por todas com o nosso pecado. Se já houve, alguma vez, um "tempo da ira", foi durante as seis horas em que Jesus ficou pendurado na cruz, suportando a ira de Deus contra a nossa pecaminosidade e idolatria. Sua devastação ali trouxe a ira de Deus contra nosso pecado ao fim. Na cruz, ele quebrou o aguilhão da morte, que é o poder do pecado, e, assim, garantiu o final feliz de nossa história. Assim como Cristo foi ressurreto da morte em glória, assim também todos aqueles que estão nele um dia ressuscitarão em glória, quando o tempo de Deus se completar.

A cruz, portanto, é a garantia de que o plano de Deus sempre prevalecerá em face à nossa fraqueza, rebelião e pecado e a despeito da feroz inimizade de Satanás e de todo o seu exército. Por causa da vitória conquistada na cruz, os portões do inferno nunca prevalecerão contra o rebanho de Cristo. Fique certo de que o mal

continua terrível e poderoso nesse mundo. O pecado ainda possui seus efeitos devastadores, venha ele de dentro ou de fora da igreja, e ele não vai simplesmente ir embora à medida que nosso mundo amadurece. Nosso caminho para o céu frequentemente passa pelo vale de trevas, por realidades horríveis aqui e agora que talvez sejam fruto do nosso pecado, ou do pecado de outros, ou da inimizade das poderosas forças espirituais.

Em meio a essa sóbria reflexão, nunca devemos perder de vista as glórias do céu e o fato de que o cronograma de Deus é que dirige os eventos. Seu cronograma definitivamente determinará nosso tempo nesse palco terreno a um fim e anunciará a vitória divina. Não sabemos quando será o fim, quer para nós como indivíduos ou para o mundo como um todo. O fim pode, de fato, estar perto ou pode ainda demorar a vir, mas, seja qual for o caso, ainda podemos viver em clara luz e esperar pelo amanhecer vindouro. No dia final, a questão que Deus fará a cada um de nós será: “O que você fez com o dom de meu Filho, Jesus Cristo?

Você submeteu seu coração a ele? Você o recebeu como seu Senhor e Salvador, buscando sua justiça a fim de redimir sua rebelião? Ou você rebeldemente pensou em justificar-se pelos seus esforços?"

Além do mais, no tempo que temos antes de os dias finais chegarem, nosso Deus permanece no controle deste mundo que ele fez, mesmo quando passamos pelo vale de trevas. A despeito de nossas piores falhas e dos melhores esforços do inimigo, Deus trará todas as coisas ao seu fim apropriado no tempo que ele determinou. Ele trará todas as nações a si e santificará cada um de nós por meio de um lento, mas persistente, trabalho do Espírito Santo. Nesse meio tempo, somos chamados a sermos fiéis e obedientes, confiando somente em Cristo e dando graças diariamente pela cruz, o lugar do triunfo sobre os nossos pecados. Conforme esperamos, devemos olhar para o futuro, para o dia do seu retorno, clamando: "Quanto tempo para que a profecia se cumpra?" Quanto tempo até que as trevas finalmente acabem e a luz do dia surja? Quanto tempo até que o sol da justiça se levante

e seus santos brilhem com ele para sempre e sempre? Quanto tempo até que sejamos santificados totalmente e limpos de todos os nossos pecados remanescentes? Quanto tempo, Senhor? Venha sem demora, Senhor Jesus, e complete sua obra em nós.

1 Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary (Nashville: Broadman, 1994), 236.
2 John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 209.
3 Entendendo a conjunção como um w~w explicativo (veja J. A. Montgomery, *The Book of Daniel*, International Critical Commentary [Edimburgo: T&T Clark, 1926], 340).
4 Goldingay, *Daniel*, 210.
5 "From a Distance," copyright Julie Gold (1986).
6 Por exemplo, Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 204; Goldingay, Daniel, 211.
7 João Calvino, *Daniel* T. Myers (trad.) (Grand Rapids: Baker, 2003 reimpressão), 2.102. Miller observa as declarações em 1 e 2 Macabeus concernentes à infidelidade em Israel no tempo de Antíoco (*Daniel*, 227).

8 Essa intepretação também se encaixa bem nos paralelos entre a visão de Daniel e a visão inicial de Ezequiel. Ambas as visões tiveram lugar ao lado do canal (Ez 1.1; Dn 8.2). Os dois homens foram deixados prostrados na presença de Deus e foram reerguidos pelo Senhor para que pudessem ouvir a interpretação da visão (Ez. 1.28; 2.2; Dn 8.17-18). Em sua visão, Ezequiel ouviu o anúncio de julgamento que estava vindo sobre o povo por causa de sua contínua história de transgressão (P~sh~u; Ez 2.3), um anúncio que o deixou "devastado" (m~shm!m; 3.15). Daniel também ouviu sobre um futuro desastre que viria por causa da transgressão (P#sh~u; Dn 8.12) e acabou "devastado" (a#shT"m#m; Dn 8.27, ambos os verbos vêm da mesma raiz, sh~m#m).
9 Veja Jacques B. Doukhan, "Allusions à création dans le livre de Daniel" in A. S. van der Woude (org.), *The Book of Daniel in*

the Light of New Findings (Leuven: Leuven University Press, 1993), 285-94.

10 Goldingay observa que vinte e três é um terço de sessenta e nove, que é o número do período de semanas em Daniel 9 (*Daniel, 213*). O número vinte e três também aparece em 1Enoque para designar grupos de reis gentios. (Paul Porter, *Metaphors and Monsters: A Literary-Critical Study of Daniel 7 and 8* [Lund: Gleerup, 1983], 44).

11 Samuel J. Stone, "The Church's One Foundation." [A estrofe referida no original é ausente na versão em português, "Da Igreja o fundamento", do hinário *Novo Cântico*, hino 298 (N.do T.)].

10

COMO ESPERAR POR DEUS

Daniel 8.27



Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias; então, me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse. (Dn 8.27)

Na peça de dois atos de Samuel Beckett, *Esperando por Godot*, cinco atores passam todo o tempo debaixo de uma árvore, esperando, como o título sugere, o personagem chave aparecer. No final, ele nunca aparece e nunca é explicado quem é Godot ou por que é tão importante encontrá-lo. De fato, há pouquíssima ação na peça, levando um crítico a descrevê-la como uma peça na qual "nada acontece, duas vezes". Outro crítico usou uma linguagem forte, copiando uma fala da própria peça para transmitir o enredo: "Nada acontece, ninguém vem, ninguém vai, é

horrível!”.[1] Beckett negou tenazmente que a peça faça qualquer referência ao cristianismo, ainda que, na medida em que ela reflete sua filosofia existencialista, dificilmente poderia evitar um conflito de cosmovisão com o evangelho. Para Beckett, a vida pode ser praticamente resumida em uma peça absurda na qual “nada acontece, ninguém vem, ninguém vai, é horrível”. Godot, seja lá quem ele ou ela seja, nunca virá e nada na vida faz qualquer sentido.

Como vimos em nosso último estudo, Daniel 8 é uma visão sobre espera. É uma visão sobre um fim que não estava próximo, pelo menos de Daniel e de muitas gerações de leitores desde então. Contudo, diferentemente do personagem da peça de Beckett, sua vida não se rendeu ao absurdo pelo fato de terem que esperar por toda a vida por alguém que nunca viria. Pelo contrário, o próprio ato de esperar tem sentido pela certeza de que, no tempo certo – o tempo que Deus escolheu – o Filho do Homem voltará nas nuvens e trará a história à sua conclusão

(Dn 7.13). Cada reino terreno, apesar de sua aparente invencibilidade, tem um "depois disso", um tempo quando seu poder será vencido e ele será pisado até o pó. Mas o livro de Daniel conclama seus leitores a permanecerem numa fidelidade que é cheia de significado precisamente porque esperamos por um reino que virá após todos estes reinos terrenos terem cumprido seu curso, um reino que não terá nenhum "depois disso", mas durará para sempre.[2] Como Daniel, também somos crentes esperando por um fim de todas as coisas, um fim que pode ou não estar próximo. Nesse meio tempo, temos uma importante lição para aprender com Daniel que diz respeito ao modo como devemos viver enquanto esperamos.

Diferentes modos de esperar

Os crentes têm uma variedade de atitudes ligadas ao período de espera pelo retorno de Cristo, baseadas nas diferentes expectativas de como o retorno acontecerá. As visões mais comuns são o pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo, nomes que apontam para diferentes

entendimentos sobre o milênio, ou mil anos, mencionado em Apocalipse 20.1-6.[3]

O *pré-milenismo* acredita que Cristo retornará à terra antes ("pré") do milênio, que será um tempo de mil anos de paz durante o qual o reino de Deus será consumado e Jesus reinará na terra com seus santos. Uma vez que essa visão normalmente antevê um período de grande apostasia e tribulação antes do retorno de Cristo, muitos (mas não todos) pré-milenistas são pessimistas sobre o valor de se engajar na sociedade e na cultura. Segundo esse ponto de vista, o foco de nosso chamado enquanto esperamos o retorno de Cristo é frequentemente visto como resgatando quantas almas for possível. Não é uma coincidência que os mais interessados em identificar o retorno do Senhor como iminente sejam tipicamente pré-milenistas. Usando a analogia desenvolvida no estudo do capítulo anterior, aqueles que acreditam mais fortemente que a jornada é secundária e que somente o destino realmente conta são

provavelmente os que gritam mais alto: “Já chegamos lá?”

O *pós-milenismo*, pelo contrário, é a posição que vê que Cristo retornará depois (“pós”) do milênio, um longo período durante o qual o mundo se tornará cada vez mais cristianizado e o reino de Deus será manifesto na terra. Como essa visão mantém uma expectativa positiva sobre o futuro, os cristãos que a defendem são frequentemente bem envolvidos na sociedade e otimistas quanto ao que podemos alcançar para Deus aqui na terra. De fato, tendem a sustentar que o ponto primário de nosso chamado enquanto esperamos o retorno de Cristo é redimir a cultura, procurando reivindicar cada centímetro quadrado dela para o Senhor. Eles afirmam claramente o valor da jornada.

O *amilenismo*, que literalmente significa “nenhum milênio”, pode ser mais bem denominado “milenismo presente” ou “milenismo realizado”, pois sustenta uma interpretação mais simbólica das profecias de Apocalipse e vê o milênio como uma forma pictórica de falar do “já” e “ainda não” no reino

celestial de Deus. Para esses crentes, o reino de Deus é agora experimentado na igreja, onde o reino de Cristo foi manifestado desde sua ressurreição e ascensão. Agora mesmo, os cristãos estão sentados com Cristo no reino celestial, onde são abençoados com toda sorte de bênçãos espirituais. Agora mesmo, Satanás está amarrado e seu poder de enganar os santos está restrito por Deus. Cristãos que sustentam uma visão amilenista anteveem com confiança que o reino de Cristo se espalhe pelas nações por intermédio do evangelho, ainda que, ao mesmo tempo, não antevejam a "cristianização" do mundo. Pelo contrário, acreditam que, enquanto o evangelho cresce, também crescem a apostasia e tribulação, antes que venha o fim.

Para resumir as atitudes dessas visões em relação ao presente e ao futuro, podemos dizer que o pré-milenismo tende a ser, no geral, pessimista sobre o futuro da igreja e da sociedade, o pós-milenismo tende a ser, no geral, otimista sobre a igreja e a sociedade, e o amilenismo tende a ser otimista sobre o futuro da igreja, mas pessimista sobre o futuro da

sociedade. Uma avaliação completa destas várias visões nos levaria para muito além do livro de Daniel, no qual um milênio sequer é mencionado. Contudo, a resposta de Daniel à visão do capítulo 8 afirma e desafia aspectos de cada uma destas visões com respeito a como devemos esperar pelo fim.

Daniel nos dá sua resposta em um único verso na conclusão do capítulo: "Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias; então, me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse" (Dn 8.27). Daniel nos diz que não pode entender a visão, que estava enfraquecido e devastado pela visão e que, no fim de seu tempo de devastação, ele se levantou e foi cuidar dos negócios do rei. Cada um desses três aspectos de sua resposta à visão deve nos levar a moldar a nossa espera pelo tempo do fim.

Vivendo com entendimento parcial

Primeiro, Daniel nos diz que não pode entender a visão. À primeira vista, sua declaração pode não parecer tão surpreendente.

Afinal, os eventos históricos descritos no sonho falavam de muitos anos no futuro em relação aos dias de Daniel, e intérpretes ainda lutam para compreender o intrincado significado do que ele viu. Certamente uma falta de compreensão é o que a maioria dos leitores experimenta quando encontra essas visões pela primeira vez.

No entanto, quando pensamos mais profundamente sobre isso, é digno de nota que Daniel fosse incapaz de interpretar o significado de sua própria visão. Esse era o mesmo Daniel que, sozinho, foi capaz de interpretar os sonhos de Nabucodonosor em Daniel 2 e 4, de quem Nabucodonosor disse: “Eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum mistério te é difícil; eis as visões do sonho que eu tive; dize-me a sua interpretação” (Dn 4.9). No capítulo 5, quando ninguém mais era capaz de ler o manuscrito na parede, a rainha-mãe disse confiante sobre Daniel: “se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria como a sabedoria dos deuses; teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos

encantadores, dos caldeus e dos feiticeiros, porquanto espírito excelente, conhecimento e inteligência, interpretação de sonhos, declaração de enigmas e solução de casos difíceis se acharam nesse Daniel, a quem o rei pusera o nome de Beltessazar; chame-se, pois, a Daniel, e ele dará a interpretação" (5.12).

Daniel, então, leu e interpretou sem nenhuma dificuldade a misteriosa escrita que perturbou Belsazar e seus nobres. Se havia alguém que podia entender aquelas visões apocalípticas, certamente tinha de ser Daniel!

Entretanto, em capítulos posteriores do livro de Daniel, nos é dito duas vezes que Daniel foi incapaz de entender a visão (Dn 8.27; 12.8). Isso é particularmente importante, uma vez que as visões e suas interpretações foram explicitamente dadas para ele entender (7.16-17; 8.15; 9.22; 10.14). Na verdade, nos é dito que o que distingue entre o perverso e o sábio é precisamente o fato de que o perverso não entenderá as visões, mas o sábio as entenderá (12.10). Visto que Daniel é o mais sábio dentre os sábios, como poderia ele não ter entendido,

então? Além disso, nos é dito adiante que Daniel *entendeu* a visão (10.1).

Mas afinal, Daniel entendeu a visão ou não entendeu? Acredito que a resposta seja: as duas coisas. Claramente, há aspectos da visão que ele entendeu. As visões foram dadas por Deus para que ele pudesse entender alguma coisa, e o propósito de Deus nunca é frustrado. A mensagem central dessas visões estava certamente clara para Daniel, mesmo séculos antes de os eventos específicos aludidos na visão começarem a se desenrolar. É por isso que, por exemplo, respondendo à revelação do tempo de rebelião e julgamento, ele se encontrava de joelhos diante do Senhor em oração por confissão e arrependimento comunitários (Dn 9). Ele certamente entendeu a questão central da visão.

Ao mesmo tempo, houve aspectos da visão que Daniel não entendeu. Mesmo um grande intérprete de mistérios como Daniel, não podia entender a profundidade exata do que o Espírito de Deus estava indicando antecipadamente nas

visões, não importava o quanto tentasse. Como o apóstolo Pedro colocou:

> Os profetas indagaram e inquiriram... investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que os anjos anelam perscrutar.(1Pe 1.10-12).

Como Pedro sugere, algumas das coisas que foram misteriosas para Daniel são claras para nós agora. Podemos agora ver quem foram alguns dos personagens históricos em sua visão e, sob a luz do cumprimento, podemos ver mais claramente como a visão apontava para Cristo. Mas ao mesmo tempo, há outros aspectos da sua visão que continuam misteriosos para nós. Quando olhamos para trás na história pela

perspectiva da glória, podemos entender mais do que temos entendido, mas mesmo nosso conhecimento pode não ser abrangente. Se, como Pedro disse, algumas destas coisas são misteriosas até para os anjos, talvez não surpreenda que nunca se tornem claramente transparentes para meros mortais como nós.

Essa é uma questão importante para se considerar diante do contínuo esforço de crentes bem-intencionados em fixar, se não o dia, pelo menos o mês e o ano em que o Senhor retornará. Há aqueles, especialmente no campo pré-milenista, que garantem que têm um entendimento exato de como o cronograma profético se realizará e quem será o personagem central no conflito final. Em 1970, o livro de Hal Lindsey, *A agonia do grande planeta Terra,* convenceu a muitos de que estávamos vivendo às vésperas do fim e que uma invasão de Israel pela Rússia era iminente. As dez nações que compunham o Mercado Comum Europeu foram declaradas como tendo papel fundamental a desempenhar. Mais de trinta anos depois, os cenários foram revisados e atualizados, mas a

mesma mensagem continua a ser ampla e confiantemente proclamada. Parece-me, contudo, que a resposta apropriada à questão "Quando e como o fim do mundo acontecerá?" é "Deus sabe" – em ambos os sentidos. Devemos afirmar "Deus *sabe*" no sentido de que ele sabe exatamente quando o fim virá, ao ponto de saber o dia exato. Contudo, também devemos afirmar que "*Deus* sabe" no sentido de que nenhum ser humano jamais saberá de antemão essa informação. O misterioso período de 2.300 dias de Daniel 8.14 – um período que resiste a uma explicação fácil, ainda que afirme a precisão do controle de Deus sobre a História – é um bom exemplo desse tipo de incerteza.

Esse equilíbrio entre o que confiantemente é entendido e o que permanece, por hora, de alguma forma nublado é importante manter. Há algumas coisas que Deus revelou claramente em sua palavra e outras coisas que permanecem ocultas para nós (Dt 29.29). Temos conforto na certeza de que Deus tem cada dia da História sob controle – tanto da história global como em nossa própria história pessoal – ao longo de

todo o caminho amargo. Estejamos certos do retorno pessoal e corpóreo de Cristo para resgatar seu povo e ser o anfitrião da nova criação. E, ao mesmo tempo, devemos aprender a ter a humildade apropriada concernente à nossa habilidade de predizer o tempo e o desenrolar preciso desses importantes eventos.

Essa humildade deve se estender àqueles de nós que têm tanta certeza de que o complexo cenário previsto pelos nossos irmãos pré-milenistas está errado. Talvez seja o caso de algumas profecias que acreditamos que não pretendam ter um cumprimento literal sejam, na verdade, cumpridas mais precisamente do que esperamos, assim como as que eles esperam que sejam literalmente cumpridas provavelmente sejam cumpridas em um sentido espiritual: os aspectos essenciais das profecias se tornarão verdade, ainda que os detalhes não sejam exatamente literais.

Essa variedade de formas de cumprimento é exatamente o que o cumprimento das profecias a respeito da primeira vinda de Jesus deveria ter nos ensinado a esperar. Algumas daquelas

profecias foram cumpridas literalmente, exatamente como alguns esperavam – como, por exemplo, seu nascimento em Belém, de acordo com Miqueias 5.2. Outras profecias foram cumpridas, mas não literalmente: João Batista não foi literalmente Elias, mas veio no espírito de Elias, vestido com o estilo distintivo de se vestir e anunciando sua mensagem de julgamento e arrependimento (Mc 1.6; 2Rs 1.8). O dia de Pentecostes foi um cumprimento da profecia de Joel sobre a vinda do Dia do Senhor, muito embora os sinais de juízo no céu ainda não tenham sido manifestos (At 2.17-21; Jl 2.28-32). Há mais algumas profecias do Antigo Testamento sobre a vinda de Cristo que devem ter suscitado debate antes de sua realização sobre se elas deveriam ser entendidas literalmente. Isaías 7.14 requer que o Messias nasça literalmente de uma virgem e seja Deus em carne humana? O salmo 16 requer a ressurreição literal do Messias? Zacarias 9.9 literalmente espera que o Messias entre montado em um jumento? Deve ter havido ávidas discussões e debates sobre a interpretação desses versos, e

alguns talvez tenham sido surpreendidos por quão literal foram seus cumprimentos. Então, também devemos ser humildes em nossas convicções sobre o modo como a segunda vinda de Jesus acontecerá, apegando-nos firmemente ao que é claro e sendo graciosos em responder à variedade de opiniões com respeito àquilo que é menos claro.

Sobrecarregado pelo julgamento vindouro

O segundo aspecto da resposta de Daniel à visão foi que ele ficou doente e sobrecarregado pela visão por alguns dias (Dn 8.27). Essa é uma resposta similar à resposta a outras visões que ele recebeu (7.15,28; 10.16). Por que ele se sentiu tão sobrecarregado pelas visões que recebeu? Não foi simplesmente porque eram de tirar o fôlego ou pela vertigem que causavam, mas por conta da mensagem de julgamento e destruição futuros do povo de Deus.

Aqui o paralelo entre o que Daniel experimentou e os efeitos da visão inicial do profeta Ezequiel é útil.[4] Como Ezequiel (veja Ez. 3.15), Daniel foi sobrecarregado pela sua visão

porque sentiu em seu próprio corpo uma antecipação dos efeitos do julgamento de Deus sobre a comunidade.[5] O profeta se identificou com seu povo, assim como com Deus, e, ainda que o julgamento que Daniel tenha visto fosse acontecer muitos anos no futuro, ele não poderia simplesmente pronunciá-lo sobre eles de uma distância confortável. Pelo contrário, ele fisicamente se identificou com seu povo em seu sofrimento vindouro, ao ponto de sentir sua dor em seu corpo.

A identificação do profeta com aqueles a quem a mensagem é dirigida é um importante modelo para nós à medida que esperamos o fim. Em vista de nossa expectativa da segunda vinda, pode ser fácil nos isolarmos da sociedade à nossa volta. Quanto mais convencidos estivermos do retorno iminente de Cristo, mais isolados nos tornaremos. Essa é uma tendência particularmente comum entre pré-milenistas, mas não está restrita a eles. Outros crentes também podem ser tentados a formar um enclave e pregar de dentro de seus muros uma

mensagem de julgamento ao mundo ao nosso redor, sem qualquer empatia por aqueles a quem nossas palavras condenam ou qualquer envolvimento com eles. O envolvimento pessoal de Daniel com a mensagem de sua visão nos chama a não meramente condenar o mundo perdido à nossa volta, mas a chorar por ele, assim como Jesus chorou sobre a perdida Jerusalém (Mt 23.37). Somos chamados a nos importar profunda e passionalmente com nosso próximo, a ficar pessoalmente devastados pela perspectiva de que eles passarão toda a eternidade no inferno. A compaixão por sua alma não demanda menos de nós. A extensão da perdição do mundo ao nosso redor toca nosso coração na mesma extensão em que somos motivados a levar ao próximo as boas-novas do evangelho – e a continuar a fazê-lo, mesmo quando eles não querem ouvir.

Pessoalmente estou convencido de que, quando procuro em meu próprio coração, encontro muito pouca compaixão e preocupação com aqueles ao meu redor. Em consequência, estou raramente inclinado a procurar

oportunidades para compartilhar o evangelho com meus vizinhos e amigos, mesmo quando levantam o assunto, e posso facilmente ver isso mais como um fardo do que como uma oportunidade de ir ao encontro de suas necessidades mais profundas. Isso é especialmente verdade se a pessoa em questão é claramente "rebelde" contra Deus (Dn 8.12), vivendo uma vida abertamente desafiadora. Mas esses rebeldes – os "publicanos e pecadores" – são precisamente o povo que Jesus apontou como os mais necessitados das boas-novas do evangelho (Mt 9.11-13). Preciso ouvir o chamado de Daniel à empatia e compaixão em relação àqueles cujo estilo de vida mais claramente os coloca debaixo do julgamento de Deus. Se tivéssemos essa compaixão que Daniel tinha por seu povo, nunca ficaríamos contentes com o fato de que nós e nossos familiares mais próximos estamos salvos. Pelo contrário, teríamos uma paixão pelo nosso próximo, nossos amigos, os pródigos e vagabundos, e, de fato, o mundo todo viria a conhecer e cultuar nosso Deus e Rei.

Ocupado com os negócios do rei

No entanto, Daniel não estava simplesmente devastado com a perspectiva do julgamento vindouro do seu povo. No final do tempo em que passou doente, ele se levantou e foi tratar dos negócios do rei (Dn 8.27). Essa é uma declaração extraordinária, dado o fato de que o rei, naquele tempo, era Belsazar (Dn 8.1). A despeito da tolice e perversidade das autoridades daqueles dias, Daniel não se isolou da cultura ao seu redor, mas continuou fielmente a serviço da sociedade (pagã) babilônica. Sua visão de que o futuro pertencia ao reino de Deus não o fez esconder-se em algum canto, mas continuou a dirigi-lo no serviço de sua comunidade.

O compromisso silencioso de Daniel no serviço do rei, mesmo em uma cultura pagã, mostra o valor do trabalho que fazemos enquanto esperamos. Precisamos reconhecer o valor e o significado do ultimato de fazer a vontade do Pai aqui na terra, assim como faremos um dia no céu (Mt 25.14-20). Aqui na terra nos encontraremos perpetuamente no

exílio, mas essa é, no entanto, a cultura na qual Deus nos colocou, então devemos ser sal e luz. Nosso trabalho diário para o rei – para o bem de nosso empregador secular e para benefício de nossa cultura pagã – é significativo e valioso. De fato, a própria frase "[Daniel] foi tratar nos negócios do rei" (Dn 8.27) é ambígua, porque esse capítulo está repleto de reis e segue uma visão na qual o Senhor mesmo está entronizado como Rei. Talvez devamos reconhecer que, mesmo enquanto Daniel servia ao seu mestre terreno, o rei Belsazar, ele entendia que estava cuidando dos negócios do Rei celeste, o próprio Deus.

Então nós, também, precisamos aprender a reconhecer que nosso labor diário não é sem propósito enquanto esperamos o retorno do Rei. Martinho Lutero foi perguntado, certa feita, sobre o que faria se soubesse que o mundo acabaria no dia seguinte. Ele respondeu que plantaria uma árvore. Lutero entendeu que a iminência do fim não diminuía o valor do trabalho fiel para Deus aqui e agora. Então, do mesmo modo, se nosso chamado é trocar fraldas

ou limpar a cozinha, preencher relatórios ou projetar aeronaves, pintar quadros ou compor música, dar aulas ou cuidar de doentes, devemos tratar de qualquer que seja o negócio para o qual o Grande Rei tenha nos designado. Seja quando for que nosso mestre retorne, seja logo ou em um tempo distante, ele deve nos encontrar obedientes e produtivos no trabalho. Não é uma coincidência que, tendo avisado seus discípulos que o dia e a hora de seu retorno são desconhecidas, Jesus se pôs a contar uma parábola sobre o mestre que foi viajar por um longo tempo e, tendo retornado inesperadamente, encontrou seus servos relapsos em suas obrigações (Mt 24.45-50). Precisamos nos ocupar dos negócios do rei, e isso significa servir à nossa cultura com todos os dons e habilidades que Deus nos tem dado.

Mas enquanto pré-milenistas podem, muitas vezes, estar mais focados na perspectiva de serem arrebatados aos céus do que em serem tão bons quanto puderem na terra, os pós-milenistas estão mais frequentemente envolvidos na sociedade e na cultura, procurando reivindicar

cada centímetro quadrado dela para Cristo. No processo, conquistam muitas coisas boas. Porém, se o penúltimo "fim", nos dias de Antíoco, que foi descrito em Daniel 8 nos diz alguma coisa sobre o último fim de todas as coisas, isso nos dá uma tímida expectativa da "cristianização" gradual do mundo. Pelo contrário, leva-nos a esperar contínua (e talvez maior) provação e tribulação conforme o fim se aproxima, composta por uma profunda infidelidade da parte do povo de Deus. Foi precisamente sobre isso que Paulo alertou Timóteo:

> Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes (2Tm 3.1-5).

Então, à medida que esperamos o fim de todas as coisas, devemos estar plenamente envolvidos na comunidade na qual vivemos, trabalhando para sua melhoria de qualquer modo que possamos. Como cristãos, podemos e devemos nos envolver no processo político, nos negócios e nas artes, de acordo com nossos dons e chamado, trazendo glória a Deus nestas áreas tanto quanto na mais simples das tarefas, como varrer o chão ou lavar a louça. O que fazemos aqui e agora realmente importa para Deus, não somente o que faremos para ele quando chegarmos ao céu.

Clamando pelo Filho

Mesmo enquanto estamos ocupados com os negócios de nosso Pai e Rei, devemos continuar ansiando e clamando pelo retorno de seu Filho. Até que aquele dia venha, nosso problema mais profundo ainda continuará uma realidade. Pelos esforços de cristãos comprometidos em gerações anteriores, a escravidão foi abolida e a vida de muitos pobres trabalhadores foi transformada, mas o racismo e a exploração econômica ainda

continuam a empestear a sociedade moderna. Ainda que sejamos capazes de fazer passar uma lei que defenda o conceito bíblico do casamento e proteja a vida do feto – e essas são, indubitavelmente coisas boas – não podemos abolir as lágrimas, a dor, ou mesmo a morte. Somente o retorno de Cristo completará a renovação do mundo.

Em tudo isso, Jesus é o modelo de como devemos viver enquanto esperamos. Ele modela o verdadeiro ativismo cristão, limpando o templo e expulsando os cambistas (Mt 21.12-13), mesmo sabendo que, em poucos anos, o templo de Jerusalém seria destruído para sempre (Mt 24.21-22). Ele modela a apaixonada preocupação pelas almas dos perdidos, chorando por Jerusalém e lamentando pela seara a branquejar na falta de trabalhadores. Enquanto na terra, Jesus reconheceu que, em sua natureza humana, não sabia o dia do fim do mundo, informando que isso estava reservado somente ao Pai (Mt 24.26), mas também nos mostrou uma vida perfeita de ardente espera, uma vida de constante dependência do Senhor e

de guerra espiritual através da oração, clamando pela consumação. Sua perfeição nessa espera substitui a nossa, que está tão longe de ser perfeita. Sua perfeita obediência foi cumprida por nós e é apresentada ao Pai em nosso lugar, assim como sua morte na cruz foi a paga de todos os nossos pecados.

Então, aprenda com Jesus como esperar. E, na medida em que espera, viva uma vida de valor e significado verdadeiros, diferente da vida daqueles personagens da peça de Beckett. Um copo de água fria dado em nome de Jesus vale a pena (Mt 10.42). Servir ao nosso próximo tem valor; compartilhar o evangelho é importante; criar algo bonito tem significado; suportar os nossos queridos tem sentido. Mas esse penúltimo ato tem sentido justamente por causa daquele último ato de redenção que Deus fará por nós em Jesus Cristo. Porque ele tomou sobre si o aguilhão do pecado e da rebelião e nos reconciliou com Deus, agora o nosso menor ato de obediência tem profundo significado porque o dia virá quando o penúltimo dará lugar ao último e, naquele dia, não mais estaremos

esperando por Deus. Pelo contrário, nós estaremos em sua presença. Naquele dia, nós o ouviremos graciosamente afirmar o valor e o significado de todas as boas obras que fomos capazes de fazer pelo seu Espírito e ouviremos dele o perdão de toda a nossa vasta transgressão e rebelião por causa de Cristo.

Portanto, viva ricamente enquanto espera: sirva ao Rei, chore pelo perdido, ame seu próximo, tenha comunhão com os santos e, enquanto faz essas coisas, anseie por aquele dia quando todos estes penúltimos atos de obediência terminarão e o último e eterno serviço de louvor e adoração começará.

1 Citado em “Waiting for Godot”, Wikipedia, 5 de novembro de 2005. <http://en.wikipedia.org/wiki/Waiting_for_Godot>. Acesso em 7 de novembro de 2005.

2 Veja Jacques Doukhan, *Daniel: The Vision of the End* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1989), 47.

3 Para uma descrição e avaliação das principais visões do milênio, Anthony A. Hoekema. *A Bíblia e o Futuro*. São Paulo. Casa Editora Presbiteriana (1989).

4 Para o paralelo entre Daniel 8 e Ezequiel 1–3, veja a nota 8 no cap.9: “Vivendo no vale de trevas”.

5 Veja Iain Duguid, *Ezekiel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 70.

11

ORANDO NAS TREVAS

Daniel 9.1-19



No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o SENHOR *ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos. Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza* (Dn 9.1-3).

Se Deus é um Deus soberano, por que devemos orar? Em outras palavras, se Deus tem tudo planejado de antemão e já sabe o que fará amanhã e no dia seguinte, qual é a razão para nos colocarmos de joelhos e pedir o que quer que seja? Não estamos perdendo nosso tempo e fôlego suplicando a Deus, quando o fim da questão já está

configurado?

Obviamente, uma das respostas a essas questões seria confessar que há momentos em que podemos ajudar muito pouco orando. É dito que não existem ateus em corredor de hospital, e a maioria de nós, partindo de nossas próprias experiências pessoais, sabe que, quando a vida fica excepcionalmente difícil, estamos mais dispostos do que o normal a nos ajoelhar. Quando o sol está brilhando, podemos pensar que podemos fazer nada mais do que um balbuciado "muito obrigado" a Deus na hora do almoço, mas, no vale das sombras profundas, nossa alma clama por ele bem a sério.

Eis o motivo pelo qual as pessoas que fazem essas perguntas sobre a conexão entre a soberania de Deus e a oração normalmente não estão interessadas em tirar a dúvida sobre se devemos orar – a necessidade para isso é suficientemente evidente nas Escrituras e em nosso coração. Contudo, a questão é colocada como um desafio implícito à soberania de Deus, ou, pelo menos, a certas formulações desta doutrina. Precisamos orar – mas realmente

oramos como devíamos, se acreditamos que Deus tem o futuro predeterminado? E como exatamente devemos orar quando nos encontramos no vale das profundas sombras? Essas são questões com as quais Daniel 9 nos ajudará a lidar.

Oração e a palavra de Deus

A primeira coisa a notar sobre essa passagem é que a oração de Daniel era impelida pela leitura da palavra de Deus: "No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos. Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza" (Dn 9.1-3). Daniel esteve lendo as palavras do profeta Jeremias, palavras que ele descreveu como "livros" (h~ss#P~r!m), "que falara o SENHOR ao profeta Jeremias" (Dn 9.2). Aqui

vemos Daniel reconhecendo a inspiração e autoridade dos escritos de seu colega profeta como parte de um cânon mais amplo de escritos inspirados, as Escrituras, pouco mais de uma geração depois que foram escritas. Ao fazer isso, Daniel dá exemplo da atitude que devemos ter com respeito às suas próprias visões: elas são as Escrituras inspiradas, a palavra de Deus escrita dada por intermédio do seu profeta para ser estudada, pesquisada e obedecida como os vivos oráculos de Deus. Essa passagem não é simplesmente um interessante e informativo texto antigo, uma fonte de informação misturada sobre a cultura e crenças da Antiguidade. É nada menos do que a palavra de Deus, a única autoridade e regra infalível para nossa vida e doutrina.

Conforme Daniel lia as Escrituras no livro de Jeremias, ele encontrou nelas uma referência ao fato de que a desolação de Jerusalém duraria setenta anos. As passagens que ele está ponderando eram, provavelmente, Jeremias 25.11-12; 29.10:

> Toda essa terra virá a ser um deserto e um espanto; essas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia e a desta nação, diz o SENHOR, como também a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas.
>
> Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar.

Nesses oráculos, Jeremias anunciou que o plano do Senhor era submeter o seu povo à Babilônia por setenta anos por seus pecados, mas, ao fim daquele tempo, Deus agiria como juiz dos babilônios e traria seu povo de volta para casa. O que desencadeou o interesse de Daniel nesta profecia foi provavelmente a tomada da Babilônia pelo império dos medos e persas e a morte do rei Belsazar nas mãos de Dario, o novo governante. Evidentemente, Deus estava, agora, julgando o rei da Babilônia e sua nação, como havia prometido. Portanto, mesmo que não tivessem se passado exatamente setenta anos desde a destruição de Judá, Daniel

começou a orar com grande intensidade pelo cumprimento da segunda metade da profecia: a graciosa restauração do povo de Deus à sua terra.[1]

Para ser exato, essa provavelmente não era uma nova oração que Daniel começou a fazer naquele tempo; como Daniel 6 sugere, sua prática de orar três vezes ao dia na direção de Jerusalém era um hábito regular e antigo. Esse hábito também foi formado pela leitura das Escrituras: ele regularmente orava em direção ao lugar do templo de Jerusalém, da maneira como Salomão tinha prescrito para os futuros exilados, no dia que o templo foi dedicado pela primeira vez (1Rs 8.48). Mas quando Daniel viu as promessas de Deus começando a se cumprir, ele aumentou a urgência de sua oração, suplicando a Deus misericórdia e favor sobre o seu povo.

Esse aumento da intensidade na oração é marcado pela sua decisão de jejuar e orar com pano de saco e cinzas, sinais de intensa tristeza e arrependimento pelos pecados de seu povo. Vale

a pena enfatizar que a progressão de Daniel da fé na soberania de Deus para a oração fervorosa é exatamente o oposto da questão com a qual começamos. À pergunta: "Se Deus é um Deus soberano, por que devemos orar?", Daniel teria respondido: "É *porque* Deus é um Deus soberano que eu oro". Foi precisamente quando Daniel leu nas Escrituras o plano de Deus de julgar a Babilônia e restaurar seu povo e viu seu plano soberano começar a ser posto em prática na história que ele elevou sua voz em oração. Daniel não se pôs a orar porque pensou que a profecia dos setenta anos talvez falhasse ou se atrasasse se ele não orasse. Pelo contrário, foi porque ele estava confiante de que seu soberano Deus faria exatamente o que tinha prometido que ele derramou seu coração diante dele em fervente oração.

Essa é uma importante lição para nós, crentes. Muitos de nós provavelmente têm experimentado separar um tempo para orar mais, sem saber exatamente sobre o que orar. Mesmo em meio a tribulações e dificuldades, algumas vezes mal sabemos orar. Nestas

circunstâncias, podemos pegar uma folha do livro de Daniel e procurar as Escrituras e, assim, podemos orar por aquilo que Deus claramente prometeu. Por exemplo, Deus prometeu completar a boa obra que ele começou em nós (Fp 1.6). Então, no meio de nossas tribulações, posso orar para que Deus use tais tribulações para levar a cabo sua obra em meu coração e minha vida, humilhando-me e quebrando meu orgulho, mostrando-me quão desesperadamente preciso dele em minha fraqueza e pecaminosidade. Deus prometeu me dar uma paz que transcende a paz que esse mundo dá (Jo 14.27). Como resultado, em minha confusão e tumulto interno, posso pedir que ele me dê a paz que somente ele pode conceder. O Senhor prometeu ser meu pastor e andar comigo pelo vale da sombra da morte (Sl 23). Portanto, posso orar para que ele vigie minha alma e segure minha mão na hora mais escura da noite. Deus prometeu fazer novos céus e nova terra, onde enxugará toda lágrima para sempre (Ap 21.1-4). Por essa razão, posso orar para que venha rapidamente o dia em que o mundo presente se

dissolverá e será substituído por aquele lugar de refúgio e alegria. Daniel orou para que Deus fizesse o que havia prometido e orou com confiança *porque* estava orando por aquilo que Deus prometeu.

Oração e o reino de Deus

Daniel não estava simplesmente orando por seu próprio conforto e proteção em meio às trevas. Sua preocupação era orar pelo povo de Deus e pelo reino de Deus. É certo e apropriado que, em momentos de trevas, levemos nossas preocupações diante do Senhor, mas não devemos ficar tão concentrados em nosso próprio sofrimento que esqueçamos das necessidades mais amplas do povo de Deus. É apropriado orarmos "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje", mas também precisamos nos lembrar de orar "venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Ainda que Daniel, sem dúvida, tivesse muitas preocupações pessoais no primeiro ano de Dario (veja Dn 6), a necessidade do reino de Deus era sua preocupação central em sua oração em

Daniel 9, a saber, que Deus fizesse conforme o que havia prometido com respeito ao seu povo.

Naquela tarefa de interceder por seu povo, Daniel estava cumprindo seu chamado como profeta. Frequentemente pensamos na intercessão como uma tarefa sacerdotal e, certamente, os sacerdotes intercediam, mas, no Antigo Testamento, a intercessão era uma parte central do papel do profeta. Ele não somente trazia a palavra de Deus ao homem; ele também trazia a resposta do homem a Deus pela intercessão. Assim, em Gênesis 20.7 é o fato de que Abraão é um profeta que o qualifica a interceder em favor de Abimeleque. Para nós, que vivemos na era do Novo Testamento, contudo, o derramamento do Espírito sobre todo o povo de Deus significa que nós, agora, podemos falar do sacerdócio de todos os crentes: somos, agora, embaixadores de Cristo, que nos encarregou da tarefa de levar sua mensagem de vida e morte ao mundo ao nosso redor (2Co 2.15-16; 5.20). Nós todos, portanto, estamos encarregados do dever e privilégio de interceder pelo povo de Deus e seu reino, tanto local como

ao redor do mundo, colocando as necessidades da igreja e, mais amplamente, do mundo diante do trono da graça.

Se é verdade que temos a obrigação de orar pelo povo de Deus e seu reino, como devemos orar? É aqui que o conteúdo da longa oração de Daniel providencia um modelo para as nossas orações:

> Ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra. A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti. Ó SENHOR, a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais,

porque temos pecado contra ti. Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão, pois nos temos rebelado contra ele e não obedecemos à voz do SENHOR, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas. Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição e as imprecações que estão escritas na Lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós, porque temos pecado contra ti. Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam, e fez vir sobre nós grande mal, porquanto nunca, debaixo de todo o céu, aconteceu o que se deu em Jerusalém. Como está escrito na Lei de Moisés, todo este mal nos sobreveio; apesar disso, não temos implorado o favor do SENHOR, nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades e nos aplicarmos à tua verdade. Por isso, o SENHOR cuidou em trazer sobre nós o mal e o fez vir sobre nós; pois justo é o SENHOR, nosso Deus, em todas as suas obras que faz, pois não obedecemos á sua voz. Na verdade, ó Senhor, nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e a ti mesmo adquiriste renome, como hoje se vê, temos pecado e procedido

> perversamente. Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte, porquanto, por causa dos nossos pecados e por causa das iniquidades de nossos pais, se tornaram Jerusalém e o teu povo opróbrio para todos os que estão em redor de nós. Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o rosto, por amor do Senhor. Inclina, ó Deus meu, os ouvidos e ouve; abre os olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome (Dn 9.4-19).

A oração de Daniel consiste basicamente de três elementos: invocação, confissão e petição. Daniel começou reconhecendo quem Deus é (invocação); então ele confessou os pecados de sua comunidade e reconheceu a justiça do julgamento de Deus sobre ela (confissão) e,

finalmente, suplicou que Deus cumprisse seus propósitos sobre seu povo (petição). Veremos cada desses elementos.

Invocação, confissão e petição

Primeiro há a invocação: Daniel reconheceu logo de início o Deus a quem a oração era dirigida. O foco do reconhecimento de Daniel era a grandeza de Deus e sua graça. O Senhor é "Deus grande e temível" (Dn 9.4), "justo" (9.7,14) e aquele tirou o seu "povo da terra do Egito com mão poderosa, e a ti mesmo adquiriste renome, como hoje se vê" (9.15): ele é, de fato, um Deus poderoso. Ele também é um Deus que "guarda a aliança e a misericórdia" (9.4) cumprindo fielmente suas promessas ao seu povo. Ele é um Deus que é "misericordioso e perdoador" (9.9). Na verdade, essas palavras estão no plural em hebraico, sugerindo os repetidos atos de misericórdia e perdão de Deus em relação ao seu povo rebelde.[2] Essa abundante misericórdia forma a base do pedido de Daniel na seção da petição, no fim da oração.

Apesar de o Deus a quem Daniel orava ser justo e fiel às suas promessas, o povo de Daniel tinha sido exatamente o oposto, então Daniel confessou o pecado de seu povo. Israel havia pecado e se rebelado contra esse Deus gentil e gracioso, repetidamente dando as costas para sua lei e se recusando a ouvir seus profetas (Dn 9.5-6,10-11). O contraste entre o Senhor e seu povo da aliança é evidenciado pelo padrão de sinônimos dobrados: O Senhor é "grande e maravilhoso", "justo e perdoador", fiel "àqueles que te amam e guardam os teus mandamentos", enquanto Israel tinha "pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos".

O contraste não poderia ser mais evidente entre o fiel e santo Deus que é verdadeiro em todas as suas promessas e o infiel e ímpio povo, que tinha quebrado todos os seus mandamentos e se rebelado contra seu Senhor. Sob os termos da aliança que Deus tinha feito com seu povo no Monte Sinai, tal combinação poderia ter somente um resultado: a destruição e o exílio do

povo de Deus da terra prometida (veja Dt 28). Porque o Senhor é justo e fiel, ele tinha que cumprir suas ameaças de julgamento, derramando sua fervente ira sobre Jerusalém, sua cidade eleita e seu lugar de habitação (Dn 9.16), fazendo de seu povo objeto de merecido escárnio entre as nações ao seu redor. Então Daniel confessou o pecado do seu povo e reconheceu a justiça do julgamento de Deus, severo como tinha que ser. Não há qualquer esforço da parte de Daniel para desculpar Israel ou questionar a justiça de Deus. Israel amplamente mereceu o destino que estava experimentando por sua rebelião contra esse Deus santo e amável.

No entanto, Deuteronômio não falou meramente do julgamento que viria sobre Israel quando houvesse pecado e se rebelado contra o Senhor. Falou também sobre a promessa de um novo e gracioso recomeço para Israel além do pecado e julgamento. Quando experimentasse a ira de Deus e se arrependesse dos seus pecados, voltando-se para Deus dentre os exilados onde Deus os tivesse espalhado, o Senhor restauraria

sua sorte e os reuniria novamente na terra (Dt 30.2-3). Essa era a resposta de Deus que Daniel buscava em sua petição na oração. Ele pediu que Deus ouvisse sua oração e mostrasse favor ao seu santuário desolado, trazendo o exílio ao fim (Dn 9.17). Ele não fazia esse pedido baseado em qualquer justiça que houvesse nele ou em seu povo, mas simplesmente no compromisso de Deus em glorificar o seu próprio nome (9.19).

Quando Deus escolheu Israel e o trouxe do Egito, fazendo dele seu povo, irrevogavelmente ligou seu nome a ele. Assim, se Israel perecesse no exílio, isso poderia ser apropriado e uma justa punição, mas levaria as nações a questionarem o poder de Deus. Seria o Senhor, afinal de contas, incapaz de salvar seu povo e dar a ele as coisas que prometeu? Para mostrar a grandeza de sua graça e vindicar a honra de seu nome, o Senhor deveria, uma vez mais, redimir seu povo e restaurá-lo ao seu favor. Então Daniel orou com firme confiança de que Deus ouviria sua oração, mostraria favor a seu povo e restauraria seu santuário.

Orando ao Deus de grandeza e graça

Todos os três aspectos da oração de Daniel – invocação, confissão e petição – podem nos ajudar a aprender como orar pelo reino de Deus em nosso mundo. Também devemos começar nos lembrando da grandeza e graça de Deus mostradas em sua fidelidade às promessas da aliança. Se nos esquecermos da grandeza de Deus, nossa oração será bem pequena. Na verdade, vejo que minhas orações são quase sempre muito curtas. Eu não me vejo orando pela grandeza e poder da obra do Espírito de Deus em nossa comunidade e em nossos dias. Não oro sempre por uma extraordinária demonstração do poder de Deus em nossa igreja. Esqueço a grandeza de Deus: que ele é o Criador e aquele que designou o limite dos mares. Esqueço que ele é quem estabelece reis e líderes mundiais e os faz cair novamente. Se eu me lembrasse da grandeza de Deus, minha vida de oração seria radicalmente transformada.

Minhas orações também são muito curtas, porque me esqueço da graça de Deus. Sou frequentemente tentado a pensar que não tenho

conserto, bem como os que estão ao meu redor. Quanto mais vejo meu próprio coração, mais sei que eu sou rebelde e pecador. Não tenho ouvido as leis de Deus e feito delas meu deleite, nem tenho levado a sério as admoestações dos profetas de Deus. Quão grande condenação está sobre alguém como eu, cuja vida inteira é gasta em estudar a palavra de Deus! Em vista dos privilégios e oportunidades que tenho recebido, que servo inútil eu sou! Ver-me como realmente sou pode facilmente me levar ao desespero e a desistir de orar, porque começo a pensar como Deus poderia usar alguém como eu. Além do mais, ver a profundidade dos pecados daqueles ao meu redor pode ter o mesmo resultado. À medida que vivemos e trabalhamos com pessoas, mais cedo ou mais tarde a máscara cai e vemos seus pecados também. Isto não é verdade somente sobre amigos e colegas de trabalho não cristãos, mas sobre os cristãos também. As pessoas na igreja regularmente nos desapontam e nos decepcionam, e somos tentados a acreditar que Deus não pode usá-las também. Por que

orar, afinal, por nós ou pelos outros, se somos potes lascados e vasos danificados?

A resposta é que devemos orar por causa da graça de Deus. A solução para nossos pecados não é varrê-los para debaixo do tapete e fingir que não existem. Há muitas pessoas que desejam fazer isso em nosso contexto contemporâneo, que sequer desejam ver mencionada a palavra "pecado". Essa não era a maneira de Daniel. A resposta aos nossos pecados é nos lembrarmos da graça de Deus e confessar nos pecados diante dele, jogando-nos em sua soberana misericórdia. Eu, na verdade, sou um imundo pecador, inapropriado para o uso divino, e o mesmo se aplica a você. Mas o mesmo Santo Deus tem, não obstante, exaltado seu nome em nós, chamando-nos "cristãos" e nos escolhendo para fazer parte de seu rebanho. Ele anexou sua honra a nós nesse mundo, então, em larga escala, o que as pessoas pensam sobre ele é moldado pelo que veem em nós.

Eis aqui a motivação para fervorosa oração. À medida que pondero na graça de Deus, posso clamar: "Senhor, definitivamente não sirvo para

ser teu embaixador, mas tu tens me chamado e confias em mim para servi-lo. Não posso permanecer nem por um momento por minha força e não tenho palavras minhas para dizer. Senhor, dá-me a força de permanecer e as palavras para dizer por ti. Cumpre teus propósitos nesse mundo através de mim e através de outros pecadores como eu. Constrói tua igreja e teu reino nesse lugar não porque merecemos – longe disso. Constrói teu reino aqui porque teu nome é digno, e as pessoas ao nosso redor precisam ver tua glória. Elas nunca verão isso por nossa sabedoria ou força; elas verão tua glória somente se tu a demonstrares tomando pessoas falhas e manchadas como eu e fizeres em nossa vida demonstrações extraordinárias da tua graça". Reconhecer a grandeza e graça de Deus nos colocará regularmente de joelhos em ações de graças, confissão e fervente petição por amor de seu nome.

Orações com poder

A oração de Daniel foi respondida de maneira notável. Muito frequentemente, oramos e nos perguntamos se alguém está ouvindo, ou se nossa oração simplesmente passa do teto. Nesse caso, porém, o Senhor mandou um anjo para se dirigir às preocupações de Daniel enquanto ele ainda orava (Dn 9.20-21). Eis aí uma oração poderosa! Veremos em maiores detalhes a resposta que Daniel recebeu em nosso próximo estudo. Contudo, em termos gerais, podemos dizer que a oração de Daniel recebeu tanto uma resposta imediata quanto final. A resposta imediata de Deus à oração de Daniel foi levantar Ciro, o rei persa, que publicou um decreto que permitia que os judeus retornassem para casa. Esse decreto foi publicado em 538 a.C., no ano da queda do império babilônico. Isso ocorreu quase imediatamente após a oração de Daniel, no primeiro ano de Dario.[3] Daniel orou e, em resposta, Deus moveu o coração do maior governante daqueles dias para fazer acontecer o retorno de seu povo à sua terra, onde o templo arruinado seria reconstruído.

Mas, como veremos no próximo capítulo, a mensagem que o anjo Gabriel trouxe a Daniel era que essa resposta imediata à sua oração era meramente um cumprimento parcial dos planos de Deus. O problema do coração rebelde de Israel que causara o exílio não seria tratado simplesmente trazendo-o de volta à terra. Aquilo requeria uma demonstração muito mais fantástica da grandeza e da graça de Deus, que seria alcançada na vinda de Jesus.

Jesus é aquele em quem Deus lidaria de uma vez por todas com nosso pecado e, assim, cumpriria seu propósito original para seu povo. Em Jesus, há uma demonstração sem paralelo da grandeza de Deus. Com a vinda de Jesus, a glória de Deus foi revelada na terra de um modo nunca antes visto. O Verbo se tornou carne: o Deus Todo-Poderoso que criou o universo se encarnou em um pequeno bebê. Como João disse em seu Evangelho: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). Em Jesus estava a luz, a verdadeira luz que dá luz a todo homem (Jo 1.9). No entanto, a vinda da luz e Deus vindo habitar entre os

homens não nos transforma por si só. Isso simplesmente revela a triste verdade sobre nós: "O julgamento é esse: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (Jo 3.19). A revelação da grandeza do Deus santo não lidou com o nosso pecado; ela simplesmente fez o nosso pecado ficar mais visível.

A santidade de Deus por si só poderia tão somente nos condenar. Por causa disso, muitas pessoas negam ou ignoram a santidade de Deus e imaginam um deus somente de graça. Pode ser confortador pensar em um deus assim, que não faz nenhuma demanda e facilmente perdoará tudo o que temos feito, mas, se não for o Deus verdadeiro, seu suposto perdão não nos ajudará. É como o conforto daqueles que imaginaram que o *Titanic* fosse inafundável. Tal pensamento foi certamente muito confortante e de segurança aos passageiros – até o momento em que o navio teve um desentendimento com um *iceberg*! No dia do julgamento, todos nós vamos nos encontrar com o verdadeiro Deus, um grande e maravilhoso Deus de justiça e verdade que

demandará de nós um acerto de contas por todas as coisas que fizemos, pensamos e dissemos. Naquele dia, a santidade de Deus demandará nossa condenação.

Mas, em Jesus, Deus não vem para condenar o mundo (Jo 3.17). Jesus era não somente a expressão da grandeza e da santidade de Deus, mas também da sua graça. O Deus verdadeiro é o Deus da graça e da santidade, que providenciou a solução real para nosso problema do pecado em Jesus. Ele fez isso na cruz, a manifestação final da justiça e da graça de Deus. Se Deus fosse simplesmente um Deus de justiça, não haveria explicação para a cruz. Ele poderia simples e justamente ter nos apagado da existência por causa dos nossos pecados, como Daniel confessou. Na verdade, a Bíblia poderia ser reduzida a três sentenças: "Deus criou um mundo perfeito para o homem e a mulher. Eles pecaram. Fim da história". Do mesmo modo, a história de Israel poderia ter terminado com sua rebelião e exílio e nunca ter se reerguido novamente. Somente a natureza de Deus em ser um Deus de graça explica sua

paciência com o povo do Antigo Testamento. Somente sua graça justifica seu extraordinário condescendente amor em se tornar um homem e sofrer a vergonha e agonia da cruz para redimir seu povo. Somente a graça de Deus explica a disposição de Jesus de se submeter a um período de excruciante separação de seu Pai pela primeira vez em toda a eternidade para que nós, os pecadores culpados que merecem ser separados para sempre de sua luz, pudéssemos herdar suas promessas.

Mas se Deus fosse somente um Deus de graça, um Deus que perdoa pecados simples e facilmente porque isso faz parte de sua natureza, não haveria também nenhuma explicação para cruz. Não haveria qualquer razão para o Filho de Deus ser tão cruelmente executado, a menos que Deus também fosse um Deus de justiça. A verdade é que o pecado – nosso pecado – teve que ser pago. Teve que haver um dia de acerto de contas por todas as coisas erradas que temos feito, um dia de acerto de contas que ocorreu naquela primeira sexta-feira da paixão. Quando Jesus foi pendurado na cruz e morreu, ele pagou

por completo a morte de cada um de nós, que merecíamos morrer. O verdadeiro pagamento foi feito pelo verdadeiro pecado, para que pudesse haver verdadeira graça para verdadeiros pecadores.

A cruz e a oração

Essa demonstração da grandeza e da graça de Deus na cruz é a verdadeira motivação para nossas orações. Uma vez que Deus amou seu povo de tal forma que mandou seu Filho morrer por nós, ele certamente também nos dará os recursos e as palavras para levar as boas-novas para aqueles ao nosso redor. Deus prometeu a nossa santidade, então devemos estar em oração pelo adiantamento desta grande obra em nosso coração e vida. Deus prometeu santificar sua igreja, então devemos orar seriamente por nossos irmãos e irmãs em Cristo, para que Deus os santifique mais e mais. Deus prometeu salvar suas ovelhas perdidas e adicioná-las ao seu rebanho, então devemos orar fervorosamente pela conversão dos nossos vizinhos, amigos e familiares que não são crentes.

Tal fervorosa oração também deve ser nossa primeira resposta quando um irmão crente pecar contra nós. Em vez de criticar ou fofocar, devemos orar: "Pai, esse é teu filho. Sei que a santificação dele é a tua vontade para ele. Sou somente um grande pecador como ele, talvez em diferentes maneiras. Por favor, trabalha no meu coração e no dele pelo teu Espírito e dá-nos tanto o arrependimento quanto a transformação". Maridos devem orar por suas esposas desta forma, quando elas pecarem. Esposas devem orar do mesmo modo por seus maridos. Quando pais se irritarem com seus filhos, os filhos devem orar por eles. Quando as crianças se rebelarem e revelarem seu coração malvado, seus pais devem orar por elas. A oração é a base da promessa de Deus em santificar um povo para si.

Essas são orações que Deus se deleita em atender, porque estamos orando com base no que ele prometeu. Devemos ver essas orações respondidas, em parte, no presente, à medida que Deus continua a santificar a nós e ao seu povo à nossa volta. Mas também devemos

continuar orando até a resposta final de Deus ao nosso pecado, que só nos será dada quando o Senhor Jesus retornar. Naquele dia, todas as nossas orações serão atendidas, pois a fé será substituída pela vista e nossa aspiração por santidade encontrará seu cumprimento. Então veremos a demonstração da graça e da grandeza de Deus na enorme reunião de pessoas ao redor do mundo, trazidas de todas as nações e culturas, unidas, cantando louvores a Deus. O tema comum de nossas canções naquele dia será "Maravilhosa graça, quão doce o som, que salvou um pecador como eu". De fato, a graça e a misericórdia de Deus são tão grandes que pessoas como nós são destinadas para a glória eterna em sua presença. No entanto, essa é a sua promessa, e podemos ter certeza de que o fim será, de fato, assim.

1 A data em que se começou a contar os setenta anos não é clara, nem a data do fim. Podemos começar em 605 a.C., quando Nabucodonosor invadiu Judá pela primeira vez e colocou Jerusalém debaixo de seu controle. Essa, talvez, seja uma data que se encaixe na descrição de "servirem ao rei da Babilônia", ainda que a terra dificilmente tenha sido reduzida a escombros a essa altura. Essa descrição melhor se encaixa na data de 586 a.C., quando Nabucodonosor subjugou Jerusalém e queimou o templo. Se o fim aponta para o decreto de Ciro de que os Judeus poderiam retornar a Judá, como 2Crônicas 36.22-23 sugere, então o término da profecia foi em 538 a.C. Contudo, em Zacarias 1.2, que é datado de 520 a.C, os setenta anos de julgamento ainda parecem estar acontecendo, ainda que perto do fim. Isto sugere que, para Zacarias, o fim do período foi na reconstrução do templo, em 515 a.C. Se as datas são 605 a 538 ou 586 a 515 ou outra combinação de datas, o período é próximo, mas não é exatamente setenta anos. A profecia cumprida, portanto, sublinha nosso comentário nos estudos anteriores de que datas em profecias não devem ser sempre interpretadas completamente como literais; alguns números na Bíblia são símbolos, não estatísticas.

2 Ernest C. Lucas, *Daniel*, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove: InterVarsity, 2002), 238.

3 Sobre o relacionamento entre Dario e Ciro, veja a nota 5, no capítulo 7: "Na cova dos leões".

12

ESPERANÇA NAS TREVAS

Daniel 9.20-27



Falava eu ainda, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo de Israel, e lançava a minha súplica perante a face do SENHOR*, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus. Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido* (Dn 9.20-22).

Você já fez uma pergunta que pensou ser simples, só para depois ficar perplexo pela profundidade e complexidade da resposta? Talvez você tenha perguntado para um neurocirurgião como ele faz para saber como fazer uma incisão, ou pedido a um físico nuclear para explicar a

você como os átomos são constituídos. Uma vez que começam a falar, contudo, você se vê completamente envolto em mistério. Você estava procurando explicações do tipo "ciência para leigos", somente para descobrir um tanto quanto rápido que há algumas coisas que aparentemente não são apropriadas para leigos aprenderem. Deve haver uma razão pela qual "ciência de foguetes para leigos" é um oximoro!

É assim que muitos de nós nos sentimos quando nos aproximamos da última metade de Daniel 9. Queremos a explicação do significado da visão num nível que possamos entender, mas receamos que tal coisa simplesmente não possa ser entendida por gente como a gente. Grandes mentes brilhantes especialistas em Bíblia podem, talvez, serem capazes de se pôr a pensar sobre Daniel 9, mas, à primeira vista, parece que essa é uma daquelas passagens que parecem ser simplesmente inacessíveis a pessoas comuns, a "leigos" como nós. Se essa é a nossa preocupação, pode ser confortador saber que não estamos sozinhos. Em 400 d.C., um dos mais brilhantes estudiosos e linguistas da igreja

antiga, o pai da igreja Jerônimo, escreveu: "Como não é seguro dar um julgamento sobre a opinião dos grandes mestres da igreja e colocar um acima do outro, simplesmente repetirei a opinião de cada um e deixarei o leitor julgar qual das explicações deve ser seguida".[1] Então ele lista nove opiniões conflitantes sobre o significado da passagem, declarando-se incapaz de decidir qual (se houver) é a correta.

Espero que o que se segue providencie respostas sobre isso. Essa visão também é parte da palavra de Deus, que é "útil para o ensino, para repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.16). Foi dada a Daniel para esclarecer alguma coisa, não para confundi-lo ainda mais (veja Dn 9.22). A chave do entendimento da visão é focar no que é central e claro, não no que é desafiador e complicado. Não vamos desvendar cada complexidade da passagem, mas, se seguirmos essa regra, a mensagem central da visão não deverá ser difícil de se ver.

O contexto: A oração de Daniel

Primeiro, precisamos nos lembrar do foco principal da oração de Daniel na primeira metade de Daniel 9. Essa oração é o contexto no qual a visão vem a Daniel, um contexto que tem sido, frequentemente, negligenciado na interpretação da visão. Como vimos em nosso último estudo, Daniel nos diz que tem ponderado sobre a profecia de Jeremias sobre o período de setenta anos de exílio e sujeição à Babilônia e seu reino, depois do que Deus julgaria a Babilônia e seu povo retornaria para sua terra e reconstruiria o templo. A oração de Daniel aconteceu durante o primeiro ano do rei Dario, imediatamente após o império babilônio ter caído sob os medos e persas. Ele reconheceu que os babilônios e seu rei foram julgados por Deus, cumprindo a primeira parte da profecia de Jeremias. Então, Daniel orou para que Deus cumprisse a segunda parte também, restaurando seu povo à sua terra por sua misericórdia e graça, mostrando favor novamente ao santuário desolado em Jerusalém. Daniel reconheceu que Deus tinha julgado seu povo e seu santuário por seus pecados, tão fielmente como a aliança do

Sinai exigia. Mas essa mesma aliança do Sinai também sustentava a perspectiva de um recomeço após a punição do exílio, um recomeço no qual o Senhor circuncidaria o coração de seu povo e lhe daria coração obediente (veja Dt 3.1-6).

De fato, como Daniel leu as palavras de Jeremias, ele também tinha lido mais profecias que falavam daquele prometido recomeço. Jeremias anunciou que Deus faria uma nova aliança com seu povo, que seria diferente daquela aliança que ele havia quebrado por seus pecados, uma aliança que finalmente cumpriria a promessa de Deuteronômio de corações que desejam obedecer ao Senhor:

> Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque essa é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as

> minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Jr 31.31-33).

Daniel estava orando pelo cumprimento dessas promessas de transformação do povo de Deus. Ele ansiava por vê-los transformados de pecadores em um povo santo, com Deus habitando entre eles, e ver Jerusalém restaurada pela vinda do rei messiânico. Nos dias de Daniel, o relacionamento pactual entre Deus e seu povo tinha sido quebrado pelo pecado e pela transgressão de Israel e Judá. Mas sua esperança e oração eram que o final do período de setenta anos de julgamento de Jeremias redundasse num tempo em que as palavras de restauração do relacionamento pactual seriam finalmente cumpridas. Na medida em que o povo se arrependesse, Daniel esperava ver a renovação do favor divino, a reconstrução do templo e o florescimento da prometida nova aliança que transformaria o povo de rebeldes pecadores que odiavam a lei de Deus e debochavam de seus profetas em um povo santo que amava a lei de

Deus. De acordo com Jeremias, essa mudança também marcava a chegada do messiânico Renovo de justiça, cujo reino promulgaria um estado de justiça, retidão e paz para Judá e Jerusalém (Jr 33.15-16).

Essa esperança é o pano de fundo no qual se deve ler a visão de Daniel, um contexto no qual cada um dos vários elementos da visão que o anjo Gabriel trouxe a Daniel faz sentido:

> Falava eu ainda, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo de Israel, e lançava a minha súplica perante a face do SENHOR, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus. Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão (Dn 9.20-23).

Como se destacasse a conexão entre a oração e a visão, a aparição de Gabriel providencia uma resposta imediata e explícita às petições de Daniel. Daniel clamou ao Senhor: "Ouve!" (Dn 9.18-19); a presença do anjo é uma prova clara de que sua oração foi ouvida. Daniel buscou o favor de Deus (9.17); Gabriel se dirigiu a ele como "mui amado" (9.23), assegurando que ele tinha, de fato, o favor de Deus. Daniel suplicou que o Senhor não se demorasse (9.19) e recebeu uma resposta antes que houvesse terminado a oração (9.20). De fato, Gabriel disse a ele que um decreto foi promulgado do trono assim que Daniel começou a orar (9.23).

As boas-novas: A oração de Daniel respondida

Além do mais, Gabriel tinha vindo para dizer a ele que seu pedido de transformação do estado de seu povo e da cidade seria respondido afirmativamente:

> Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna,

> para selar a visão e a profecia e para ungir o santo dos santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele (Dn 9.24-27).

Virão dias quando o agir de Deus acabará com "a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o santo dos santos" (Dn 9.24). A transgressão, o pecado e a iniquidade do povo de Deus os tinham levado ao abandono de Deus, mas viriam dias em que essas palavras não seriam mais necessárias, porque seu poder seria

quebrado e seu castigo seria expiado. Um dia, o pecador povo de Deus seria justificado diante de Deus. No lugar de iniquidade e rebelião, Deus traria justiça eterna, santificação pra seu rebanho, para fazê-lo nação santa. No lugar da negligência do passado pelas palavras dos profetas ao seu povo, o Senhor iria "selar" suas palavras (9.24). "Selar", aqui, não significa fechar seus livros ou manter em secreto suas palavras, mas garanti-las, marcando-as com o selo de propriedade de Deus pelo seu cumprimento, assim como um documento precisava ser selado com a insígnia de seu dono (1Rs 21.8; Ne 10.1-2).[2] Ademais, o santuário em Jerusalém, que, nos dias de Daniel, estava destruído e desolado, seria uma vez mais reconsagrado. No contexto da leitura que Daniel fazia em Jeremias, isso era nada menos que o compromisso, da parte de Deus, de fazer a prometida nova aliança.

Mencionamos esse ponto em nosso estudo anterior, mas vale a pena reiterá-lo porque essa é uma das ênfases desta passagem: Deus ouviu e

respondeu à oração de seu povo arrependido. Não há nenhum conflito entre a soberania divina e a presciência, por um lado, pela qual Deus sabe e governa todos os aspectos do futuro, e, por outro, a verdade que as orações do povo de Deus têm um impacto real sobre os eventos.

Como Tiago colocou em sua epístola: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16). Tiago citou Elias como um exemplo para provar seu ponto, mas ele poderia facilmente ter usado Daniel. Daniel orou e suas orações suscitaram uma resposta da sala do trono divino antes mesmo que ele tivesse terminado de falar. Essa verdade não está restrita à oração dos "supersantos". Também temos o privilégio e a responsabilidade de nos aproximar do trono de graça com nossas petições e súplicas. Contudo, é frequente que nossa resposta à escuridão que nos cerca seja um ativismo humano que coloca todas as nossas esperanças em nossos próprios esforços, ou um desespero passivo que assume que nada pode ser feito para conter a propagação do mal. Daniel 9 nos desafia a nos

colocarmos de joelhos diante do Senhor e suplicarmos a ele que traga o novo mundo prometido, no qual o pecado e a rebelião se foram e a justiça eterna está. Nossas orações são, de longe, muito pequenas.

A escala de tempo de Deus

Até agora, a mensagem que Gabriel trouxe a Daniel são boas-novas. Entretanto, há também más notícias por vir. Essa transformação prometida – a nova aliança da qual falou Jeremias – não chegará no fim dos setenta anos de exílio. Na verdade, o período do julgamento é simplesmente uma pequena parte de um plano ainda maior de Deus, um plano que não será completado no período dos setenta anos, mas levará "setenta semanas" para se completar (Dn 9.24). A escala de tempo de Deus é maior do que Daniel tinha imaginado.

Muitos entendem que essas "setenta semanas" correspondem a um período literal de 490 anos. Uma vez que sete e setenta são números de completude na Bíblia, outros entendem que a figura que resulta quando são

multiplicados é uma representação última de completude. Esse é, certamente, o caso em Mateus 18. Nessa passagem, Jesus está respondendo à pergunta de Pedro sobre quantas vezes deveria perdoar seu irmão. Deveria perdoá-lo sete vezes? Em resposta, Jesus lhe disse para perdoar seu irmão setenta vezes sete vezes (Mt 18.22). Ninguém interpreta esse número literalmente, como se Pedro fosse obrigado a perdoar seu irmão 490 vezes, mas não a 491ª vez. Ao contrário, todos reconhecem que a questão que Jesus está levantando é que a perspectiva de Pedro sobre o perdão era muito pequena e precisava ser expandida. Então, aqui, também, a visão está desafiando a perspectiva de Daniel sobre a escala de tempo necessária para acabar com a transgressão e alcançar restauração. Não levaria meros setenta anos para se alcançar a transformação no coração e na vida do povo de Deus, mas setenta vezes sete para alcançar e completar a vitória final sobre o pecado e o mal. Contudo, essa má notícia não tinha a intenção de levar Daniel ao desespero. Mesmo que isso ocorresse depois de seu tempo,

a promessa da nova aliança chegaria na devida estação e cumpriria tudo o que Deus houvesse designado.

Precisamos dar ouvidos ao desafio que essa passagem impõe às expectativas que nutrimos quanto à maneira como Deus opera em nossa vida. Vivemos na era do "instantâneo", em que esperamos que tudo venha a nós agora, senão logo. Para satisfazer nossa impaciência, inventamos refeições que podem ser preparadas rapidamente em micro-ondas e arroz que fica pronto em pouco mais de um minuto de cozimento. As pessoas mal se lembram dos dias quando tinham que esperar os televisores e rádios esquentarem antes do programa começar. Como poderíamos suportar o suspense? A mesma atitude "instantânea" também é levada para nossos relacionamentos, quer com Deus, quer com nosso próximo. Queremos santificação instantânea para nós, exigindo que Deus transforme nossa vida num piscar de olhos e remova imediatamente os pecados que tanto nos frustram. Do mesmo modo, queremos que nossas esposas e filhos sejam feitos santos de

uma vez, ou até a próxima terça-feira, no máximo. Uma vez que sabemos que é a vontade de Deus para nós que sejamos santos, afinal, esperamos que isso seja alcançado imediatamente!

Mas Daniel 9 nos mostra que a escala de tempo de Deus para a santificação de seu povo e a renovação do mundo é maior do que tipicamente pensamos. Ele não está tão preocupado quanto nós em nos consertar de imediato, nem está engajado na transformação de nossos amigos e familiares em santos perfeitos imediatamente. Certamente ele completará a transformação e santificação de nossa vida eventualmente. Como alguém já disse certa feita: "Os moinhos de Deus moem lentamente, mas moem meticulosamente". Ele não deixará seu projeto pela metade, como um projeto do tipo "faça você mesmo" que começa com entusiasmo e só serve para juntar poeira depois que nosso interesse acaba. Mas, ao mesmo tempo, sua obra em nós é um projeto a longo prazo, não uma transformação que se realizará num passe de mágica. Nossa

santificação literalmente levará a vida toda – nossa vida toda – para se completar. Somos todos um trabalho em construção e assim será até o dia de nossa morte.

É importante que nos lembremos desta verdade, para que sejamos pacientes com a obra de Deus em nós e naqueles ao nosso redor. Essa realidade não deve ser vista como uma licença para que nos entreguemos aos nossos pecados ou sejamos relapsos na busca pela santidade. Pelo contrário, a garantia de que Deus certamente completará a boa obra que começou em nós deve nos estimular à diligência na busca da obediência à sua palavra no presente. Mas o reconhecimento de que esse trabalho é frequentemente lento e que enquanto estivermos nesse mundo somos afligidos pelo assédio constante do pecado deve nos fazer voltar constantemente à dependência da misericórdia e da graça de Deus, que são suficientes para pecadores como nós. Enquanto ainda estivermos neste mundo, nunca estaremos além da necessidade do perdão e do fortalecimento diário de Deus. Na verdade, a própria lentidão

da obra de Deus na santificação em nossa vida demonstra quão importante é para Deus que estejamos constantemente conscientes de nossa necessidade desesperada de sua graça. Ele está determinado em desenvolver nossa humildade e percepção de dependência dele.[3]

Ademais, à medida que refletimos na lentidão do processo de nossa santificação, isso nos fará mais pacientes com a contínua pecaminosidade dos outros. Somos naturalmente rápidos em julgar os outros, especialmente quando seus pecados habituais são transgressões sobre as quais temos tido alguma vitória. Facilmente pensamos: "Eu já mortifiquei esse pecado, por que eles não podem fazer o mesmo?" – como se o nosso progresso em santificação fosse simplesmente o resultado de nossos próprios esforços. Mas quando lutamos continuamente contra um pecado em particular que é doloroso e persistentemente nos faz tropeçar, aprendemos a mostrar aos outros a mesma graça que recebemos diariamente do Senhor. Na medida em que descobrimos que sua misericórdia está lá

para nós cada vez que falhamos e caímos, começamos a estender a mesma misericórdia aos outros também. O reconhecimento de nossas próprias fraquezas e pecado nos habilita a esticar nossas mãos e coração aos outros em sua pecaminosidade.

A morte do Messias

A visão que foi dada a Daniel também revelou que a realização dessa restauração prometida do povo de Deus e do santuário viria em três estágios. O primeiro estágio – as primeiras sete semanas – seria da emissão do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém até o tempo em que a reconstrução fosse completada. Esse decreto (D~B~r) que foi publicado para restaurar e reconstruir Jerusalém, no verso 25, não é o decreto de um rei humano, mas um decreto (D~B~r*)* que foi promulgado em resposta à oração de Daniel, no verso 23. Essa mesma palavra efetivou o decreto (D~B~r) de restauração que o Senhor prometeu em Jeremias 29.10, quase setenta anos antes. O decreto de Ciro, em 538 a.C., que permitiu aos

Judeus retornar à Jerusalém foi meramente um reflexo terreno de uma decisão celestial. A distinção entre os decretos terreno e celestial sublinha a dificuldade de qualquer tentativa de fixar um *terminus a quo* a partir do qual se meça um período literal de "setenta semanas" de anos.

A primeira semana mostra a resposta imediata de Deus ao pedido de Daniel: A cidade de Jerusalém, de fato, será reconstruída em curto prazo. A profecia de Jeremias sobre a restauração depois de setenta anos terá um cumprimento parcial. Contudo, esse período de restauração, juntamente com as subsequentes sessenta e duas semanas depois que a cidade for reconstruída, será um tempo de problemas. Jerusalém não aproveitará a completa segurança de que Jeremias 33.16 falou. O príncipe messiânico (m#sh!~h n~G!D) fará sua aparição somente no fim dessas sessenta e nove semanas, inaugurando a sétima semana, que é clímax. Mesmo então, seu aparecimento não inaugurará imediatamente a paz e justiça que Jeremias anteviu. Ao invés, o Messias será, ele mesmo, morto, e já não estará (9.26).

Mais uma vez, isso vira de cabeça para baixo nossas expectativas a respeito da história. Tendemos a assumir que, se Deus está no controle da história da nossa vida, então tudo deve correr suavemente, para frente e para cima, na direção da glória. Talvez haja alguns soluços pelo caminho, mas, no geral, esperamos que Deus faça nosso caminho plano e fácil, especialmente quando estamos andando em obediência a ele. Entretanto, sessenta e nove das setenta semanas de Daniel são marcadas por dificuldades e tribulações, e a septuagésima semana não é mais fácil. O futuro que Daniel está mostrando é um futuro que abrange guerras e rumores de guerras, junto com tribulações antecipadas e experimentadas. Além do mais, o futuro que ele descreve para o povo de Deus reflete o nosso próprio futuro por toda a nossa peregrinação terrena, o árduo caminho que nos conduz à glória.

Mas essas tribulações são nosso caminho para a glória porque foram, primeiro, o caminho de nosso Messias para a glória. Deus não exige de nós nada que ele mesmo não esteja disposto

sofrer. Seu próprio Ungido, o Cristo, veio para um mundo de sofrimento e experimentou sofrimento em primeira mão, ao ponto de ser morto. Nossas preocupações parecem menores quando as comparamos com a experiência da crucificação até à morte. Nossos problemas financeiros são colocados em seu lugar quando os comparamos com os soldados tirando sortes sobre a túnica de Cristo, sua única posse. Nossos relacionamentos difíceis e sentimentos de abandono não são nada se comparados à experiência de Jesus de ver todos os seus amigos fugirem e negarem que ao menos o conhecessem, em sua hora de necessidade. Não há abandono maior do que ter o Pai com sua face virada em repugnância por causa da carga de pecado que ele carregava. O Ungido morto e deixado sem nada: ele foi ferido por nossas iniquidades, traspassado por nossa transgressões, abandonado por nossas traições. O caminho para a glória o levou a um caminho de sofrimentos, e nós também somos chamados para seguir a mesma trilha.

A destruição do santuário e a confirmação da aliança

Até agora, foi bastante simples estabelecer o significado da visão de Daniel e sua relação com a história. Afinal de contas, Jerusalém foi finalmente reconstruída, e suas provações e dificuldades certamente continuaram. Quando Jesus, o Messias, finalmente chegou, ele foi, de fato, morto, crucificado e deixado sem nada. A parte mais difícil da visão é o que segue a morte do Messias. Nesse ponto, Daniel é informado que Jerusalém e seu santuário seriam destruídos pelo "povo de um príncipe que há de vir". Mas quem são essas pessoas e quem é esse príncipe? Também lemos que alguém confirmará a aliança com muitos para esse clímax final da septuagésima semana, e, no meio dessa semana, porá um fim ao sacrifício e às ofertas. Quem é essa pessoa? E o que é essa misteriosa abominação em Daniel 9.27? Como isso se relaciona com os eventos descritos anteriormente?

De acordo com alguns crentes – aqueles que descrevemos como pré-milenistas no estudo

anterior – estes últimos eventos representam um salto no futuro, partindo do contexto anterior. Eles argumentam que há um parêntese entre a sexagésima nona semana e a septuagésima, durante a qual a história da igreja acontece, depois do que o anticristo virá e destruirá Jerusalém e seu templo reconstruído. Segundo essa abordagem, "a aliança" no verso 27 é um acordo político que o anticristo fará naqueles dias com alguns judeus e o anticristo é aquele que porá um fim nos sacrifícios e ofertas que haviam sido retomados, destruindo o templo de Jerusalém, que tinha sido reconstruído. Por outro lado, cristãos amilenistas e pós-milenistas acreditam que a aliança mencionada aqui é a nova aliança de Deus com seu povo, inaugurada pelo Messias, Jesus, e que a desolação e destruição do templo aconteceu no século 1º d.C.

Precisamos reconhecer que ambas as visões são sustentadas por pessoas que amam o Senhor e levam a sério as profecias de Daniel e que estes versos são, sem dúvida, difíceis de interpretar. Contudo, não é possível que ambas as

explicações estejam corretas. Então precisamos perguntar: "Qual dessas perspectivas possui o argumento mais forte para estar certa, e como nós decidimos entre eles?" O melhor método é deixar que o contexto imediato guie nossa interpretação. Lembre-se, a oração de Daniel estava profundamente preocupada com o destino do relacionamento entre a aliança de Deus e seu povo.[4] Na resposta, Gabriel anunciou a ele que as setenta semanas veriam o cumprimento futuro de todas as promessas da nova aliança de Jeremias, com a eliminação da rebelião e do pecado e o cumprimento da profecia. Parece-me, portanto, mais natural ver a aliança aqui mencionada sem maiores detalhes no verso 27 como a nova aliança, que será confirmada na última semana, climática, da história do mundo.[5] A septuagésima semana é uma espécie de semana do "jubileu", na qual Deus restaura todas as coisas ao seu estado adequado.

Se isso está correto, então claramente é o Messias quem confirma a aliança com muitos e

traz ao fim o sacrifício e as ofertas. Com a vinda de Jesus ao mundo, especialmente com sua morte e ressurreição, a septuagésima semana começou. Em Cristo, nossa trombeta do jubileu foi tocada e a vitória contra o pecado e as transgressões aconteceu. Além disso, com a morte de Jesus na cruz, os sacrifícios do Antigo Testamento se tornaram redundantes e sem valor. O Filho do Homem deu sua vida como resgate por muitos, trazendo aqueles a quem Deus escolheu para um novo relacionamento de aliança com o Senhor (Mc 10.45). A nova aliança da qual Jeremias falou está aqui agora, assim como nosso Senhor ensinou na noite anterior à sua morte, quando chamou o cálice que dividiu com seus discípulos de "a nova aliança no meu sangue" (1Co 11.25). Com a vinda de Cristo, todas as coisas que Daniel 9.24 anteviu foram cumpridas em princípio: nossos pecados foram expiados, nossas transgressões foram removidas de nós e as palavras dos profetas foram cumpridas. É claro, ainda esperamos o fim das setenta semanas, o dia em que Deus trará todas essas coisas à consumação

final: ainda tomamos o cálice da nova aliança vez após vez, proclamando a morte do Senhor até que ele venha.

Uma vez que o sacrifício final que expiou as transgressões de muitos tenha sido oferecido, não há e não haverá necessidade do templo em Jerusalém. Desde que Jesus morreu na cruz, o templo de Jerusalém ficou funcionalmente obsoleto. Esse é o motivo pelo qual, quando Jesus deu seu último suspiro, o véu do templo se partiu em dois, simbolizando a partida definitiva do Senhor de sua antiga morada, para nunca mais retornar.[6] Jesus declarou que o templo e a cidade de Jerusalém estavam condenados por sua recusa em virem até ele e submeterem-se ao seu governo (veja Mt 23.37–24.2), sentença que foi executada em 70 d.C. Isso foi exatamente o que Daniel 9 antecipou: a cidade e o santuário seriam destruídos pelo povo do "príncipe" (n~G!D) que viria (Dn 9.26). Esse príncipe não é um personagem novo nesse ponto da profecia, mas o mesmo "príncipe ungido" (m~sh!~h n~G!D) predito no verso 25.

Essa pessoa que une os dois ofícios, “Ungido” e “príncipe”, em Daniel 9.25, é tratada separadamente como “Ungido” na primeira parte do verso 26, onde o foco está sobre sua obra sacerdotal como oferecendo a si mesmo como sacrifício pelos pecados de muitos, e como “príncipe” mais adiante no mesmo verso, onde o foco está no fracasso de seu próprio povo em submeter-se ao seu governo.[7] Em outras palavras, Daniel estava sendo informado que o povo do Messias, uma vez mais, destruiria Jerusalém e seu santuário exatamente do mesmo modo como tinha feito nos dias de Daniel, por meio de sua desobediência e rebelião. Isso foi precisamente o que aconteceu. Em um sentido mais profundo, a destruição da cidade e do templo de Jerusalém, em 70 d.C., não foi tanto obra dos soldados de Roma, mas resultado da transgressão do povo de Deus rejeitando o Messias que Deus havia mandado. Os eventos que Daniel lamenta em seus dias se repetiriam no futuro.

O clímax da abominação e a esperança final

Isto nos leva às palavras finais do capítulo, que são mais difíceis do que qualquer coisa que tenhamos tratado até agora. As palavras hebraicas individualmente são bastante simples, mas colocá-las juntas em uma sentença que faça sentido é bastante desafiador. Minha tentativa de tradução é essa: "No meio daquele sete, ele porá um fim no sacrifício e ofertas, e por causa[8] do grau extremo[9] de abominações que causam desolação, até o fim que tinha sido decretado será derramado para desolação". O que estes versos parecem antever é uma abominação climática que causa a devastação do juízo final sobre o qual ouvimos no verso anterior que tinha sido decretado para Jerusalém. À luz do que já dissemos, parece provável que, em vez de estar descrevendo algum evento ainda no futuro, essa extrema abominação que causa a destruição de Jerusalém e seu templo nada mais é do que a crucificação de Cristo, a rejeição e a morte do Messias escolhido por Deus.

Se esse foi o destino final de Jerusalém, então a profecia de Jeremias de uma nova aliança foi

em vão? Estaria Israel trancada num interminável ciclo repetitivo de transgressão e destruição? De modo nenhum. O Senhor já tinha deixado claro, em Daniel 9.24, que, de fato, cumpriria tudo o que Jeremias havia dito sobre a nova aliança. O verso 27 afirma que, a despeito da contínua pecaminosidade e rebelião de seu povo, que culminaria na rejeição do Messias e na consequente destruição de Jerusalém, o Messias confirmaria a aliança de Deus com muitos, fazendo efetivos seus termos. Diante da abominação final, a graça de Deus finalmente triunfaria.

Aqui há esperança para o pior dos pecadores em seus momentos mais sombrios. Mesmo que tenhamos crucificado a Cristo por nosso estilo de vida, pegando o Messias que Deus nos enviou como nosso Salvador e usando seu nome como um palavrão, a graça de Deus é suficiente para nossos pecados. Mesmo que tenhamos nos rebelado e pecado contra ele de todas as formas possíveis, ainda há esperança. Se nossa rebeldia envolveu drogas, pecados sexuais, crimes violentos, escândalos financeiros, ou crueldade

maligna, também podemos ir àquele que foi morto e receber a misericórdia e o perdão de que precisamos (veja 1Co 6.9-11). Podemos receber dele verdadeira purificação, uma purificação que lavará para sempre cada um de nossos pecados. Que maravilhoso salvador temos em Cristo!

Daniel 9 também nos mostra que Cristo é a nossa única esperança nas trevas. Sacrifícios e ofertas foram os meios aprovados pelos quais o homem e a mulher pecadores eram instruídos sobre como se aproximar de Deus no Antigo Testamento. Mas, com a vinda de Cristo, aqueles sacrifícios findaram. Seria uma tragédia voltar os ponteiros do relógio, como se o templo de Jerusalém pudesse ser reconstruído no presente e as ofertas fossem retomadas novamente (veja Hb 10). Além do mais, se mesmo os meios que foram ordenados pelo próprio Deus sob a antiga aliança foram transcendidos com a vinda de Cristo, quanto menos podemos nos aproximar de Deus por intermédio de qualquer elaboração ou sabedoria humanas. Cristo, e Cristo somente, é aquele por intermédio de quem podemos ter acesso a Deus

e receber seu perdão e a paz que nos oferece. O sangue da nova aliança é o sangue de Cristo, que é o único detergente capaz de nos lavar de todos os nossos pecados. Não há qualquer outro modo de entrar na presença de Deus e sobreviver.

Finalmente, Daniel 9 nos lembra de que devemos continuar olhando para além deste mundo, na direção do cumprimento final das promessas de Deus. Podemos e devemos trabalhar para a melhoria deste mundo em quaisquer áreas que sejamos capazes de fazê-lo, durante qualquer que seja o tempo que ainda tenhamos disponível. Contudo, nossa esperança final é o soar da trombeta do jubileu divino, que anunciará a vitória conquistada por Cristo, mas está no presente sendo guardada para nós no céu. Como um dia segue ao outro, nossos olhos devem constantemente olhar para frente, procurando o tempo em que a nova aliança será completamente consumada, quando beberemos o cálice da nova aliança como Senhor Jesus ao redor da mesa celestial. Naquele dia, todas as nossas transgressões estarão terminadas, nosso pecado, acabado, nossa pecaminosidade,

expiada e nossa justiça eterna, assegurada para sempre. Então, a nova Jerusalém descerá dos céus e abrirá o reinado final de Deus em paz e descanso, e reinaremos com ele na glória.

Naquele dia, a rodovia que trilhamos para alcançar a glória não parecerá longa demais, embora setenta semanas de tribulações e conflitos estejam entre nós e nosso lar final. A gloriosa presença de Deus é encorajamento suficiente ao longo do caminho e será uma recompensa mais que satisfatória no final da jornada.

1 *Jerome's Commentary on Daniel*, Gleason Archer (trad.) (Grand Rapids: Baker, 1958), 95.
2 Joyce G. Baldwin, *Daniel*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity, 1987), 169.

3 John Newton, o traficante de escravos que virou pastor, desenvolveu proveitosamente esse ponto em sua carta entitulada "As vantagens do pecado remanescente", em The Letters of John Newton (Edimburgo: The Banner of Truth, 2000), 131-35.
4 Sobre o tema da aliança na oração de Daniel, veja Meredith G. Kline, "The Covenant of the Seventieth Week", in John H. Skilton (org.), *The Law and the Prophets: Old Testament Studies Prepared in Honor of O. T. Allis* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974), 455–58.

5 Essa opinião é confirmada pela terminologia do hebraico. Quando a aliança é primeiramente "feita" ou "estabelecida" o verbo usado é K~r^~T; aqui, contudo, o verbo é H!GD!l ("confirmada" ou "feita efetiva"). Veja Kline, "Seventy Weeks," 463-66.
6 Veja Craig S. Keener, *Commentary on the Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), 686.

7 Kline, "Seventy Weeks", 463, nº 31.

8 Para esse sentido, veja BDB, u~l 1.f (b).

9 Literalmente, o hebraico K~n^Ph significa "asas", mas a mesma palavra também pode indicar a extremidade de uma roupa ou da própria terra (veja Is 24.16). Semelhante, João Calvino, *Daniel*, T. Myers (trad.) (Grand Rapids: Baker 2003, reimpressão), 2.228.

13

PREPARADO PARA A BATALHA

Daniel 10.1–11.1



No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu à borda do grande rio Tigre, levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente (Dn 10.4-6).

Tem coisa pior do que chegar a um evento com a roupa errada? Talvez todos os demais tenham ido à festa vestidos com ternos e vestidos e você aparece com jeans e camisa, ou então todos vieram de jeans e você está vestido elegantemente. De qualquer forma, essa pode ser

uma sensação bem estranha. Na verdade, é quase como um pesadelo feito real. Quando eu era adolescente, sonhei algumas vezes que tinha acidentalmente ido para a escola apenas de cueca. Que vergonha isso seria! Na vida real, é claro, quando nos vestimos da maneira errada, o problema é porque normalmente não entendemos que tipo de ocasião seria. O concerto para o qual fomos convidados era uma polca, não Puccini, ou vice-versa. O evento foi diferente de nossas expectativas.

Muitos cristãos têm semelhantes falsas expectativas sobre a vida, que resulta em estar vestidos inapropriadamente. Não estou falando sobre o que as pessoas escolhem vestir para ir à igreja. Pelo contrário, estou falando sobre estar vestido apropriadamente para enfrentar a vida. Muitos de nós esperamos que a vida seja um piquenique. E, então, nos vestimos mentalmente com roupas leves e sandálias, esperando um dia ensolarado, areia e alegria. Não estamos preparados para se as coisas derem errado e, quando dão errado, imediatamente começamos a murmurar alguma coisa sobre o fato de que a

vida não deveria ser assim. Todas as crianças se levantam da cama com mau humor, ninguém consegue descobrir por que precisa ir à escola, o cachorro apronta no chão da cozinha e, quando todos estão finalmente preparados, esse é o dia em que o carro resolve não pegar. Imediatamente nosso pensamento é: "Isso não é justo! Essas coisas não deveriam acontecer comigo! A vida não deveria ser tão difícil!" De onde, afinal, tais pensamentos surgem? Quem disse que a vida não deveria ser tão difícil? Com muita frequência, nosso problema é que temos uma falsa expectativa sobre como a vida deveria ser.

Daniel 10 foi escrito para nos ajudar a entender *que* a vida é difícil e *por que* a vida é difícil, mas também para nos lembrar de que não estamos sozinhos em nossas lutas. Esse capítulo é parte da grande visão que conclui o livro de Daniel, que vai do começo de Daniel 10 até o fim do livro. Daniel é informado logo de início que a visão diz respeito ao grande conflito (Dn 10.1). Veremos mais detalhes sobre esse grande conflito no capítulo 11, mas Daniel 10

também é importante na preparação para entendermos esse conflito, especialmente suas dimensões espirituais. Em resumo, o texto nos mostra que os conflitos que experimentamos aqui na terra são a contraparte do grande conflito que está acontecendo no reino celeste. Ter consciência deste grande conflito nos ajudará a estarmos preparado para os desafios da vida aqui na terra, estando vestidos apropriadamente com a armadura espiritual.

O grande conflito

A visão foi recebida por Daniel no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia:

> No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome é Beltessazar; a palavra era verdadeira e envolvia grande conflito; ele entendeu a palavra e teve a inteligência da visão. Naqueles dias, eu, Daniel, pranteei durante três semanas. Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras (Dn 10.1-3).

No primeiro ano de Ciro, a primeira parte dos judeus exilados retornou para Jerusalém em resposta ao decreto de Ciro, mas eles encontraram lá uma vida que estava longe de ir de vento em popa. Eles reconstruíram o altar do templo, mas quase imediatamente caíram sob a poderosa oposição de seus novos vizinhos, vinda de todos os lados (Ed 3.1-6). Essa oposição, no topo das dificuldades que atrapalhavam a vivência básica em seu novo lar, fez com que os exilados que retornaram cessassem o trabalho no templo, um hiato que continuaria por mais de 15 anos, até o tempo de Ageu e Zacarias. O terceiro ano de Ciro estava sendo, portanto, um tempo de desânimo para o povo de Deus, quer em Judá, quer na Babilônia. A euforia que havia cercado o retorno inicial e a rededicação do altar estava desvanecendo e os desafios para manter a fidelidade ao longo do caminho no meio de grande oposição poderiam estar na mente de Daniel.

Muitos de nós nos lembramos de um período anterior na vida cristã em que obedecer a Deus parecia, de alguma forma, mais fácil e mais

animador. Mas agora estamos vivendo um tempo de secura, enfrentando muitos desafios e dificuldades, no qual a antiga alegria de servir parece ser coisa do passado. O que a palavra de Deus tem para nós que nos ajudará a manter nossa fidelidade ao longo deste longo caminho?

Chorando e jejuando

A resposta de Daniel foi começar aquele ano com um extenso período de contrição e jejum. Não foi um jejum total de todo o tipo de comida; antes, Daniel jejuou de comida escolhida como carne e vinho, adotando uma dieta deliberadamente ascética por três semanas, como um sinal de sua tristeza pela situação em Jerusalém. Ele também se absteve das várias loções que faziam a vida mais confortável em um clima seco e desértico. O fato de seu jejum persistir durante a festa da Páscoa, no meio do primeiro mês, é tanto um sinal da seriedade de seu compromisso em prantear como um clamor implícito a Deus para que repetisse seus atos anteriores de salvação nos próprios dias de Daniel. Essa foi sua maneira de se identificar

com as dificuldades e tribulações que enfrentava o povo de Deus que havia retornado à sua terra natal e clamar para que Deus desse seu livramento final.

A solidariedade de Daniel com seus irmãos e irmãs no Senhor, mesmo a uma grande distância, deve nos desafiar. A igreja ao redor do mundo é uma única família do povo de Deus. Quando um sofre, todos devemos lamentar; quando um se alegra, todos nós devemos celebrar (veja 1Co 12.26). Essa obrigação requer que tenhamos consciência do que está acontecendo em outros lugares do mundo. Fazer isso pode ser tão simples quanto ler cartas e *e-mails* de uma família de missionários a que nossa igreja dê suporte, ou tão complicado quanto participar de uma viagem missionária de curto período para encorajar os crentes em outros países. Nenhum de nós pode saber o que está acontecendo em todos os lugares, mas cada um de nós sabe o que Deus tem feito em algum lugar do mundo e pode fazer nossa parte dando suporte e encorajando aqueles a quem Deus chamou. O ministério de oração e

encorajamento pode ser um suporte de particular importância para aqueles irmãos e irmãs em Cristo cujo caminho é duro. É relativamente fácil pregar o evangelho em um lugar onde nosso ministério é abençoado com muitos frutos. É muito mais difícil se manter fiel a Deus em uma situação difícil, onde há pouco para mostrar apesar de nossos esforços. Em tais contextos, uma simples nota que mostre que não nos esquecemos e que alguém se lembra de orar por nós é grandemente apreciada.

Devermos nos lembrar particularmente da igreja perseguida. Em muitas partes do mundo há aqueles que sofrem severamente por sua fidelidade a Cristo. O escritor aos Hebreus conclama seus leitores a se lembrarem "dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis maltratados" (Hb 13.3). É claro, na maioria dos casos não poderemos escrever a essas pessoas pessoalmente lhes assegurar nosso suporte. Entretanto, podemos fazer o que Daniel fez, que foi jejuar, por um tempo, de alguns luxos que fazem parte

da rotina de nossa vida e nos dedicar à oração por esses santos perseguidos em seu tempo de desesperada necessidade. Por voluntariamente desistirmos, por um período, de algumas das alegrias e prazeres que estão tão prontamente disponíveis a nós, podemos nos identificar com aqueles crentes que não têm qualquer perspectiva de experimentar tais coisas.

Isso também é bom para nós quando somos tentados a resmungar sobre as dificuldades e desafios de nossa situação presente. Isso nos lembra de sermos agradecidos a Deus por suas misericórdias em nosso meio e orarmos pelo povo de Deus sob provação. A abstinência também nos ajuda a manter em mente o fato que esse mundo não é nosso lar. Como os crentes sob perseguição, nós também estamos engajados numa profunda batalha espiritual contra poderosa oposição, uma batalha que se trava ao nosso redor todo o tempo.

Um ser celestial

A batalha espiritual é o foco do resto do capítulo. No final do tempo de jejum de Daniel,

ele recebeu uma visão dramática quando estava ao lado do rio Tigre:

> No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu à borda do grande rio Tigre, levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente (Dn 10.4-6).

Em sua visão, Daniel viu um ser celestial, vestido de linho com um cinto de ouro na cintura. O corpo desse ser reluzia com uma luz como berilo, uma brilhante pedra com uma gema dourada. Sua face brilhava como relâmpagos; seus olhos eram como tochas; seus braços e pernas, como bronze polido. Sua voz ecoava como o crescente rugido de uma multidão.

Quem era esse ser celestial? Muitos comentaristas, buscando paralelos com a visão inicial de Ezequiel e a descrição do Cristo

glorificado em Apocalipse 1, argumentam que essa deveria ser uma visão de Deus.[1] Mas o fato de que essa figura foi enviada por outro ser para fortalecer Daniel e que, em sua missão, foi atrasado pelo príncipe do reino da Pérsia até que ele recebeu a ajuda de Miguel, um dos principais príncipes (ou anjos; Dn 10.13), parece apontar em uma direção diferente. Outros comentaristas têm identificado duas figuras diferentes no capítulo, a figura divina, em Daniel 10.5-6, e um mensageiro angélico, que aparece em Daniel 10.10 para levantar Daniel, colocá-lo de pé e dar-lhe uma mensagem.[2] Contudo, isso deixa a figura divina falando e sendo ouvida por Daniel no verso 9, mas sem qualquer registro do que disse, enquanto o discurso que se segue no verso 11 é atribuído ao anjo cuja chegada não é mencionada.

Uma resposta simples é possível, contudo. Um estudo cuidadoso dos paralelos da visão de Deus em Ezequiel mostra que o paralelo mais próximo é com o querubim que puxa a carruagem divina e com as rodas da carruagem,

não com a figura de Deus. Os querubins tinham a forma de homens (ainda que com uma variedade de características de outros animais; Ez. 1.5); tinham a aparência de tochas (1.14) e seus pés brilhavam como bronze reluzente (1.7); eles se moviam como relâmpagos (1.14) e suas asas produziam um poderoso estrondo, "como a voz do Onipotente" (1.24). As rodas da carruagem divina brilhavam como berilo (1.16). Entretanto, o homem vestido de linho também lembra muito de perto o anjo mediador em Ezequiel, que foi instruído a marcar com um sinal aqueles que foram salvos da condenada cidade de Jerusalém e, então, iniciar a destruição da cidade (Ez 9.2-4; 10.2). Não, há, portanto, nenhuma razão pela qual a visão em Daniel 10 não esteja descrevendo a mesma figura angélica no decorrer do capítulo.

Porém, a interpretação que vê o homem na visão como representando Deus não é inteiramente errada. Os mensageiros angélicos refletem a imagem do Deus glorioso a quem eles servem, então, olhar para um anjo é equivalente a ver o próprio Deus. Esse é um ponto

importante porque (diferente de alguns filmes de Holywood) as visões de Deus no Antigo Testamento nunca foram feitas para simplesmente nos impressionar com efeitos especiais. Elas procuram comunicar alguns aspectos da natureza de Deus que serão importantes para a mensagem que se seguirá. Então, se interpretarmos a abertura da visão como dizendo-nos algo importante sobre Deus, não estaremos fazendo errado.

A santidade e glória de Deus

A visão de Daniel o deixou tremendo e desesperado:

> Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. Fiquei, pois, eu só e contemplei essa grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra (Dn 10.7-9).

O que essa visão está procurando transmitir sobre Deus? Certamente o foco está em sua santidade e glória. A santidade de Deus é simbolizada na roupa de linho, que era usada tanto no tabernáculo quanto nas vestes sacerdotais no Antigo Testamento (Ez 36.8; Lv 16.4). A santidade de Deus significa que Deus não é como nós. Ele é diferente, separado de nós. A Bíblia diz que ele é puro de olhos e não pode contemplar o mal (Hc 1.13). Como o próprio Deus diz: "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8-9). Somando-se à santidade de Deus, a glória de Deus é igualmente proeminente. Essa visão nos mostra um Deus cuja presença, ainda que em forma mediada, é esmagadora. A visão pulsa com brilho e reverbera com som, derrubando Daniel no chão e levando seus companheiros a procurarem proteção. O profeta

não podia se manter de pé diante de tão fantástica visão da glória de Deus, mas inevitavelmente curvou-se diante dela.

Essa é uma descrição de Deus bem diferente da que vemos na cultura ao nosso redor. Vemos numa cultura que usa termos muito amigáveis com seu deus, uma divindade bem-educada que é doce e gentil demais para mandar alguém para o inferno. Transformamos Deus em um "cara legal" cósmico, desejoso de dar as boas-vindas a todas as pessoas da nossa vizinhança. O deus de nossa cultura é igual ao Papai Noel: ameaça colocar carvão em nossa meia se formos maus, mas todos sabem que essas são ameaças vazias. Afinal, ninguém nunca ouviu falar que alguém acordou na manhã de Natal e deu de cara com o temido toco queimado. Numa análise final, esse deus é suave demais para julgar alguém.

Esse não é o Deus cujos atributos Daniel viu refletidos em sua visão. Ele é o Deus cuja santa glória brilha como fogo, cuja presença é insuportável, mesmos para aqueles, como Daniel, que dedicavam sua vida ao seu serviço.

A gloriosa santidade de Deus e a perseguição

A realidade da brilhante e gloriosa santidade de Deus é uma verdade importante a ser lembrada em tempos de provação e perseguição. Satanás quer que pensemos que a obediência a Deus não importa tanto assim – não faz muita diferença se você serve a Deus ou assimila a cultura ao seu redor. A vida é tão difícil; por que não simplesmente seguir pelo caminho mais fácil e seguir com a maré? Por que enfrentar perseguição pela imagem de "cara legal" de Deus? Não valeria a pena nem um pequeno sacrifício como deixar a sua bebida favorita por uma divindade como essa!

Contudo, se o Deus a quem servimos é refulgente e gloriosamente santo, a obediência à sua vontade não é coisa de pouca importância. Ele está apaixonadamente comprometido com nossa santidade e em salvar um povo para si, de modo que exige um compromisso proporcional por parte de sua igreja. A herança que ele oferece aos seus santos é uma eternidade experimentando a glória desta santidade. Por um Deus como esse vale a pena deixar os

confortos da Babilônia e enfrentar as dificuldades de reconstruir Jerusalém. Um Deus como esse é digno de que enfrentemos tempos de dificuldade. Ele é digno de que deixemos a segurança de nossas casas confortáveis para trabalharmos por seu reino em cidades, vilas e aldeias ao redor do mundo, quer vejamos ou não o resultado de nossos labores. Um Deus como esse também é digno de que desistamos de nossas vidas, se isto for necessário. Afinal, isso é exatamente o que ele estava disposto a fazer por nós, na pessoa de Jesus, de modo a nos salvar de nossos pecados. Ele deixou o conforto e as facilidades do céu e desceu até o frustrante e complicado mundo. Ele trabalhou em tempos bons e maus, seguindo seu caminho até a cruz. Um Deus assim é digno de grandes sacrifícios.

O propósito de Deus em revelar-se a Daniel desta maneira gloriosa não era esmagá-lo, mas encorajá-lo. Deus quer que vejamos nossa própria fraqueza diante dele para que não confiemos em nós, mas olhemos para ele, nossa força. Então o mensageiro que inspirava temor estendeu sua mão e tocou Daniel, falando-lhe

palavras de encorajamento que o capacitaram a se levantar, embora continuasse a tremer: “Eis que certa mão me tocou, sacudiu-me e me pôs sobre os meus joelhos e as palmas das minhas mãos. “Ele me disse: Daniel, homem muito amado, está atento às palavras que te vou dizer; levanta-te sobre os pés, porque eis que te sou enviado. Ao falar ele comigo essa palavra, eu me pus em pé, tremendo” (Dn 10.10-11). O anjo encorajou Daniel com a afirmação de que ele era grandemente estimado por Deus. Afinal, o anjo havia sido enviado a Daniel em resposta às suas orações, de modo a dar-lhe discernimento e entendimento. Em outras palavras, a visão que se segue no capítulo 11 pretende encorajar Daniel, em resposta ao seu pranto e meditação sobre a presente situação de Jerusalém.

Uma mensagem atrasada

Se esse anjo mensageiro foi enviado primeiro para ministrar a Daniel no momento em que ele começou a se humilhar e orar, por que ele só chegou três semanas depois? A resposta dada na visão é que ele estava atrasado em sua jornada

em vinte e um dias por causa do príncipe do reino Persa:

> Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia. Agora, vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes (Dn 10.12-14).

O "príncipe do reino da Pérsia" é uma figura angélica que está associada com o império Persa e que resiste aos propósitos de Deus. Ele é, portanto, um anjo mau, um agente de Satanás. A inimizade de Satanás contra o povo de Deus é, algumas vezes, manifestada por meio de governantes e poderes da presente era, e a experiência presente da igreja no trabalho terreno não tem paralelo com o conflito no céu. A visão explica a razão pela qual houve um

atraso no cumprimento da promessa de Deus: o "príncipe do reino da Pérsia" é um adversário poderoso – poderoso o suficiente para atrasar o mensageiro de Deus por um período de três semanas. Mas, no final, tudo o que ele pôde fazer foi *atrasar* o mensageiro divino: quando o arcanjo Miguel veio para ajudá-lo, o anjo que falou a Daniel foi finalmente capaz de completar sua jornada e trazer-lhe a mensagem de encorajamento. Finalmente, nem mesmo a mais intensa atividade de Satanás pode frustrar os propósitos de Deus e prejudicar seu povo.

A resposta de Daniel às notícias vindas do conflito celeste foi ficar sobrecarregado novamente por uma sensação de fraqueza tão esmagadora que, mais uma vez, o deixou caído no chão. A visão sugou suas forças e lhe tirou o fôlego – tanto que ele não foi capaz de falar até que o anjo tocasse seus lábios:

> Ao falar ele comigo essas palavras, dirigi o olhar para a terra e calei. E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios; então, passei a falar e disse àquele que

> estava diante de mim: meu senhor, por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma. Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor? Porque, quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim. Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu. E disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, senhor meu, pois me fortaleceste (Dn 10.15-19).

A magnitude e o poder das forças espirituais alinhadas contra o povo de Deus foram contidos e as palavras do anjo abriram uma visão completamente nova acerca das dificuldades que o povo de Deus estava enfrentando na tentativa de reconstruir Jerusalém. Eles não estavam simplesmente enfrentando oposição e inimizade humanas, mas oposição e inimizade da parte de poderosos seres espirituais nas regiões celestiais. Isso explicava por que o progresso na reconstrução da cidade era tão lento. Por trás da intriga na corte terrena do rei da Pérsia estava o satânico “príncipe do reino da Pérsia”.

Além disso, a batalha espiritual não terminaria logo. Depois de comunicar-se com Daniel, o anjo retornaria ao combate contra o príncipe da Pérsia e, depois, contra o príncipe da Grécia, a próxima potência mundial a se levantar:

> E ele disse: Sabes por que eu vim a ti? Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia. Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade; e ninguém há que esteja ao meu lado contra aqueles, a não ser Miguel, vosso príncipe. Mas eu, no primeiro ano de Dario, o medo, me levantei para o fortalecer e animar. (Dn 10.20–11.1)

Não devemos supor que, uma vez que Pérsia e Grécia são história antiga, esses anjos estão agora descansando de seu labor. As forças satânicas contrárias a igreja continuam a usar seus poder e instituições nesse mundo na sua luta contra o povo de Deus. Ao longo da história, a inimizade de Satanás contra a igreja será ventilada novamente. Uma vez mais,

contudo, ainda que a igreja seja atirada ao chão e venha a se sentir abandonada e solitária, não será destruída porque Deus continua a dar-lhe suporte e a sustentá-la pelo ministério de encorajamento de seus anjos. Não estamos sozinhos em nossos conflitos e, ainda que as promessas de Deus pareçam demorar em se cumprir, seu cumprimento é certo (2Pe 3.8-10). O decreto de Deus – os decretos que estão escritos no "Livro da Verdade" (Dn 10.21) – são os determinantes finais das realidades futuras.

Precisamos ver que a causa fundamental de nossas dificuldades não são maridos e esposas que estão sendo tão pouco razoáveis, ou a situação no trabalho que parece impossível, ou a criança rebelde que está fazendo da sua vida uma miséria. A causa principal não são nem mesmo nossos maus hábitos e os pecados que tanto nos frustram. Antes, é a batalha espiritual na qual estamos engajados, contra as forças espirituais nas regiões celestes. Como o apóstolo Paulo colocou: "Nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo

tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef. 6.12). Essa luta sobrenatural soa amedrontadora ou intimidadora? Pois devia! Deus deseja que vejamos claramente que a vida não é um piquenique, mas um campo de batalha. O diabo é um poderoso oponente, poderoso demais para que possamos enfrentá-lo por nossas próprias forças. Precisamos de paciência para permanecer firmes enquanto esperamos o cumprimento das promessas de Deus. Ao nosso lado, contudo, está o poder de Deus – o esmagador poder da refulgente glória de Deus, que criou os céus e a terra do nada. Seu triunfo pode demorar a aparecer, mas não poderá ser negado.

Discernindo as estratégias de Satanás

É importante que tenhamos uma perspectiva apropriada do poder do diabo se quisermos permanecer firmes contra suas artimanhas. O diabo parece ter duas estratégias básicas de operação. A primeira estratégia é a "síndrome do demônio atrás de cada moita", na qual ele tenta convencer as pessoas de que é todo-

poderoso e de que resistir a ele, portanto, inútil. O apóstolo Pedro o descreve como um leão rugindo, procurando por alguém a quem possa devorar (1Pe 5.8). Satanás finge ter grande poder e autoridade. Essa abordagem é proeminente em países em desenvolvimento, onde o compartilhar do evangelho frequentemente parece ser uma luta de poder; precisa ser demonstrado para todos verem que o poder de Deus é maior do que o poder do diabo. Mas o diabo também usa essa estratégia eficazmente conosco quando apresenta uma tentação como sendo irresistível porque (como ele nos sugere) "você simplesmente não pode ser ajudado. É assim que você é feito. Está em seus genes ou se tornou um hábito arraigado. Qual é o objetivo de resistir? Você sabe que perderá no final".

Outro aspecto desta estratégia satânica é a tendência, em alguns segmentos da igreja, de atribuir todos os eventos negativos ao trabalho dos demônios. Se alguém é alcoólatra, é porque está possuído pelo espírito do alcoolismo; se alguém é amargurado, está possuído pelo espírito da amargura, que precisa de oração para

ser expulso. Ainda mais perto de Daniel 10, as dificuldades em apresentar o evangelho em um lugar em específico são atribuídas a espíritos territoriais que estão bloqueando o trabalho ali, e a solução é orar contra esse espírito mau em particular.

Conquanto seja indubitavelmente verdade que Satanás e seus agentes estejam por trás de muito do que há de mal em nosso mundo e nós devamos certamente orar para que Deus frustre seus esforços, essa abordagem parece dar a Satanás muito crédito. O anjo não instou Daniel a orar contra o príncipe da Pérsia. Antes, a resposta apropriada a essa estratégia é reconhecer, celebrar e relembrar o grandioso poder de Deus, que nos está sendo comunicado. Assim como o anjo disse a Daniel: "Paz! Sê forte" (Dn 10.19), assim também Paulo insta os efésios:

> Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e

> a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis (Ef 6.10-13).

Quando o diabo faz o seu pior, a força de Deus nos é dada para que *permaneçamos inabaláveis*! Nenhuma tentação é irresistível, não importa o quanto possa parecer, porque o grandioso poder de Deus está operando em nós para nos fazer seu novo povo. Nenhuma situação que enfrentamos é impossível, não importa qual seja a oposição satânica, pois Deus edificará sua igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16.18). Satanás e suas forças são grandes e poderosos, mas não são onipotentes!

A segunda estratégia de Satanás, portanto, é o exato oposto da primeira. Se em sua primeira estratégia Satanás está por trás de um espelho de magnificência, em sua segunda estratégia, ele se encolhe para fora do alcance da vista. Essa é,

provavelmente, sua estratégia dominante em nossa sociedade. É muito conveniente para ele quando as pessoas não acreditam em sua existência. Ele pode continuar seu trabalho sem que suspeitem dele ou o detectem. Em sua estratégia, Satanás está ao redor não como um leão rugindo, mas como um anjo de luz. Ele nos escraviza não por dominar à força, mas por doce sedução, do mesmo modo que um rato é atraído para a armadilha pelo delicioso pedaço de queijo. Assim também Satanás coloca suas armadilhas em volta sem ser visto, com iscas atrativas, e corremos ansiosamente na sua direção. Como isso pode ser errado quando parece tão certo? E num piscar de olhos... a armadilha se fecha. Quando não reconhecemos a existência e a realidade do diabo e seus esquemas, não vemos a necessidade de sermos revestidos de toda a armadura de Deus. Ele nos encontra despreparados e nos derrota com facilidade.

A resposta a essa estratégia é ver a realidade do que Daniel viu no capítulo 10: “Convença-se da realidade do diabo e de seu poder bem real.

Conscientize-se da dimensão espiritual da batalha. Mas lembre-se também que você não luta sozinho". Miguel e as demais figuras celestiais estão igualmente engajadas nesse conflito ao lado do povo de Deus desde o primeiro ano de Dario (538 a.C.), quando o decreto que permitia que os judeus retornassem à sua terra natal foi publicado e muitos anos antes da oração de Daniel. Dia após dia, anos após ano, há poderosas forças celestiais engajadas ao nosso lado na batalha, assim como do lado do inimigo.

Tomando a nossa posição

Então isto é simplesmente uma batalha espiritual na qual somos meros expectadores? Isso é o que pode parecer à primeira vista. Afinal, os lutadores celestiais são muito mais poderosos do que nós: que parte poderíamos tomar em tudo isso? A resposta está no ato revolucionário de Daniel, que disparou a visão em primeiro lugar: Daniel orou. Quando oramos, nós, que somos fracos, vacilantes seres humanos, nos envolvemos no conflito cósmico

de maneira que tem vastas, mas, frequentemente, invisíveis repercussões. Esse é o motivo pelo qual Paulo, quando instou os efésios a se vestirem apropriadamente para o conflito espiritual com toda a armadura de Deus, terminou conclamando-os a orar sempre com toda sorte de orações e súplicas (Ef 6.18). Diante de situações opressivas, tribulações insuportáveis e dificuldades frustrantes, o que podemos fazer? Podemos orar.

Ao contrário do clamor de Paulo para que oremos *sempre* com *toda* sorte de orações e súplicas, tendemos a orar *raramente* com *poucos* tipos de súplicas. Nossas orações são frequentemente limitadas por pouca imaginação e pequena fé. Não oramos por grandes coisas porque não acreditamos realmente, do fundo do coração, que Deus pode nos atender ou nos atenderá. Isto é especialmente verdadeiro durante aqueles tempos de dificuldades e desânimo, quando a vida é dura e o progresso espiritual parece lento. Oramos para que pequenos pecadores se tornem cristãos, mas não por grandes pecadores. Oramos por vitória

sobre pequenos pecados em nossa vida, enquanto deixamos os grandes pecados arraigados e intocáveis. Oramos por mudanças em um cantinho do nosso estado, mas não em nosso grande país ou no mundo. Desperte sua visão! Esse é o grande e poderoso Deus a quem servimos. Ele faz reinos surgirem e reinos caírem. Ele controla detalhadamente os eventos da história do mundo, como vimos em Daniel 1. E esse Deus decide agir em resposta às orações de seu povo.

A vitória decisiva

Finalmente, portanto, nossa vitória não se baseia em nossa fidelidade ao orar ou no poder dos anjos que lutam por nós. Jesus Cristo é aquele que já conquistou a vitória por nós. Ele tomou sua posição sozinho, vestindo a armadura de Deus na batalha decisiva por nossa alma. Na cruz, Satanás fez o seu pior contra ele e foi derrotado. Uma vez que Jesus conquistou a vitória na cruz, nada nem ninguém pode se posicionar contra ele. Portanto, como Paulo nos diz em Romanos 8, nem vida, nem morte, nem

anjos, nem principados, nem potestades, nem qualquer coisa em toda a criação pode nos separar da vitória em Cristo. Mesmo agora, Jesus está exaltado à mão direita do Pai e não está mais envolvido em um conflito "cara a cara" com o diabo. Em vez disso, ele está sentado, descansando. É nele que somos "muito amados", preciosos aos olhos de Deus, e, portanto, assegurados da vitória final.

Aqui está um grande motivo para regozijo e louvor, mesmo diante da dificuldade e da frustração dos conflitos da vida! A batalha decisiva já está terminada e Deus venceu. Como resultado, no final de nosso conflito terreno, por mais terrível que venha a ser, nosso glorioso descanso no céu está firmemente assegurado. A visão do descanso glorioso que precisamos manter diante de nós durante esses tempos difíceis é perfeitamente capturada nesse hino clássico:

> *For all the saints, who from their labors rest,*
> *Who Thee by faith before the world confessed,*
> *Thy Name, O Jesus, be forever blessed. Alleluia, Alleluia!*

O may Thy soldiers, faithful, true and bold,
Fight as the saints who nobly fought of old,
And win with them the victor's crown of gold.
Alleluia, Alleluia!
From earth's wide bounds, from ocean's farthest coast,
Through gates of pearl streams in the countless host,
And singing to Father, Son and Holy Ghost:
*Alleluia, Alleluia!**

Sim, a luta é feroz e a guerra é longa. Algumas vezes, pode até parecer que nunca acabará. Mas levante seus olhos para ver as luzes da alva! Abras seus ouvidos para ouvir novamente a distante canção do triunfo. Está chegando o dia em que finalmente o Rei da glória virá para reclamar seu reino. Finalmente ele liderará uma incontável multidão de santos, que virá receber sua gloriosa herança. Naquele dia, também estaremos entre aqueles que entrarão no reino de Deus triunfantemente "cantando ao Pai, Filho e Santo Espírito: Aleluia, Aleluia!"

1 *E. g*., E. J. Young, *The Prophecy of Daniel: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), 225.
2 *E. g.,* Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary (Nashville: Broadman, 1994), 282.

* *Por todos os santos, que de seus labores descansam / Que a ti pela fé diante do mundo confessaram, / Teu nome, Oh Jesus, seja para sempre louvado. Aleluia, Aleluia! / Que teus soldados, fiéis, verdadeiros e corajosos, / Lutem como os santos que com nobreza lutaram no passado / E vençam com eles ganhando a coroa dourada da vitória. Aleluia, Aleluia! / Dos limites longínquos da terra, das costas mais distantes do mar, / Pelos portões de pérolas flui a incontável multidão / Cantando ao Pai, Filho e Espírito Santo: Aleluia, Aleluia!* William Walsham How (1864).

14

GUERRAS E RUMORES DE GUERRAS

Daniel 11.2–12.3



Agora eu te declararei a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tornado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia. Depois, se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver. Mas, no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; nas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes (Dn 11.2-4).

O que é história e por que precisamos dela? O ditado de Henry Ford de que história é "mais ou menos uma bobagem" é bem conhecido. A essência do desdenho de Ford era que a preocupação com a história nos tira do caminho

de viver a vida aqui e agora. Para ele, nada no passado tinha qualquer uso concebível na tarefa de viver o presente. Ele pensava que história era simplesmente irrelevante.

Outros, contudo, têm argumentado não somente que a história é irrelevante, mas também que é essencialmente sem sentido. Joseph Heller uma vez descreveu vividamente a história como "um saco de lixo de coincidências aleatórias rasgado ao vento".[1] Segundo essa opinião, "coisas acontecem" sem qualquer padrão específico ou significado. Nossas tentativas de discernir algum significado são simplesmente um esforço desesperado para tornar nossa própria vida significativa. Se esse ponto de vista estiver correto, a história não tem lições a nos ensinar.

Suspeito que muitas pessoas desdenham da história nem tanto porque decidiram sobre uma base filosófica que ela seja irrelevante ou sem sentido, mas porque concluíram que ela é maçante e chata. Um dos personagens do romance de Jane Austen, *Northanger Abbey,* diz

isso da melhor forma: “História, solene e real história, não consigo me interessar... Eu li um pouco como dever, mas não me faz nada além de maltratar e cansar. As intrigas de papas e reis, com guerras e pestilências em cada página; os homens são todos bons por nada, e quase nenhuma mulher – isso é muito cansativo”.[2] Temos que admitir imediatamente que estudar pessoas e eventos que aconteceram há muito tempo e em lugares longínquos pode bem facilmente ser algo bem cansativo. Além disso, Daniel 11 parece, numa primeira leitura, ser exatamente o tipo de história maçante que essa pessoa tem em mente, com respeito às “intrigas de [mortos há muito tempo] papas e reis, com guerras e pestilências em cada página”. Ele apresenta uma estonteante e confusa variedade de alianças e conflitos, de guerras e rumores de guerras, o tipo de coisa que pode facilmente ser visto como tendo sido simplesmente tirado de um “saco de lixo de coincidências aleatórias”. Há, de fato, alguma coisa que possamos aprender dessa história que seja verdadeiramente

relevante e significativo para vivermos nossa vida aqui e agora? Se há, onde afinal estará?

O contexto de Daniel 11

A melhor forma de começar a entender Daniel 11 é revendo seu contexto. Como dissemos em nosso último estudo, esse capítulo é parte de uma unidade maior que vai de Daniel 10 a 12, uma visão dada a Daniel no terceiro ano de Ciro (Dn 10.1). O terceiro ano de Ciro foi quando os judeus começaram o retorno de sua posição de exilados de Jerusalém para reconstruir o templo e restabelecer sua vida na terra prometida. Contudo, enfrentando grande oposição de seus inimigos ao redor, o trabalho de reconstrução rapidamente estancou e as pessoas se resignaram a uma vida de "manutenção", com foco na sobrevivência. O glorioso otimismo presente imediatamente depois de o povo retornar a Jerusalém tinha evanescido em uma atitude geral de desânimo e desespero.

Respondendo a essas dificuldades, Daniel separou três semanas no começo do ano para

prantear e jejuar, dedicando-se à oração. A visão no capítulo 11 foi uma reposta direta de Deus a essa oração, então devemos esperar que tenha uma mensagem que fale poderosamente a Daniel e também aos demais crentes desanimados. Se sua vida cristã se move de um triunfo a outro, como se você crescesse sem esforço no conhecimento de Deus e sua vitória sobre o pecado, então você provavelmente pode pular esse capítulo. Mas se você sabe o que é lutar e cair quando tenta fazer o que Deus disse que deveria fazer, de modo que você se pega pensando por que deveria se incomodar em tentar novamente, então esse capítulo é feito pra você. Se você já se perguntou se Deus está na sua vida e entender o abismo entre suas gloriosas promessas e uma nova e triunfante experiência de bênção, por um lado, e a trituradora dificuldade e desencorajamento da vida diária por outro, então, continue a ler. O historiador grego Tucídides sugere que a história é filosofia ensinada por exemplos;[3] então, a história de Israel também proporciona um exemplo do qual

podemos aprender como Deus atua no mundo e, então, discernir como ele pode agir em nossa pequena vida.

Uma visão geral profética da história

A mensagem que Daniel recebeu foi uma visão geral profética (e bem seletiva) do curso da história do tempo de Daniel, no século 6º a.C., até o final do mundo, o conflito final climático e a vitória de Deus. Nesse intervalo, essa história está longe de ser única. Daniel 8 nos deu uma visão geral da história do mundo que foi similar em seu amplo escopo. Contudo, o que é digno de nota sobre Daniel 11 é a profundidade de detalhes e especificidades com que ele cobre alguns dos eventos preditos. De fato, é tão preciso que alguns estudiosos têm argumentado que o capítulo deve ter sido escrito *após* os eventos que propõe antecipar. Como alguns estudiosos evangélicos, como John Godingay e Ernest Lucas seguiram por essa linha de raciocínio, é necessário tomar um tempo para responder a isso.

Essencialmente, o argumento é desenvolvido como segue. Há muitos paralelos entre Daniel 11 e outras "pseudoprofecias" em outras literaturas do antigo Oriente Próximo, o que, de acordo com os proponentes dessa ideia, sugere que essas pseudoprofecias eram um gênero literário familiar e aceito, cujo propósito não era predizer a história, mas interpretá-la.[4] Além disso, sugerem que, em outros lugares do Antigo Testamento, a profecia é sempre dirigida à situação imediata do profeta, não providenciando predições específicas e concretas de eventos em um futuro distante.[5] Esses autores aceitam a possibilidade de que Deus possa revelar os eventos futuros em detalhes, mas não acreditam que ele o faça na prática; ao invés disso, ele convida as pessoas a viverem pela fé em face a um futuro que não é revelado.[6]

Respondendo a cada uma dessas preocupações por vez, certamente é verdade que há paralelos na forma entre Daniel 11 e as pseudoprofecias do antigo Oriente Próximo. Porém, tais profecias quase que inevitavelmente

dependiam, para seu efeito, de sua aceitação como verdadeiras profecias, não como pseudoprofecias.[7] Elas não se apresentam simplesmente como interpretações da história passada, mas como uma demonstração do poder da deidade em prever e, portanto, controlar a história. Interessantemente, os paralelos mais próximos do livro de Daniel sugerem que o autor estava familiarizado com os antigos e obscuros textos do segundo milênio, que, muito provavelmente, estavam disponíveis somente em acadiano e somente na Babilônia.[8] Isto se encaixa com perfeição no tipo de literatura no qual Daniel havia sido treinado (Dn 1.4); é muito menos provável que um autor do século 2º a.C., seja na Judeia (Goldingay) ou na Babilônia (Lucas), tivesse acesso a isso. O livro de Daniel, portanto, tem uma conexão muito mais próxima do mundo babilônico do século 6º do que com qualquer coisa que tenha vindo depois.

Além disso, o Antigo Testamento não argumenta que exista uma diferença na forma entre a verdadeira e a falsa profecia; ao

contrário, pseudoprofecias frequentemente adotam formas idênticas à da verdadeira profecia (veja 1Rs 22.11-12, por exemplo). A existência de formas paralelas de "profecias" em outros lugares no antigo Oriente Próximo não é relevante ao ponto de questionar a autenticidade de Daniel. Na Bíblia, a diferença entre profecia verdadeira e falsa está no seu conteúdo – especificamente, o fato de que as palavras do verdadeiro profeta se concretizarão (Dt 18.22). Esse teste, difícil, mas que deve ser aplicado em muitas circunstâncias, implica que o trabalho do verdadeiro profeta é sempre apresentar previsões de formas específicas e concretas (isto é, verificáveis) do futuro. Nem todas as previsões são para o futuro imediato. O texto de 1Reis 16.34 registra que "a palavra do SENHOR, que falara por intermédio de Josué, filho de Num", foi especificamente cumprida durante o reinado de Acabe, na morte do primogênito e dos filhos mais novos do homem que reconstruiu Jericó. O cumprimento desta palavra específica ocorreu cerca de 500 anos após a profecia!

Finalmente, o argumento de que a profecia é

sempre dirigida a situações imediatas e concretas da audiência do profeta não é exclusivo para essa passagem. Goldingay usa exatamente o mesmo argumento em favor de uma datação posterior para Isaías 40–55.[9] Contudo, quanto mais esse argumento é usado, mais suas premissas se abrem a questionamentos. Se em diferentes livros, os profetas *parecem* se dirigir a situações de uma audiência posterior, ou *todos* eles são pseudoprofecias (mas isso agora teria que ser estabelecido por outros motivos), ou os profetas foram chamados para anunciar verdadeiras profecias sobre o futuro, para as quais precisamos encontrar uma explicação teológica. Tal explicação não é difícil de ser encontrada. Nas palavras de Isaías 44.6-7: "Assim diz o SENHOR, Rei de Israel, seu Redentor, o SENHOR dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus. Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Que o declare e exponha perante mim! Que esse anuncie as coisas futuras, que hão de vir!". O

fato de que esses eventos estão num futuro distante não os faz irrelevantes à audiência original, assim como o fato de esses eventos estarem agora em um passado distante os torne irrelevantes para nós. Quer estejam distantes no futuro ou no passado, eles nos dizem algo sobre o soberano controle de Deus sobre a história que é profundamente relevante para a nossa jornada de fé no presente. Eu, portanto, tenho esses eventos por genuínas profecias pela perspectiva do autor do século 6º, não como uma pseudoprofecia de um autor escrevendo no período dos Macabeus.

A visão de Daniel

A visão de Daniel começa como no capítulo 8, com um breve sumário dos impérios persa e grego: "Agora eu te declararei a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tornado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia. Depois, se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe

aprouver" (Dn 11.2-3). Depois de Ciro, o presente governante persa, mais três reis se levantariam na Pérsia e, então, um quarto, que seria mais rico e mais poderoso do que os demais e entraria em conflito com a Grécia. Esse reino é geralmente reconhecido como sendo o de Xerxes I (486-465 a.C.), marido de Ester. Ele foi um grande e poderoso rei, sob o qual o poder persa alcançou seu pináculo, mas também é lembrado por ter invadido a Grécia apenas para ser derrotado na batalha de Salamina.[10] Isso começou o conflito que finalmente terminaria com a queda do império Persa. Houve outros reis persas menores depois de Xerxes, mas passaram despercebidos porque a profecia rapidamente segue adiante, para o próximo governante, o rei guerreiro que governará um vasto reino, chamado, Alexandre, o Grande. Ele morreu em 323 a.C., logo após estabelecer um enorme império que abrangia grande parte do que era o mundo conhecido. O império de Alexandre foi, então, dividido entre seus quatro

generais, nenhum dos quais era parente dele, exatamente como anteviu Daniel 11.4-5:

> No auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes. O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; esse será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio.

Dois dos quatro reinos que emergiram do império de Alexandre foram o reino dos ptolomeus, com base no Egito, e no reino dos selêucidas, baseado na Síria e na Babilônia. De uma perspectiva israelita, os conflitos entre essas suas dinastias – os reis do Sul (os ptolomeus) e os reis do norte (os selêucidas) – foram os eventos mais significativos na história do mundo durante os séculos 3º e 2º a.C. Estes eventos são o coração deste capítulo, por razões que explorarei daqui a pouco.

A precisão da predição nesse capítulo é verdadeiramente surpreendente. Para dar apenas

um exemplo, considere Daniel 11.6-8:

> Ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos. Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará na sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá. Também aos seus deuses com a multidão das suas imagens fundidas, com os seus objetos preciosos de prata e ouro levará como despojo para o Egito; por alguns anos, ele deixará em paz o rei do Norte.

Essas predições foram cumpridas ao pé da letra. Por volta de 250 a.C., Ptolomeu II (o rei do Sul) fez uma tentativa de estabelecer a paz com Antíoco II (o rei do Norte), dando sua filha Berenice em casamento. O plano era que Antíoco se divorciasse de sua primeira esposa, Laódice, e deserdasse seus filhos. Laódice

descobriu o complô e envenenou Antíoco e Berenice, juntamente com seu pequeno filho. No mesmo ano, o pai de Berenice morreu no Egito. Ele foi sucedido pelo irmão de Berenice, "um renovo da linhagem dela", que invadiu o reino selêucida e conquistou sua capital, Antioquia, exatamente como Daniel 11 havia predito.[11]

Esse é apenas um exemplo. Se explorarmos a passagem, veremos o mesmo fenômeno se repetir vez após vez:

> Mas, depois, este avançará contra o reino do rei do Sul e tornará para a sua terra. Os seus filhos farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando *à* guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul. Então, esse se exasperará, sairá e pelejará contra ele, contra o rei do Norte; este porá em campo grande multidão, mas a sua multidão será entregue nas mãos daquele. A multidão será levada, e o coração dele se exaltará; ele derribará miríades, porém não prevalecerá. Porque o rei do Norte tornará, e porá em campo multidão maior do que a primeira, e, ao cabo de tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande Exército e abundantes provisões.

Naqueles tempos, se levantarão muitos contra o rei do Sul; também os dados à violência dentre o teu povo se levantarão para cumprirem a profecia, mas cairão. O rei do Norte virá, levantará baluartes e tomará cidades fortificadas; os braços do Sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir. O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos. Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem. Depois, se voltará para as terras do mar e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar-lhe o opróbrio e ainda fará recair esse opróbrio sobre aquele. Então voltará para as fortalezas da sua própria terra; mas tropeçará, e cairá, e não será achado.

Levantar-se-á, depois, em lugar dele, um que fará passar um exator pela terra mais gloriosa do seu reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isto sem ira nem batalha. Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas. As forças inundantes

serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança. Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais: repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquinará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo.

Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército, mas não prevalecerá, porque maquinarão projetos contra ele. Os que comerem os seus manjares o destruirão, e o exército dele será arrasado, e muitos cairão traspassados. Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e a uma só mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado. Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra.

No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será nesta última vez como foi na primeira, porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se

> indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança.
>
> Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo. Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativeiro e pelo roubo, por algum tempo. Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas (Dn 11.9-34).

De acordo com John Goldingay, Daniel 11 se refere de maneira específica e historicamente identificável a treze dos dezesseis governadores daqueles dois reinos entre 322 e 163 a.C.[12] Um detalhado estudo verso por verso do cumprimento de cada predição teria seus méritos, mas também correria o risco de se tornar um monótono e confuso recontar de datas, nomes e lugares.[13] Em vez disso, nosso objetivo é olhar para o fluxo dos eventos que

estão registrados para nós e perguntar qual é o significado desta história para Daniel e para nós.

A primeira fase: guerras e rumores de guerras

A primeira fase da história vai do verso 5 ao verso 20, cobrindo o conflito entre os reinos do Norte e do Sul desde o seu estabelecimento, em 322 a.C., indo até o assassinato de Selêuco IV, em 175 a.C. Os elementos que são destacados nesta parte da história parecem ser uma sequência sem fim de grandes conflitos, guerras e política, que nunca chega a uma conclusão. O pêndulo do poder vai e volta entre as duas superpotências, mas, apesar de todos os seus melhores esforços e do vasto desperdício de vidas e riqueza, nenhuma delas é capaz de conquistar a outra nem de viver em paz uma com a outra: suas melhores tentativas de forçar uma união por meio de um casamento com motivações políticas e outras estratégias foram igualmente fracassadas.

Esse resumo nos dá uma profunda perspectiva da história. Por um lado, é uma história de contínuas guerras e rumores de

guerras, conforme um governante humano após o outro e um império após o outro procuram ganhar o poder por meio de astúcia e força. No entanto, embora a maré nos assuntos dos homens venha e vá, no final isso não leva a exatamente nada. O pêndulo do poder na política terrena pode mudar, mas nunca encontra descanso permanente. De um lado, portanto, Daniel 11 nos mostra o mundo caído correndo atrás do vento e encontrando nada. O que o poder e a política ganharam depois de tanto trabalho? Tudo isso, como o escritor de Eclesiastes observou, é vaidade.

E essa não é uma história que o povo de Deus possa assistir da segurança das margens. Alguns dos judeus foram envolvidos no conflito diretamente, procurando estar de um lado ou outro, mas sem sucesso (Dn 11.4). Outros foram indiretamente afetados enquanto as forças de um lado ou de outro passavam por Judá ("a terra gloriosa"), deixando um rastro de destruição em seu caminho.

Tribulações e resistência

Por que Daniel precisou ouvir sobre essa história em sua situação? O objetivo era pôr em perspectiva as dificuldades que os judeus estavam enfrentando em 536 a.C. Não havia nada de único sobre as provações e tribulações que estavam enfrentando. As intrigas da corte que atrasaram o trabalho de construção no templo em Jerusalém e a oposição de inimigos poderosos que eles encontraram não foram meramente um soluço temporário, mas seria uma característica sempre presente na vida nesse mundo. Sua experiência não deveria, portanto, surpreendê-los, como se algo inesperado ou fora de controle estivesse acontecendo com eles. Deus estava no controle daquelas maquinações também. Eles também não deviam procurar tomar a questão em suas mãos, como se, levantando-se contra as autoridades, pudessem estabelecer o reino de Deus mais rapidamente. Paciente resistência continuaria a ser a ordem do dia até que o Deus que intervém estabelecesse seu reino.

Essa é uma importante lição que devemos aprender desta história. Os reinos deste mundo

frequentemente parecem esmagadores em seu poder de alcançar grandes coisas, um poder que pode facilmente levar até cristãos a um estado de depressiva submissão ou, então, seduzi-los a tentar usar o poder do mundo para fazer a obra de Deus. Alguns cristãos parecem acreditar que podem apressar a vinda do reino de Deus ao atingirem certos alvos políticos. Mas, no final da história e apesar de todo o seu alardeado poder, os reinos deste mundo não podem destruir a obra de Deus, nem estabelecê-la. Eles são, meramente, instrumentos nas mãos de um Deus soberano que é capaz de declarar o fim desde o início porque somente ele é quem realmente controla os assuntos dos homens e das nações.

Essa verdade é de grande valor prático para cada um de nós. Todos experimentamos momentos em que nossa existência parece ser levada para um conflito maior que está completamente fora de controle. Talvez nosso trabalho esteja ameaçado quando uma fábrica é fechada por uma autoridade corporativa localizada a milhares de quilômetros de distância. Talvez uma decisão política ou atos

terroristas que estão além de nosso poder de influência ameacem nossa liberdade e estilo de vida. Nossa saúde ou a saúde de alguém que amamos pode estar ameaçada por uma doença contra a qual não temos a capacidade de lutar. Vivemos em um mundo grande e somos muito pequenos.

Em tais momentos de incerteza pessoal, precisamos nos apegar firmemente ao conhecimento de que todos os eventos do mundo, do maior ao mais insignificante, não somente são conhecidos de antemão por Deus, como também estão debaixo do controle de seu poder soberano. Mesmo aquelas ações que são iniciadas por homens e mulheres ímpios na busca de seus maus propósitos finalmente cumprirão o santo propósito do Senhor (veja At 4.27-28). Ele é o primeiro e o último; além dele não há Deus. Somente ele pode dizer com antecedência o que o futuro aguarda, porque ele o mantém em suas soberanas mãos (veja Is 44.6-7).

A segunda fase

Depois de quinze versos para cobrir os reinos de sete reis selêucidas por um período de aproximadamente 150 anos, os próximos quinze versos chamam nossa atenção para o reino de um único rei selêucida, Antíoco IV. Ainda que ele não seja o próximo na linha de sucessão do trono após a morte de seu irmão Selêuco IV, Antíoco o ganhou através de intrigas:

> Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas. As forças inundantes serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança. Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. (Dn 11.21-23)

Antíoco começou com apoio limitado, mas gradualmente cresceu em poder, fazendo alianças estratégicas, mas mantendo-as apenas enquanto eram interessantes para ele (11.23). Aqueles que tentaram resistir a ele foram varridos, inclusive o sumo sacerdote judeu de então, Onias III, que talvez seja o "príncipe da

aliança" mencionado no verso 22.[14] Onias tentou em vão resistir à crescente pressão vinda das autoridades selêucidas em busca da helenização do seu império, o que envolvia a adoção dos costumes gregos e práticas que eram antitéticas à lei de Deus. Ele foi removido de seu ofício e substituído por um sumo sacerdote mais complacente.

Durante esse tempo houve, também, um novo afloramento na velha hostilidade entre os selêucidas e os ptolomeus, os reis do Norte e do Sul: "Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército, mas não prevalecerá, porque maquinarão projetos contra ele" (Dn 11.25). Ptolomeu VI, o rei do Sul, iniciou as hostilidades, mas foi derrotado por Antíoco e capturado. Alguns anos depois, no entanto (em 168 a.C.), Antíoco invadiu o Egito novamente, desta vez com resultados desastrosos. O crescente poder mediterrâneo da época, os romanos "navios de Quitim" (11.30) se

envolveram na disputa. Seu delegado, Gaio Popílio Lenate, enfrentou Antíoco quando ele se aproximou de Alexandria. Ele desenhou um círculo ao redor de Antíoco, insistindo que ele tinha que concordar em deixar o Egito antes de sair do círculo.[15] Antíoco conhecia bem o poder de Roma, tendo passado sua infância em Roma como prisioneiro político. Humilhado, foi forçado a se retirar.

Contudo, durante a campanha de Antíoco no Egito, rumores tinham circulado na Judeia sobre seu assassinato, o que levou a uma tentativa de revolta pelos judeus. Em seu retorno, Antíoco invadiu Jerusalém e abateu a muitos, erigindo um forte para suas tropas ali. Ele baniu práticas judaicas, como a circuncisão, e eliminou as ofertas diárias no templo, oferecendo carne de porco no altar, em seu lugar. Ele profanou o Santo dos Santos e dedicou o templo ao culto a Zeus (Dn 11.31). Alguns dos judeus capitularam sob pressão e colaboraram com suas forças, enquanto outros fielmente resistiram com

grande custo pessoal, caindo pela espada ou sendo queimados (11.33).

A terceira fase: Alguém maior que Antíoco

Por pior que as coisas tenham sido até esse ponto, ainda havia algo mais terrível por vir:

> Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem ao desejo de mulheres, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá. Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis. Com o auxílio de um deus estranho, agirá contra as poderosas fortalezas, e aos que o reconhecerem, multiplicar-lhes-á a honra, e fá-los-á reinar sobre muitos, e lhes repartirá a terra por prêmio.
>
> No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as

> primícias dos filhos de Amom. Estenderá a mão também contra as terras, a terra do Egito não escapará. Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão. Mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado e sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos. Armará as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra. (Dn 11.36-45).

Conforme progredimos pela visão rumo à conclusão da profecia, há uma crescente sensação, por parte de muitos intérpretes, de que mesmo que a visão se dirija à situação sob Antíoco, ela não trata simplesmente dele.[16] Antíoco foi poderoso, capaz de fazer "segundo a sua vontade" (Dn 11.36) até certo ponto, mas, durante o seu reinado, o poder dos romanos era muito maior que o seu, como sua retirada do Egito deixou claro. Antíoco certamente via a si mesmo como um deus – seu apelido, "Epifânio" significa "[deus] se manifestou" – mas assim fizeram muitos dos governantes antigos.

Antíoco abandonou o deus que seus pais cultuavam, Apolo, e não mostrou nenhum respeito pelo "desejo de mulheres", que é, provavelmente, uma referência ao culto do deus Adônis ou Dionísio, que era comum no Egito.[17] Ele podia assim, ter dito que tinha dado as costas às deidades tradicionais dos reis do Norte e dos reis do Sul, em favor do culto a Zeus, um deus que remetia à força militar. Mas, ao mesmo tempo, ainda que alguns aspectos da linguagem de Daniel 11.36-39 pareçam se encaixar em Antíoco, a passagem como um todo parece falar de um rei que verdadeiramente fará "segundo a sua vontade", a saber, "honrará o deus das fortalezas" e reinará "sobre muitos".

Não há uma mudança clara na linguagem de Daniel 11 que marque uma transição de Antíoco para o rei final, talvez porque Antíoco seja um modelo com o qual comparar o governador final. Uma diferença marcante entre eles, contudo, está nos eventos que cercam a morte do rei, nos versos 40 a 45, que não se encaixam no que sabemos sobre a morte de Antíoco. Ele

encontrou seu fim durante uma campanha relativamente pequena contra a Pérsia, em 164 a.C., não entre o mar e Jerusalém depois de uma grande e bem-sucedida campanha contra o Egito. Particularmente quando comparados com a precisão do cumprimento dos versos anteriores de Daniel 11, estes versos parecem estar olhando para um grande cumprimento ainda por vir. Mateus 24, de modo semelhante, antecipa um cumprimento duplo, referindo-se tanto a eventos da queda de Jerusalém em 70 d.C. quanto a eventos que marcarão o fim de todas as coisas. A história não chegará à sua conclusão, pelo que parece, até que venha um outro como Antíoco.[18]

Creia, resista, ensine e ore

O que essa profecia sobre a vinda dos dias sombrios de Antíoco IV e do outro grande Antíoco ainda por vir tem a dizer para Daniel e para nós? O objetivo dessa história é pôr nossa vida em perspectiva. Daniel está conturbado pelas dificuldades reais de seus dias? O Senhor responde anunciando que há tempos de ainda maiores tribulações por vir. Estamos

conturbados pelos problemas que enfrentamos? Anime-se, os problemas podem facilmente piorar. De fato, nem precisamos ter que esperar pela vinda do anticristo final para encontrar maiores aflições que as nossas: há crentes em muitas partes do mundo hoje cujas posses estão sendo saqueadas e cujos familiares estão sendo sequestrados e escravizados. Mesmo hoje há crentes cuja fidelidade os faz perder a vida pela espada ou pelo fogo. Se isso é verdade, então do que realmente podemos reclamar?

Mas Daniel 11 não quer simplesmente nos fazer sentir vergonha por nossas murmurações porque outros crentes estão fielmente suportando provas bem piores que as nossas, pelas quais tanto nos amarguramos. Quer também nos ensinar como viver fielmente no meio das piores provas, lições que serão igualmente válidas no meio de tribulações bem menores. As lições de Daniel 11 podem ser resumidas na forma de quatro imperativos que, embora não estejam explicitamente no texto, resumem sua mensagem: creia, resista, ensine e ore.

Primeiro, somos chamados a crer. Em Daniel 11, são aqueles que conhecem seu Deus que serão fortes e ativos: "…o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo" (Dn 11.32). A fé no poder soberano de Deus, como está claramente mostrada em Daniel 11, é o fundamento e a base para toda a nossa esperança e toda a nossa atividade para Deus. A história não é uma junção de coincidências aleatórias arrastadas pelo vento nem um mero acúmulo de lutas entre papas e reis mortos, envolvendo homens bons por nada e dificilmente alguma mulher. Pelo contrário, é o registro da obra das mãos de Deus realizando seus propósitos soberanos nas vidas dos homens e mulheres em todas as eras. Você acredita nisso? É o fundamento de tudo o mais.

Segundo, você é chamado para resistir fielmente, ainda que tenha que morrer. Nos dias de Antíoco, alguns seriam seduzidos ou pressionados a abandonar a aliança e passar para o lado negro: "Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a

abominação desoladora" (Dn 11.31). O poder pode ser bem atraente, mas aqueles que conhecem a Deus resistem à sua sedução, mesmo que isso signifique a morte: "Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo" (11.32-33). Algumas vezes, obedecer a Deus significa uma vida de fidelidade em um ambiente hostil, como foi para o próprio Daniel. Algumas vezes, isso significará literalmente o martírio pela fé, pela espada ou pelas chamas, sem um resgate dramático no último minuto, como aconteceu com Daniel e seus três amigos. Um ato como esse de chegar ao ponto de entregar a própria vida por aquilo que você acredita parece uma grande estupidez para o mundo. O Senhor, contudo, chama isso de sabedoria. Como pode uma morte tão horrível ser sabedoria? É sabedoria porque o fogo do perseguidor não tem nenhum poder de infligir feridas reais ao crente: o fogo da perseguição é o

meio pelo qual o povo de Deus é refinado, purificado e feito imaculado para o tempo do fim: “Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado” (Dn 11.35). Como Jesus disse em Mateus 10.28: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”.

A maneira como vemos a história é o fundamento de como vivemos. Se a história é uma seleção de circunstâncias aleatórias, vindo de lugar nenhum e indo para nenhum lugar, então o sofrimento fiel possivelmente não tem sentido. É uma vida perdida que poderia ter sido mais bem gasta na busca de prazeres. Mas se a história está, na verdade, seguindo o curso predeterminado por Deus para um final, então nossas ações estão cheias de significado. Qualquer sacrifício que seja demandado de nós se tornará mais do que digno por nossa esperança de glória no último dia, quando os mortos se levantarem: “Muitos dos que dormem

no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.2-3).

Como Paulo disse em 1Coríntios, se a nossa esperança se resume somente a essa vida, então somos os mais infelizes dos homens (1Co 15.19). Se todos os planos de Deus estão sendo trabalhados dentro do escopo do tempo e espaço, então os crentes perseguidos estão aquém do esperado e perdendo aquilo que a vida tem para oferecer. Mas se há um céu ainda por vir, no qual as obras terrenas serão julgadas e a fidelidade a Deus será recompensada, então aqueles que são fiéis a Deus, mesmo que morram, fizeram a melhor das escolhas. Como Jim Elliot certa vez disse, antes de ser martirizado por índios Auca, na América do Sul: "Aquele que dá o que não pode manter para ganhar o que não pode perder não é um tolo".[19] A esperança de glória, cuja raiz está no controle

soberano de Deus da história, faz qualquer sacrifício valer a pena por causa da fidelidade de Deus.

Terceiro, somos chamados para ensinar aqueles ao nosso redor. Os outros precisam saber que a história tem um objetivo e propósito que foi estabelecido por Deus, e somos chamados para instruí-los: “Os sábios entre o povo ensinarão a muitos” (Dn 11.33). Isto tem implicações para nosso testemunho local. Estamos constantemente cercados por pessoas cujos pensamentos são moldados inteiramente pela presente realidade, não pelas realidades últimas. Muitos de nossos amigos e vizinhos passam pela vida sem qualquer pensamento sobre a ressurreição final e o dia em que estarão diante de Deus para dar conta de sua vida. Quem compartilhará com eles as boas-novas? Quem está em melhor posição para falar-lhes do poder e soberania do santo Deus, da seriedade do julgamento final e de sua necessidade de viver à luz da eternidade? Quanto de nossa conversação é “sábia”, quando medida nesses

termos, e quanto dela é uma murmuração de tolices, recheada de trivialidades?

Quarto, temos que orar. A vitória nesse conflito não é conseguida pelos sábios dentre o povo de Deus vencendo o mal por suas próprias forças. Antes, a vitória vem quando os exércitos do céu, liderados pelo arcanjo Miguel, se levantam para livrar os santos (Dn 12.1). De fato, Daniel 11 fica entre a menção de Miguel e o conflito celestial no qual ele está envolvido. Como vimos em nosso estudo anterior, nossa parte nesse conflito é orar, assim como Daniel fez. A oração é uma atividade revolucionária pela qual a criatura fraca e mortal toma parte nesta grande batalha cósmica e faz sua parte para mover céus e terra na direção da vitória final de Deus. À luz da vitória final de Deus e da ressurreição dos santos, os sábios se comprometerão em orar para que a vitória venha logo.

Há um ditado antigo que diz: “Tudo o que é bom, acaba”. Felizmente, o mesmo é verdade para as coisas ruins. Antíoco Epifânio era um inimigo poderoso do povo de Deus naqueles

dias, mas seu reino eventualmente chegou ao fim. Tiranos surgem e caem, impérios vêm e vão, mas o reino do Senhor dura para sempre e, com ele, aqueles a quem Deus redimiu por sua graça. Nossas presentes circunstâncias passarão, sejam elas boas ou más. Nossa vida virá ao fim, mais cedo ou mais tarde. Mas aqueles que depositaram sua confiança no Senhor e foram redimidos por sua misericórdia permanecerão para sempre. Aqueles que tiveram suas roupas lavadas e alvejadas no sangue do cordeiro brilharão por toda a eternidade, revestidos pela glória de Deus.

Os santos não permanecerão para sempre por sua própria fidelidade e sofrimento. Não há nenhum poder redentor intrínseco no sangue dos mártires. Aqueles que entraram no céu, sejam mártires ou crentes comuns, entraram pelo poder do sangue do Cordeiro (Ap 7.14; 12.11). É porque Cristo sofreu, morreu e ressuscitou que a história tem um propósito. É porque Cristo derramou seu sangue por mim que posso esperar passar a eternidade em sua luz. Nossa herança celeste é toda pela graça, e essa gloriosa

perspectiva faz com que qualquer sacrifício que Deus nos chame a fazer nesta vida valha muito a pena.

A perspectiva do céu é a resposta às tentações de Satanás para nos comprometer e submeter aos seus caminhos. A antecipação de vermos a face de Deus brilhando sobre nós com o mesmo calor e amor que ele teve por seu Filho é a resposta para nosso presente desânimo, dificuldade e desespero. Levante os seus olhos de suas tribulações e dificuldades do presente e aguarde a gloriosa herança que Deus tem preparado para você. Olhe fixamente para essa gloriosa visão, fortaleça os joelhos trôpegos e encoraje seus braços para a batalha que está colocada diante de você.

1 *Good as Gold* (Nova York: Simon & Schuster, 1979), 74.
2 *Northanger Abbey* (Nova York: Barnes & Noble Classics, 2005), 102.

3 Citado por Dionísio de Halicarnassus, *Ars Rhetorica*, 11.2.
4 John Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 282; E. C. Lucas, *Daniel*, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove: InterVarsity, 2002), 272.
5 Goldingay, *Daniel*, 321.
6 Veja John Goldingay, "The Book of Daniel", *Themelios* 2 (1977): 49.
7 Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 272.

8 Como o próprio Lucas demonstra (*Daniel, 272*).
9 Veja John Goldingay, *God's Prophet, God's Servant: A Study in Jeremiah & Isaiah 40–55* (Carlisle: Paternoster, 1984), 11.
10 Goldingay, *Daniel*, 294.
11 Norman Porteous, *Daniel*, Old Testament Library (Filadélfia: Westminster, 1965), 160.

12 Goldingay, *Daniel*, 295-96.

13 Calvino dedica quarenta páginas para uma completa análise, o que tornaria um sermão comprido além dos limites da pessoa mais paciente!
14 André Lacocque, *The Book of Daniel*, D. Pellauer (trad.) (Atlanta: John Knox, 1979), 226.
15 Lucas, *Daniel*, 286.
16 Longman, *Daniel*, 282.
17 Goldingay, *Daniel*, 304.
18 E. J. Young, *The Prophecy of Daniel: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), 251-53

19 *The Journals of Jim Elliot* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1978), 174.

15

POR QUANTO TEMPO VOU FICAR QUEBRADO?

Daniel 12.4-13



Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente (Dn 12.1-3).

Vivemos numa época em que esperamos que tudo seja consertável. Há um penetrante ar de otimismo pragmático em nossa sociedade, nascido de uma geração mergulhada na noção

de que, se todas as manhãs, você apenas repetir o ditado “Em todos os sentidos, todos os dias, estou ficando melhor e melhor”, você certamente ficará. Se seus dentes não são retos, a ortodontia irá endireitá-los. Se você não gosta do seu corpo, tente cirurgia estética. Se seu trabalho é frustrante, procure nos anúncios dos classificados novas oportunidades que atinjam seu potencial. Se você não consegue ficar com sua esposa, escolha uma diferente. Seja qual for o seu problema, fomos treinados para acreditar que alguém lá fora tem as respostas que irá consertá-lo.

Isso é verdade em uma escala nacional e global, assim como na escala pessoal. Se o problema é aquecimento global, ou pobreza mundial, ou governos ditatoriais e opressivos, pensamos que podemos consertar. Talvez não tenhamos as soluções para todos os problemas do mundo ainda, mas dê-nos mais alguns anos e certamente as descobriremos. Essa atitude é igualmente predominante nos dois lados do espectro político: políticos liberais geralmente pensam que um pouco mais de dinheiro e

intervenção do governo resolverá os problemas do mundo, enquanto os conservadores pensam que um pouco mais de capitalismo e liberdade pessoal farão a mágica. A ideia de que o mal é intratável e poderoso, com raízes profundas e garras afiadas, e que nenhuma quantidade de educação, ativismo ou reforma democrática irá eliminá-lo é distintivamente contracultural.

A mesma atitude de otimismo pragmático afetou as igrejas evangélicas. Encorajados por cristãos bem-intencionados e comitês de ação política cristãs, também temos que acreditar que tudo o que está quebrado pode ser consertado. Apenas compre esse livro, vote nesses políticos, venha a esses encontros ou faça essas orações e tudo ficará bem. Você também pode ser magro, saudável e sem pecado em seis semanas, se seguir esses passos simples. Reduzimos nossa santificação e vitória espiritual a técnicas que aprendemos e dominamos, quase como uma tacada de golfe.[1] Portanto, se você ainda não alcançou a perfeição, há algo evidentemente errado em você!

Isto é claramente sua culpa por não tirar vantagem de todas as fontes disponíveis a você em sua livraria cristã local. Você precisa seguir conforme o programa!

"Isso não pode ser consertado"

A vida real, contudo, nem sempre bate com nossa teoria. Quando meu filho Jamie tinha por volta de dezoito meses de idade, ele saiu para andar com sua mãe. Conforme andavam, cruzaram com um pássaro morto caído ao lado, na rua. Depois de se abaixar e examiná-lo de perto com toda a seriedade de uma criança encontrando algo que nunca tinha experimentado antes, Jamie olhou para minha esposa e disse: "Ele não pode ser consertado, mamãe, pode?" Ao que ela só poderia responder: "Não, Jamie. Ele não pode ser consertado".

As partes apocalípticas da Bíblia, como o livro de Daniel, nos lembram de que vivemos em um mundo que não pode ser simplesmente consertado. Ele precisa ser recriado. Na verdade, Deus eliminará o mal no fim, mas o pecado e a

doença serão derrotados conforme o seu cronograma, não o nosso. No final, o que é quebrado será feito inteiro e todas as lágrimas serão enxugadas. Mas até a vinda do reino de Deus, quebrantamento e sofrimentos, dor e perseguição continuarão a ser o estado normal dos crentes. Vivemos em um mundo que está profundamente quebrado.

Essa foi a mensagem do livro de Daniel desde o começo, e ainda é o foco quando o livro chega ao final. Lembre-se, esse capítulo de encerramento é parte da resposta de Deus às preocupações no terceiro ano de Ciro. Naquele tempo, o povo de Deus havia retornado para Jerusalém, mas encontrou um progresso frustrantemente lento e dificuldade em face da poderosa e entrincheirada oposição, de modo que o povo começou perder a esperança. O profeta Isaías tinha predito um glorioso futuro no qual haveria novos céus e nova terra:

> Eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e

> exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor (Is 65.17-19).

Semelhantemente, Jeremias antecipou uma nova aliança na qual a lei Deus seria escrita no coração do povo: "Essa é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (Jr 31.33). Ezequiel predisse um novo coração e um novo espírito para o povo que seria alcançado pela obra de purificação do Espírito Santo: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Ez 36.26-27).

Quando essas profecias vão encontrar seu cumprimento? O povo tinha retornado para sua terra, mas parecia que nada tinha realmente mudado. Internamente, eles lutavam com os mesmos pecados de antes e, externamente, estavam enfrentando as mesmas tribulações e problemas. Quanto tempo até que suas expectativas de mudança real e cura se realizassem? Até quando eles seriam quebrantados?

Essa é a mensagem que precisamos ouvir também, especialmente quando nosso próprio progresso na santificação é lento e difícil, ou quando enfrentamos poderosa oposição e perseguição por causa do evangelho. Habitamos um mundo onde o culto da igreja pode ser interrompido por um louco atirador que atira para matar. Crianças inocentes podem ser retiradas de suas camas e assassinadas. O câncer ataca o corpo dos crentes tanto quanto dos incrédulos, deixando-os em dores excruciantes para a qual não têm respostas e nem razões. Os efeitos da infância disfuncional e padrões habituais de comportamento pecaminosos

continuam a dar seus frutos amargos em nós e em nossos casamentos e famílias, mesmo depois de termos seguido Cristo por muitos anos. Achamos obedecer à lei de Deus algo difícil, enquanto o pecado é constantemente atrativo, e clamamos por uma cura. Corretamente agonizamos sobre os sinais da poderosa obra da besta em nosso mundo, procurando arruinar e destruir tudo o que é bom, nobre e puro.

O livro de Daniel nunca supõe que devemos achar que viver em um mundo como esse é fácil. Pelo contrário, ele antecipa o fato que nos encontraremos frequentemente clamando: "Até quando, ó Senhor? Onde estás? O que estás fazendo? Por que teu povo está morrendo e se desesperando? Por que não é próspero e vitorioso? Quanto tempo achas que podemos aguentar?" Essas são as questões que Daniel 12 foi projetado para tratar.

Como viveremos como um povo quebrado em um mundo quebrado? Devemos cair em desespero e assumir que é assim que as coisas são e sempre serão? Devemos simplesmente buscar anestesiar nossa dor por meio de

quaisquer prazeres e confortos que pudermos achar nesse mundo, procurando fazer o melhor de um trabalho ruim? De modo nenhum. O livro de Daniel está muito longe de ser um sedativo dado ao sofredor de modo a anestesiar a dor. Pelo contrário, é um despertador para todos nós para vivermos com sabedoria nesse mundo quebrado. Por todos os meios, devemos buscar a obediência a Deus com paixão sincera, usando os recursos que estão disponíveis para nós. Mas, ao mesmo tempo, devemos reconhecer que, mesmo à medida que crescemos na graça, vamos continuar a ser profundamente quebrados.

O sábio e o tolo

A obrigação fundamental sobre nós, que vivemos como povo de Deus nesse mundo quebrado, é sermos sábios. De acordo com Daniel 12, há somente dois tipos de pessoas no mundo, o sábio e o perverso (veja 12.10). Essas não são palavras que colocaríamos juntas, normalmente. Tendemos a pensar que o oposto de “perverso” é “justo”, mas aqui sabedoria e

entendimento é que distinguem o povo de Deus do perverso.

Também não é simplesmente a busca por sabedoria e entendimento que distingue o povo de Deus: em contraste com o perverso, o povo de Deus realmente alcança sabedoria. Então, no verso 4, lemos que "muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará". Essa é uma alusão a Amós 8.11-12: "Eis que vêm dias", declara o Senhor soberano, "em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do SENHOR, e não a acharão". Semelhantemente, o Senhor estava dizendo a Daniel que o povo procurará sabedoria em todos os lugares, mas não iria encontrá-la. Eles irão "aqui e ali" procurando conhecimento, quando durante todo o tempo estava bem diante de seu nariz. O povo de Deus sabe onde encontrar verdadeira sabedoria, enquanto o perverso a procura em vão: "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Pv 1.7).

Não é porque a palavra de Deus está escondida longe que os homens não podem encontrá-la. Daniel foi instruído: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará” (Dn 12.4). Não era simplesmente uma questão de manter essas palavras em segredo, mas se guardá-las em segurança para futuras gerações do povo de Deus lerem.[2] A verdade de Deus está frequentemente escondida à plena vista. A Bíblia mostra suas riquezas tão claramente que o mais simples dos crentes consegue pegar sua mensagem principal, enquanto o mais brilhante dos intelectos não crentes lê as mesmas palavras, mas não discerne sua verdade. Então, homens e mulheres vão em busca de aprofundamento espiritual de todas as formas de experiências e ensinamentos religiosos, mas falham em encontrá-la. A palavra de Deus é a única fonte de verdadeira percepção espiritual: o sábio lê e entende quem Deus é e o que está fazendo nesse mundo.

Essa ênfase na sabedoria, entendimento e conhecimento do povo de Deus é um ponto importante para entendermos por que vivemos numa época que despreza a doutrina e põe de lado o conhecimento em favor dos clamores da experiência. Nossa era pós-moderna é profundamente um tempo em que as pessoas vão de lá para cá procurando conhecimento. Nossa era afirma a validade de qualquer forma possível de espiritualidade porque vê toda verdade como relativa e nossa experiência como normativa. A verdade se torna qualquer filosofia que me dê as experiências que desejo. Em nossa época, a ideia da verdade única e dotada de autoridade revelada de uma vez por todas na palavra inspirada de Deus, a Bíblia, é, portanto, altamente contracultural. É dito a Daniel repetidamente que seja sábio e que entenda as coisas reveladas a ele por Deus e as ensine a outros (Dn 11.33), pois tal entendimento ajudará tanto a ele como aos seus ouvintes a permanecerem firmes no meio dos desafios e da confusão da vida num mundo quebrado. O

sábio sabe onde achar verdadeira sabedoria: no padrão objetivo da palavra de Deus revelada.

Quanto tempo?

A última visão de Daniel aconteceu ao lado das margens de um rio:

> Então, eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um, de um lado do rio, o outro, do outro lado. Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão essas maravilhas?
>
> Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão.
>
> Eu ouvi, porém, não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele me respondeu: Vai, Daniel, porque essas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. Muito serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão.

> Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. (Dn 12.5-12).

A verdadeira sabedoria para se viver no mundo quebrado é central para as duas questões que são feitas a Deus nesta passagem – uma pelo anjo e outra por Daniel. As duas questões são essencialmente paralelas, o que pode ser visto pelo fato de Daniel ter feito sua pergunta porque não entendeu a reposta dada ao anjo. O anjo perguntou: "Quando se cumprirão essas maravilhas?", enquanto Daniel perguntou: "Meu senhor, qual será o fim destas coisas?" (12.6-8). Consideradas juntas, as respostas a essas duas questões revelam dois aspectos da vida sábia em um mundo quebrado, as questões de "quanto tempo" e "como". Há duas coisas que Daniel precisava entender e que nós também precisamos entender se quisermos viver com sabedoria em um mundo quebrado.

A resposta à questão, "quanto tempo" tem duas partes: Serão "depois de um tempo, dois

tempos e metade de um tempo" (Dn 12.7), e será por "mil duzentos e noventa dias" (12.11). De modo geral, os dois termos podem ser usados para descrever períodos que são por volta três anos e meio.[3] O que é mais significativo aqui, entretanto, são os termos diferente que são usados para descrever o mesmo intervalo de tempo. Três tempos e meio focam nesse período como metade de sete tempos, que seria um período completo de julgamento (veja Dn 4.25). Em contraste com esse período de tempo de julgamento, o período de provação é limitado, encurtado em sua duração. Entretanto, 1290 dias foca na precisão com a qual o período é medido. Não é só um período vago de tempo de julgamento, mas está predeterminado por Deus até precisamente o dia em que acabará. Uma terceira nota é tocada pela inclusão da figura adicional de 1335 dias em Daniel 12.12, que adiciona 45 dias aos 1290 dias e nos diz que os santos precisarão perseverar por todo o caminho até o fim desse longo período. A inclusão do número parece designada a aumentar a noção de

mistério que cerca o tempo do Senhor e a necessidade de perseverança fiel da parte dos santos, mesmo quando, de acordo com a sabedoria humana, a vinda de Deus parece atrasada. Até que o tempo para que Deus complete seu trabalho pareça ter chegado, seu povo deverá ter esperar pacientemente até o fim.

Juntos, então, esses números caracterizam a história como um todo como um tempo de julgamento e provação. Ao mesmo tempo, eles nos lembram de que esse tempo de provação é limitado pela misericórdia do Senhor, que seu preciso fim é sabido pelo Senhor, embora seja impenetrável pela lógica humana, e que precisamos perseverar na fé até o fim. Qual o significado de cada um desses pontos para nossas lutas com o quebrantamento?

Limitado pela misericórdia do Senhor

Em primeiro lugar, é imperativo lembrar que nossas lutas com o quebrantamento são limitadas pela misericórdia do Senhor. Quando eu era pastor na Califórnia, um membro da minha congregação costumava responder à

pergunta “Como vai você?” com a resposta “Melhor do que mereço”. Isso poderia ser visto levianamente, mas, num nível mais profundo, é verdade para todos nós, em qualquer circunstância: estamos melhor do que merecemos. Estamos experimentando dores físicas e sofrimento? É bem menos dor e sofrimento do que merecemos no inferno, então é melhor do que merecemos. Nosso progresso na santificação é lento e frustrante? Qualquer progresso que possamos ver é obra do Espírito de Deus em nosso coração, pela qual devemos estar gratos, mesmo que seja somente a habilidade de ver nosso pecado e chorar por ele. Temos a promessa de que, finalmente, sua obra de santificação em nós será completada e seremos purificados para sempre. Isso também é mais do que merecemos. Seus relacionamentos terrenos estão danificados e quebrados? Apesar disso, por Jesus temos paz com Deus, nosso Pai que está nos céus, que é melhor do que merecemos. Não importa quão desafiadora nossa vida possa ser, nossas tribulações são limitadas pela misericórdia do Senhor.

Conhecido precisamente pelo Senhor

Segundo, o tempo exato do fim de nossa provação é conhecido precisamente pelo Senhor, embora seja impenetrável pela lógica humana. Se isso é verdade, então eu deveria confiar que meu Pai não me colocará para enfrentar uma provação desnecessária, nem me manterá nela além do tempo necessário para o meu bem, mesmo quando eu não consiga ver esse bem. Entendemos isso instintivamente num nível humano. Como pais, sabemos que há momentos em que nós, deliberadamente, causamos dor aos nossos filhos de formas variadas que eles não conseguem entender, para o seu próprio bem. Por exemplo, quando levamos os bebês para tomar vacinas, mesmo sabendo que eles chorarão quando chegar a vez das agulhas. Levamos nossas crianças ao dentista, mesmo sabendo que aquela broca trabalhando na cavidade de um dente doente é dolorosa e desagradável. Nossas crianças não entendem essas coisas, mas nós as fazemos, não obstante,

porque é nossa responsabilidade como pais que amamos nossos filhos.

Do mesmo modo, nosso Pai celeste traz provações para nossa vida e expõe nosso quebrantamento de uma variedade de formas por um período de tempo exato. Ele sabe quais desafios são necessários realizar sua obra em nosso coração e por quanto tempo eles precisam ser aplicados. Além disso, o período correto de tempo de nossas tribulações é uma coisa que faz sentido para ele, não para nós – assim como o período correto para o dentista usar a broca é determinado por ele, não pelo paciente. O fim virá quando Deus tiver terminado o processo, não quando pensarmos que deveria ter terminado. Mas, ao mesmo tempo, quando finalmente chegar, o tempo do fim será perfeito para nós, muito embora não possamos ver como deveria ser.

Perseverando na fé e na verdade

Terceiro, nossa parte ao enfrentar isso é perseverar na fé e na verdade. O que um pai espera de seu filho quando vão ao dentista?

Crianças não têm que gostar da experiência, mas têm que perseverar nela. Elas certamente têm a permissão de sentir dor e chorar para que seus pais as tirem dali; não deixar que fizessem isso é algo menos que humano. Mas, ao mesmo tempo, elas também precisam se manter sentadas na cadeira do dentista porque foi ali que seus pais as deixaram. Elas precisam confiar na sabedoria de seus pais, mesmo quando não conseguem entender o que está acontecendo.

Então, de igual modo, ao enfrentar as experiências incompreensíveis que nos vêm como pessoas quebradas num mundo quebrado, não temos que gostar, mas temos que perseverar. Certamente podemos clamar ao nosso Pai celeste: "Até quando, Senhor?" Podemos buscar livramento vindo dele, suplicando que mostre sua presença conosco em nossa dor e sofrimento. Mas, ao mesmo tempo, também precisamos perseverar em confiante obediência, procurando obedecê-lo em meio à nossa dor, confiando que sua sabedoria é superior à nossa. Precisamos nos lembrar diariamente que essas tribulações que

enfrentamos em nossa vida não nos vêm por acaso ou por circunstâncias aleatórias, mas de nosso Pai celeste, que colocou adaptou essas tribulações às nossas necessidades para nos moldar como as pessoas que ele deseja que sejamos.

Como virá o fim?

Somada à questão "até quando" há também a questão "como". A reposta que o anjo recebeu foi "quando se acabar a destruição do poder do povo santo" (Dn 12.7). Essa resposta não o surpreende? É certamente inesperada: esperamos que o fim venha quando o poder do povo perverso tiver sido finalmente quebrado, não o poder do povo santo. Mas essa afirmação é posteriormente elaborada na resposta dada a Daniel. O anjo lhe disse que haverá contínua perseguição para purificar e refinar o sábio (12.10; cf 11.33-35) e contínua perversidade da parte do perverso. Mesmo após o tempo em que os sacrifícios do templo chegarem ao fim e a abominação desoladora for estabelecida,[4] continuarão as tribulações. Certamente aqui não

há nenhuma expectativa de uma cristianização gradual do mundo. O prerrequisito para o fim não é o conserto final do quebrantamento do mundo; ao contrário, é o quebrantamento final da força do povo santo.

Tal declaração pode soar paradoxal, mas é o padrão consistente de Deus de operar nesse mundo, conduzindo o sofrimento para a glória. A sabedoria do mundo é constantemente focada na força e glória do presente. Ela me diz para ter o melhor da vida aqui e agora. Mas se há alguma coisa a ser aprendida desta visão de Daniel, como vimos no capítulo 11, é que a vida do povo de Deus nesse mundo, frequentemente, será qualquer coisa, melhor "o melhor". Haverá guerras e rumores de guerras, perseguições e tribulações, o templo de Jerusalém será profanado vez após vez e o fiel enfrentará o martírio pela espada e pela lança (veja Mt 24). A sabedoria de Deus não é a sabedoria do mundo, e na sabedoria de Deus o meio pelo qual nós somos curados de nosso quebrantamento é precisamente por meio de provas de fogo.

Precisamos ser cautelosos nesse ponto. Não

há nada intrinsecamente purificador em provas de fogo por si mesmas, e não devemos procurá-las por nossa conta. O fogo refinador não cria metal puro, ele simplesmente o revela. Se você colocar minério metálico no cadinho, o metal puro vai afundar até o fundo e você poderá remover a escória do alto. No entanto, se o que você colocar no cadinho for escória, para começar, você não terá nada, além de escória. O fogo simplesmente revela a verdadeira natureza do material a ser refinado. Assim também, em Daniel 12.10, quando aqueles que são sábios passarem por tribulações, eles serão "purificados, embranquecidos e provados" por elas; mas, nas mesmas circunstâncias, o perverso continuará a ser perverso. Como o apóstolo Pedro nos lembra, esse é o propósito principal de nossas tribulações: para que "uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.7). De um modo misterioso, as tribulações que enfrentamos – tribulações que vêm deste mundo

caído e quebrado – refinam nossa fé e demonstram sua preciosidade, fazendo-nos mais apropriados para a presença de Deus.

A testemunha celeste

Mas nós, humanos, não somos as únicas testemunhas desses eventos. Foi o anjo que perguntou: "Quando se cumprirão essas maravilhas?" (Dn 12.6). Em outras palavras, não há somente um conflito celestial acontecendo em paralelo às nossas lutas terrenas, como vimos em Daniel 10, mas também há uma audiência celestial que está assistindo os eventos terrenos, esperando para ver o que acontece em seguida. Somos os atores de um palco cósmico, sob o olhar fixo dos seres celestiais.

O que os anjos podem aprender nos observando? Com certeza, podem aprender sobre o poder da graça de Deus, que toma pessoas falhas e quebradas e as sustenta por meio de tribulações esmagadoras da vida até que cheguemos a salvo em nosso lar celestial. Se Deus curasse nosso quebrantamento nesse lado

do céu, não haveria qualquer ideia nos céus sobre essa longanimidade conosco e nenhum espanto para com a paciência e misericórdia mostradas a nós. Quem precisa de paciência e longanimidade para persistir com criaturas perfeitas? Mas se Deus, em sua misericórdia, pode tomar escória impura como nós e transformar em ouro, não clamarão os próprios céus em alta voz o seu louvor? Se Deus pode tomar o fraco e já comprometido ser humano e o trazer para perto de si como um povo que finalmente será imaculadamente santo, não irá toda a criação exaltar seu nome?

Essa era, então, é revelada como um constante período de refinamento e teste, um tempo de contínuas e grandes tribulações, nas quais somente a graça de Deus sustenta até o fim. Mas será seguida por outra era, uma era de glória e descanso para aqueles que forem encontrados fiéis. Na era por vir, o sábio brilhará como o brilho dos céus, e aqueles que conduziram muitos à retidão, como estrelas para sempre e sempre:

> Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente (Dn 12.1-3).

Há um descanso que espera Daniel depois que seu trabalho terreno tiver sido feito, e ele também nos espera. Se perseverarmos na fé, pela graça de Deus, fazendo as tarefas que ele tem colocado diante de nós para serem feitas nesse mundo quebrado, haverá um glorioso descanso eterno preparado para nós, quando nossos pecados serão retirados e nossa culpa, limpa pare sempre. Naquela era, todo o nosso quebrantamento será finalmente consertado, junto com o quebrantamento da presente ordem da criação. Se, contudo, formos infiéis e

abandonarmos a verdade, nos levantaremos no julgamento que virá no fim para nossa vergonha e destruição eternas. Não há um meio termo: nosso destino final é brilhante glória ou total escuridão, dependendo de se nosso nome for achado escrito no livro da vida, o registro do Cordeiro daqueles que pertencem a ele pela fé (veja Ap 21.27).

A doutrina da ressurreição pessoal dos santos, que talvez encontre sua mais clara expressão no Antigo Testamento bem aqui em Daniel 12.1-3, não é meramente um construto filosófico, mas a resposta profunda para nosso contínuo quebrantamento e a base de nossa perseverança. Se não há nenhuma ressurreição dos mortos, somos os mais infelizes dos homens (1Co 15.19), e essa triste verdade é ainda mais evidente para aqueles que têm consciência de seu próprio quebrantamento. As pessoas cuja vida está indo bem não gastam muito tempo pensando sobre coisas eternas, mas aquelas que sabem e experimentam seu próprio quebrantamento e o quebrantamento do cosmos no qual vivemos se deleitarão em fazê-lo.

Teremos corações que constantemente procurarão nossa gloriosa herança, que é nossa em Jesus Cristo. À medida que nosso corpo físico envelhece e se quebra, nosso coração procura mais intensamente a inteireza do céu. Quando vemos mais claramente que esse mundo quebrado não é suficiente, nossos olhos se voltam mais avidamente para o que Deus prometeu para nós na era por vir. Deus jurou (Dn 12.7), e aquele que vive para sempre não pode mentir.

Como seremos curados?

Como seremos, então, curados de nosso quebrantamento? Como o mundo quebrado no qual vivemos será restaurado à inteireza? Finalmente, isso foi alcançado por intermédio do próprio Deus, ao se tornar carne em Jesus Cristo e ser quebrado por nós.

No tempo de Antíoco IV, quase quatrocentos anos depois da visão de Daniel, homens maus aboliram os sacrifícios no templo de Jerusalém e o profanaram. Eles queimaram carne de porco no altar do sacrifício e dedicaram o Santo dos

Santos a Zeus. Essa foi, certamente, a abominação desoladora, provavelmente a maior abominação até aquele ponto da história. Mas, certamente, a maior abominação de todos os tempos foi quando homens perversos pegaram Jesus Cristo, cujo corpo era o novo templo de Deus na terra (Jo 2.19-21). Eles profanaram aquele corpo, a carne na qual a própria glória de Deus veio habitar conosco (Jo 1.14). Eles cuspiram em sua face e açoitaram suas costas até que sua carne fosse quebrada e rasgada. Eles penduraram seu corpo num madeiro, o sinal de que um homem foi exposto à maldição de Deus (Dt 21.23). Enquanto estava pendurado no madeiro, zombaram dele, dizendo: "Salva-te a ti mesmo, se és o Filho de Deus, e desce da cruz" (Mt 27.40).

Existe maior demonstração de quebrantamento do que a que vemos na cruz? Na cruz, vemos o quebrantamento deste mundo caído, que tomou seu próprio Criador e o crucificou. Na cruz, vemos o quebrantamento do verdadeiro Israel de Deus: ali, Jesus Cristo personificou o povo santo de Deus e seu poder

foi completamente quebrado. De fato, ele estava tão quebrado que precisou que um estranho carregasse sua cruz até o Gólgota, e um outro tirasse seu corpo sem vida dali. Existe maior demonstração que quebrantamento do que a que vemos na cruz?

Mas a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria dos homens. Seu quebrantamento é mais forte que a força humana. O quebrantamento de Deus em nosso lugar foi o meio pelo qual nós, seu povo quebrado, fomos sarados e restaurados. É pelo quebrantamento de Deus que esse mundo caído e arruinado será levado novamente à sua glória original. Na cruz, Cristo levou os nossos pecados e o nosso quebrantamento sobre si: ele foi querido por nossas transgressões e abatido por nossas iniquidades. Ele tomou sobre si o sofrimento e a maldição que merecíamos por nossa injustiça, e o resultado de sua morte é a nossa vida. Por meio de sua jornada pela escuridão, recebemos a glória que nos possibilita brilhar para sempre. Por suas feridas, fomos sarados. Por seu quebrantamento, todo o nosso quebrantamento

foi consertado. Então, seja qual for o seu quebrantamento – qualquer forma que seus pecados e transgressões tenham tomado – a morte de Jesus Cristo na cruz é mais do que suficiente para curá-los.

Como viveremos?

Como, então, devemos viver? Como pessoas quebradas em um mundo quebrado, precisamos reconhecer que vivemos em um tempo entre tempos. Como Daniel, somos chamados a seguir nosso caminho e sermos fiéis no presente, nas tarefas para quais Deus nos tem chamado. Nosso quebrantamento nunca é usado como uma desculpa para nos dispensar da batalha em andamento contra o pecado. Devemos orar e perseverar em boas obras, não nos cansando de fazer o que é certo (2Ts 3.13). Devemos nos confortar com o soberano poder de Deus sobre a história, que garante que nossos sofrimentos presentes não são em vão (1Co 15.58). Devemos nos gloriar na ressurreição física de Cristo, as primícias dos santos que brilharão para sempre e cujo corpo glorificado é o padrão segundo o

qual nosso próprio corpo ressurreto será modelado. Devemos nos alegrar com a maravilhosa herança que está sendo preparada para nós. Se Cristo pôde suportar as agonias da Cruz por causa da alegria que estava lhe sendo proposta (Hb 12.2), então também podemos suportar agonias bem menores, que enfrentamos com os olhos firmemente fixados nas grandes alegrias do céu. Quando alcançarmos a distante praia do céu, tudo terá valido à pena.

Finalmente, precisamos nos lembrar de que a imagem bíblica principal dos santos não é a de um herói cruzado, mas de mártires. Não é nossa tarefa montar em um cavalo branco e salvar o mundo. Esse trabalho pertence a outro. O apóstolo João diz:

> Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando

> cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19.11-16).

O dia vem, quando Jesus Cristo aparecerá para conquistar e recriar, um dia quando o reino deste mundo se tornará o reino de nosso Deus e seu Cristo (Ap 11.15). Enquanto isso, nossa tarefa como mártires é simplesmente testemunhar a grandeza e a graça do Senhor, por nossas palavras e por nossos sofrimentos. À medida que nos apegamos a Deus no meio de tribulações que não entendemos, testificamos da graça de Deus para um mundo que assiste e para os seres celestiais. Como Jacó, que lutou com Deus no vau do Jaboque e, depois da luta, ficou aleijado (Gn 32.24-331), testificamos não por nossa força ou poder, mas simplesmente por nossa persistência em nos apegarmos a Deus no meio de nosso quebrantamento.

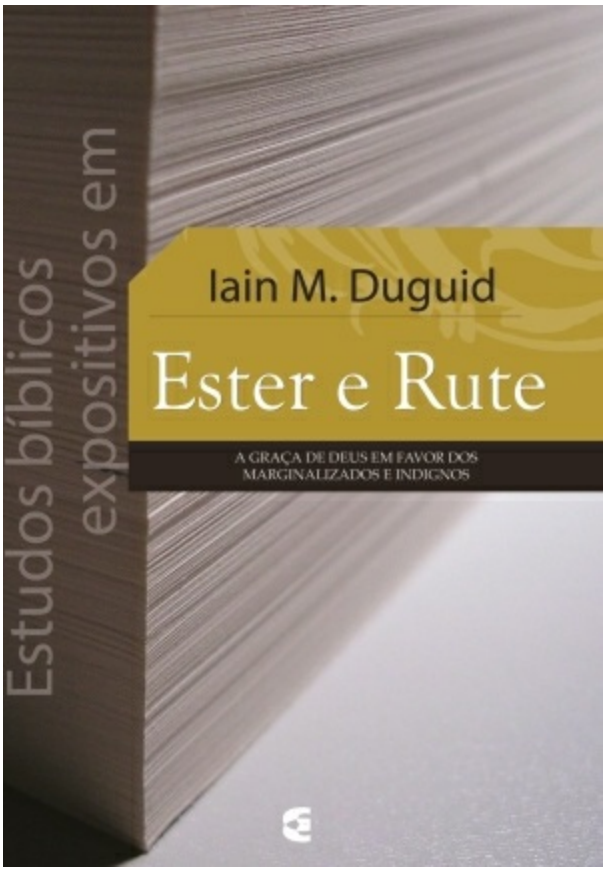
E quando a trombeta final soar para nós, trazendo o fim de nossos conflitos terrenos, finalmente ouviremos nosso Redentor nos dizer: “Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança” (Dn 12.13). Nós nos levantaremos com Daniel – o mesmo Daniel que suportou a provação da cova dos leões e os desafios de viver como um estrangeiro na terra, que orou diariamente pela consumação do reino de Deus e que prosperou no exílio – e com todos os santos, para receber nosso prêmio final em Cristo.

1 Lynn Garrett, de *Publishers Weekly,* diz sobre o Best-seller *A oração de Jabez*: "É bem evangélica e bem americana essa noção segundo a qual, se você souber a técnica correta, a forma correta, a oração será eficiente e eficaz. Meio como golfe". Veja David Van Biema, "A Prayer with Wings: How Did an Ancient Entreaty Become a Best Seller?", *Time*, 14 de maio de 2001. <http://www.time.com/time/pacific/magazine/20010514/wings.ht acesso em 7 fevereiro de 2006.

2 Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 285.

3 Uma variedade de calendários estava em uso durante esse período da história. Se um calendário luni-solar de 360 dias estiver em mente, com um mês intercalado para ajustar as diferenças entre esse valor e o verdadeiro período da órbita da Terra em torno do Sol, então três anos e meio (com um mês intercalado) são exatamente 1290 dias. Veja Goldingay, *Daniel*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1989), 310.

4 Com respeito a esses eventos, veja a discussão sobre Daniel 9.20-27.


Estudos bíblicos expositivos em
Iain M. Duguid
Ester e Rute
A GRAÇA DE DEUS EM FAVOR DOS MARGINALIZADOS E INDIGNOS

Estudos bíblicos expositivos em Ester e Rute

Duguid, Iain M.
9788576227090
192 páginas

Compre agora e leia

"Esta exposição é um favo de mel, doçura para a alma e cura para os ossos. O autor dá-nos uma boa dose de teologia saudável de modo relevante. De agora em diante vou exigir meus alunos a ler este comentário envolvente para sua edificação e alegria." Bruce Waltke

Compre agora e leia

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



ECLESIASTES

Walter C. Kaiser, Jr.

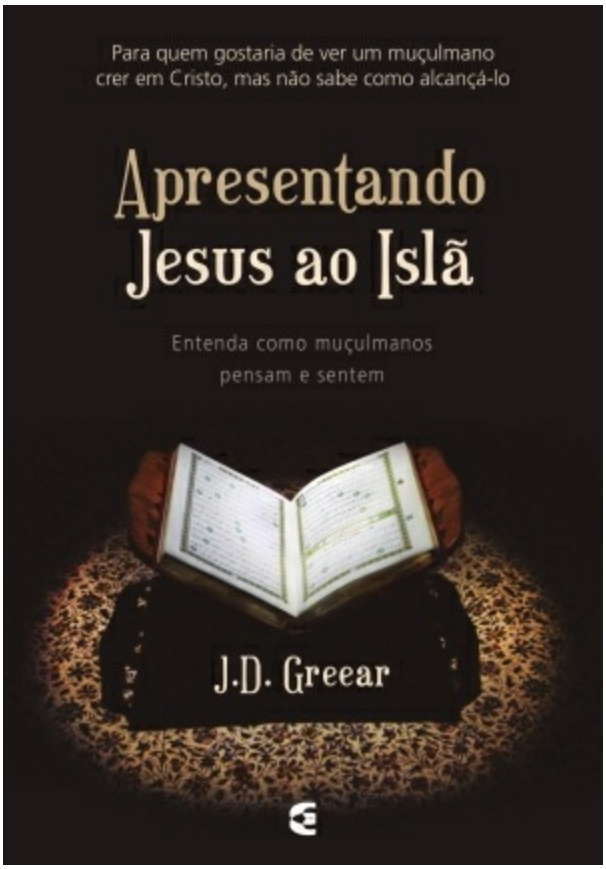
Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes

Kaiser Jr., Walter C.
9788576225805
176 páginas

Compre agora e leia

O enfrentamento das mudanças. Talvez o aspecto mais importante da abordagem de Kaiser seja ele acreditar que Eclesiastes tem um esboço discernível e uma argumentação rastreável, e que o Pregador não era um velho rabugento e cínico que bebia vinagre no café da manhã. E isso faz diferença na maneira como entendemos Eclesiastes. Compre o seu exemplar e descubra como. - Dale Ralph Davir, Autor e expositor bíblico reconhecido, Tennessee.

Compre agora e leia


Para quem gostaria de ver um muçulmano crer em Cristo, mas não sabe como alcançá-lo
Apresentando Jesus ao Islã
Entenda como muçulmanos pensam e sentem
J.D. Greear

Apresentando Jesus ao Islã

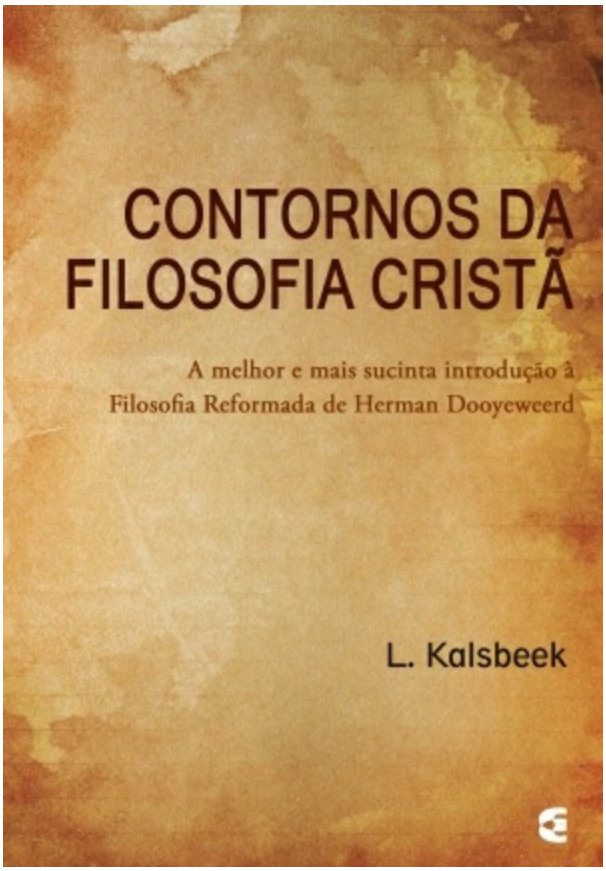
Greear, J. D.
9788576226093
160 páginas

Compre agora e leia

O Islã inclui a terça parte de todos os não cristãos do mundo. Mesmo assim, apenas meio por cento de todos os obreiros cristãos concentra-se no islamismo. Falar do evangelho aos muçulmanos de maneira que os convença, ou pelo menos os atraia, é difícil. A maneira como o Islã entende o mundo levanta perguntas diferentes das que fazemos. Diversas vezes, percebi que o modo como eu compartilhava o evangelho era irrelevante e ofensivo aos meus amigos muçulmanos. Eu tentava responder perguntas em que eles não tinham interesse. Aliás, há um extremo receio

entre cristãos e muçulmanos, proveniente da falta de conhecimento sobre em que o outro realmente acredita, que é agravado pelas tensões políticas ao redor do mundo. A preocupação é com os muçulmanos como indivíduos, aqueles por quem Jesus morreu e anseia resgatar. Se quiser entendê-los como pessoa – como pensam, sobre o que se importam e quais obstáculos devem ser vencidos para ganhá-los para Cristo – então você é um dos leitores para os quais escrevi este livro. Em outras palavras, este livro deseja ganhar o coração de muçulmanos, e não vencer disputas.

Compre agora e leia


CONTORNOS DA FILOSOFIA CRISTÃ
A melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd
L. Kalsbeek

Contornos da filosofia cristã

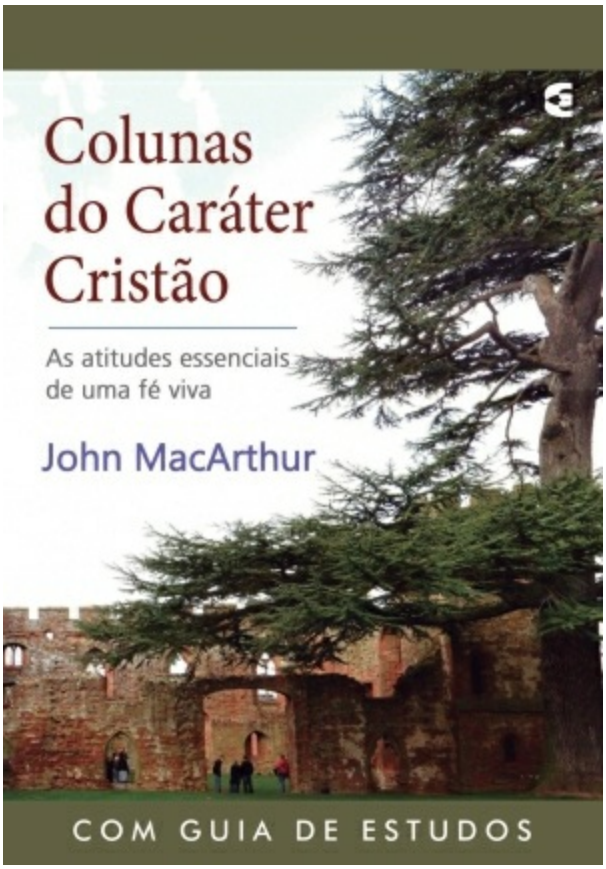
Kalsbeek, L.
9788576226208
288 páginas

Compre agora e leia

Este livro é uma introdução à Filosofia da Ideia Cosmonômica, um sistema imponente que exige o respeito de todos aqueles que o conhecem. Esta introdução não foi planejada para filósofos, mas para pessoas interessadas em filosofia que reconhecem a dificuldade inicial das introduções existentes e as extensas publicações de Herman Dooyeweerd, o principal fundador dessa filosofia. Escrevi este livro para pessoas que desejam conduzir sua vida responsavelmente, e que reconhecem de forma consciente o mundo confuso e espiritualmente dividido em

que vivemos. Uma dose de percepção filosófica contribui para o aprofundamento dessa consciência. Há quem suponha estar livre de qualquer influência filosófica, podendo desenvolver seu pensamento livre de construções filosóficas. Trata-se, porém, de um autoengano perigoso. Todos partem de pressuposições, de certas convicções básicas, e estão amarrados a todo o tipo de concepções, mesmo sem o saber. Não conhecê-las, porém, é o modo mais eficaz de se deixar dominar por elas.

Compre agora e leia


Colunas
do Caráter
Cristão
As atitudes essenciais
de uma fé viva
John MacArthur
COM GUIA DE ESTUDOS

Colunas do caráter cristão

MacArthur, John
9788576225812
160 páginas

Compre agora e leia

A questão crucial para que você viva a vida cristã é a condição do seu coração. O apóstolo Paulo escreve este excelente resumo de como uma atitude piedosa se aplica ao viver diário: "[...] servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus" (Ef 6.5-7). Minha sincera oração é que você esteja "fazendo de coração a vontade de Deus", refletindo uma realidade permanente

em sua vida, como resultado deste estudo.

Compre agora e leia